

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

MARIA EDNILZA OLIVEIRA MOREIRA

O PROCESSO DE REVISÃO DA ESCRITA:  
O QUE O DOCENTE PRIVILEGIA NO TRABALHO COM O TEXTO

FORTALEZA/CEARÁ  
2009

MARIA EDNILZA OLIVEIRA MOREIRA

O PROCESSO DE REVISÃO DA ESCRITA:  
O QUE O DOCENTE PRIVILEGIA NO TRABALHO COM O TEXTO

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará como exigência final para obtenção do título de Doutora em Linguística.

Linha de Pesquisa: Práticas Discursivas e Estratégias de Textualização com interface na linha de Linguística Aplicada.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Bernardete Biasi-Rodrigues

FORTALEZA/CEARÁ  
2009

*"Liber, libertas."*

Tamanho da ficha – 7,5 x 12,5

Ficha Catalográfica elaborada por:

Laninelvia Mesquita de Deus Peixoto – Bibliotecária – CRB-3/794

Biblioteca de Ciências Humanas – UFC

lanededeus@ufc.br

M838      Moreira, Maria Ednilza Oliveira  
              O processo de revisão da escrita [manuscrito]: o que o docente privilegia no  
              trabalho com o texto / por Maria Ednilza Oliveira Moreira. – 2009.  
              286 f.: il. ; 30 cm.  
              Cópia de computador (printout(s)).  
              Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades,  
              Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2009.  
              Orientação: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Bernardete Biasi-Rodrigues.  
              Inclui bibliografia.

1-ANÁLISE LINGUÍSTICA. 2-ANÁLISE DO DISCURSO. 3- LINGUAGEM E LÍNGUAS.  
I – Biasi-Rodrigues, Bernardete, orientador. II - Universidade Federal do Ceará. Centro de  
Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística. III – Título.

CDD(22<sup>a</sup> ed.) 410.14

O PROCESSO DE REVISÃO DA ESCRITA:  
UM ESTUDO DO QUE O DOCENTE PRIVILEGIA NO TRABALHO COM O TEXTO

Maria Ednilza Oliveira Moreira

Tese aprovada, como requisito final para a obtenção do grau de doutor no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, pela comissão formada pelos professores:

Orientadora: Profa. Dra. Bernardete Biasi-Rodrigues

---

Examinador 1: Profa. Dra. Raquel Salek Fiad (UNICAMP)

---

Examinador 2: Profa. Dra. Nelita Bortolotto (UFSC)

---

Examinador 3: Profa. Dra. Ana Célia Clementino Moura (UFC)

---

Examinador 4: Profa. Dra. Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin (UFC)

---

Suplente 1: Profa. Dra. Maria Auxiliadora Bezerra (UFCG)

---

Suplente 2: Profa. Dra. Maria Elias Soares (UFC)

---

Fortaleza, 26 de junho de 2009.

## AGRADECIMENTOS

Se tivéssemos a capacidade de deixar transparecer, mais profundamente, as emoções que uma tese suporta, possivelmente ao serem comprimidas suas páginas, estas se derramariam em lágrimas, mas também se rasgariam em sorrisos.

Aos que me fizeram conter as lágrimas, a minha mais profunda gratidão por me ajudarem também a sorrir.

A Deus, essa força superior, por tudo e por não me ter deixado sucumbir nos momentos mais difíceis, que não foram poucos.

Ao meu marido, que tão bem soube traduzir em ações suas promessas do altar.

Aos meus pais, que tomaram para si, provisoriamente, com tanta dignidade e amor, algumas de minhas atribuições; e à minha sogra, pela torcida tão perseverante.

À minha sobrinha/filha Evellyn, pela sua alegria de me conceder texto da internet.

À minha irmã Elenilda, que, a todo momento, sem nenhuma hesitação, esteve de prontidão como um verdadeiro anjo da guarda.

Ao meu irmão Elielder, que, sempre, me enriqueceu de ideias e de fé.

Às minhas colegas, verdadeiras irmãs, geradas pela longa convivência e consideração constante, que tanta sensibilidade, em todos os sentidos, demonstraram ao me ouvir e ao ler o meu trabalho, em diferentes momentos: Ana Célia, Helenice e Maria Elias.

Ao meu colegiado do DLV, que me possibilitou a empreitada.

Aos meus colegas, também meus professores do curso, com quem muito aprendi e passei a admirá-los mais ainda como intelectuais e pessoas humanas: Ana Célia Moura, Ana Cristina Pelosi, Bernardete Biasi, Maria Elias, Márcia Nogueira e Mônica Cavalcante.

Ao meu colega Vanderlei Carneiro, pelos momentos de estudo que realizamos juntos e pela amizade verdadeira que construímos.

Às minhas colegas, Eulália Leurquin, Hebe Macedo, Marlene Mattes e Rose de Oliveira, pela colaboração inestimável.

Aos **alunos estagiários** e aos **alunos da escola sede de estágio**, sujeitos da pesquisa, bem como aos **professores da sala de aula palco da experiência** e à **direção** da escola, pela disponibilidade e grandiosa contribuição.

Ao Prof. Adair Bonini, por haver me estimulado; como também aos colegas do PPGL e a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a efetivação de minha pesquisa.

À Prof<sup>a</sup> **Bernardete Biasi**, pelo espírito fraterno e porque, reunindo as qualidades de colega, professora e orientadora, a mim proporcionou valiosos momentos de aprendizagem e me fez acreditar, cada vez mais, no meu potencial.

“Se alguém deseja uma vasta ciência,  
ela sabe o passado e supõe o futuro”.

(Sab. 8,8)

## RESUMO

Nossa pesquisa está fundamentada em princípios metodológicos do Interacionismo Sociodiscursivo e nas bases teóricas da Linguística de Texto, fazendo interface com a Linguística Aplicada. Tem como objetivo fundamental identificar, na tarefa de revisão de texto, em sala de aula, em que medida o docente explora aspectos formais do gênero e da sequência textual prototípica como recursos sociocognitivos e linguageiros, utilizados para fins de interação. Para desenvolver a investigação em torno do objeto de estudo – revisão de textos do gênero notícia policial narrativa através da intervenção docente –, fez-se necessário o uso de três instrumentos: Questionário de Testagem, Ficha de Avaliação e Texto dos Alunos. Assim sendo, oito sujeitos docentes investigados e mais oito auxiliares – alunos do Curso de Letras da UFC –, que cumpriam o estágio de docência na escola, submeteram-se basicamente a quatro atividades: 1) *testagem* sobre o conhecimento que detinham do objeto de estudo; 2) *planejamento* da regência de classe; 3) *acompanhamento* sistemático, tendo em vista o desempenho docente; 4) *avaliação*, considerando-se o que fora planejado e o que fora posto em execução. Os sujeitos discentes – oito alunos de escola do ensino médio, um para cada docente – vivenciaram a produção de textos do gênero notícia policial narrativa, submetendo-o a duas revisões. Como categoria de análise do trabalho dos sujeitos com o gênero notícia policial narrativa, considerou-se, em sentido mais amplo, os aspectos pragmáticos, textuais e linguísticos de superfície. Os procedimentos metodológicos adotados para se levar a efeito a análise tiveram por base: 1) a relação que os gêneros travam com o mundo social e com a realidade; 2) a arquitetura interna do gênero e da sequência textual e o papel que aí exercem os elementos da língua; 3) o funcionamento das operações psicológicas e comportamentais que envolvem a produção dos gêneros. Considerando-se a trajetória da pesquisa norteada pelos parâmetros do contexto e do texto, sintetizamos os resultados através dos dados que confirmam nossa hipótese básica, mesclada de dados das demais: quanto mais os docentes orientaram sobre a organização de um gênero textual e da estruturação de sua sequência prototípica, bem como sobre os aspectos pragmáticos/enunciativos convencionados para o uso desse gênero, mais eles interferiram, efetivamente, nos processos de escrita, em particular no processo de revisão dos textos de seus alunos. Os textos, por sua vez, refletiram o trabalho docente.

**Palavras chave:** revisão; notícia policial narrativa; sequência textual prototípica.

## ABSTRACT

Our research is based on methodological principles of Socio-discursive Interactionism and on theoretical bases of Text Linguistics, making interfacing with Applied Linguistics. It fundamentally aims to identify, in the task of text revision, in the classroom, the extent to which the teacher explores formal aspects of genre and prototypical textual sequence as sociocognitive and language resources, utilized for interaction purposes. In order to develop investigation around the study object – revision of texts of narrative police news genre through the teacher intervention –, it was necessary to use three tools: testing questionnaire, Assessment Form and Students' Texts. So eight faculty subjects investigated and eight more assistants – UFC Course of Arts students –, who were completing teacher training in a school, submitted themselves to four activities, basically: 1) testing on the preconceived knowledge of the study object; 2) planning on class conducting; 3) systematic follow-up, having in mind the teacher performance; 4) assessment, considering what had been planned and put into practice. The student subjects – eight high school students, one for each teacher – experienced the production of texts of narrative police news genre, submitting themselves to two revisions. As analysis category of the subjects' work on the narrative police news genre, it was taken into account, in a broader sense, the aspects of the pragmatic, textual, and surface linguistics. The methodological procedures adopted for an effective analysis had as a basis: 1) the relation which the genres have with the social world and with the reality; 2) the internal architecture of genre and of the textual sequence and the role which the language elements perform in this architecture; 3) the functioning of the psychological and behavioral operations which involve the genre productions. Considering the trajectory of the research oriented by parameters of the context and text, we synthesized the results through the data which confirm our basic hypothesis, mingled with data of other hypotheses: the more the faculty oriented about the organization of a textual genre and of the structuring of its prototype sequence, as well as about the pragmatic/enunciative aspects conventionalized for the use of this genre the more they effectively interfered in the writing process, particularly in the revising process of their students' texts. On the other hand, the texts reflected the faculty work.

**Key words:** revision; narrative police report; prototypical textual sequence.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>01</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>07</b>
<b>2.1 O trabalho com o gênero e as sequências textuais: perspectiva interacionista sociodiscursiva.....</b>	<b>07</b>
2.1.1 Ação de linguagem .....	07
2.1.2 Contexto .....	09
2.1.3 Textualização.....	11
<b>2.2 A atividade de revisão na escrita: inserção no processo de produção textual.....</b>	<b>18</b>
2.2.1 Um modelo do processo de escrita em seu todo.....	19
2.2.2 Um modelo do processo de revisão.....	24
<b>2.3 A teoria dos protótipos: contribuição básica para se entender a composição de um texto.....</b>	<b>34</b>
2.3.1 Abordagem preliminar.....	35
2.3.2 Considerações no âmbito da estrutura textual .....	37
<b>2.4 As sequências textuais prototípicas.....</b>	<b>39</b>
2.4.1 Pormenores de cada sequência .....	42
2.4.1.1 Sequência narrativa.....	43
2.4.1.2 Sequência descritiva .....	45
2.4.1.3 Sequência argumentativa .....	46
2.4.1.4 Sequência explicativa .....	47
2.4.1.5 Sequência dialogal.....	48
2.4.1.6 Sequência injuntiva.....	49
2.4.2 Plano do texto .....	52
<b>2.5 O entendimento da sequência narrativa para além do protótipo: a influência de Weinrich .....</b>	<b>55</b>
2.5.1 Os tempos verbais e a situação comunicativa .....	55
2.5.2 As transições temporais no texto .....	58
<b>2.6 A notícia policial narrativa: o protótipo desse gênero e seus pormenores .....</b>	<b>59</b>
2.6.1 Preliminares em torno da notícia .....	60
2.6.2 O <i>lead</i> na notícia policial narrativa.....	61
2.6.3 Onde reside o diferencial .....	67
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>70</b>
<b>3.1 Meios de verificação do objeto de estudo .....</b>	<b>70</b>
3.1.1 Sujeitos .....	71
3.1.2 Instrumentos .....	74
3.1.3 <i>Corpus</i> .....	75

<b>3.2 Procedimentos de análise .....</b>	<b>76</b>
3.2.1 Princípios norteadores .....	76
3.2.2 Percurso .....	77
<b>4 ANÁLISE DOS DADOS:</b>	
<b>DOS ASPECTOS CONTEXTUAIS E TEXTUAIS AOS PROCESSOS COGNITIVOS ENVOLVIDOS NA REVISÃO DE TEXTO.....</b>	<b>83</b>
<b>4.1 Aspectos básicos.....</b>	<b>84</b>
4.1.1 Questionário .....	84
4.1.2 Considerações.....	92
<b>4.2 Aspectos pragmáticos.....</b>	<b>94</b>
4.2.1 Ficha de avaliação .....	94
4.2.1.1 Primeiro momento .....	95
4.2.1.2 Segundo momento .....	107
4.2.1.3 Considerações.....	114
4.2.2 Texto.....	118
4.2.2.1 Primeiro momento .....	119
4.2.2.2 Segundo momento .....	135
4.2.2.3 Considerações.....	149
<b>4.3 Aspectos textuais.....</b>	<b>152</b>
4.3.1 Protótipo do gênero .....	153
4.3.1.1 Ficha de avaliação .....	154
4.3.1.1.1 Primeiro momento .....	155
4.3.1.1.2 Segundo momento .....	159
4.3.1.1.3 Considerações.....	162
4.3.1.2 Texto.....	165
4.3.1.2.1 Primeiro momento .....	165
4.3.1.2.2 Segundo momento .....	180
4.3.1.2.3 Considerações.....	196
4.3.2 Protótipo da sequência textual/aspectos lingüísticos.....	200
4.3.2.1 Ficha de avaliação .....	201
4.3.2.1.1 Primeiro momento .....	201
4.3.2.1.2 Segundo momento .....	206
4.3.2.1.3 Considerações.....	210
4.3.2.2 Texto.....	215
4.3.2.2.1 Primeiro momento .....	215
4.3.2.2.2 Segundo momento .....	232
4.3.2.2.3 Considerações.....	249
<b>4.4 Processos cognitivos norteadores da revisão textual escrita:</b>	
<b>    sintonia com os aspectos do contexto e do texto.....</b>	<b>256</b>
4.4.1 Manifestações da vivência dos processos.....	256
4.4.2 Considerações.....	263
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>264</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>271</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>277</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O trabalho de revisão textual, em sala de aula, fazendo parte do processo da construção de significado, ainda tem sido muito pouco explorado. Normalmente o que se percebe nessa área é uma experiência voltada essencialmente para as convenções gráficas da escrita. Nesse sentido, Bartlett (1982) comenta que, como os alunos raramente são chamados a realizarem revisão em suas produções, quando são convidados a fazê-lo, procedem a correções apenas no âmbito de aspectos mecânicos ou de transcrição.

Certamente, a atitude dos alunos mantém coerência com a prática de revisar texto adotada por boa parte dos professores. Como diz Bartlett (1982), muitos deles, ao chamarem a atenção de seus alunos para questões de erros que se apresentam nas redações, falam simplesmente que algo está errado, mas não são capazes de localizar o problema. Acreditamos que disso resulta o olhar dos alunos, preferencialmente, para elementos da superfície textual, por serem de fácil percepção. E tal prática afeta até mesmo alunos com grau de escolarização mais elevado, conforme temos observado na atitude de graduandos de Letras, ao realizarem a revisão de seus relatórios de estágio.

Sem dúvida, faz-se necessária uma certa competência, da parte do professor, para proceder à tarefa de revisão de texto com a classe, de modo mais bem definido. Hayes e seus colaboradores (1987) expõem que a revisão pode ser especificada em face dos objetivos estabelecidos. E, a partir de então, diz ainda que os objetivos, os critérios e os limites podem variar entre as pessoas, que dependem também da situação, e podem se alterar durante o processo.

É possível verificar, no entanto, através de alguns depoimentos de professores (ANEXO 1), que na prática corrente não se tem dado espaço suficiente, em sala de aula, para encarar a revisão como uma tarefa inerente à produção de texto. E tudo indica que a ausência de efetivação sistemática dessa tarefa representa, na maioria das vezes, o despreparo do próprio docente.

Em função da experiência que desenvolvemos no acompanhamento a docentes de língua portuguesa, por ocasião da atividade de estágio, compreendemos que é necessário

observar com clareza as várias lacunas existentes em torno da intervenção docente na revisão de texto com os alunos. Dada a carência de investigação científica nessa área, acreditamos que a realização de uma pesquisa de tal natureza, representando a recorrência do processo de revisão nos vários aspectos que envolvem a produção escrita – pragmáticos, textuais e linguísticos –, poderá trazer grande contribuição para o ensino da língua materna. E é aí que reside a relevância de nossa proposta.

A atividade de revisão impõe-se na vivência do processo de escrita pela necessidade de idas e vindas, que lhe são peculiares, na busca do cumprimento de propósitos comunicativos do texto. Só com a exploração efetiva desses movimentos cognitivos de retomadas e de avanços, o docente poderá experimentar com seu alunado como se dá, na prática, a produção de um texto com todas as suas particularidades e exigências.

Observamos, porém, por ocasião de Encontro referente a Projeto de Extensão da UFC de nossa responsabilidade – qualificação de professores de língua portuguesa do ensino médio, da rede estadual de ensino –, que a atividade de orientar a revisão de texto em sala de aula tem representado para os docentes uma das maiores dificuldades.

Em acompanhamento ao referido projeto, foi possível constatar que a tarefa de produção de textos vem recebendo bastante atenção na fase de preparação. No entanto, quando o docente se vê diante da necessidade de orientar sobre o processo de revisão do texto, particularmente no que se refere a aspectos textuais, a tendência é investir em questões microestruturais ou então propor que seja refeita a produção sem uma orientação fundamentada. Nessas situações, percebe-se que o docente adota uma atitude do escritor menos experiente (BARTLETT, 1982), porque, para compensar sua deficiência no âmbito do conhecimento sobre aspectos macroestruturais ou superestruturais, dedica sua atenção a elementos da microestrutura, como ortografia, pontuação, acentuação.

Através de uma sondagem realizada com o grupo de professores – em um total de vinte e cinco – do projeto ao qual nos referimos, obtivemos os seguintes resultados: para 20%, a revisão de texto é um trabalho bastante *penoso*; para 16%, a revisão (ou por questão de tempo; ou de classe numerosa, principalmente) torna-se *impraticável*; para 48%, a tarefa de revisão resulta em *resistência dos alunos*, por acharem cansativa; para 8%, há a concepção de que orientar para a revisão é um trabalho *difícil*; e mais 8% diz tratar-se de um trabalho que

*exige atenção à forma e aos aspectos gramaticais* (ANEXO1). Diante do depoimento dos sujeitos que investigamos, entendemos que a tarefa de revisão de texto, na sala de aula, em atitude cooperativa entre professor e alunos, exige do docente esforços cognitivos e metodológicos, sobretudo envolvendo o trabalho com o texto no seu todo. E não basta um domínio geral, mas a compreensão de como se organiza cada modalidade de texto. Bartlett (1982, p. 349) diz que há revisões de texto que podem envolver o conhecimento de um tipo de texto específico. Para ela há “aspectos de conteúdo e de formas lingüísticas reunidas que dizem respeito a um tipo de composição particular”.

Compreendemos ainda que muitas vezes a dificuldade em processar a revisão pode ocorrer devido à inabilidade em gerenciar o processo, que envolve controle sobre conhecimentos vários, inclusive de estratégias metacognitivas. Nessa esfera, Garcez (1998, p.32), falando de revisão de texto, afirma: “A representação do problema determina o valor dos procedimentos para corrigi-lo, bem como as rotinas de avaliação e como devem ser organizadas”.

Hayes e seus colaboradores (1987), por seu turno, admitem que se podem observar, para o processamento da revisão, as seguintes atitudes:

ler tudo; reconhecer um novo objetivo, diferente do explícito no comando; fazer um sumário do conteúdo ou do propósito; localizar a audiência possível; inventariar os problemas encontrados na 1ª leitura; verificar problemas globais (comentários gerais); verificar problemas específicos (comentários precisos).

Resta-nos indagar:

Estarão os docentes atentos a procedimentos peculiares à revisão de texto em sala de aula? Atentarão eles para o fato de que a revisão de texto requer, naturalmente, atenção a aspectos da estrutura textual? Terão observado que a reestruturação de texto é inerente ao conhecimento que se tem sobre a organização de cada gênero e de sua sequência prototípica, em sintonia com a atitude enunciativa exigida para o gênero em situação real de comunicação?

Ao que nos parece, o procedimento do docente na atividade de revisão de textos dos alunos sinaliza para a necessidade de se buscar, no campo da pesquisa, subsídios para uma

atuação mais consistente do ensino da produção textual. Diante desse ponto de vista, é preciso entender o ato de revisar como um aspecto indispensável do processo da escrita, que requer competência do redator. E essa competência precisa ser explorada no âmbito da estruturação de cada gênero, envolvendo a respectiva sequência, através de práticas autênticas, exigindo uma ação docente bastante ativa e dinâmica junto à classe.

Em face do que expomos, pretendemos, como *objetivo geral*:

- identificar na tarefa de revisão de texto, em sala de aula, em que medida o docente explora aspectos formais do gênero e de sua sequência textual prototípica como recursos sociocognitivos e linguageiros utilizados para fins de interação.

E como *objetivos específicos* almejamos:

- averiguar, a partir dos parâmetros do contexto e do texto como norteadores do trabalho docente, se este considera a importância da tarefa de revisão das produções dos alunos, no que diz respeito à qualidade dessas produções com vistas às práticas enunciativas e discursivas, sem, para isso, descurar dos recursos da língua.
- detectar em quais aspectos da produção textual o docente demonstra ter mais familiaridade e em quais revela maiores dificuldades, ao intervir na tarefa de revisão das produções dos alunos;
- verificar até que ponto a exploração da organização do gênero e da estrutura da sequência prototípica pelo docente, no âmbito dos procedimentos de natureza psicossocial, reflete na tarefa de revisão dos alunos;
- observar como o conhecimento sobre os constituintes da sequência narrativa auxilia na revisão da organização do gênero notícia policial para o qual é requerida tal sequência.

Nossa *hipótese básica* é de que quanto mais os docentes investirem na estrutura de um gênero textual e de sua sequência prototípica, como também na atenção a ser dispensada aos aspectos pragmáticos/enunciativos exigidos para o uso desse gênero, mais eles interferem, efetivamente, nos processos de escrita, em particular no processo de revisão dos textos de seus alunos.

A partir daí, como hipóteses secundárias, admitimos que – hipótese 1 – a consideração aos aspectos pragmáticos, textuais e linguísticos de superfície, pelo docente, na interação com a classe durante a revisão de texto, constitui um recurso estratégico, cujo cumprimento repercutirá, de modo positivo, na atitude dos alunos ao revisarem suas produções; hipótese 2 – o aspecto no qual o docente mais investir vem a ser o mais considerado na revisão do texto do/pelo aluno e, conseqüentemente, deve tornar-se o mais visível no produto textual discente, especificamente na notícia policial narrativa; hipótese 3 – a intervenção docente na tarefa de revisão, junto à classe, sobre o funcionamento da organização específica da notícia policial narrativa auxilia, consideravelmente, na fluência para a organização do conteúdo do texto do aluno; hipótese 4 – se o docente orienta, objetivamente, sobre a estrutura sequencial narrativa, torna mais prático para o aluno: observar partes do gênero notícia policial que comporta tal sequência e desenvolver melhor o corpo da referida notícia, sem perder de vista a sua totalidade.

Todas as nossas hipóteses pautam-se, fundamentalmente, no fato de que revisões de texto podem requerer um conhecimento que é mais de um determinado momento ou de uma determinada composição, e mesmo de um tipo específico de texto (BARTLETT, 1982). E compactuando com Bronckart, entendemos ser preciso:

compreender quais são as capacidades e os conhecimentos necessários para que os professores possam ser bem sucedidos naquilo que é a especificidade de seu **ofício**: a gestão de uma situação de aula e seu percurso, em função das expectativas e das obrigações e dos objetivos predefinidos (BRONCKART, 2006, p. 207, grifo do autor).

Ceder a essas exigências sociocognitivas e pedagógicas, no âmbito da atividade de produção escrita/revisão textual, significa explorar o texto em situação de interação, seja para o uso na sala de aula ou fora dela – mesmo sabendo-se que o trabalho com o texto na escola tem função também de aprendizado escolar. Mais, particularmente, significa contemplar, na

exploração do gênero, os aspectos pragmáticos<sup>1</sup>, textuais prototípicos (genéricos e sequenciais) e linguísticos de superfície, de forma integrada, sem subestima e sem prioridade de um desses aspectos sobre o outro.

Compondo o corpo desta tese, além da parte introdutória, constam: o **capítulo 1**, do Referencial Teórico, constituído de seis subcapítulos – 1.1. O trabalho com o gênero e as sequências textuais: perspectiva interacionista sociodiscursiva; 1.2. A atividade de revisão na escrita: inserção no processo da produção textual; 1.3. A teoria dos protótipos: contribuição básica para se entender a produção de texto; 1.4. As sequências textuais prototípicas; 1.5. A influência de Weinrich no entendimento da sequência narrativa para além do protótipo; 1.6. A notícia policial narrativa: o protótipo desse gênero e seus pormenores –; o **capítulo 2**, da Metodologia – sujeitos, instrumentos, *corpus* e procedimentos de análise; o **capítulo 3**, da Análise dos dados: dos aspectos contextuais e textuais aos processos cognitivos envolvidos na revisão de texto – aspectos básicos: dados de sondagem através de questionário; aspectos pragmáticos: autor, leitor, objetivo, suporte textual, conteúdo temático; aspectos textuais: estrutura do gênero notícia policial narrativa (título, *lead*/resumo e corpo) e protótipo da sequência textual narrativa (resumo e situação inicial/orientação, complicação e resolução, (re)ação/avaliação e situação final); e as conclusões, que apresentam as considerações finais sobre a análise dos dados.

Para atender aos objetivos que traçamos e às hipóteses que formulamos, nossa pesquisa – envolvendo a revisão textual –, sintonizada com nossa experiência de mestrado, que também trata da prática de produção textual, no âmbito do processo de planejamento, toma por base fundamentos teóricos da Linguística de Texto e os princípios metodológicos do Interacionismo Sociodiscursivo, fazendo interface com a Linguística Aplicada. Assim sendo, buscamos fundamentos, essencialmente, em Adam (1987, 1990, 1991, 1992, 1997, 1999, 2008) e Weinrich (1974), para o trabalho com texto; em Van Dijk (1978) e Lage (2000, 2005, 2006), para o trabalho com o gênero notícia; em Bartlett (1982); Hayes e Flower e colaboradores (HAYES/FLOWER, 1980; HAYES *et al*, 1987; FLOWER/HAYES, 1994), para o trabalho com os processos de produção/revisão textual; e em Bronckart (1999, 2004, 2006, 2007, 2008a, 2008b); Schnewly e Dolz (SCHNEUWLY; DOLZ, 1999/2004; SCHNEUWLY, 2002), para o trabalho didático pedagógico com texto.

---

<sup>1</sup> Sobre a categorização dos aspectos: pragmático, textual e linguístico, orientamo-nos pela proposta de Koch e Fávero, 1987.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo é composto de seis subcapítulos, conforme os itens a seguir.

### 2.1 O Trabalho com o gênero e as sequências textuais: perspectiva interacionista sociodiscursiva

O Interacionismo Sociodiscursivo – ISD – proposto por Bronckart (1999), na sua releitura didática, por Schneuwly; Dolz (2004), para a transposição didática de estudo dos gêneros textuais, tem em vista o uso destes em sala de aula, no ensino de língua. Nesse sentido, obtém destaque o que diz Bronckart (1999) sobre as noções de *ação de linguagem* e de *contexto* essencialmente.

A proposta, tal qual defende Bronckart (1999), sugere que se parta do exame das relações que as ações de linguagem mantêm com os parâmetros do contexto social em que se inserem; que sejam examinadas as capacidades que as ações colocam em funcionamento e, sobretudo, as condições de construção dessas capacidades. Ampliando a concepção de contexto na perspectiva cognitiva, ao mudar o foco da cognição individual para a interação social, o ISD coloca no centro das atenções as condições externas de produção textual. É desse modo que desenvolve uma concepção sobre ação de linguagem e contexto.

#### 2.1.1 Ação de linguagem

Em relação às ações de linguagem e aos textos que as concretizam em um determinado contexto, o ISD requer que seja feita análise: a) das ações semiotizadas na sua relação com o mundo social e a intertextualidade; b) da arquitetura interna dos textos e do papel, aí, dos elementos da língua; c) do funcionamento das operações psicológicas e comportamentais.

Há distinção feita por Bronckart (1999, p. 99) entre ação e atividade de linguagem. Assim sendo, esse autor concebe tal ação, no nível sociológico, como “uma porção da atividade de linguagem do grupo, recortada pelo mecanismo geral das avaliações sociais e

imputada a um organismo humano singular”. Essa afirmação, entendida a grosso-modo, nos possibilita inferir, por exemplo, que a *interação verbal* corresponde a uma atividade de linguagem, por envolver condutas movidas por motivos e intenções sociais. E, por outro lado, pode-se considerar uma *comunicação verbal* de um agente *específico* (incluída na interação verbal) como sendo ação de linguagem, por constituir conduta que leva a representação na atividade social, mas que representa conduta que pode ser de um indivíduo. As fronteiras, porém, não são tão simplesmente delimitáveis.

Bronckart (2006, p. 212) adverte:

O que se chama de atividade ou de ação sempre é o resultado de um **processo interpretativo**: o que é observável são os comportamentos humanos, e qualificar esses comportamentos de “atividade”, de “ação”, de “pilotagem” implica que atribuímos aos protagonistas coletivos ou individuais desses comportamentos determinadas propriedades que não são diretamente observáveis, mas sobre as quais podemos pensar, razoavelmente, que elas orientam ou determinam esses comportamentos. Isso tudo nos coloca diante do temível problema da realidade da ação, do seu estatuto ontológico (grifo do autor).

Na verdade, o pesquisador genebrino coloca em discussão não as diferentes categorias de procedimentos individuais e sociais. Ele interpreta que o agir dos indivíduos pode representar uma postura pessoal ou coletiva, portanto, uma ação ou uma atividade, respectivamente. Por esse veio, propõe a distinção entre os termos, para que as informações, em tais sentidos, provenientes do ISD, possam ser inteligíveis. Assim sendo, utiliza o termo “atividade” para referir-se a uma leitura do agir social, que demanda motivos, intenções e recursos mobilizados por um coletivo. Em oposição, utiliza o termo ação para referir-se a uma leitura do agir individual, que demanda as mesmas dimensões mobilizadas, mas, nesse caso, por uma pessoa em particular.

Para ilustrar seu ponto de vista, Bronckart (2006) apresenta experiência de pesquisa, enfocando a postura do professor em sala de aula frente à utilização que faz de alguns recursos didático/pedagógicos ao alcance do docente – programa, livro, fichas –, e coloca em discussão se as atitudes docentes representam um agir pessoal ou um agir munido, simplesmente, por ideologias da instituição social da qual estes fazem parte – a instituição escolar.

### 2.1.2 Contexto

Em relação a *contexto*, para nortear a adoção de um modelo de produção de um gênero, são considerados, a princípio, os parâmetros do contexto de produção, situando-se tais parâmetros nos níveis físicos e sociossubjetivos, quais sejam: a) os que dizem respeito à interação social em curso no momento da produção textual – lugar social do agente (na família, na escola, no trabalho e em outros ambientes), finalidade da atividade (efeito que quer causar no interlocutor, por exemplo), relação entre parceiros da interação (pai/filho, professor/aluno, médico/paciente e outros); b) os que concernem ao ato material da enunciação – os agentes (produtor e interlocutor(es)), o momento (formal ou não), o lugar (espaço institucional de produção e de circulação, bem como o suporte onde se afixa); e c) os que fazem jus ao conteúdo referencial disponível na memória dos agentes – macroestruturas semânticas: temas.

Essa noção de contexto, no **nível sociológico**, aqui colocada, aparentemente pode não apresentar nenhuma novidade. Em relação a um gênero, é por demais comum levantar, em sala de aula, questões tais como: Para quem? Para quê? Como? Onde? Quando? Todavia, isso tem sido adotado com muita artificialidade. No ISD, entretanto, tais parâmetros são propostos para serem vivenciados em situação de uso efetivo de ações de linguagem, quer dizer, do gênero. Mas as operações de contextualização, se isoladas apenas no nível sociológico, não são suficientes para representar todos os mecanismos utilizados na produção textual. Por isso, Bronckart (1999) chama a atenção para a ação de linguagem também no nível psicológico o que também, não seria nada de novo, se a proposta não contemplasse o contexto como espaço ou circunstâncias amplos para a produção do conhecimento, requerido no processo de construção de sentido de um texto/gênero. Nesse caso, contexto envolve cognição como interação social e não como algo que apenas se estabelece na mente de cada indivíduo (BRONCKART, 1999).

Ao serem evocados o contexto de produção e o conteúdo temático, no decorrer da produção de um texto, são mobilizados os mundos ordinários. Tais mundos, no entanto, são substituídos por mundos virtuais, que Bronckart (1999) designa de “mundos discursivos” (BRONCKART, 1999, p. 139). Os mundos discursivos correspondem a sistemas de coordenadas formais que se distinguem dos sistemas de coordenadas do mundo ordinário, mas estes tipos de mundo mantêm correlação entre si.

Há sobre os mundos discursivos, segundo Bronckart (1999), dois tipos de relação: 1. relação entre as coordenadas que organizam o conteúdo temático de um texto e as coordenadas do mundo ordinário; 2. relações entre os parâmetros do conteúdo sociosubjetivo e os parâmetros físicos da ação.

Cada uma das referidas relações apresenta duas outras possibilidades de relação. Na relação entre o conteúdo temático e o mundo ordinário há as possibilidades da relação de *disjunção* e relação de *conjunção*. Na relação entre os parâmetros do contexto sociosubjetivo e os parâmetros do contexto físico há as possibilidades da relação de *implicação* e relação de *autonomia*, conforme se pode visualizar no quadro abaixo.

#### RELAÇÃO ENTRE AS COORDENADAS GERAIS

		ORGANIZAÇÃO DO CONTEÚDO TEMÁTICO	
		CONTEÚDO TEMÁTICO e MUNDO ORDINÁRIO	
A T O D E P R O D U Ç Ã O	CONTEXTO SOCIOSSUBJETIVO e CONTEXTO FÍSICO	CONJUNÇÃO	DISJUNÇÃO
		<i>Expor</i>	<i>Narrar</i>
	IMPLICAÇÃO	Discurso interativo	Relato interativo
	AUTONOMIA	Discurso teórico	Narração

As relações, situando-se no âmbito dos mundos discursivos, resultam em diferentes tipos de discurso. Os tipos de discurso, nesse caso, associam-se aos mundos do comentar e do narrar de Weinrich (1974), bem como à distinção entre discurso e história de Benveniste (1959), devida à necessidade de se considerar a situação e os elementos da enunciação para explicar os elementos linguísticos inseridos em cada tipo de discurso.

Bronckart (1999, p. 99) explica todas essas relações no âmbito dos mundos discursivos, indicando como sendo as ações de linguagem, contextualizadas no **nível psicológico**, “o conhecimento disponível em um organismo ativo sobre as diferentes facetas de sua própria responsabilidade na intervenção verbal”. Em sua proposta, as *operações de textualização no nível psicológico* incorrem nos mecanismos cognitivos voltados para a constituição interna do texto.

### 2.1.3 Textualização

Os **modos de textualização** podem ser reduzidos a três blocos: o primeiro modo corresponde a *operações relacionadas à organização do conteúdo e ao ato de produção textual* (conjunta, disjunta; implicada ou autônoma), resultando os três tipos de textualização básicos (“discurso em situação” – discurso interativo e relato interativo; “discurso teórico” e “narração”), conforme aludimos no item anterior.

O segundo modo diz respeito às *operações de planificação* da macroestrutura semântica do texto que correspondem à sequencialização dos conteúdos e à estruturação discursiva adequada a um modelo de linguagem (gênero textual) em função da interação social que se estabeleça.

O terceiro modo traduz-se nas *operações de constituição de estratégias discursivas/enunciativas e linguísticas* que conduzem para as vozes/modalizações dos enunciados e para a conexão/coesão textuais.

Essas operações do nível psicológico, portanto, resultam na produção material do texto, mas todo o conhecimento aplicável ao texto corresponde a um processo de *reorganização* de conhecimentos prévios inerentes ao contexto da ação e ao texto em si, desdobrando-se em três modos de *operações sobre os valores textuais*.

O **primeiro modo de operações** sobre os valores textuais – as operações relacionadas à organização do conteúdo temático e ao ato de produção, vinculadas ao mundo ordinário: *operações de ancoragem textual* – produz formas discursivas para a apresentação do conteúdo, quais sejam, conjunção e injunção. A conjunção ocorre quando a organização do

conteúdo depende das coordenadas do mundo ordinário. Nesse caso, o procedimento é de mostrar ou de expor os fatos. A disjunção se dá pela organização do conteúdo com base em coordenadas de espaço e tempo. Assim, efetiva-se no âmbito da contação dos fatos.

Ainda no primeiro modo, vigoram as operações relacionadas à organização do conteúdo temático e ao ato de produção envolvendo o conteúdo sociossubjetivo e o contexto físico que redundam, no nível psicológico, em atitudes de implicação e de autonomia. A implicação representa procedimento de interpretação dependentes das condições de produção. A autonomia representa atitude inversa – interpretação não dependente das condições de produção.

O **segundo modo** de operações sobre os valores textuais – *operações de planificação* –, considerando-se o cruzamento entre as formas e as atitudes discursivas, conforme se observa no gráfico acima, depara-nos com diferentes tipos de discurso encontrados nos variados gêneros textuais – 1. *discurso interativo*: conteúdo verbalizado concomitantemente ao momento da produção, por exemplo, uma conversa informal; 2. *discurso teórico*: marcado pela ausência, no texto, de referência aos participantes e ao tempo/espaço da enunciação, por exemplo, um texto didático de caráter expositivo; 3. *relato interativo*: presença apenas do enunciador, sendo que o conteúdo reportado por esse enunciador é algo do passado, por exemplo, um relato de experiência; 4. *narração*: “qualquer que seja o grau de explicitação da origem e da situabilidade do mundo disjuncto criado, este constitui o quadro em que vai se desenvolver o NARRAR, implicando personagens e acontecimentos e/ou ações” (grifo do autor) (BRONCKART, 1999, p.164), por exemplo, trecho de um romance, onde prevalece o mundo do narrar de Weinrich (1974).

Para Bonckart (1999), os tipos de discurso constituem elementos característicos fundamentais da infraestrutura geral dos textos, mas a infraestrutura também caracteriza-se por outra dimensão, que é a da organização sequencial do conteúdo temático – sequências narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa, dialogal, por exemplo). Sobre essas sequências, o pesquisador de Genebra se pauta em Adam (1992), mas questiona a não adesão deste à sequência injuntiva. Bonckart (1999, p. 237) considera essa sequência como tal atentando para o macroato que esta desencadeia: “fazer agir o destinatário”.

Apesar de Bronckart (1999) enfatizar os tipos de discurso e as sequências como formas de planificação do texto, não se pode ignorar que a organização retórica do gênero também se constitui uma das referidas formas.

Entendemos que, no processo de planificação, os traços característicos do gênero precisam ser levantados. Mesmo o usuário mais proficiente pode compreender melhor a influência da sequência prototípica de base no texto quando pensa na organização do gênero. Confronte-se, por exemplo, a experiência de se produzir uma “notícia narrativa” e uma “crônica narrativa”. Se o produtor dos textos tem domínio da sequência narrativa, mesmo assim, ele precisa pensar na estrutura de um e de outro gênero, para colocar em funcionamento a referida sequência em cada um. Ele precisa pensar que na notícia a ordem dos fatos vai dos aspectos mais importantes para os menos importantes, a fim de atrair de imediato a atenção dos leitores – forma da pirâmide invertida, adotada no jornalismo –, enquanto na crônica, a operação é inversa, porque a quebra de expectativa vem no fim do texto, para manter a atenção dos leitores até o final – forma da pirâmide normal, adotada frequentemente nos textos literários.

Se na vivência do processo de planificação apenas os tipos de discurso e os tipos de sequência prototípica forem considerados, isso poderá passar a impressão de que o gênero não dispõe de uma estrutura específica, que sua estrutura como tal é a própria sequência ou o tipo de discurso. Daí por que muitos tomam um pelo outro (o gênero pela sequência, por exemplo), conforme se observa em sala de aula<sup>2</sup>.

É importante que se faça, de forma explícita, a referência ao gênero na orientação para a vivência do processo de planificação de texto, compreendendo-o como um procedimento de análise a ser efetivada no desenvolvimento do referido processo. Assim, a planificação de um texto poderá contemplar basicamente: traços típicos da estrutura global do gênero (organização retórica/formulaica); tipos de discurso (discurso em situação – relato e discurso interativo –, discurso teórico, e narração); e tipos de sequência prototípica (narração, descrição, argumentação, explicação/exposição, diálogo, injunção).

---

<sup>2</sup> Cf. resultados do questionário de testagem, primeira parte da análise dos dados

Ressalte-se que, mesmo adotando a estrutura retórica do gênero como mais um modo de planificar o texto, temos consciência de que “as formas de planificação internas são praticamente ilimitadas”, conforme diz Bronckart (1999, p. 248). Por isso mesmo, outros planos textuais são passíveis de existência e carregados também de importância, a exemplo do *script* – acontecimentos ou ações linearmente dispostos por ordem cronológica sem intriga nem tensão – e da esquematização<sup>3</sup> – fatos apresentados com neutralidade e de caráter apenas expositivo –, que Bronckart (1999) distingue como outras duas possibilidades de organização sequencial do conteúdo temático.

**O terceiro modo de operações sobre os valores textuais** – *operações de constituição de estratégias discursivas/enunciativas e linguísticas* – pode reduzir-se a dois mecanismos mais gerais: enunciativos e de textualização.

Os *mecanismos enunciativos* são aqueles relacionados ao tipo de interação que se estabelece entre o agente produtor e os respectivos destinatários, com o fim de manter a coerência sob o ângulo pragmático. Daí por que praticamente não travam dependência com a progressão do conteúdo temático. Para indicar o uso desses mecanismos, Bronckart (1999) destaca dois procedimentos:

-atenção para as diferentes vozes que se manifestam no texto, seja, que instâncias assumem o que é enunciado, por exemplo: a voz do autor empírico; as vozes sociais – vozes de outras pessoas ou de instituições humanas exteriores ao conteúdo temático (do educador, do político, do religioso e outras mais); e as vozes de personagens;

-atenção para avaliações empreendidas sobre alguns aspectos do conteúdo temático. Para manifestar atitude avaliativa do enunciativo no texto, considerando-se os diversos posicionamentos que este pode adotar, enfoca o processo de modalização – termo designado na tradição gramatical.

O referido pesquisador considera quatro subconjuntos de modalizações:

-*modalizações lógicas*, que julgam o valor de verdade das proposições enunciadas, se certas, possíveis, prováveis etc;

---

<sup>3</sup> Sobre o *script* e a esquematização, é útil consultar Bronckart (1999, p. 252), para maiores detalhes.

-*modalizações deônticas*, que avaliam o que é enunciado pelo prisma dos valores sociais, apresentando os fatos como permitidos, proibidos, necessários, desejáveis etc;

-*modalizações apreciativas*, que traduzem um julgamento mais subjetivo, cujos fatos enunciados podem ser apresentados como bons, maus, estranhos, na instância de quem avalia;

-*modalizações pragmáticas*, que introduzem um julgamento sobre uma das facetas da responsabilidade de um personagem em relação ao processo do qual é agente, principalmente sobre a capacidade de ação (o poder fazer), sobre a intenção (o querer fazer) e sobre as razões (o dever fazer) do agir .

Todas as modalizações<sup>4</sup> se efetivam através de unidades ou conjuntos de unidades linguísticas de níveis bastante diferentes, que o pesquisador de Genebra denomina de *modalidades*: tempos do verbo no futuro do pretérito; auxiliares de modalizações (poder, ser preciso, dever etc); um subconjunto de advérbios (certamente, felizmente, sem dúvida etc); certas frases impessoais (é evidente que..., é possível que...) e outros tipos de frase.

Os *mecanismos de textualização*, por seu turno, estão relacionados à linearidade textual e correspondem à coerência sob o ângulo da progressão temática do texto. Por isso, marcam as grandes articulações hierárquicas, lógicas ou temporais. Bronckart (1999) percebe três mecanismos de textualização: conexão, coesão nominal e coesão verbal.

Para ele, a *conexão* funciona na demarcação das articulações do texto em diferentes níveis exercendo, assim, diferentes funções:

-função de *segmentação* – articulações aplicáveis ao plano global do texto;

-função de *demarcação* ou *balizamento* – marcação das transições entre os tipos de discurso e entre as proposições de uma sequência textual prototípica ou genérica;

-função de *empacotamento* – explicitação das modalidades de articulação das frases à estrutura que constitui um tipo de planificação.

-função de *ligação* (justaposição, coordenação) ou *encaixamento* (subordinação) – articulação de duas ou mais frases para constituir uma só unidade.

---

<sup>4</sup> Por uma questão de coerência com a pesquisa que realizamos, em função de suas restrições, não nos estenderemos nessa abordagem, que poderá ser melhor apreendida em Bronckart (1999, p.130-132; 330-335 ).

A função mais geral da conexão é sinalizar para as grandes articulações da progressão temática do texto, realizando-se por um subconjunto de unidades linguísticas, que o idealizador da proposta interacionista sociodiscursiva denomina de *organizadores textuais*.

A *coesão*, de modo geral, tem a função de marcar relação de dependência e/ou descontinuidade entre dois constituintes internos da frase: predicado (realizado por um sintagma verbal) e argumentos (composto por formas nominais essencialmente) que preenchem a função sintática de sujeito, complemento de verbo, atributo ou adjunto adverbial.

A *coesão nominal*, particularmente, consiste em relacionar segmentos que compartilham, entre os argumentos, uma ou várias propriedades referenciais ou uma relação de correferência. As unidades responsáveis pelo funcionamento do mecanismo de coesão nominal são denominadas de *anáforas*, podendo ser representadas por pronomes – pessoais, relativos, demonstrativos e possessivos – e por alguns sintagmas nominais.

Os marcadores de coesão nominal são passíveis de assumir duas funções básicas: de introdução e de retomada. A primeira marca a inserção de uma unidade nova de significado (ou unidade fonte) que passa a ser a origem de uma cadeia anafórica. Já a segunda aparece como reformulação da nova unidade. Ilustrando com exemplo apresentado por Bronckart (1999), podem-se observar os mecanismos de introdução e o de retomadas, através de duas cadeias anafóricas que se colocam uma sobre a outra.

Exemplo (BRONCKART, p.268):

(a) *Aimée* fez algumas compras, (b) depois  $\emptyset$  subiu em um ônibus Chausson. Durante o trajeto de dezoito quilômetros,  $\emptyset$  folheou **um jornal local**. [...] (d) Subitamente, descobriu **no jornal local** a informação que  $\emptyset$  tinha procurado em vão[...] (e) *Aimée* guardou o jornal quando  $\emptyset$  desceu do ônibus numa pequena cidade...

(J. P. Manchete, *Fatale*, p.73)

No exemplo, na primeira cadeia, a unidade fonte aparece logo no início do texto (*Aimée*) e é retomada através das formas pronominais – explícitas ou não – ou nominais (*Aimée*,  $\emptyset$ ,  $\emptyset$ ,  $\emptyset$ , *ela*, *Aimée*,  $\emptyset$ ). Na segunda cadeia, a unidade fonte é representada por um

sintagma nominal indefinido (um jornal local). Esse é retomado por sintagmas nominais definidos (o jornal local, o jornal).

Convém observar que as cadeias de referência que fazem as cadeias anafóricas podem assumir aspectos diversos, tais como:

- identidade do conteúdo referencial é relacionada pela cadeia anafórica;
- elementos de significação relacionados podem compartilhar apenas uma outra propriedade – às vezes vaga ou pode haver somente relações mais ou menos lógicas de associação, de inclusão, de contiguidade (Ex.: *O cedro* é uma árvore magnífica; *seu tronco* pode se elevar até 50 metros, seus galhos se desenvolvem). Há casos nos quais a referência comum às unidades relacionadas pode ser indeterminada (Ex.: *Ninguém* se convence de que  $\emptyset$  é o único senhor de *seu* destino);
- o antecedente de uma cadeia anafórica nem sempre é constituído de uma forma nominal, haja vista que essa função é ocupada pela totalidade do texto (Ex.: Os combates foram retomados na Bósnia oriental e *esse novo desenvolvimento* conduziu...);
- é possível que o antecedente não esteja explicitamente verbalizado no cotexto, por estar disponível na memória discursiva do agente, podendo apenas ser inferido por esse cotexto.

As categorias que assumem a função de introdução ou de retomadas não são rígidas. Uma unidade fonte pode ser introduzida por um nome próprio ou não, um sintagma nominal definido ou indefinido e mesmo por um pronome. E para se retomar ocorre da mesma forma.

Os mecanismos de *coesão verbal* constituem mais um meio de efetivação da coerência temática, que é assinalada pela organização temporal ou hierárquica dos processos verbais (estados, acontecimentos ou ações), essencialmente os tempos do verbo, embora estes possam aparecer também em interação com advérbios e organizadores textuais.

Bronckart trata da coesão verbal na perspectiva dos diferentes tipos de discurso. Nesse sentido, enfocaremos essa questão aqui da forma mais global, enveredando pela ótica dos dois mundos discursivos provenientes da categorização de Weinrich (1974): mundo narrado e mundo comentado. Sintonizando com a abordagem desfechada em nossa tese, consideramos o mecanismo de coesão verbal investindo na *atitude de locução* do narrar, articulando as categorias de *perspectiva de locução* – diferentes tempos verbais expressando a

relação existente entre os tempos do texto e o tempo da ação – e *indicação de relevo* – certos tempos verbais com a função de destacar certas partes do texto como sendo de primeiro plano ou de segundo plano.

Em um texto, as três noções em destaque articulam-se, entre si, através das transições temporais – passagem de um tempo verbal a outro, dentro do texto. Para evitar repetição na abordagem sobre tal procedimento, propomos ao leitor buscar maiores detalhes no capítulo que trata das contribuições de Weinrich, que constitui a base de nossa averiguação sobre a coesão textual.

As operações de constituição de estratégias enunciativas e linguísticas para o estabelecimento da textualização compõem o conjunto de operações psicológicas que representam o conhecimento disponível em um organismo ativo para a efetivação das **ações de linguagem**, que são sintonizadas com os parâmetros do **contexto** social.

## **2.2 A atividade de revisão na escrita:**

### **inserção no processo de produção textual**

A revisão constitui-se um componente do processo da escrita. Dependendo do modelo sob o qual ela seja analisada, trata-se de uma atividade que pode ser vista em separado, que é realizada sobre um esboço já pronto. Ou pode se dar também como uma atividade recursiva, realizada em alguma fase durante o ato de escrever, bem como em segmento(s) do texto (BARTLETT, 1982).

No modelo de escrita proposto por Hayes e Flower (1980), a *revisão*, juntamente com o *planejamento* (geração e organização de idéias) e a *tradução* (colocação de ideias em linguagem escrita) compõem o processo de construção textual. E cada um desses elementos são recorrentes ao longo do desenvolvimento do texto, conforme os autores chamam à atenção na explicação do modelo.

Considerada como parte de um processo recursivo, a revisão é possível ocorrer como uma atitude consciente (planejada), em que os escritores procuram ler o que escreveram, quer como um trampolim para a tradução (que venha a seguir), quer como um recurso para avaliar

sistematicamente e/ou editar o texto. Mas o processo de revisão também pode ocorrer como uma ação não planejada, provocada por uma avaliação, seja do texto ou do próprio planejamento da pessoa (isto é: as pessoas revisam pensamentos ou afirmações escritos ou não) (FLOWER; HAYES 1994).

### 2.2.1 Um modelo do processo da escrita em seu todo

Dentre os modelos que propõem uma abordagem do processamento da escrita, o mais referenciado é o de Hayes e Flower. Esse modelo foi construído a partir de uma análise de protocolos verbais de redatores proficientes (HAYES; FLOWER, 1980). Por isso mesmo, está fundamentado em processos psicológicos verdadeiros. Nele estão contemplados os processos cognitivos básicos da escrita (planejamento, tradução – escrita do texto – e revisão) como estando em contínua interação. Assim, em um espaço de tempo de poucos segundos, um escritor pode estar planejando o que escrever, logo em seguida, escrevendo o que está planejando e, no mesmo momento, avaliando se o que está escrevendo é aceitável, ou seja, revisando.

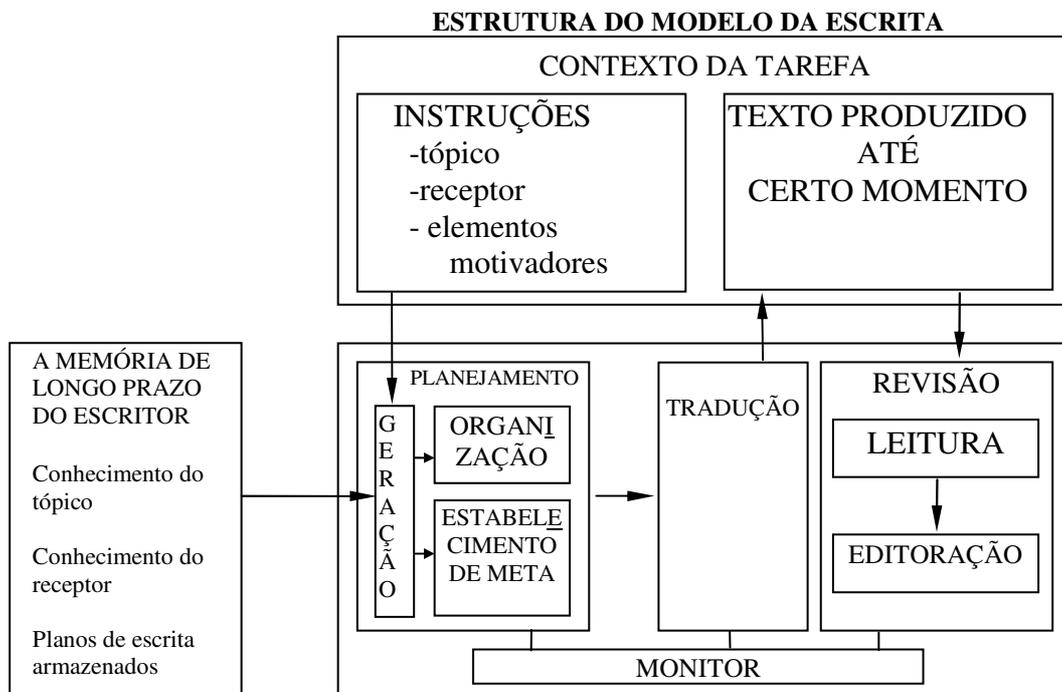


FIG. 1: ESTRUTURA DO MODELO DE PROCESSAMENTO DA ESCRITA (HAYES; FLOWER, 1980)

Para interpretar a dinâmica do referido modelo, faz-se necessário tomar para análise cada um de seus componentes, considerando-os quanto ao aspecto distribucional funcional, ou seja, qual a posição que ocupam e que função desempenham no processo da escrita, conforme se pode visualizar na figura 1.

Na concepção dos autores, o ato de escrever envolve três elementos fundamentais: o *contexto da tarefa*, a *memória de longo prazo (MLP)* e o *processo da escrita*.

O contexto da tarefa associa-se a tudo o que é externo ao escritor e que pode servir para sua inspiração. Começa com o problema retórico ou instrução (que abrange o tópico, o receptor e os elementos motivadores – objetivos, gênero textual, sequência discursiva e suporte, por exemplo), estendendo-se, eventualmente, à progressão do texto (o texto produzido até certo momento).

A MLP<sup>5</sup> está relacionada ao que existe na mente do escritor ou nos recursos exteriores (como livros) e constitui-se em um armazém de conhecimentos sobre o tópico, a audiência e os planos de escrita.

O processo da escrita implica três procedimentos básicos: *planejamento*, *tradução* e *revisão*, sob o controle de um *monitor*. Por seu turno, o planejamento inclui três subprocessos: *geração*, *organização* e *estabelecimento de metas*. A tradução compreende o processo de traduzir ideias em linguagem escrita. A revisão, para Hayes; Flower (1980), inicialmente, compreendia os subprocessos de leitura e editoração. Depois, refizeram sua posição (FLOWER; HAYES 1994) e passaram a conceber que a revisão envolve, essencialmente, avaliação e correção.

O monitor, responsável pela deslinearização do processo, corresponde ao aparato mental, que controla o fluxo das operações mentais realizadas durante o processo global da escrita. Esse representa uma função (de controle) assumida pelo escritor, em termos de

---

<sup>5</sup> MLP (memória de longo prazo, denominada também de memória de longo termo – MLT), no cérebro, é a parte da memória que contém nosso conhecimento contínuo sobre o mundo. Não tem limite de quantidade, nem de tempo. Opõe-se à MCP (memória de curto prazo, denominada também de memória de curto termo – MCT), que é a parte da memória onde se retém à beira da mente informação durante períodos breves. Este tipo de memória tem pouca duração e sofre limitações quantitativas, no máximo de sete unidades de informação (Smith, 1989: 114-119).

decisões a serem tomadas enquanto este vivencia cada momento do ato de escrever (sem perder de vista a totalidade).

Hayes; Flower (1980, p.10) admitem que o modelo apresenta uma descrição aproximada da composição real. Para eles, a proposta é de que o contexto da tarefa e a informação na MLP do escritor alimentam a geração do texto. Esse processo de geração, que é parte do planejamento, comanda os outros dois componentes (do planejamento) – a organização de ideias e o estabelecimento de metas para produção –, que funcionam simultaneamente. A partir das informações geradas e organizadas, conforme as metas estabelecidas, é que ocorre a tradução para a linguagem escrita. O texto produzido até certo momento determina o processo de revisão (avaliação e correção). O monitor define quando se deve passar de um processo para outro.

Cada componente do modelo cumpre um papel particular que contribui para o processamento da produção em sua totalidade. Assim sendo, a função da geração é extrair da MLP informações relevantes e fazer uso do que o contexto impõe para a tarefa de escrita. A função da organização é selecionar o material mais relevante dentre o que foi ativado pela geração e organizá-lo em um plano (temporal, hierárquico, ou incluindo ambas as formas). A função do estabelecimento de meta é guiar a produção, identificar e armazenar regras úteis para uso subsequente do processo de correção. À tradução cabe transformar as ideias organizadas, de acordo com as metas estabelecidas, em linguagem escrita.

Hayes; Flower (1980) supõem que a tradução ocorra a partir de uma forma proposicional para uma forma sentencial escrita, automaticamente. Eles entendem que o material na memória é armazenado em forma de representações conceituais não linguísticas, podendo incluir o uso de imagens visuais.

O processo de revisão funciona no sentido de melhorar a qualidade do texto escrito, que, através dos subcomponentes avaliação e correção (FLOWER; HAYES, 1994), examina e corrige falhas nas convenções de escrita, nos descuidos quanto ao significado e na avaliação relativamente às metas estabelecidas. Ao monitor impõe-se a dupla função de gerenciador e deslinearizador do processo total, podendo ele interromper qualquer um dos momentos da composição.

Apesar de o modelo gráfico de Hayes e Flower deixar transparecer uma certa linearidade, e por isso haver sofrido algumas críticas<sup>6</sup>, os próprios autores sustentam que a intenção foi apresentar uma proposta de representação do processo cognitivo da escrita em que “[...] cada ato mental pudesse ocorrer a qualquer momento”. Com essa visão, eles até se opõem ao modelo de estágio de escrita (pré-escrita, escrita e pós-escrita), afirmando que “[...] muitos questionam se este modelo de estágio linear é realmente uma descrição útil ou exata do processo da composição” (FLOWER; HAYES, 1994, p.938-939).

Em um ponto específico de seu trabalho, esclarecem como funciona o procedimento de recorrência no processo da escrita, orientando que os processos da escrita são hierarquicamente organizados, com os processos componentes embutidos em outros, e afirmam:

Um sistema hierárquico é aquele no qual um grande sistema operante, tal como compor, pode incluir outros sistemas menos abrangentes, tal como gerar ideias, o qual por sua vez contém ainda outros sistemas, e assim por diante. Diferentes da organização linear, os eventos num processo hierárquico não são fixos numa ordem rígida. A qualquer momento pode-se convocar um dado processo e embuti-lo em ainda outro processo [...].

Hayes e Flower empenharam-se em tornar o seu modelo o mais próximo possível da realidade. Uma das formas de constatação desse fato está nas alterações que eles inserem no modelo original, em relação à posição das setas e ao item **REVISÃO** – Fig. 3 (FLOWER; HAYES, 1994, p. 933).

---

<sup>6</sup> A propósito de crítica empreendida ao modelo de Hayes; Flower (1980), destaque-se KATO, Mary. No *Mundo da escrita*. São Paulo: Ática, 1986.

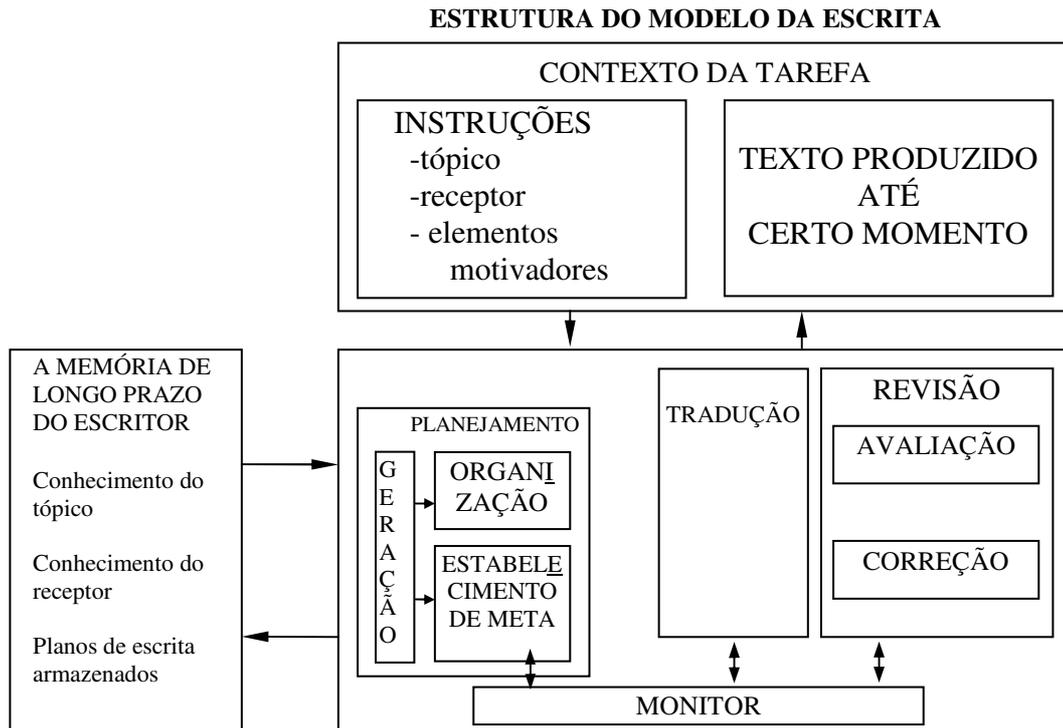


FIG. 2: ESTRUTURA DO MODELO DE PROCESSAMENTO DA ESCRITA (FLOWER; HAYES, 1994)

Confrontando a figura 1 com a figura 2, percebe-se, nesta última, diferença na disposição das *setas*, de modo a tornar mais transparente o procedimento de recursividade. Assim sendo, as setas indicam que a informação vai de um processo a outro e essa mesma informação pode retornar pelo mesmo caminho ou por um outro. Já o monitor, como elemento deslinearizador, aparece articulado com todos os processos, através de setas em sentido duplo, para ficar subentendida a recorrência do escritor a qualquer um desses processos ou subprocessos no momento em que se fizer necessário. Mesmo assim, os autores ainda advertem:

Embora os diagramas [na figura 3] ajudem a distinguir os vários processos que queremos que nosso modelo descreva, estas representações esquemáticas dos processos e elementos são muitas vezes enganosas. As setas indicam que a informação sai de uma caixa ou processo para outro; isto é, o conhecimento sobre a tarefa da escrita ou conhecimento da memória pode ser transferido ou usado no processo de planejamento e a informação sobre o planejamento pode fluir de volta por outro caminho. O que a seta não significa é que tal informação flui de um circuito esquerdo - direita predizível, de uma caixa para outra como se o diagrama fluísse em uma única direção. Esta distinção é crucial porque o fluir de tal diagrama implica no tipo de estágio modelo contra o qual queremos argumentar. Uma das premissas centrais da teoria do processo cognitivo apresentado aqui é que os escritores estão constantemente, instante a instante, orquestrando uma bateria de processos cognitivos, à medida que integram planejar, lembrar, escrever e reler. As múltiplas setas, que são convenções na diagramação deste tipo de modelo, são infelizmente só indicações fracas da organização ativa e complexa dos processos de pensar que nosso trabalho tenta modelar (HAYES; FLOWER, 1994, p. 948).

Comparando os dois modelos (HAYES; FLOWER, 1980) (FLOWER; HAYES, 1994) no item *revisão*, verifica-se que aí houve um redirecionamento. No primeiro (HAYES; FLOWER, 1980), esse processo sugeria leitura e editoração. No segundo (FLOWER; HAYES, 1994), os dois subprocessos foram reinterpretados, passando a ser vistos, respectivamente, como avaliação e correção.

Para Hayes e Flower:

Os subprocessos de correção e avaliação, juntamente com a ação de gerar, compartilham a distinção especial de poder interromper qualquer outro processo e acontecer a qualquer momento no ato de escrever. [...] Isto significa, por exemplo, que não precisamos definir revisão como um estágio único na composição, mas como um processo do pensamento que pode ocorrer a qualquer tempo que um escritor escolhe avaliar ou corrigir os textos ou os planos (FLOWER; HAYES, 1994, p.937-938)

A releitura do processo de revisão pelos autores (FLOWER; HAYES, 1994) em seu modelo do processo da escrita faz jus ao esquema específico do processamento da revisão (avaliar e corrigir) proposto, anteriormente, pelos mesmos autores e outros colaboradores (HAYES, John R. *et al*, 1987, p. 2009), conforme se pode observar no item que trata do modelo de processamento da revisão.

### 2.2.2 Um modelo do processo de revisão

Para Hayes e Flower (1980), a função da revisão é verificar a qualidade do texto produzido pelo processo de tradução. Isso é feito detectando-se e corrigindo-se erros no texto com respeito às linguagens convencionais e à exatidão no significado.

A propósito dessa referência sobre detecção e correção de erros no texto, encontramos em Bartlett (1982) a afirmação de que a revisão parece envolver a *avaliação* e a *correção* [aspectos explicitados na reestruturação do modelo de Flower e Hayes (1994)], sendo que esta última vem motivada pela detecção e identificação de algum mau funcionamento ou discrepância existente no texto. Nesse sentido, fala o autor que a detecção de diferentes tipos de mau funcionamento, certamente, envolve diferentes tipos de conhecimento. Ele acrescenta, ainda, que parece provável que habilidades diferentes estejam envolvidas, dependendo do tipo de conhecimento requerido e das circunstâncias sob as quais tal conhecimento precisa ser agregado. Essa visão é suscitada em Hayes e Flower e

colaboradores (HAYES *et al*, 1987), conforme poderemos observar, mais adiante, na análise do esquema da revisão, especificamente o que trata do [sub] processo de avaliação.

O processo de revisão no modelo de Hayes e Flower e outros colaboradores (1987)<sup>7</sup> toma como referência os procedimentos de avaliação e correção (ou modificação), mas o esquema que contempla esses aspectos está dividido em dois segmentos que permitem a funcionalidade do processamento da revisão: à esquerda, os processos vivenciados pelo revisor; à direita, as categorias de conhecimento que possibilitam os processos ou resultam de suas ações.

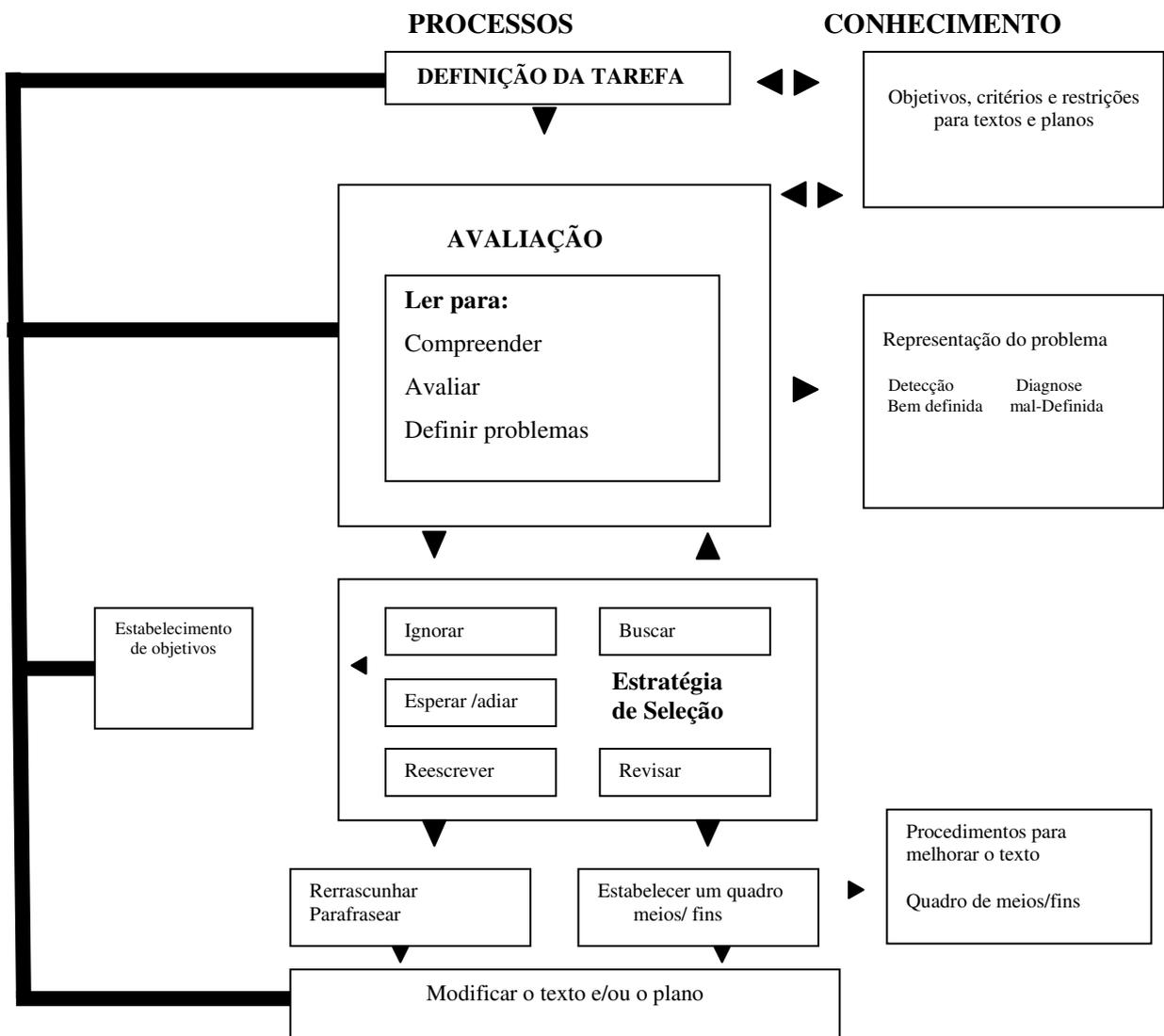


FIG. 3. MODELO COGNITIVO DA REVISÃO PROPOSTO POR HAYES *ET AL* (1987, p. 185).

<sup>7</sup> Para uma visão global do processo de revisão como parte do processo de escrita, convém remeter-se fig. 2.

De acordo com o esquema gráfico – figura 3 –, a *Definição da Tarefa* constitui o primeiro subprocesso que envolve o processo de revisão. Para os autores do esquema esse subprocesso reproduz as concepções do escritor sobre as atividades a serem desenvolvidas, bem como o que os leva a realizar tais atividades e como gerenciá-las na vivência e articulação entre os demais subprocessos.

Sendo assim, cabe à Definição da Tarefa o controle das decisões sobre objetivos para o texto, as restrições sobre esses objetivos e os critérios de avaliação. Ao tomar decisões, o revisor pode deter domínio sobre a definição da tarefa, de modo que esse subprocesso passa a ser atualizado durante o processamento da revisão.

Representando uma estratégia metacognitiva, já que o revisor deve ter consciência de seus próprios processos cognitivos, a Definição da Tarefa envolve armazenamento de conhecimento na memória sobre em que consiste o ato de revisar e que informações são acrescentadas continuamente pelo ambiente da tarefa – toda informação externa ao revisor, incluindo o texto com suas modificações.

O segundo subprocesso da revisão, como se pode perceber na figura 1, é a *Avaliação*, que corresponde a três procedimentos: ler para compreender, para avaliar e para definir problemas.

Ler para compreender diz respeito à tentativa dos leitores de construir, a contento, uma representação interna do significado do texto, e abrange habilidades em vários níveis, quais sejam: 1. decodificação de palavras, identificando e recuperando seu significado da memória; 2. identificação da estrutura gramatical das sentenças; 3. aplicação de regras semânticas para interpretar as sentenças; 4. processamento de inferências para buscar significados implícitos; 5. aplicação de esquemas e ativação de conhecimentos de mundo; 6. aplicação de convenções de gênero; 7. identificação da essência do texto; 8. inferenciação de intenções e ponto de vista do escritor.

De acordo com Hayes e seus colaboradores, as habilidades para a construção do significado do texto podem se manifestar em qualquer ordem e cooperam entre si para reproduzir uma representação satisfatória do texto, como se pode observar na figura 4.

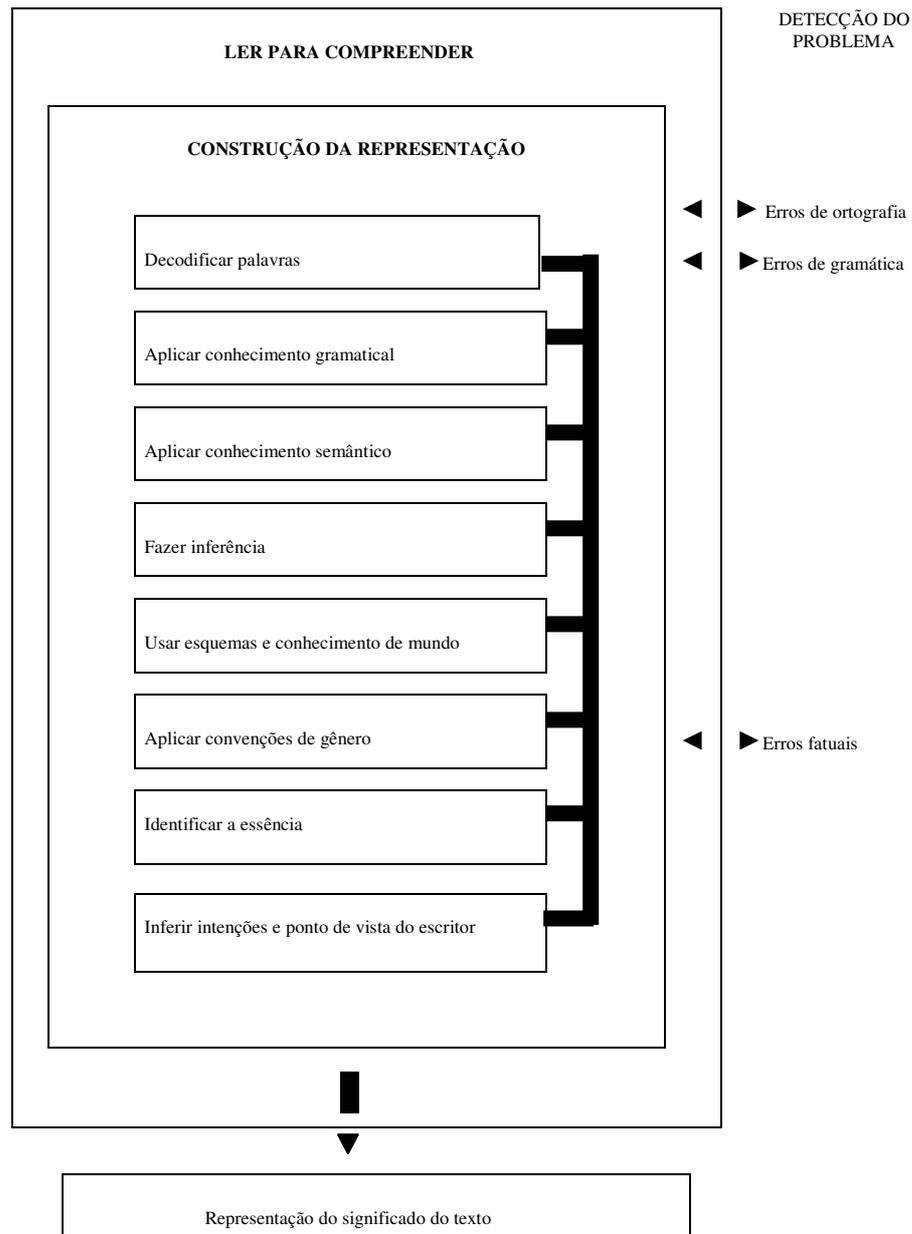


FIG. 4. ESQUEMA DAS HABILIDADES DE LER PARA COMPREENDER PROPOSTO POR HAYES *ET AL* (1987, p. 2003)

Naturalmente, quando as pessoas estão lendo para efeito de compreensão simplesmente, não são sensíveis a problemas do texto como o seriam com o objetivo de revisar. No entanto, mesmo ao ler para compreender sem intenção de revisar, problemas podem ser observados. Isso porque certos problemas que aparecem no texto dificultam a compreensão e repercutem na efetivação da leitura.

Ler para avaliar, representado pela figura 5, toma como referência as habilidades adotadas para o ato de ler para compreender (figura 4) e, a partir de então, apresenta, de um lado do esquema, algumas categorias de problema que podem ser enfrentados e, do outro lado, algumas possibilidades de solução para os problemas, se surgirem.

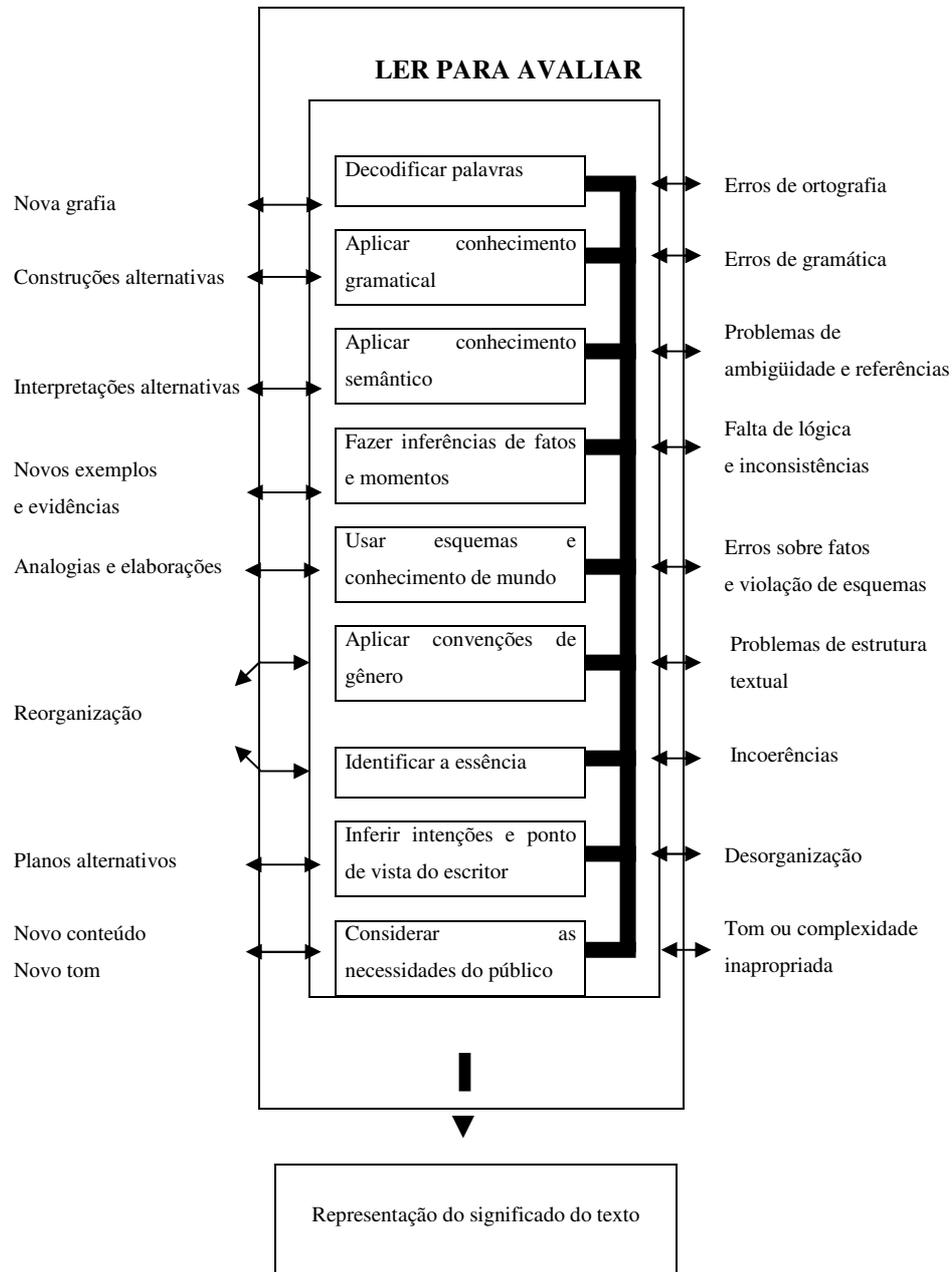


FIG. 5. ESQUEMA DAS HABILIDADES DE LER PARA AVALIAR PROPOSTO POR HAYES ET AL (1987, p. 2005)

O lado direito da figura 5 traz os problemas, considerando aqueles aos quais, normalmente, os leitores dispensam atenção. Para isso, as setas indicam que a identificação e o diagnóstico de problemas diferentes relacionam-se com níveis diferentes de processos de

compreensão. Por exemplo: a detecção de erros ortográficos resulta do processo de decodificação das palavras; a detecção de erros gramaticais resulta do processo de aplicação do conhecimento gramatical; e assim por diante.

O lado esquerdo apresenta exemplos de possíveis soluções para os problemas detectados. Nessa perspectiva, os idealizadores do esquema apontam possibilidades de se ler para corrigir, de forma bastante ampla, mas em sintonia com as dificuldades encontradas no âmbito de cada habilidade exigida para a construção de sentido do texto.

Exemplo: para o problema de erros ortográficos, a solução reside em buscar nova grafia, condizente com as regras do sistema ortográfico; para o problema de erros gramaticais, a solução é buscar construções alternativas que sejam adequadas ao contexto frasal da produção, e desse modo se sucede a correspondência entre problema e solução sugerida pelo esquema.

Ler para definir problemas, em primeiro lugar, conduz as pessoas à procura da detecção e caracterização de problemas no texto. Em segundo lugar, resulta na busca de soluções para efeito de correção, implicando em uma atitude mais ativa frente ao texto. Essa busca pela melhoria da produção escrita possibilita a descoberta dos diferentes níveis do processo de compreensão, o que se pode observar na coluna central da figura 3. Impõe-se, com tal atividade, um caráter prático ao processamento da revisão, que passa pelo uso dos aspectos lingüísticos (ortografia, gramática ...), textuais (estruturação textual: coerência e coesão/referenciação...) e pragmáticos (foco no escritor, no destinatário...) em um processo constante de interatividade com o texto.

O resultado da tarefa de leitura para avaliação, que corresponde ao ler para compreender, ler para avaliar e ler para definir problemas, resulta na *Representação do problema*, que se dá através de dois subprodutos: 1. detecção – percepção dos problemas – e 2. diagnose – representação dos problemas, baseada em conhecimento mais profundo sobre estes. A diagnose depende dos conhecimentos do revisor sobre as bases textuais – textos e planos. A detecção constitui a pré-condição para que a revisão aconteça.

Hayes, Flower e outros colaboradores (1987) observaram, em sua pesquisa sobre a representação do problema de revisores experientes e inexperientes, que a diagnose não

necessariamente ocorre, haja vista a existência de problemas resolvíveis, mais possivelmente, através da detecção. No entanto, mesmo não sendo obrigatória no processo de revisão, a diagnose se constitui em poderosa estratégia dos escritores experientes quando lidam com problemas mais complexos, que por natureza exigem uma maior elaboração na memória para resolvê-los.

Vivenciado o processo de avaliação, redundando na representação do problema, em seguida o revisor passa a tomar decisões estratégicas para modificar o texto. Esse procedimento, no modelo proposto (figura 1), corresponde à *Seleção de estratégias*. Esse componente diz respeito às estratégias para gerenciar o processo (ignorar o problema, adiar/esperar o empreendimento do esforço de alteração ou buscar mais informações para resolver o problema) e às estratégias para modificar o texto (reescrever, revisar).

O proceder para *ignorar* o problema se dá quando o escritor detecta falhas que, ao seu ver, não merecem atenção. Os escritores experientes, influenciados pelo gosto pessoal, adotam essa estratégia quando se deparam com problemas relativos a opções normativas de construção gramatical ou de estilo.

Os escritores, normalmente, usam dois critérios para ignorar o problema: se o problema não cria confusão ao leitor ou se a busca de solução é tão complicada que é preferível não insistir em resolvê-lo. Mas o fato é que a decisão varia de escritor para escritor, dependendo do seu grau de habilidade para enfrentar essas questões. Por isso mesmo, tal decisão associa-se ao nível de experiência do escritor.

O *adiar* o problema consiste em o escritor, conscientemente, dividir o processo de revisão em partes. Agindo dessa forma, ele vai dispensando atenção às partes selecionadas, cada uma a seu tempo.

O adiamento ocorre diante dos casos em que o escritor: 1. decide priorizar algumas atividades de revisão; 2. sente necessidade de reler o texto, para avaliar a intensidade dos problemas e, a partir de então, decidir sobre a ordem de atuação; 3. não vislumbra, no momento, um procedimento exato para solucionar o problema; 4. compreende a necessidade de adicionar informações ao texto, sendo que, para tal, é preciso avaliar criticamente, antes de descobrir a melhor maneira de desempenhar a tarefa; 5. percebe a conveniência de revisar uma

determinada parte do texto, deixando a busca de solução referente às outras partes para depois.

A ação de adiar requer habilidade do escritor, pois há necessidade, com frequência, de se voltar aos planos, reavaliar e reformular objetivos para a retomada do problema cuja solução tenha sido deixada para depois.

Os idealizadores do modelo apresentam algumas hipóteses as quais poderão explicar as falhas dos revisores face ao seu adiamento, sejam: 1.falta de estratégias e procedimentos adequados que lhes permitam atuar de acordo com seus objetivos; 2.falta de habilidade gerencial para coordenar várias revisões; 3.falta de condições para julgar a validade de uma solução proposta; 4. sobrecarga de memória e, conseqüentemente, esquecimento dos problemas detectados; 5. consideração dos problemas detectados anteriormente (cuja solução o revisor resolveu) influenciada pelo sentimento de satisfação com as revisões efetuadas posteriormente; 6.sentimento de que o esforço necessário para fazer a revisão é grande demais em relação ao impacto que essa revisão terá no texto.

A estratégia de *buscar* meios para refinar a representação do problema mais explicitamente envolve o escritor na tentativa de transformar sua representação mal definida de um problema em bem definida, para, então, resolvê-lo. Ao representar o problema novamente, o escritor busca, na memória, conhecimento e experiência relevantes e/ou vasculha o texto, para que o problema melhor seja entendido.

No processo de revisão, conforme o modelo (figura 1), há duas estratégias com função mais diretamente de modificar o texto, que correspondem ao ato de reescrever ou de revisar.

A estratégia de *reescrever* é adotada pelos revisores quando estes não estão preocupados em manter o significado e/ou a estrutura superficial do texto original ou de parte deste. Essa estratégia efetiva-se a partir de dois procedimentos: re-rascunhar e parafrasear.

Ao processarem um novo rascunho, os escritores, geralmente, abstraem-se dos objetivos do texto. O *rerrascunhar* não prevê a transformação de sentenças, e pode levar até

mesmo à reestruturação dos propósitos e do plano do texto, pois possibilita um diagnóstico mais genérico sobre o que está inadequado em relação ao que se espera do texto.

O *parafrasear*, por sua vez, é utilizado quando o objetivo do revisor é resguardar o significado do texto. Assim como a estratégia de rascunhar, a estratégia de parafrasear requer pouca ou nenhuma informação de diagnóstico específico, pois é a identificação da essência do texto que lhe serve de base.

De acordo com dados levantados pelos idealizadores do modelo (figura 1), há muitas razões que explicam a decisão de reescrever o texto ao invés de corrigi-lo; entre elas, pode-se citar as seguintes: os escritores sentem-se mais livres das influências do texto para produzirem novas idéias ou apresentá-las de outra maneira; os escritores não possuem estratégia adequada para resolver o problema através da revisão. Esta última motivação, naturalmente, pode estar relacionada ao nível de experiência do escritor.

Conforme os autores, a reescritura, mesmo sendo considerada uma poderosa estratégia de revisão, pode resultar inúmeros problemas devido aos seguintes fatores: 1. escritores inexperientes, por vezes, não dispõem de critérios suficientes para julgar sua produção e não sabem quando devem parar de gerar novas versões. Além disso, a reescrita requer mais tentativa, o que, geralmente, exige mais tempo que uma solução focalizada em um ponto; 2. a atividade de reescrita, muitas vezes, é frustrante. Escritores inexperientes quando ficam muito presos a uma parte específica do texto, têm dificuldade de perceber o contexto no qual a sentença ou o parágrafo estão inseridos, derivando daí grandes problemas; 3. escritores inexperientes, na tentativa de parafrasear, focalizam sua atenção no texto já escrito, o que limita suas alternativas para reescrevê-lo. E mais, têm dificuldade em decifrar se a nova construção se encaixa melhor no contexto do que a antiga.

Além do uso do procedimento de rascunhar e parafrasear na reescrita há quem prefira o de *apagar*. Os escritores que assim procedem, da mesma forma que os reescritores, mudam a estrutura superficial do texto para remover o problema. O proceder com apagamento não deixa de ter suas vantagens na modificação do texto, porém pode prejudicar a coerência textual quando a retirada corresponde a uma ideia básica para o texto, repercutindo na compreensão.

A outra estratégia, dentre as duas utilizadas, mais diretamente, para efeito de modificação do texto, conforme o modelo (figura 1), é a de *revisar*. O processo de revisão pode incidir sobre problema inerente a aspectos da microestrutura ou da macroestrutura e mesmo dos parâmetros do contexto situacional, tais como construções que indicam a atitude do escritor ou pressupõem o leitor e até mesmo o suporte onde aparecerá o texto.

Usando essa estratégia, os escritores, ao diagnosticarem o problema, selecionam um procedimento de reparação. Pelo que indicam os dados da pesquisa de Hayes e seus colaboradores (1987), o procedimento adotado nem sempre revela o problema detectado, mas apenas os aspectos sobre os quais o revisor detém maior facilidade de identificação no texto, principalmente em se tratando de escritores inexperientes. Convém, então, verificar se a falta de habilidade em lidar com aspectos da estrutura textual de modo amplo aparece como reflexo do procedimento de ensino.

O modelo do processamento da escrita de Hayes e Flower (HAYES; FLOWER, 1980) (FLOWER; HAYES, 1994), bem como o modelo específico de processamento da revisão de Hayes e seus colaboradores (1987), apresentam-se como uma possibilidade da representação cognitiva do uso efetivo de práticas textuais em seu processo de produção. Esses modelos, na medida em que dispensam atenção ao contexto da tarefa – âmbito do social –, para, a partir de então, levarem a efeito os mecanismos de processamento de um texto em linguagem escrita – natureza psicológica –, mostram sua compatibilidade com a proposta interacionista sociodiscursiva (ISD).

O ISD, base teórica de nossa pesquisa, considera, extensivamente ao contexto, as relações que um gênero textual trava com o mundo social e com a realidade. Sendo assim, comparável – mas impondo maior direcionamento – ao que é considerado nos modelos de escrita (HAYES; FLOWER, 1980) e de revisão (HAYES *et al*, 1987) sobre o contexto da tarefa, o ISD leva em conta: a) a interação social, tendo em vista o lugar social do agente, a finalidade da atividade e a relação entre parceiros da interação; b) o ato material da enunciação, visando os locutores (escritores e leitores), o momento e o lugar; c) e o conteúdo referencial disponível na memória dos interlocutores.

Da mesma forma que ocorre com os aspectos sociais, vamos observar nos aspectos cognitivos coincidências gerais nas propostas de Hayes e Flower em comparação com o que

propõe o ISD. Em ambos os casos, há a definição de estratégias a serem observadas no processamento do texto. No caso dos referidos pesquisadores americanos tem-se: a) no processo da escrita, geração e organização de ideias, tradução e revisão; b) no processo de revisão, definição da tarefa, avaliação e estratégias para modificação do texto. Já no ISD, a proposta de trabalho com os gêneros textuais, pertinente aos processos cognitivos, envolve operações de ancoragem textual, operações de planificação e operações de constituição de estratégias linguísticas e discursivas, conforme se pode ver, nesta tese, na abordagem do conteúdo teórico.

A vivência do processo de escrita (HAYES; FLOWER, 1980) e de revisão (HAYES *et al*, 1987) enquadra-se na vivência da proposta do ISD (BRONCKART, 1999) no âmbito da efetivação do funcionamento das operações psicológicas e dos comportamentos sociais que envolvem a produção do gênero textual.

Embora na proposta dos autores acima mencionados que tratam do processo de escrita/revisão, não seja sugerido o dinamismo que o ISD deixa transparecer sobre os aspectos sociais, nessas duas propostas teóricas a pertinência está em considerar tais aspectos em articulação com os processos cognitivos. Esse princípio vem justificar nossa opção teórico-metodológica, na efetivação de uma pesquisa que contempla o ensino/aprendizagem da língua com um caráter de uso efetivo, sintonizada com nossa pesquisa de mestrado cujo tema envolve o planejamento da escrita.

### **2.3 A teoria dos protótipos:**

#### **contribuição básica para se entender a composição de um texto**

Enfocaremos, aqui, apenas o indispensável para que seja compreendida a aplicabilidade da teoria dos protótipos ao processamento de um texto.

### 2.3.1 Abordagem preliminar

O estudo dos protótipos integra o estudo da atribuição de conceitos. Trata-se de uma empreitada no âmbito das teorias que enfocam as várias formas como os objetos, encontrados no meio em que vivemos, podem ser agrupados conceitualmente.

Foi Rosch (1973) quem introduziu a noção de protótipo do conceito, mas essa psicóloga e antropóloga americana introduziu também a noção de *conceito básico* (ROSCH, 1973, 1976; MERVIS E ROSCH, 1981), relacionado à estruturação taxonômica.

Na concepção prototípica, Rosch (1973) descobriu que em cada taxonomia há um nível básico. Para levar a efeito o nível básico, a pesquisadora introduziu mais outros dois conceitos que integram a teoria. Esses contribuem para demonstrar como as hierarquias de definição de atributos se articulam. São os conceitos de *subordinado* e de *supraordenado*.

Admitindo-se que se tenha o *conceito específico* “pardal” – emplumado, bípede, pequeno, marron, voador –, e o supraordenado “pássaro” – emplumado, bípede, voador –, o conceito subordinado pardal conterà todos os atributos do supraordenado mesmo que possa ter outros atributos – pequeno, marrom –, para distingui-lo de outros conceitos – “pato”, por exemplo, definido como emplumado, bípede, grande, branco, não voador. Isso quer dizer que um conceito específico tenderá a ter mais atributos com o seu imediato do que com o seu supraordenado mais distante. Por exemplo, pardal deverá ter mais atributos em comum com o seu supraordenado imediato, pássaro, do que com o seu supraordenado mais distante, ave.

Então, *pássaro* pode ser um conceito básico para o conceito supraordenado *ave*, enquanto *pardal* pode ser o conceito subordinado de *pássaro*. Sobre pardal recai o caráter de protótipo de pássaro, já que nem toda ave é pássaro, ou seja, nem toda ave dispõe de um pequeno porte físico.

Aplicando-se essa teoria ao campo dos textos, particularmente dos textos de sequência narrativa – foco predominante de nossa atenção na pesquisa –, tem-se que a estrutura fundamental dessa sequência se acha no nível básico de narrativas literárias, jornalísticas, do relato oral e da anedota cotidiana (ADAM, 1992)

Considera-se, por um lado, que o *conjunto de gêneros de estrutura narrativa* constitui um conceito supraordenado, definido pelos atributos comuns de todos os gêneros de estrutura narrativa, que apresentam, no mínimo, 1. situação inicial/orientação (espaço, tempo, agente), 2. complicação (relações de causalidade, marcadas por uma cronologia), e 3. moral implícita (conclusão sobre o fato narrado).

Compreende-se, por outro lado, a partir de Labov (1976) e de Adam (1992), que apenas as narrativas orais trazem em sua estrutura, necessariamente, 1. resumo inicial (síntese dos eventos), 2. situação inicial/orientação (espaço, tempo, agente), 3. avaliação das ações (interação do locutor com o interlocutor, na busca de aceitação do relato), 4. complicação (relações de causalidade, marcadas por uma cronologia), 5. resolução da complicação (se não efetivação, pelo menos, levantamento de possibilidades), 6. situação final (marcação do encerramento da interlocução) e 7. moral implícita (conclusão sobre o fato geral narrado), e, portanto, esse tipo de narrativa representa o conceito subordinado do “conjunto de gêneros narrativos”.

Por conseguinte, compreende-se que o subordinado gênero “relato oral do cotidiano” contém todos os atributos definidos para o supraordenado “gêneros narrativos”, embora abrangendo mais alguns para distingui-lo de outro conceito – por exemplo: “sequência dialogal”. Esta pode comportar atributos de narrativa, mas nem sempre isso é uma realidade, já que nem toda narrativa envolve diálogo e nem todo diálogo corresponde a uma narrativa. Daí se entender a contribuição de Labov (1976) para os trabalhos de Adam (1992) na definição do protótipo da narrativa, em função daquele pesquisador haver lidado com narrativas orais em suas investigações sobre estrutura da narrativa.

O caráter de prototipicidade, de modo geral, como também especificamente nos textos, pode ser testado através de outros parâmetros, além dos que aludimos.

Rosch, Simpson & Miller (1976, p. 491-492), ainda no âmbito de suas investigações, observaram a relação entre o grau de tipicidade e certos aspectos do processo cognitivo, chegando a algumas conclusões, entre elas, as seguintes: a) quanto mais típico for um item que compõe um conceito, *menos tempo* é levado para se constatar que ele faz parte de tal conceito; b) Itens típicos são reivindicados como sendo aqueles experimentados com *maior frequência* (geralmente os mais familiares) junto com o nome do conceito – o tempo reduzido

e a frequência da ocorrência, porém, não são os únicos responsáveis pelos efeitos da tipicidade. As *semelhanças de família* (Wittgenstein, 1996) entre os membros de um conceito, também entram em jogo, a exemplo de pardal como membro da família dos pássaros, e de relato do cotidiano como membro da família dos gêneros narrativos.

### 2.3.2 Considerações no âmbito da estrutura textual

Apesar de nem todos os conceitos apresentarem características de protótipo (EYSENK; KEANE, 1994, p.239), a teoria roschiana impõe validade e respeito. Para o trabalho com a língua em particular, a teoria dos protótipos tem sido de grande utilidade em várias áreas, incluindo-se a Gramática Funcional, a Linguística de Texto, entre outras. No que tange à Linguística de Texto, destaque-se a abordagem sobre as sequências textuais prototípicas, cujo enfoque tem adquirido credibilidade para a organização do conhecimento na memória, seja durante a leitura, seja no processamento da escrita (VAN DIJK, 1996).

A estrutura de cada sequência distingue-se pela composição de um conjunto de recursos cognitivos – as macroproposições – responsáveis, em parte, pela produção do texto (ADAM, 1992; 1999). Pensar em um texto norteando-se por um conjunto de macroproposições – no caso específico das sequências textuais prototípicas – corresponde ao que Miller (1956) concluiu sobre a retenção de informação na memória. Para ele, não é possível reter mais do que sete informações na memória imediata. Pela necessidade de se guardar um grande número de dados sobre um texto, recorremos ao que esse psicólogo estadunidense chama de *economia cognitiva*: ao se construir sentido para um texto, vão-se acumulando várias informações que se reorganizam, compondo-se sucessivos blocos, os quais, chegando a um certo limite para a retenção da informação, são recodificados. E, assim, vai-se repetindo o processo.

Seguindo tal procedimento, ao lembrarmos de uma certa notícia policial narrativa, por exemplo, poderemos recorrer aos seguintes conjuntos de informação: ao conflito abordado; ao contexto de ocorrência desse conflito; às resoluções buscadas para o conflito e à situação final do conflito. Isso significa dispor as informações do texto em blocos, pois se trata de um fenômeno de esquematização de informações na memória, ao qual Miller (1956)

se refere como *recodificação*. Acredita-se que o conhecimento sobre uma estrutura que aparece em bloco prototipicamente em um texto facilita, em muito, esse processamento.

Sem dúvida, lidar com uma sequência prototípica, conforme define Adam (1992; 1999) – narrativa, descritiva, explicativa, argumentativa e dialogal –, resulta em uma ou várias operações de linguagem que se manifestam como decisões sobre os modos de geração de conteúdos de um texto (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004).

Retomando a exemplificação da notícia policial narrativa, para tratar das informações em bloco – título, *lead* e corpo –, poderemos ilustrar, ainda mais, com o proceder da realização de resumo do gênero. Esse gênero traz em sua estrutura o *lead*, compondo o primeiro parágrafo, que, nesse tipo de notícia, vem resumindo o texto. Sabendo-se que o resumo representa a abordagem básica de um conteúdo mais amplo, a sequência textual exerce aí um papel crucial, pois lhe cabe, em grande parte, a definição da estrutura genérica. Em se tratando de um gênero com sequência narrativa, o básico a ser observado corresponde ao conflito. E este aspecto, por imposição do gênero, aparece necessariamente no *lead*.

Logicamente, se o usuário da língua detém informações fundamentais sobre a estrutura prototípica da narrativa – situação inicial, complicação, (re) ação/avaliação, resolução, situação final – e sabe que a *complicação* (conflito) é o elemento indispensável dessa sequência, uma vez que atende a uma exigência da prototipicidade da própria sequência e também do gênero, vai enfrentar com maior naturalidade o ato de resumir. No caso da notícia policial narrativa, o aspecto basilar (o conflito) forma um imbricamento da estrutura prototípica da sequência e do gênero, constituindo um todo discursivo.

Schneuwly; Dolz (2004, p.38), sobre as sequências prototípicas admitem ser:

construções necessárias para gerar uma maior heterogeneidade nos gêneros, para oferecer possibilidades de escolha, para garantir um domínio mais consciente dos gêneros, em especial daqueles que jogam com a heterogeneidade. Podemos, de fato, considerá-los como reguladores psíquicos poderosos, gerais, que são transversais em relação aos gêneros.

É no sentido de as sequências prototípicas incluírem-se na forma global do discurso e de, conseqüentemente, constituírem um meio de facilitar o gerenciamento e mesmo a retenção das informações do texto na memória que a teoria dos protótipos traz uma grande

contribuição para se entender o processamento da composição de um texto, especialmente de um gênero textual. Esse conhecimento, quando aplicado à nossa pesquisa em particular, auxiliará, de forma efetiva, na Análise dos Dados – capítulo 3 – sobre a estrutura prototípica da notícia policial narrativa, conforme abordagem sobre “A Notícia Policial Narrativa: o protótipo desse gênero e seus pormenores” – capítulo 1 desta tese.

## 2.4 As sequências textuais prototípicas

Analisando-se os trabalhos de Adam (1987, 1991, 1992, 1999), van Dijk (1992) e Bronckart (1999, 2006), destinados à investigação sobre a estrutura básica de texto, bem como as exaustivas pesquisas de Marcuschi (2000) e de Bonini (2002) referentes à apuração dos que têm se dedicado a tal empreitada, percebe-se que não são poucos os que trilharam esse caminho. Mas é a partir do que propõe Adam sobre sequência textual que, segundo Bonini (2002, p. 18), a discussão, no tocante a tipo de texto (denominação usada mais geralmente ao equivalente às sequências), se impõe, passando a “integrar os debates acadêmicos como um conceito mais ou menos estabilizado”.

Adam (1992) espelha-se a princípio em Bakhtin (1953)<sup>8</sup>, pois o reconhece como o linguista que exprime mais nitidamente a necessidade de classificação tipológica, situando seu propósito nas fronteiras da sociologia, da filologia, da linguística e da literatura.

Bakhtin (2000) considera que os tipos relativamente estáveis de enunciados de base – os gêneros do discurso primário (enunciados básicos do cotidiano) – estão disponíveis para infinitas combinações e transformações em gêneros secundários. A estrutura elementar da sequência narrativa, por exemplo, constitui a base da epopeia, da fábula, da maior parte dos romances... É a uma hipótese sobre estas unidades mínimas de composição textual, formas fundamentais da linguagem comum, que, ultrapassando a análise bakhtiniana no campo sociolinguístico dos gêneros discursivos em direção ao campo mais estritamente linguístico da textualidade, Adam dedica seus estudos, essencialmente.

---

<sup>8</sup> 1979 é a data de publicação da obra original: *Estetika slovesnogo tvortchestva*, em Moscou. A tradução no Brasil, a partir do Francês (1953) – versão citada por Adam –, veio em 1992 pela Editora Martins Fontes. Neste trabalho, adotamos a edição de 2000.

Mas o influxo para a noção de sequência adotada por Adam vai além de Bakhtin. A investida do pesquisador francês fundamenta-se em alguns teóricos que lhe forneceram, de uma forma ou de outra, cinco conceitos-chaves, redefinidos por ele para a adequação de sua proposta. Sejam os conceitos de gênero e de enunciado de Bakhtin (1953), de tipo de texto de Werlich (1976), de protótipo de Rosch (1978) e de superestrutura de Van Dijk (1978).

Adam (1992) recorre à ideia de estabilidade (projetada na obra de Bakhtin) propondo que os gêneros primários sejam vistos como tipos nucleares, menos heterogêneos, como responsáveis pela estruturação dos gêneros secundários. Entende os gêneros primários como sequências textuais (componentes textuais) compostas por proposições relativamente estáveis e maleáveis, que atravessam os gêneros secundários.

Vale considerar, no entanto, que sobre a noção de sequências textuais proposta por Adam, ele próprio não consegue deixar clara a ideia de aproximação entre estas e gênero primário (aquele que aparece mais no cotidiano) aludido por Bakhtin. Na verdade, essa sua concepção não é suficientemente sustentável, porque, na prática não é fácil encontrar a devida correspondência. Por exemplo, até poderemos dizer que a narrativa cotidiana diz respeito à sequência narrativa e que a conversa face a face faz jus à sequência dialogal, mas fazer corresponder outros gêneros do dia a dia a outras sequências, tais como descritiva, expositiva e mais, fica difícil assegurar.

Para o mestre francês, sendo a estabilidade das sequências admitida mediante raciocínio do que é prototípico, essas são concebidas como *pontos centrais* da categorização dos textos. Logo, para a ação com os textos, representam os constituintes básicos.

A noção de prototipicidade vai aparecer no trabalho de Adam como resultado de sua reflexão sobre o conceito de superestrutura adotado por Van Dijk (1978). A aplicabilidade desse termo tanto às formas textuais primárias quanto às secundárias o faz desistir de sua utilização por reconhecer diferentes modalidades de conhecimento que cada uma das referidas formas articula. Sendo assim, propõe a passagem de uma teoria das superestruturas para uma hipótese sobre a *estrutura sequencial dos textos*, particularmente sobre os *protótipos dos esquemas sequenciais de base* (Adam, 1992, p.14).

Como critério para a definição de sequência prototípica do texto, considera a organização sequencial do discurso, mais precisamente uma estrutura hierárquica e ordenada em pacotes de proposições, devidamente articuladas, formando uma estrutura autônoma. No sentido cognitivista, as sequências são modelos abstratos dos quais os usuários de texto dispõem. Nos textos, os protótipos se materializam em tipos linguísticos. Ressalte-se, porém, que as sequências prototípicas determinam a forma global do discurso. Não determinam o conteúdo.

Apesar de a denominação de “tipos de texto”, adotada por Werlich (1973, p. 30-34), constituir uma tipologia de alto alcance (narração, descrição, argumentação, exposição e instrução), Adam adota a concepção de sequência em vez de tipo, por entender que os textos não realizam tipos puros, mas sequências dominantes, na maioria dos casos. Contudo, sua categorização, como se pode ver mais adiante, absorve, em grande parte, o que Werlich (1973) observou.

Ao se referir às sequências prototípicas, entende que todo o processo de fixação do *tipo de texto* (nomenclatura usada por Werlich) é determinado social e discursivamente (práticas de linguagem) e conduzido cognitivamente por um princípio de tipicidade (raciocínio prototípico).

Em seus trabalhos iniciais, Adam (1987) considerou um maior número de sequências prototípicas, incluindo injuntiva e poética. Atualmente, apresenta apenas cinco: narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa e dialogal.

Adam abandonou a estrutura poética de sua categorização por entender que essa estrutura pode incorporar as várias sequências por ele referidas. Quanto à injunção, ele alega que, no caso dos textos programáticos ou instrucionais, particularmente as receitas de cozinha, comportam um plano da descrição, onde o nome da receita corresponde ao tema/título, a lista dos ingredientes lembra a aspectualização e a descrição das ações lembra o processo de condensação lexical.

As sequências prototípicas são unidades relativamente autônomas representadas por macroproposições, resultando na estruturação do texto como um produto constituído de diferentes sequências, devidamente integradas. Em função, por vezes, da heterogeneidade das

sequências que compõem um produto textual, Adam (1987, 1991) fala de sequência dominante ao referir-se àquela que representa a base do texto. Esse dado é de fundamental importância para não incorrerem no equívoco de afirmarmos que um texto, no seu todo, seja narrativo e descritivo ao mesmo tempo e vice-versa, por exemplo. O que pode ocorrer, na verdade, é que haja um texto narrativo com sequência descritiva inserida, ou o contrário.

Aliás, a própria estrutura da narrativa comporta várias sequências que aparecem em pontos bem estratégicos: na situação inicial, vamos encontrar a inserção da sequência descritiva; na situação final, pode haver a inserção de sequência explicativa ou argumentativa; na moral, normalmente insere-se a sequência argumentativa; e mesmo onde se evidencia a sequência narrativa, que ocorre entre a complicação e a resolução, podem estar inseridas as sequências dialogal (em possíveis interações verbais entre os sujeitos das ações narrativas) e argumentativa (nos momentos de avaliação das ações). A inserção de uma sequência em outra pode ocorrer em qualquer uma das sequências dominantes, daí a necessidade de se ter em mente o protótipo de cada uma delas.

#### 2.4.1 Pormenores de cada sequência

Apesar de nossa atenção voltar-se, essencialmente, para a sequência narrativa, consideramos também as demais sequências, a partir de Adam (1992) com complemento de Bronckart (1999) e nosso – narrativa, descritiva argumentativa, explicativa, dialogal e injuntiva. Isso porque, nos textos, sempre ocorre, em menor ou maior escala, alguma sequência de natureza diferente inserida em uma dominante, e é preciso conhecer como elas funcionam para melhor distingui-las.

Para Adam (2008, p. 274), a dominância de uma sequência é determinada “pelo maior número de sequências de um certo tipo que aparecem no texto” ou “pelo tipo de sequência matriz (que abre ou fecha o texto)”. Ilustrando esse procedimento, o autor apresenta, dentre outros gêneros, a *fábula*, que, apesar de enquadrar-se como narrativa, pode trazer, como inseridas, sequências dialogais ao longo de seu desenvolvimento e sequência argumentativa na máxima da moralidade.

Ressaltamos que os esquemas referentes às sequências e as devidas explicações, nos itens a seguir, correspondem ao protótipo da sequência dominante em um texto; sequências desse tipo, no entanto, podem aparecer inseridas com todos os seus detalhes ou em parte.

#### 2.4.1.1 Sequência narrativa

Adam (1992) apresenta as seguintes macroproposições que caracterizam a narrativa:

1. *Resumo* – a narrativa contada de forma muito breve, considerando, sobretudo, a complicação; 2. *situação inicial* – parte da narrativa que situa o leitor no que se refere a pessoa, lugar, tempo e situação comportamental. É facultativa a sua ocorrência; 3. *complicação* – o corpo da narrativa propriamente dito, onde se dá a trama. Trata-se da parte indispensável da narrativa; 4. *resolução* – segmento em que ocorre o desenlace dos acontecimentos; 5. *(re)ações* ou *avaliação* – cada momento em que o narrador procura motivar o destinatário (ouvinte ou leitor) a valorizar o que está contando; 6. *situação final* – a parte que marca o final da narrativa; 7. *moral* – constitui uma reflexão complementar ao todo do fato narrado. Pode vir explícita (no final do texto) ou implícita.



FIG. 1: ESQUEMA TÍPICO DA SEQUÊNCIA NARRATIVA (ADAM, 1992)

Para chegar ao esquema citado, Adam (1992) lançou mão de alguns critérios de Bremond (1973) na definição da narrativa, que para este correspondem a três constituintes de base: sujeito, tempo e predicados transformados.

A partir de então, o idealizador das seqüências estabeleceu seis constituintes narrativas: a) sucessão de acontecimentos, b) unidade temática, c) predicados transformados, d) processo, e) causalidade narrativa de uma colocação em intriga, f) avaliação final.

A *sucessão de acontecimentos* consiste na inserção de um evento que é sempre consequência de outro em uma cadeia temporal. Essa cadeia no tempo apresenta-se, sempre, dominada por uma tensão.

A *unidade temática* corresponde ao fato de que toda narrativa deve ter um caráter de unidade. Mas, para tanto, um sujeito ativo deve ser responsável pelo desencadeamento e a integração de todas as ações envolvidas, mesmo que haja mais de um agente ou personagem.

Os *predicados transformados* são frutos das ações dos sujeitos, que ao longo da narrativa vão tomando novos rumos e assimilando novas características.

Um *processo* narrativo envolve ações que devem ter um começo, um meio e um fim. Isso significa observar que na narrativa há, inicialmente, uma situação que se estabelece; a partir de então, ocorre uma transformação em intriga, constituindo a essência do texto, que segue em direção a um estado final.

A intriga obedece a uma lógica singular em que o encadeamento de *causas* e efeitos dará sustentação aos fatos.

A moral pressupõe uma *avaliação* global e final do fato narrado. No entanto, como assegura Adam (1992), é preciso que o escritor já configure conclusões, para que o leitor não fique desorientado. Afinal, a moral dá o desfecho dos constituintes da narrativa.

Efetivamente, as seqüências narrativas podem surgir com um número mais reduzido de momentos ou operações, desde que isso não afete a complicação. Para Adam (1992), é impossível descurar da colocação em intriga. Se esta não se faz presente, não há narrativa. Por outro lado, compondo uma estrutura mais completa, mas que não aparece em todo gênero, vem o *resumo*, antes da situação inicial. Este ocorre muito raramente na narrativa escrita e com frequência na oral. No esquema, deverá aparecer no lado oposto ao da moral, complementando a linha pontilhada.

### 2.4.1.2 Sequência descritiva

Adam (1987, 1992) comenta que na esquematização da sequência *descritiva*, o modelo hierárquico é bem diferente, mas tão estruturador e estruturado quanto o da narrativa. Sua intenção revelada é mostrar que o esquema determina a estrutura da menor microproposição descritiva.

Além de não cumprir uma ordem linear obrigatória, a descrição segue um arranjo hierárquico verticalizado. Em sua estrutura prototípica, comporta três blocos de macroproposições, que representam três processos básicos: ancoragem, aspectualização e relacionamento.

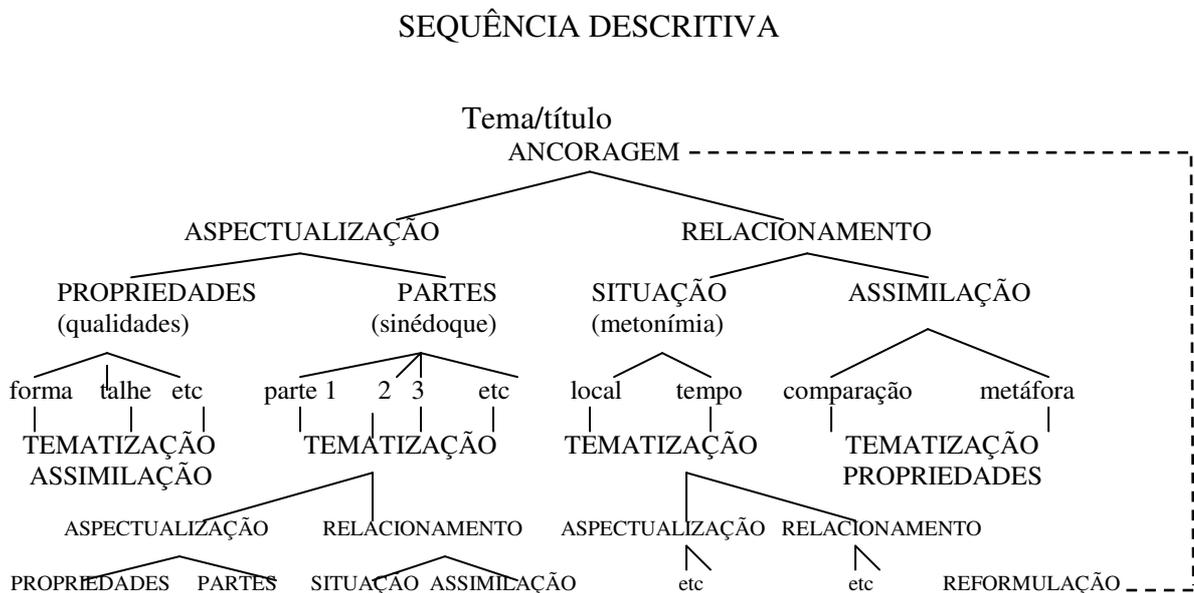


FIG. 2: ESQUEMA TÍPICO DA SEQUÊNCIA DESCRITIVA (ADAM, 1992)

O processo de ancoragem, em que o tema normalmente é evidenciado, manifesta-se através de um título ou de uma forma nominal no próprio texto.

O processo de aspectualização compreende os aspectos físicos que caracterizam o objeto descrito. Dois subprocessos aí são englobados: 1) propriedades (qualidades) e 2) partes (sinédoques).

O processo de relacionamento evidencia-se pela referência indireta ao objeto. Distribui-se também em dois subprocessos: 1) situação (local, tempo) e 2) assimilação (comparação, metáfora).

Para comentar o esquema, Adam (1987) afirma destacar:

Primeiramente, o caráter aberto (infinito teoricamente, mas limitado pra(gma)ticamente de sua expansão: os ETC notados várias vezes fazem parte aqui da estrutura. Acrescento em seguida que, assim como em uma sequência narrativa, (micro)proposições avaliativas podem aparecer em todos os pontos da sequência (modalizações, marcas de uma operação de consideração). Observo, enfim, que, pelos *hífens*, é destacado o caráter facultativo, e além disso, cumulativo com as outras proposições de SIT[UAÇÃO] e ASS[IMILAÇÃO].

Na prática, pode-se verificar que os processos não aparecem necessariamente dispostos na ordem em que devem ocorrer. E da mesma forma que acontece com a narrativa, o esquema pode ser observado de forma mais elementar: ancoragem (tema/título) e aspectualização (partes).

#### 2.4.1.3 Sequência argumentativa

Adam (1992) chama a atenção para o fato de que não se deve confundir a unidade composicional, designada por ele de sequência argumentativa, com a argumentação em geral, que é cabível em qualquer texto.

A sequência argumentativa apresenta três partes básicas que compõem três macroproposições: *dados*, ancoragem das *inferências* e *conclusão*. O esquema dessa sequência para as macro-proposições se apóia explicitamente em uma *tese* anterior no caso particular de uma refutação ocasionada por uma possível *restrição*.

### SEQUÊNCIA ARGUMENTATIVA

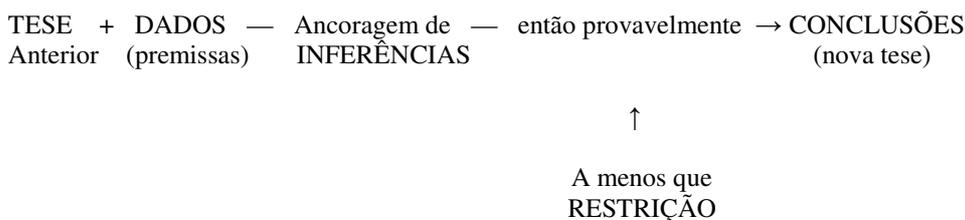


FIG. 3: ESQUEMA TÍPICO DA SEQUÊNCIA ARGUMENTATIVA (ADAM, 1992)

A tese anterior não aparece necessariamente no texto. Ela é a informação que será defendida ou contestada. Os dados, por sua vez, são as afirmações que concorrem para a conclusão. As inferências, como já se deve ter entendido, são informações implícitas.

O próprio esquema demonstra que pode ser encarado de forma mais simplificada, ao se considerar as três proposições indispensáveis: premissas (dados), inferências e conclusão.

Convém enfatizar que a argumentação se fundamenta nas formas de raciocínio dedutivo e indutivo. Pela dedução, procede-se do geral para o particular, o que ocasiona uma ordem progressiva: conclusão/dados. Pela indução, o procedimento é regressivo: dados/conclusão.

#### 2.4.1.4 Sequência explicativa

A princípio Adam (1987) fala de sequência expositivo/explicativa. Mais adiante, abandona essa categoria (1991, 1992) e passa a enfatizar a sequência explicativa. Ele não aceita que haja uma sequência expositiva, porque compreende que os casos adotados como exposição podem ser reinterpretados como sequência descritiva ou explicativa.

O esquema prototípico da sequência explicativa dispõe de uma parte preparatória para a explicação: *esquematização*, e apresenta três partes que compõem sua base: (1) *problema*, (2) *explicação* e (3) *conclusão/avaliação*.

### SEQUÊNCIA EXPLICATIVA

0.	macroproposição explicativa:	0. esquematização inicial
1. Por que X? (ou Como?)	macroproposição explicativa:	1. Problema (questão)
2. Porque	macroproposição explicativa:	2. Explicação(resposta)
3.	macroproposição explicativa:	3. Conclusão/avaliação

FIG. 4: ESQUEMA TÍPICO DA SEQUÊNCIA EXPLICATIVA (ADAM, 1992)

Uma parte 0 introduz um fenômeno não contestável, pois a sequência explicativa não visa a modificar uma crença, mas a externar uma convicção. A parte 1 procura levantar as

questões: “Por quê?” e “Como?”. A parte 2 introduz as informações capazes de responder às questões colocadas. A parte 3 reformula ou completa a explicação inicial.

Esse protótipo, apesar de simples, pode apresentar formas variadas. Isso porque, entre outras razões, a ideia mais geral, que pode aparecer na introdução, tem possibilidade de vir de forma diluída ao longo da sequência.

#### 2.4.1.5 Sequência dialogal

A sequência dialogal realiza-se nos segmentos de discurso interativo dialogado. Os segmentos correspondem a turnos de fala, resultantes da emissão de enunciados entre interlocutores. Para Adam (1992), há dois tipos de segmento no diálogo: fáticos e transacionais.

Os segmentos fáticos têm por finalidade abrir ou encerrar uma conversação: “Bom dia!” – exemplo do segmento de abertura – e “Até logo!” – exemplo do segmento de encerramento. Como se percebe, esses segmentos cumprem rituais.

Já os segmentos transacionais constituem o corpo da interação. Na transação, realizam-se diferentes atos de fala, que, na grande maioria dos casos, constituem-se pares adjacentes: pedido/concordância; pergunta/resposta; convite/aceitação etc. (ADAM, 1992). É a partir desses atos de fala que se estabelece o tema discursivo.

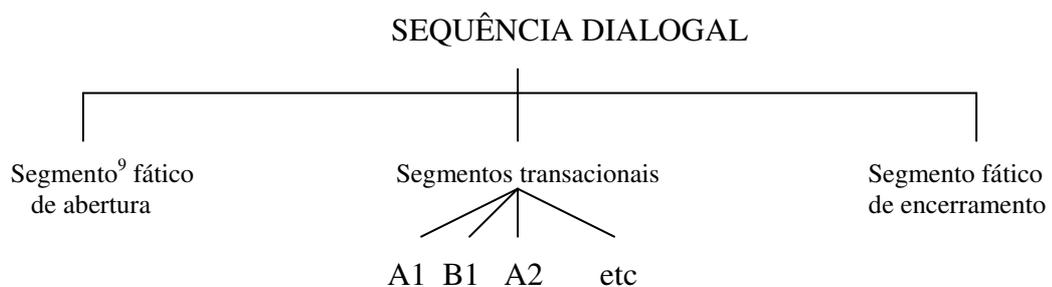


FIG. 5: ESQUEMA BÁSICO DA SEQUÊNCIA DIALOGAL (ADAPTADO A PARTIR DE ADAM, 1992).<sup>10</sup>

<sup>9</sup>Adaptação de Bonini (2002, p. 14) do esquema da sequência dialogal proposto por Adam (1992).

A sequência dialogal apresenta uma certa complexidade nos encaixamentos hierárquicos. Nem sempre os três segmentos básicos se concretizam. Além do mais, as trocas podem ocorrer ora de forma binária, ora ternária etc. E os pares adjacentes também variam de acordo com o propósito comunicativo. Daí por que optamos por apresentar uma forma mais simplificada, adaptada por Bonini (2005), mas de certa forma abrangente.

Apesar de algumas questões que se colocam em torno da proposta de Adam (BRONCKART, 1999; BONINI, 2002), a validade de seu trabalho é reconhecida. O próprio Bronckart (1999, p.218), que apresenta algumas críticas, admite que a teoria está “solidamente sustentada” e que a descrição técnica das sequências constitui uma referência “pouco contestável”.

#### 2.4.1.6 Sequência injuntiva

Consideramos a proposta de Adam (1992), no que concerne às sequências por ele apresentadas. Entretanto, gostaríamos de manifestar nossa adesão ao ponto de vista de Bronckart (1999, p. 236-237) no sentido de este conceber a existência da sequência injuntiva, negada por aquele ao entendê-la como uma manifestação da sequência descritiva. O pesquisador de Genebra sustenta:

Não resta dúvida que, diferentemente das descrições propriamente ditas, essas sequências são sustentadas por um **objetivo próprio** ou **autônomo**: o agente produtor visa a fazer agir o destinatário de um certo modo ou em uma determinada direção. Esse objetivo supra acrescentado exerce efeito sobre as próprias propriedades da sequência (presença de formas verbais imperativas ou no infinitivo; ausência de estruturação espacial ou hierárquica, etc.). Considerando esses elementos, admitimos, pois que se trata aqui de uma sequência específica, a que chamaremos de injuntiva.

Cabe-nos, no entanto, esclarecer que entendemos por sequência injuntiva, não apenas os textos instrucionais do tipo receita, como exemplifica Bronckart (1999, p. 236). De fato, devem fazer parte da classe de textos que se estruturam de acordo com a referida sequência todo e qualquer texto que imprima a um determinado locutor uma atitude de invocação. Nesse

---

<sup>10</sup> Concordando com Bronckart (1999, p. 231) sobre uma possível competição terminológica, achamos por bem denominar de *segmento* (no texto dialogal) cada uma das *partes do esquema da sequência*, que o próprio Adam (1992, p. 159-163) as denomina também de *sequência*.

rol de textos entram, além das regras de procedimento que não exigem sanção em sentido amplo, também as atitudes valorativas – sobretudo em alguns textos religiosos –; as prescrições – em textos normativos de caráter institucional –; e outras formas mais (TRAVAGLIA, 1996; MARCUSCH, 2002).

EXEMPLO 1 – texto religioso: oração

Pai Nosso que estás nos céus, santificado *seja* o Vosso nome; *venha* a nós o Vosso reino; *seja* feita a Vossa vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos *dai*, hoje, e *perdoai* as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido. E não nos *deixeis* cair em tentação, mas *livrai-nos* do mal. Amém.

Mt 6. 9 – 13

EXEMPLO 2 – texto normativo: normas de trânsito

ALGUNS CUIDADOS PARA DIRIGIR CORRETAMENTE E COM SEGURANÇA (...);

*Sinalize* suas intenções com antecedência;

*Procure* conhecer o veículo que vai dirigir;

*Buzine* de forma correta para não irritar os outros;

Não *aceite* desafios e provocações;

Não abuse da auto-confiança.

<http://www.detran.ce.gov.br/site/default.asp?id=39> -5.7.06

Como estrutura prototípica para a sequência injuntiva, propomos o esquema seguinte:

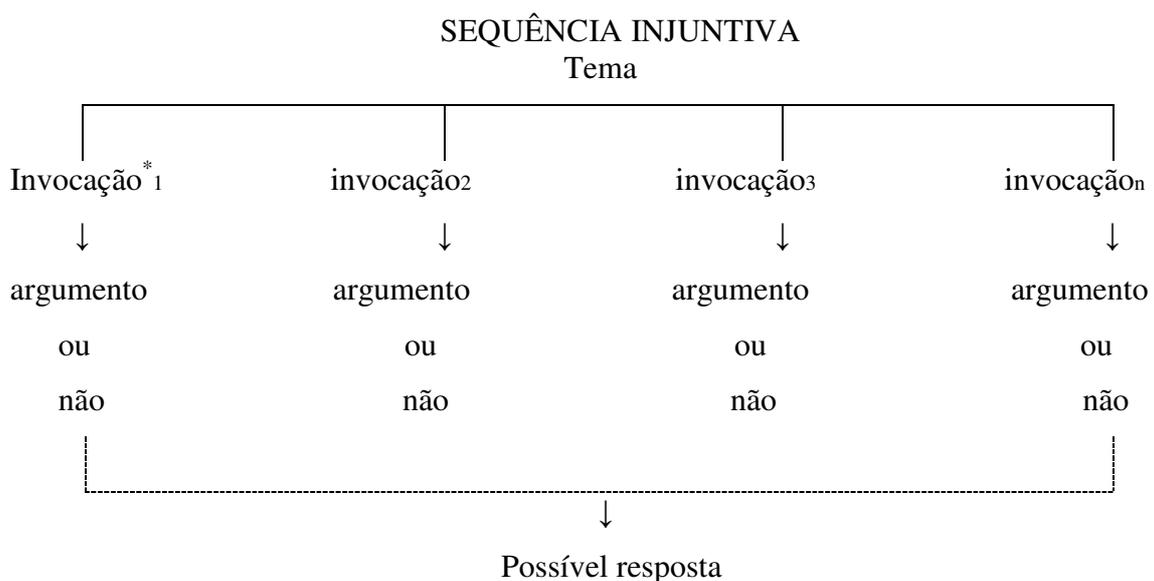


FIG. 6: ESQUEMA TÍPICO DA SEQUÊNCIA INJUNTIVA<sup>11</sup>

\* Em qualquer uma das invocações subentende-se a existência do vocativo, que pode vir explícito ou não.

Esse esquema pode ser simplificado através do modelo que adaptamos do esquema proposto para a sequência de instruções por Koch e Fávero (1987):

Tema: invocação<sub>1</sub> + invocação<sub>2</sub> + invocação<sub>3</sub> + ... invocação<sub>n</sub> = possível resposta.

No esquema mais amplo que propomos, as linhas pontilhadas indicam possibilidades que atingem os argumentos e a resposta, os quais podem ocorrer ou não.

Por exemplo:

- a) na oração – Invocação: 1. santificado *seja* o Vosso nome;  
 Argumento 1.  $\emptyset$   
 Invocação: 2. *venha* a nós o Vosso reino;  
 Argumento: 2.  $\emptyset$   
 Invocação: 3. *seja* feita a Vossa vontade,  
 Argumento: 3. assim na terra como no céu.  
 Invocação: 4. O pão nosso de cada dia nos *dai*,  
 Argumento: 4. hoje,  
 Invocação: 5. e *perdoai* as nossas ofensas,  
 Argumento: 5. assim como nós perdoamos a quem nos tem  
 ofendido.  
 Invocação: 6. E não nos *deixeis* cair em tentação,  
 Argumento: 6.  $\emptyset$   
 Invocação: 7. mas *livrai-nos* do mal.  
 Argumento: 7. Amém.  
 Resposta: espera-se obter paz, tranquilidade.  
 (dependendo da fé)
- b) nas normas de trânsito – Invocação 1: *Sinalize* suas intenções com  
 antecedência;  
 Argumento 1:  $\emptyset$   
 Invocação 2: *Procure* conhecer o veículo que vai  
 dirigir;

---

<sup>11</sup> Esquema produzido por nós no desenvolvimento desta tese.

Argumento 2:  $\emptyset$

Invocação 3: *Buzine* de forma correta

Argumento 3: para não irritar os outros;

Invocação 4: Não *aceite* desafios e provocações;

Argumento 4:  $\emptyset$

Invocação 5: Não abuse da auto-confiança.

Resposta: Cumprimento da lei ou não

(dependendo do bom senso)

Nos dois modelos, observa-se a sequência das invocações e a possibilidade de resposta, mas apenas no primeiro se tem condição de perceber a sequência de alguns detalhes passíveis de ocorrência ou não, sejam, os argumentos – Nessa proposta, adotamos o termo “argumento” no sentido de explicação, justificativa e mesmo como encerramento de uma fala, basicamente.

Sendo a organização do gênero de texto, geralmente, norteadas por sequência textual prototípica de base, torna-se imprescindível, por parte do usuário de qualquer língua, o conhecimento dessa estrutura, sob pena de perder de vista informações relevantes para a construção de sentido na leitura ou na produção. Daí a importância de se ater às várias sequências prototípicas, por que é preciso reconhecer as sequências na diversidade dos gêneros e as sequências que cada gênero requer em seu plano global.

#### 2.4.2 Plano do texto

Atribuir importância ao conhecimento sobre a prototipicidade das sequências é de grande valia, mas não significa limitar esse conhecimento apenas ao esquema gráfico que representa cada uma das referidas sequências. Mais do que isso, faz-se necessário observar o seu real funcionamento como recurso cognitivo utilizado em prática linguageira, seja na recepção ou na produção textuais.

Para Adam (2008, p 254), “o reconhecimento do texto como um todo passa pela percepção de um plano do texto com suas partes constituídas, ou não, por sequências

identificáveis”. Para o autor, os planos exercem um papel de fundamental importância na composição do sentido macroestrutural. Ele admite a existência de dois tipos de plano – plano convencional: definido pelas origens históricas de um gênero, e plano ocasional: inesperado ou deslocado em relação a um determinado gênero.

O mestre francês afirma que os planos de texto, juntamente com os gêneros, fazem parte do sistema de conhecimentos dos grupos sociais. Sendo assim, ele lista alguns gêneros que carregam *planos convencionais* – “verbete de dicionário”: entrada, definição e exemplo; em atos do teatro clássico, “dramas” e “tragédias”: cinco atos e “comédia”: três atos – e outros que podem trazer *planos ocasionais* – fábula poética: possibilidade de apresentar plano narrativo em forma de verso ou em prosa; texto didático: plano em sequências alternativas, conforme foco de atenção do conteúdo temático.

Adam (2008) mostra em um gênero epistolar – “carta” com pedido de Corneille a Colbert, em 1678 – as convenções que são estabelecidas nessa categoria de gênero e, dentro das convenções, aponta para o que pode ser ocasional, no que se refere às sequências prototípicas. Na carta, por Adam apresentada ou em qualquer outra, há os segmentos de abertura e de fechamento, que vão sempre aparecer com uma estrutura semelhante às dos textos dialogais/conversacionais. Já o corpo, que também compõe convencionalmente o gênero, pode vir expresso por qualquer sequência, dependendo de uma definição que se impõe ao texto. Nesse caso, tem-se um plano fixo, no âmbito do gênero, e um plano convencional, no que tange à sequência prototípica que compõe o corpo do gênero.

Esse processo de planificação da carta indica que, de fato, há planos específicos do gênero e há planos da sequência em função da genericidade, e respalda nossa opinião nesse sentido, conforme já enfocamos na abordagem do capítulo sobre o ISD.

É importante ainda observar que a planificação do texto, na perspectiva de Adam, envolve o uso de estruturas linguísticas que indicam as partes ou a sequência do plano. Observemos, como exemplo do mestre, o plano do poema de Baudelaire com o caráter de fábula:

**§1: frase periódica P1**

**Pn1: A velhinha encarquilhada FICOU TODA CONTENTE** vendo



a visão do autor está em consonância com as tendências mais atuais da linguística textual, que não mais aprisiona o texto dentro das fronteiras da materialidade fônica ou gráfica, nem mesmo no interior das mentes individuais.

## **2.5 O entendimento da sequência narrativa para além do protótipo: a influência de Weinrich**

Weinrich (1974), no campo da narrativa, não trata da sequência em si, mas aponta elementos formais, enfocando essencialmente os tempos do verbo e o que a eles está atrelado. Seguindo esse direcionamento, atenta para três características que fazem parte desse sistema temporal, dentro de uma macrossintaxe do texto: atitude de locução, perspectiva de locução e indicação de relevo (WEINRICH, 1974).

### 2.5.1 Os tempos verbais e a situação comunicativa

As três características do sistema temporal vistas por Weinrich (1974) são subordinadas entre si, sendo que a referência basilar é a classificação *mundo narrado* e *mundo comentado*, que envolve a *atitude de locução*. Em cada um desses mundos, podem-se encontrar diferentes perspectivas: retrospectiva, grau zero e prospectiva. A indicação de relevo – primeiro plano e segundo plano –, normalmente, articula-se com a perspectiva zero e ocorre visivelmente no mundo narrado. Como diz Weinrich (1974, p. 275-276), “não só a oração isolada, como também o texto inteiro, é um andaime de determinação cujas partes mantêm interdependência”.

Por atitude de locução, Weinrich (1974) compreende o tipo comunicacional da linguagem adotado por um locutor (falante ou escritor). Para ele, há dois tipos de atitude de locução: comentário e narração. São textos em que prevalece o comentário: a conversação, o ensaio literário, a exposição científica, os artigos de opinião e outros mais que exigem uma atitude relaxada, seja, de comprometimento com a mensagem, na produção ou na recepção. Constituem textos com sequências predominantemente do mundo narrado: a novela, o romance, a lenda, a anedota, a notícia policial, as histórias do cotidiano e qualquer texto que

exija do interlocutor uma atitude contraída. Adotar essa atitude significa não proceder a nenhuma reação face ao que está sendo dito.

Com o fim de indicar a atitude comunicativa, cada língua possui tempos verbais próprios. Por exemplo: a) em francês: no comentário, utilizam-se o *passé composé*, *présent* e *futur* e, na narração, o *passé antérieur*, *plus-que-parfait*, *imparfait*, *passé simple* e *conditionnel*; b) em português: no comentário, fazem-se uso do pretérito perfeito, presente e futuro do presente e, na narração, do pretérito mais que perfeito, pretérito perfeito, pretérito imperfeito e futuro do pretérito.

Na atitude de comentar, o que prevalece é o que as gramáticas chamam de tempo presente. Na atitude de narrar, o que vai predominar é o tempo pretérito. Esse tempo, porém, pode ser utilizado em atitude de não narração (cf. perspectiva de locução no comentário). E, ainda, no dizer de Weinrich (1974, p. 104), “inversamente, podemos narrar o que não seja passado”. Tem-se narrativas no presente, por exemplo, na transmissão de jogo de futebol, corrida automobilística, vaquejada e outras competições esportivas.

O uso do pretérito se dá no texto em atitude de narração, não simplesmente porque apresenta fatos no passado, mas sobretudo porque conduz os interlocutores para uma atitude de contração. Nesse sentido, o leitor (ou o ouvinte) não precisa estar implicado na discussão do conteúdo, como o fará necessariamente quando se tratar do mundo comentado.

Mas o que se constitui sinal indicativo de que se trata de uma atitude ou de outra? De acordo com Weinrich (1974), é preciso considerar a inserção do texto em uma situação de comunicação, o que permitirá observar, por exemplo, que os morfemas de tempo e de pessoa (bem como os advérbios) estão ligados à relação de interlocução. Esses apresentam indícios que revelam ao interlocutor a ideia de que se trata de comentário ou de narração, uma atitude de envolvimento ou de passividade, respectivamente.

Por esse prisma, não é o passado como tal que é expresso pelo tempo verbal, mas a atitude comunicativa que essa forma do verbo imprime, se de contração ou de relaxamento, no contexto em que ocorre.

Apesar da possibilidade de a forma do pretérito aparecer tanto em contexto do mundo narrado como do mundo comentado, um mesmo tempo verbal não pertencerá simultaneamente a atitudes de locução distintas (WEINRICH, 1974), todavia essas podem imbricar-se em um mesmo texto. Assim, pelo que diz Weinrich (1974), os morfemas temporais, ao indicarem comentário e narração, possibilitam que o locutor influencie o ouvinte/leitor, ajustando a recepção que pretende para seu texto.

Convém enfatizar que esse pesquisador, ao falar de narração, refere-se especificamente a uma atitude de locução, distinguindo-a do tipo de texto denominado narrativo. O texto narrativo, por sua vez, compreende atitude de narração (predominantemente) e de comentário.

A perspectiva de locução diz respeito ao eixo no tempo em que se coloca o locutor para, a partir de então, ordenar temporalmente os fatos. Sendo desse modo, tem-se, tanto no grupo do comentário como no da narração, os tempos zero (sem perspectiva), retrospectivo (volta ao passado) e prospectivo (antecipação do futuro). Esses tempos exercem a função de expressar a relação entre o tempo do texto e o tempo da ação, bem como de situar o locutor e o interlocutor em um eixo cronológico. Ressalta-se, no entanto, que são os tempos zero os que mais se utilizam. Para o mesmo pesquisador, isso demonstra, na prática de nosso discurso, a falta de interesse por uma orientação (a partir dos tempos verbais) baseada em perspectiva.

Então, os tempos menos usados têm a ver ou não com o Tempo? Segundo Weinrich<sup>12</sup>,

Não creio que os tempos na perspectiva comunicativa sejam formas mais temporais (de Tempo) que em suas outras características. Ao dizer que os tempos da linguagem nada têm a ver com o tempo, isso não quer significar que os tempos neguem o fenômeno extralinguístico do Tempo, e inclusive o próprio discurso é um desses processos. Esse tempo físico, mensurável, já está pressuposto na linguagem ao mesmo tempo que o mundo real. É coisa que não tem nada de particular; afinal a palavra “hora” também pressupõe tempo. Da mesma maneira, também as perspectivas de retrospectão e prospecção, em alguns tempos, pressupõem tempo (WEINRICH, 1974, p. 99).

De modo idêntico ao que ocorre com as outras características, as formas verbais indicando retrospectão e prospecção também sinalizam para uma atitude comunicativa

---

<sup>12</sup> Esta tradução e as demais que aparecem neste trabalho são de nossa inteira responsabilidade

adotada pelo falante: “A retrospectação e a prospecção são no mundo comentado manifestações de compromisso; a retrospectação e a prospecção são no mundo narrado manifestações de liberdade” (WEINRICH, 1974, p .100).

A indicação de relevo, por outro lado, consiste na função dos tempos verbais de dar destaque e distinção a certas partes de um texto, dispondo alguns conteúdos em primeiro plano e outros em segundo plano.

O primeiro plano vem expresso pelo tempo verbal que conduz o fio da narrativa, representando os eventos que se sucedem em uma ordem cronológica. Já o segundo plano – ou pano de fundo – é indicado pelo tempo verbal que representa eventos co-ocorrentes ou simplesmente representa enunciados explicativos ou descritivos a respeito do que é abordado pelo primeiro plano.

A esses dois planos associa-se a noção de velocidade, em função do ritmo que se estabelece na abordagem dos fatos. Esses, ao serem representados, em língua portuguesa, pelo pretérito perfeito – primeiro plano –, adquirem uma certa rapidez. Se representados pelo pretérito imperfeito – segundo plano –, apresentam lentidão (WEINRICH, 1974).

### 2.5.2 As transições temporais no texto

Apesar de a narrativa, em seu transcurso, vir representada eminentemente pelo tempo verbal no pretérito perfeito como primeiro plano e pretérito imperfeito como pano de fundo, outras formas verbais podem transitar na construção do texto, compondo tal seqüência ou inserindo-lhe alguma seqüência.

Para Weinrich (1974), as transições temporais, que representam a passagem de um tempo verbal a outro, articulam-se, entre si, através das noções de atitude de locução, perspectiva de locução e indicação de relevo. Nessas três dimensões do sistema temporal da situação comunicativa podem aparecer transições homogêneas ou heterogêneas.

As transições homogêneas ocorrem no interior de uma das referidas dimensões – exemplo, a) *na atitude de locução*: mundo narrado ↔ mundo narrado, mundo comentado ↔ mundo comentado; b) *na perspectiva de locução*: grau zero ↔ grau zero, informação antecipada ↔ informação antecipada, informação passada ↔ informação passada; c) *na indicação de relevo*: pano de fundo ↔ pano de fundo, primeiro plano ↔ primeiro plano.

As transições heterogêneas se dão na passagem de uma dimensão a outra – exemplo, a) *na atitude de locução*: mundo narrado ↔ mundo comentado, mundo comentado ↔ mundo narrado; b) *na perspectiva de locução*: grau zero ↔ retrospecto, retrospecto ↔ grau zero, retrospecto ↔ prospecto; c) *na indicação de relevo*: pano de fundo ↔ primeiro plano, primeiro plano ↔ pano de fundo.

Bastos (2001), estudando a relação de coerência e coesão em narrativas escolares, observou que a noção de transição vai além da proposta de Weinrich (1974). A pesquisadora brasileira chegou à conclusão de que as transições verbais podem ser constatadas, também, associando-se um determinado tempo verbal a um determinado momento da narrativa: no resumo, na situação inicial, na complicação, na (re)ação/avaliação, na resolução, na situação final e mesmo na moral.

Em nossa pesquisa, ao observarmos o movimento dos tempos verbais em cada parte da narrativa, pautamo-nos na noção de transição, tomando como base a proposta de Weinrich (1974), mas complementando com a proposta de Bastos (2001).

## **2.6 A notícia policial narrativa:**

### **o protótipo desse gênero e seus pormenores**

A notícia policial narrativa, tal como pode ser vista pela perspectiva da teoria dos protótipos, enquadra-se no patamar das notícias que são distinguidas em função de sua estrutura composicional, a partir do que enuncia.

### 2.6.1 Preliminares em torno da notícia

O texto da notícia não apresentou sempre a autonomia nem a estrutura que hoje ostenta. Na Idade Média, por exemplo, as informações noticiosas circulavam como parte integrante de decretos, proclamações, exortações e sermões de igreja. Como gênero em si, passou por algumas transformações que podem ser situadas na história jornalística, e aqui sintetizamos: de 1808 a 1827 – toda matéria era constituída de comentários, opiniões, observações pessoais e enaltecimento de princípios morais; de 1827 a 1889 – prevaleciam os textos que narravam os fatos obedecendo a cronologia dos acontecimentos, com redução de opiniões e relevância da informação; de 1889 a 1930 – a notícia passou a ser adotada com o caráter essencialmente informativo, revestindo-se de um caráter de impessoalidade e imparcialidade; de 1930 a 1969 – a estrutura do texto sofre uma transformação com a utilização do *lead* como parte introdutória do gênero notícia (MEDINA, 1988; LUSTOSA, 1996; LAGE, 2000).

Hoje, a notícia aparece com uma estrutura bem definida, marcada basicamente por título/manchete, *lead* e corpo. Medina (1988, p. 118) indica que o título representa historicamente o primeiro apelo verbal a ser explorado, conscientemente, desdobrado da mensagem. Seu papel essencial é o de anunciar o fato, resumindo ou insinuando o conteúdo da notícia<sup>13</sup>.

O *lead* constitui o segundo apelo verbal do referido gênero. Sua origem situa-se no uso da língua oral, aproximando-se de uma conversação, para tornar a comunicação eficaz (LAGE, 2006). Foi instituído pelos norte-americanos, que de início o designaram em forma de resumo (MEDINA, 1988). Dada a sua significação, ocasionou o desdobramento do título em subtítulo ou supratítulo (ou linha fina), elementos que podem ser adotados em algumas notícias, conforme conveniências. Estes devem ter a função de ampliar as informações transmitidas pelo título de tal forma que não coincidam com o *lead*. O leitor precisa estar bem atento, para não confundir o subtítulo com o *lead*, lembrando-se de que este aparece sempre no primeiro parágrafo e que, em termos de extensão, normalmente é maior do que aquele, ocupando um espaço de três a cinco linhas (LAGE, 2000).

---

<sup>13</sup> Sobre tipos de título, convém consultar Palácio, 2001.

Mesmo mantendo-se a estrutura básica, em notícias com mais de três parágrafos podem aparecer intertítulos (ou entretítulos), quando se mudar de assunto dentro do texto. E, ainda, no Brasil, particularmente, costuma-se redigir um segundo parágrafo da notícia como que complementando as informações do *lead*, quer este esteja resumindo ou não, constituindo, assim, um *sublead*. (LAGE, 2005).

A estrutura da notícia, aparentemente simples do ponto de vista gráfico (ou formulaico), guarda em seu teor uma certa complexidade, que exige de quem a produz não só aptidão, mas também um conhecimento em termos de composição interna, conforme se pode ver nos itens a seguir.

#### 2.6.2 O *lead* na notícia policial narrativa

O *lead* resumo hoje já não reina como forma única de introdução de um fato noticioso. No entanto, sua utilização como abertura de notícia policial narrativa é uma realidade, haja vista o fato de que, nesse tipo de notícia, o episódio, que constitui um aspecto resumidor do ato de narrar, tende a aparecer logo no início como apelo ao leitor.

Van Dijk (1996), que se dedicou ao estudo da estrutura da notícia, chama a atenção para a importância do *lead* como sinal (tanto quanto a manchete) para se fazerem previsões eficazes sobre a informação mais importante do texto e o reconhece como parte de um esquema que organiza o conteúdo global da notícia. Ao tratar da forma globalizante de organização de tal texto, o referido pesquisador usa o termo *superestrutura* ou *esquema*, referindo-se à organização de conhecimento na memória. Ele considera, com base em Rumelhart (1975), que estruturas podem se estender também à organização de tipos de ação ou de discursos específicos como narrativas (VAN DIJK, 1996, p. 144). E reforça: “Na linha das descobertas em psicologia sobre narrativas, por exemplo, entendemos que tais esquemas textuais facilitam a compreensão, armazenamento e recuperação na memória”.

Nesse ponto, situamos a abordagem de Adam (1992) sobre o esquema prototípico do texto a ser observado, quando se estiver resumindo. No entanto, para ser admitido esse proceder, é indispensável o conhecimento da estrutura no tocante a cada sequência. Esse pesquisador (ADAM, 1992, 1996, 1999) considera que o texto que apresenta,

predominantemente, a sequência narrativa inclui, de modo geral, em sua organização: resumo (com restrição), situação inicial/orientação, complicação, (re)ação/avaliação, resolução, situação final e moral (explícita ou implícita).

Reportando-nos ao esquema basilar da notícia policial narrativa, encontramos na introdução desse gênero – no *lead* – pontos de encontro entre elementos característicos do gênero em particular e da sequência, que contribuem naturalmente para a construção da parte introdutória do texto com o *status* de resumo. Ora, lembrando que o *lead* exerce uma função apelativa, para atrair o interesse do leitor pela matéria, podemos afirmar que, por sua vez, essa matéria deve representar o que há de essencial do fato abordado. E o que seria, em uma notícia policial narrativa, o essencial, ou seja, a parte mais atraente? Por mais esdrúxulo que pareça, o que atrai nesse gênero é o que é trágico em si. Mesmo quando a atitude do leitor é de aversão ao fato, revela a imposição dessa realidade do gênero. Por outro lado, a sequência textual da notícia policial narrativa adota o conflito como o único elemento que lhe é indispensável. E o conflito nada mais é do que o trágico, o que nos faz entender exatamente por que a notícia policial narrativa é constituída pela aludida sequência.

Eis uma notícia que nos permite constatar as referidas particularidades:

#### Colisão mata sete em Juazeiro



*Sete pessoas, entre elas um bebê de cinco meses, morreram em um acidente ocorrido ontem, em Juazeiro do Norte*

Um caminhão F-4.000 de cor cinza e placa-HVF-1167, licença de Juazeiro do Norte, pertencente à Empresa Rocha, que presta serviço ao Departamento de Limpeza da Prefeitura de Juazeiro do Norte (distante 528 quilômetros de Fortaleza), perdeu o freio na descida da estrada velha da serra do Horto. Ele bateu de frente contra um ônibus, placa KIG-4266, de Moreilândia, que faz a linha de Juazeiro para o Horto, local onde há a estátua do Padre Cícero.

Em consequência do desastre, morreram sete pessoas e mais outras 12 ficaram gravemente feridas, estando internadas em três hospitais da região. Entre os mortos, havia uma criança de apenas cinco meses. O acidente aconteceu por volta das 9 horas. Depois de colidir contra o coletivo, o F-4.000 capotou e ficou atravessado na rua, interrompendo a passagem de outros veículos.

#### **Vítimas**

Até o início da tarde de ontem, a Polícia só havia conseguido identificar quatro dos sete mortos: Ivanilde Cândido da Silva, 26 anos; o pequeno Henrique Júnior Bezerra, de apenas cinco meses; Veridiana Barreto de Souza, 33, e José Gomes de Melo Filho, 32.

O acesso ao Horto, que é um dos locais mais visitados pelos romeiros, é feito por duas estradas: uma asfaltada e a outra de pedra tosca. Além de íngreme e bastante estreito, o segundo acesso é cercado de casas. É também a estrada da penitência dos romeiros que sobem a pé, até a estátua do Padre Cícero, para o pagamento de suas promessas ao padroeiro.

Ao longo do percurso, foram construídas as estações da Via Sacra, que na Semana Santa recebem milhares de católicos. Felizmente, no momento em que houve o acidente, não estava havendo nenhuma romaria, pois dessa maneira o número de vítimas, principalmente fatais, poderia ter sido consideravelmente maior.

Nesta notícia, observa-se que, além do destaque dado ao acontecimento, através do título e da legenda referente à foto, logo no primeiro parágrafo é apresentado todo o *contexto* que envolveu o acidente – “(...) na descida da estrada velha da serra do Horto (...) local onde há estátua do Padre Cícero” – e o *fato* que causou o acidente aludido – “Um caminhão (...) perdeu o freio (...) Ele bateu na frente contra um ônibus (...)”.

Conforme a estrutura prototípica da narrativa, é possível situar facilmente, aí, a *orientação/contexto* situacional (onde, com quem) e a *complicação/tragédia* – (o que, como, porque), marcada pelo que ocasionou e pelos efeitos causados. Isso aparece logo no *lead*, quer dizer, no primeiro parágrafo, porque o trágico constitui um apelo ao leitor. Sendo a narrativa marcada fundamentalmente por um elemento complicador, esse é o único que não pode ficar omissos em sua estrutura e justifica a razão pela qual a notícia policial o dispõe em destaque logo no início.

Vale dizer que não basta tratar-se de notícia policial para assegurar a esse gênero a inclusão da sequência narrativa, isto é, a presença da sequência narrativa não constitui uma condição *sine qua non* para que se tenha uma notícia policial. A notícia a seguir ilustra bem essa realidade.

**Polícia investiga morte de produtora americana em SC**

A Polícia Civil de Florianópolis manteve nesta terça-feira (14) diligências para tentar levantar pistas e descobrir os responsáveis pelo assassinato da produtora cultural norte-americana Deborah Gaylord Gentil, encontrada morta na última segunda (13) entre tubos de concreto no Sertão do Ribeirão da Ilha, no sul da capital catarinense. A equipe do delegado de polícia Ênio Matos localizou o carro alugado pela vítima, abandonado na Lagoa do Peri, a cerca de cinco quilômetros do local onde estava o corpo de Deborah. O achado reforça a tese de latrocínio - roubo seguido de morte.

No carro foram encontradas marcas de sangue. A polícia acredita que a produtora foi morta em outro lugar e levada para o Sertão do Ribeirão da Ilha, local de pouco movimento. Segundo as investigações, Deborah teria almoçado com um grupo de amigos na Praia dos Açores e depois retornado sozinha para a Praia do Campeche, onde estava hospedada desde quinta-feira da semana passada, para continuar um trabalho de pesquisa para um livro sobre a cultura local. O corpo da produtora foi liberado nesta terça pelo Instituto Médico Legal (IML) e encaminhado para São Paulo, onde a vítima residia há 20 anos.

(DIÁRIO DO NORDESTE-15/04/2009)

Esta notícia, apesar de policial, não se constitui de uma narrativa. Como se trata da apuração em torno de um fato trágico, o foco de atenção incide sobre a tal apuração. Nesse caso, os fatos não estão apresentados em ordem cronológica nem se estabelece entre estes relações de causalidade, conforme seria, se se tratasse de narrativa. Muito pelo contrário, os

fatos aparecem mais com o caráter de exposição ou explicação. De acordo com o esquema da sequência explicativa de Adam (1992), tem-se:

-0. *Esquematização inicial*: A Polícia Civil de Florianópolis, nesta terça-feira (14), manteve diligências.

-1. *Problema/Questão*: Tentativa de levantar pistas e descobrir os responsáveis pelo assassinato da produtora cultural norte-americana Deborah Gaylord Gentil, encontrada morta na última segunda (13) entre tubos de concreto no Sertão do Ribeirão da Ilha, no sul da capital catarinense.

-2. *Resposta*: A equipe do delegado de polícia Ênio Matos localizou o carro alugado pela vítima, abandonado na Lagoa do Peri, a cerca de cinco quilômetros do local onde estava o corpo de Deborah.

No carro foram encontradas marcas de sangue.

Segundo as investigações, Deborah teria almoçado com um grupo de amigos na Praia dos Açores e depois retornado sozinha para a Praia do Campeche, onde estava hospedada desde quinta-feira da semana passada, para continuar um trabalho de pesquisa para um livro sobre a cultura local.

-3. *Conclusão/avaliação*: O achado reforça a tese de latrocínio – roubo seguido de morte.

A polícia acredita que a produtora foi morta em outro lugar e levada para o Sertão do Ribeirão da Ilha, local de pouco movimento.

O corpo da produtora foi liberado nesta terça pelo Instituto Médico Legal (IML) e encaminhado para São Paulo, onde a vítima residia há 20 anos.

Note-se que a abordagem do texto corresponde à abordagem da resolução de um fato narrativo, mas não representa a sequência narrativa em si – mas, sim, a explicativa –, o que significa dizer que nem toda notícia policial corresponde a uma narrativa, daí por que em nossa pesquisa enfatizamos esse aspecto.

Outra atenção que nos compete dispensar, em torno da notícia policial, diz respeito ao *lead*. Quando se trata de narrativa, este propensamente representa o resumo da referida notícia, porque traz o conflito logo no primeiro parágrafo, fazendo jus ao tipo de notícia.

Quando a notícia policial não é narrativa, há variação quanto ao *lead*, já que o problema apresentado vem desenvolvido através de outra estrutura sequencial (sequência explicativa), que concede liberdade para a sua distribuição no texto. Assim, o problema poderá vir resumido no primeiro parágrafo ou diluído pelos demais parágrafos.

Na notícia acima temos constituindo o problema o seguinte *tópico*: assassinato da produtora cultural ...”, mas só isso não basta para anunciar o sentido do texto. É preciso apontar genericamente *o que se diz sobre esse tópico*: “tentativa de levantar pistas e descobrir os responsáveis”. É sobre isso que o texto discorre.

Como, no primeiro parágrafo da notícia acima, essas informações básicas para o desenvolvimento do texto já aparecem, então tem-se uma notícia policial não narrativa apresentando resumo em seu *lead*. Isso, porém, não pode ser visto como uma generalização. Diferentemente do que ocorre na notícia policial narrativa, a que não traz essa sequência pode exibir o *lead*, naturalmente, sem constituir-se resumo – é importante lembrar que consideramos notícia policial aquela que está no âmbito de atuação da polícia, que normalmente aparece em qualquer suporte de texto como tal. Vejamos a notícia policial a seguir:

**Em vistoria à Delegacia, Jacini anuncia concurso para 2008**

O secretário de Estado de Justiça e Segurança Pública, Wantuir Jacini vistoriou, há pouco, o prédio onde funciona a Delegacia de Polícia Civil de Corumbá. Atualmente, a Regional conta com 57 agentes - em Corumbá e Ladário - e o ideal seria pelo menos o dobro do efetivo. O principal problema é a reforma do prédio e construção do muro derrubado por uma enxurrada, há cerca de três anos, deixando o local exposto a alagamentos quando há grande intensidade de chuva.

Jacini disse que foi informado que o terreno ao lado da Delegacia pertence ao Estado e, ao se confirmar o dado, irá solicitar o fechamento da área e sua incorporação à Delegacia corumbaense. A reconstrução do muro será "prioridade" juntamente com a instalação de uma rede única de informática para os trabalhos da Polícia Civil. As obras para o muro dependem de levantamento de custos a serem apontados em uma perícia técnica, para posterior viabilização de recursos. A reforma do prédio seguirá o mesmo critério, de estimar gastos e viabilizar verba.

Aumento de efetivo e viatura são processos mais demorados. Ele antecipou que para o próximo ano deverão ser realizados concursos públicos para os quadros da Polícia Civil; Polícia Militar e Agepen. Com relação às viaturas, há inicialmente, a necessidade de "recuperar as existentes", para, em 2008, iniciar processo de aquisição.

O secretário disse que através de um programa do Ministério da Justiça, Mato Grosso do Sul conseguiu neste ano, seis novas viaturas para transporte de presos - com capacidade para 18 a 20 internos cada - faltando apenas a documentação para incorporação à frota do Estado. Sobre melhor estrutura para a Delegacia da Mulher e a implantação do 2º Distrito Policial, o secretário disse que, neste início de Governo, não há possibilidade de atender à essas reivindicações.

 Notícias (RSS) - 12 de Março de 2007/www.google.com.br

No *lead* desta notícia, aparece como problema/questão: “vistoria à delegacia”. Mas, conforme foi afirmado para o texto anterior, em se tratando de estrutura explicativa, a apresentação de uma generalização para se discorrer o texto não basta. É preciso apresentar os

detalhes, quer dizer, as respostas à referida questão: “Secretário de Estado de Justiça e Segurança Pública procura detectar problemas de edificação, de efetivo e de outras naturezas, bem como trata de algumas providências”

Em oposição ao que ocorre com a notícia anterior, nesta última o primeiro parágrafo não resume o conteúdo desenvolvido ao longo dos demais parágrafos – o que colocamos como resposta à “questão” foi encontrado de forma diluída no texto. No primeiro parágrafo, aparece a referência ao tópico: “vistoria à delegacia” (questão) e, em seguida, fica subentendido o problema do efetivo (Atualmente, a Regional conta com 57 agentes – em Corumbá e Ladário – e o ideal seria pelo menos o dobro do efetivo). E a reforma do prédio é apontada como principal problema.

Nos parágrafos que vêm em seguida, porém, surgem outros problemas e são trazidas à tona algumas providências tomadas ou a serem tomadas – que não estavam presentes no primeiro parágrafo. Esse procedimento adotado no desenvolvimento do texto mostra que esta notícia policial não narrativa não traz o *lead* em forma de resumo baseado na seqüência prototípica explicativa – reforçando o que foi dito: nessa seqüência, o que orienta a abordagem do conteúdo são os detalhes que compõem a resposta da questão levantada.

Diante de nossa análise, fica difícil refutar a ideia de que o *lead* da notícia policial narrativa impõe a forma de resumo, já que, mesmo globalmente, o enfoque do conflito, por natureza, sintetiza o fato narrado.

Relacionando a estrutura do gênero notícia policial narrativa com a estrutura da seqüência textual da qual é composto esse gênero, estamos instituindo a devida coerência entre um princípio que admitimos ser da maior importância para a produção do resumo: a manutenção das características essenciais do texto original, para efeito de definição do conteúdo (Biasi-Rodrigues, 1998). Por isso, compactuamos com van Dijk (1996, p. 152), quando da sua alegação:

Tanto a estrutura temática quanto o esquema da notícia ajudam o leitor a organizar informação na memória, que é uma condição primária para a (melhor) recordação e o uso dessa informação.

Esse posicionamento, sem dúvida, patenteia a ideia de que a solidez de um resumo vai depender, em boa parte, do conhecimento que se detém sobre os elementos estruturais do texto a partir do qual foi gerado. O procedimento de resumir representa, pois, o que foi ou o que deve ser lembrado como conteúdo indispensável de uma produção textual mais expandida.

No *lead*, em particular, o resumo funciona como um dos mecanismos norteadores da composição e da leitura do texto noticioso, motivo pelo qual se exige do produtor de gêneros dessa natureza um conhecimento básico sobre tal recurso.

### 2.6.3 Onde reside o diferencial

A notícia policial narrativa apresenta em sua estrutura prototípica – tal e qual as demais notícias – título, *lead* e corpo –, só que o seu *lead*, comumente, aparece em forma de resumo, em função da estrutura textual que compõe esse gênero.

Em relação ao corpo da notícia de modo geral – do segundo ao último parágrafo –, essa parte cumpre a função de apresentar os detalhes das informações que aparecem no *lead*. Por isso é que se diz que a notícia, em sua estrutura, adota a forma da pirâmide invertida: os eventos são ordenados não por sua sequência temporal, mas a partir do que é considerado mais importante ou mais interessante na perspectiva de quem escreve ou de quem fará a leitura.

Considerando a organização da notícia, Lage (2000) apresenta três fases do processo de produção que norteiam, em linhas gerais, os procedimentos e a utilização dos recursos formais a serem adotados, quais sejam: *fase de seleção*, *fase de ordenação* e *fase de nomeação* dos eventos. Primeiramente o noticiarista levanta os eventos mais marcantes do fato noticioso; depois os dispõe na ordem de importância que o fato requer. E para tal, seleciona, de antemão, o léxico que demonstre sutileza e compromisso na abordagem dos fatos.

Não se pode perder de vista que a notícia retrata o que ocorre no mundo, portanto cumpre uma função referencial, primando pela veracidade do que fora apurado. Assim sendo,

não pode lidar com suposições, o que justifica o uso do verbo no modo indicativo. Também não admite construções do tipo: “presenciei”, “vi”, “lá estive”. Quem redige uma notícia tem o dever e a obrigação de manter-se à margem dos fatos que conta, precisa manter a *objetividade*. Eis a razão do uso de pronomes de terceira pessoa (pessoais ou possessivos) e jamais de primeira. É, ainda, inaceitável, a utilização de formas, tais como: “admito”, “concebo”, “penso”. Não é permitido ao redator de notícia tomar posição sobre o fato que noticia. Ele precisa apenas apresentar os dados, adotando o caráter de *imparcialidade*. (LAGE, 2000, 2005).

Para salvaguardar sua responsabilidade, diante de algumas informações não totalmente apuradas, o redator, muitas vezes, recorre a processos de modalização como: “parece que”, “tudo indica”, “possivelmente” (LAGE, 2005). Com essa atitude, chama a atenção para o cuidado com a *veracidade* do que noticiou.

Quanto ao estilo de linguagem, apesar da imposição do uso de vocabulário e de recursos gramaticais da coloquialidade – exigência do que considera socialmente correto nos limites da abrangência do jornalismo –, o estilo que corresponde ao gênero notícia, em todas as suas variáveis, deve ser o formal. Mas nem por isso, para manter a coerência enunciativa, devem-se utilizar vocábulos ou construções da língua carregados de rebuscamentos. Daí a razão do emprego de palavras familiares das práticas cotidianas e de orações enunciativas breves obedecendo à ordem canônica.

A progressão temática de toda notícia organiza-se em torno das perguntas: quem?, o quê?, por quê?, quando?, como?, onde?. E é por esse motivo que o *lead*, que tem a função de apresentar o fato noticioso, também deve cumprir esse mesmo ritual enunciativo. Há uma ordem, pré-estabelecida no jornalismo, para a organização das informações seguidas por essas questões, que seria esta que aqui apresentamos. No entanto, a sequência pode perfeitamente sofrer alteração, dependendo da importância do foco que for imposto, pelo propósito comunicativo, a esses componentes dentro da notícia de modo geral.

Independentemente do foco de atenção, as perguntas são recorrentes ao longo do texto, umas mais e outras menos. Até mesmo para conferir, em sintonia com o *lead*, a compatibilidade do detalhamento das informações que compõem o vértice da pirâmide invertida do texto.

Se levarmos em conta os princípios de organização básica da notícia, vamos observar que os aspectos estruturais, sejam textuais/formulaicos ou linguísticos, que compõem qualquer modalidade do gênero – notícia esportiva, notícia política, notícia policial –, seguem os mesmos critérios de ordenação.

Quando comparamos, porém, essas diversas categorias no que concerne à forma de organização do *lead*, percebemos que a notícia policial, – sendo narrativa<sup>14</sup> –, se diferencia das demais. Conforme já foi observado, na notícia policial narrativa o *lead* aparece frequentemente em forma de resumo. Já nos demais tipos, o *lead* pode configurar-se dessa forma ou não, dependendo das circunstâncias.

Então, a tendência de sistematicidade, atribuída ao ato resumidor na abertura da notícia policial narrativa, infunde o caráter de prototipicidade desse gênero específico. Diante de tal fato, adquire-se um procedimento estratégico a ser utilizado para a produção e a leitura do referido tipo de notícia, procedimento esse que é de grande utilidade para a nossa pesquisa.

---

<sup>14</sup> Insistimos em afirmar que estamos considerando “notícia policial” aquela que envolve ação direta da polícia. Além do mais, cumpre-nos advertir que, mesmo havendo sobreposição de categorias (ex.: notícia política que envolve ação da polícia), consideramos esse tipo de notícia, antes de tudo, como notícia policial, para manter a coerência com o que entendemos como assim sendo.

### 3 METODOLOGIA

Para a realização de nossa pesquisa, achamos por bem proceder a uma metodologia de origem das *ciências sociais*, de caráter etnográfico (ANDRÉ, 1995; CANÇADO, 1994; MOITA LOPES, 1994). Isso porque o nosso objeto de pesquisa envolve:

- a) contexto real de sala de aula, em situação de interação: professor – alunos; alunos – professor; alunos – alunos;
- b) peculiaridade cultural: gênero e seqüência textuais, a serem explorados em sala de aula;
- c) aplicação de mais de três instrumentos para o registro da coleta de dados.

Assim sendo, adotamos, como norteador de nosso trabalho, o *método hipotético/dedutivo de pesquisa* (MARCONI; LAKATOS, 2001, 2004), que se inicia pela percepção de uma lacuna dos conhecimentos, em torno dos quais se estabelece hipótese. Assim, por meio de processo de inferência dedutiva, testa-se o que se previu em termos de ocorrências no âmbito do que se hipotetizou.

Em nossa experiência, particularmente, a lacuna que se levanta envolve, como objeto de estudo, os conhecimentos de docentes no que tange à sua prática de sala de aula, que abrangem atividades com os gêneros e as seqüências textuais prototípicas de base, considerando os aspectos pragmáticos, textuais e linguísticos, com projeção na composição dos alunos.

Para tornar mais objetivo nosso procedimento metodológico, seguimos na direção de dois eixos: meios de verificação do objeto de estudo e procedimento de análise.

#### 3.1 Meios de verificação do objeto de estudo

Compõem os meios de verificação do objeto, os sujeitos e os instrumentos, que constituem a base para a definição do *corpus* da pesquisa.

### 3.1.1 Sujeitos

Os sujeitos que atuaram em nossa pesquisa correspondem a três categorias: sujeito docente, sujeito auxiliar e sujeito aluno.

Como *sujeitos docentes* da pesquisa, contamos com oito alunos do Curso de Letras da UFC que cumpriam o estágio de docência na escola. Esses sujeitos cursavam a disciplina Estágio em Língua Portuguesa e contavam, naquele momento, como experiência de regência de classe, apenas com a prática do estágio em literatura e/ou em língua estrangeira. O número de sujeitos foi definido por esse perfil (experiência docente apenas em estágio), observando-se que essa foi a maior quantidade de estagiários, encontrada na ocasião, que se achava no mesmo patamar em experiência com sala de aula, e ainda considerando-se que esses sujeitos aceitaram a proposta de participar da pesquisa.

A decisão de adotar, como sujeitos docentes, alunos no exercício do estágio de regência deu-se em razão de esse público contribuir, mais efetivamente, para o trabalho metódico da pesquisa. Isso porque a própria condição de estagiários impunha ao pesquisador, como professor de estágio, um acompanhamento sistemático, da mesma forma que já vinha assumindo em sua função profissional.

O estágio de regência transcorre em dois locais. Um desses locais é a *sala de aula da universidade*, onde o orientador de estágio juntamente com os estagiários, por três horas semanais, discutem os conteúdos, o planejamento e a avaliação das tarefas a serem desenvolvidas na escola.

Na sala de aula da universidade também é o local onde os estagiários realizam oficinas para os próprios colegas, sob a coordenação do orientador de estágio, como forma de embasamento para o estágio.

O outro local de estágio é a escola que sedia essa atividade – *escola pública de Ensino Médio* de curso pedagógico –, onde um estagiário assume uma sala de aula (de 1º ou de 4º ano, no caso da pesquisa) com um parceiro estagiário, assumindo a metade do tempo de estágio como regente e a outra metade como observador de seu parceiro e vice-versa.

Durante o expediente semanal na escola, cada estagiário (na condição de regente ou de observador), além da experiência com uma classe por duas horas, passa por mais uma hora, na sala de supervisão, para avaliar tarefa já assumida – conforme anotações no plano e a respeito do plano, considerando aspectos da ficha de avaliação (Anexo 3) – e/ou para discutir sobre algumas providências a serem tomadas para o planejamento da próxima tarefa.

O estágio, que se efetiva durante um semestre letivo, corresponde a uma carga horária de *6h/a* semanais – 3h/a na universidade e 3h/a na escola – e de *horas extras* – na universidade, no gabinete do orientador – com momentos definidos, de acordo com a disponibilidade dos estagiários. Nesses horários, se complementa a avaliação do trabalho realizado na escola e se presta atendimento mais individualizado ao estagiário, em função de suas carências pedagógicas.

Como *auxiliares*, foram incluídos (devidamente informados e consultados sobre a condição de sujeito da pesquisa) oito estagiários que já seriam engajados como parceiros do sujeito docente no estágio, para proceder com anotações e repasse destas sobre o desempenho do colega, no sentido de discutir e *analisar* com o pesquisador (que se trata do orientador do estágio) a efetivação do plano de aula.

As discussões sobre as anotações do auxiliar – no gabinete do orientador, na universidade, em horário extraclasse, previamente estabelecido –, em confronto com as anotações também feitas pelo próprio pesquisador e pelo sujeito docente (em relação à aula analisada e avaliada), ocorreram no momento definido no plano global do estágio, atendendo aos dados da ficha de avaliação (Anexo 3).

Os auxiliares atuaram como observadores de estágio até a metade do semestre, que corresponderia ao período de regência dos sujeitos docentes – na metade seguinte eles inverteram os papéis. Assim sendo, já tinham a incumbência de registrar as aulas para constar em seus relatórios de estágio.

Para o desenvolvimento do trabalho com a notícia policial narrativa, os sujeitos docentes e auxiliares, sob a orientação do pesquisador, se submeteram basicamente a quatro atividades, a saber:

- a) *testagem* a respeito do conhecimento sobre o gênero notícia e sobre a sequência narrativa, tendo em vista a exploração dos aspectos pragmáticos, textuais e linguísticos de superfície – nessa testagem, ao ser definido o perfil dos sujeitos docentes, os que não se enquadraram nesse perfil passaram a ser auxiliares da pesquisa.

A figura do auxiliar entrou em cena para impor à nossa investigação um trabalho cada vez mais seguro em termos dos resultados das observações ao sujeito docente, feitas pelo pesquisador e por esse auxiliar, para posterior confronto na análise da regência, que incluiria as anotações do próprio sujeito docente;

- b) *planejamento* da regência de classe, envolvendo fundamentação teórica, para o trabalho com o gênero notícia policial narrativa, a fim de se vivenciarem os processos de geração, seleção, organização e revisão/refacção do conteúdo textual, correspondendo aos dias e horários das aulas de estágio;
- c) *acompanhamento* sistemático das atividades de cada sujeito pelo pesquisador e pelo auxiliar, semanalmente, durante duas h/a, em sala de aula da escola, oportunidade na qual eram feitas anotações na ficha ou para a ficha de avaliação sobre o desempenho docente – Nesse momento, o auxiliar tomava nota em seu caderno, para não limitar suas informações e só depois passava para a ficha, já o pesquisador fazia uso da referida ficha no decorrer da aula.
- d) *avaliação* do desempenho do sujeito, considerando o que fora planejado – atividade realizada na universidade, sobre os dois momentos marcantes do processo de revisão de texto com a classe, conforme aludimos na abordagem sobre o sujeito docente e o auxiliar.

Os *alunos*, que formam uma das categorias de sujeito de nossa pesquisa, são os oito alunos selecionados respectivamente por cada um dos oito sujeitos docentes de nossa investigação. Para cada um, o critério de seleção foi o mesmo: autor do texto explorado na classe (pelo sujeito docente) e responsável pelas três versões – texto de origem (versão inicial), primeira revisão e segunda revisão.

### 3.1.2 Instrumentos

Para interpretar os significados produzidos pelos sujeitos da investigação, fizemos uso de quatro instrumentos fundamentais:

- a) *questionário* (Anexo 2): composto de duas partes, a primeira se constitui de uma “enquête” sobre *a experiência docente de alunos do Curso de Letras/UFC matriculados em uma classe da disciplina Estágio em Ensino da Língua Portuguesa*, visto que dentre eles seriam selecionados os sujeitos docentes da pesquisa (os sujeitos auxiliares não seriam selecionados, seriam convidados, até porque nem todos participaram da “enquête”); a segunda, corresponde a uma *testagem* de conhecimentos direcionada aos sujeitos docentes (candidatos a sujeitos da pesquisa até o momento da aplicação) acerca do processo de produção e de aspectos textuais e contextuais que envolvem a escrita de uma notícia policial narrativa;
- b) *plano* de estágio (Anexo3): instrumento que condensa basicamente as ações, os objetivos e as estratégias pertinentes à pesquisa e norteia toda a sua realização;
- c) *ficha de avaliação* (Anexo 4 – a/b/c): formulário, destinado à observação da intervenção docente, onde constam as informações sobre os aspectos pragmáticos, textuais e linguísticos, vivenciados no processo de escrita do gênero notícia policial narrativa pelos alunos de cada classe dos sujeitos da pesquisa. O seu preenchimento é de incumbência do pesquisador, nos dois momentos de revisão do texto da notícia em estudo, para confronto com a ficha de igual teor a ser preenchida por cada um dos sujeitos docentes e por cada um dos auxiliares, correspondendo aos mesmos momentos cumpridos pelo pesquisador;
- d) *texto produzido pelos alunos* – notícia policial narrativa: recurso desencadeador de nossa pesquisa, na medida em que todo e qualquer registro ou análise provêm de dados que o texto em estudo insinua ou apresenta.

O trabalho com esse gênero, que se inclui no conjunto de gêneros designados de notícia, foi motivado pelo fato de:

- tratar-se de um gênero textual que compõe o *programa da disciplina de língua portuguesa*, em todas as séries da escola onde transcorreu a pesquisa;
- existir *literatura em diferentes áreas*, que investe amplamente nas características da notícia – em termos de estrutura referente às partes ou sequência do texto e aos elementos da língua –, sejam, no campo da Linguística e da Comunicação;
- corresponder a um texto que apresenta uma *estrutura básica que facilita a identificação das partes* que o compõem: título, *lead* e corpo;
- contar com *características enunciativas*, tais como objetividade, imparcialidade e veracidade, que são de fácil percepção, porque fazem parte do uso cotidiano das pessoas de modo geral, seja por meio gráfico (jornais e revistas impressas ou internet) ou audiovisual (rádio e tv);
- fazer parte do rol de *gêneros de instância indicada pelos PCN*, o que implica no uso do gênero em apreço, tanto no cotidiano escolar como fora dele, conforme dispõe o documento (PCN, 1997, p.111,128; 1998, p. 26,70).

A utilização de quatro instrumentos, para a coleta de informações, possibilitou a vivência da *técnica de triangulação dos dados*, proveniente da pesquisa etnográfica. A técnica da triangulação envolve, pelo menos, três interpretações e impõe-se como uma condição para o estabelecimento da validade da análise realizada pelo pesquisador (MOITA LOPES, 1994, p. 334). Assim sendo, de modo amplo, as informações do *questionário* foram importantes para a definição do *plano* de pesquisa/estágio; o plano contemplou os dados requeridos pela *ficha de avaliação* e esta norteou a análise do *texto*.

### 3.1.3 Corpus

Pautando-nos no plano da pesquisa, que exerceu o direcionamento do trabalho, utilizamos um *corpus* de 8 (oito) questionários de testagem, respondidos por cada um dos sujeitos docentes – Somente os dados dos referidos sujeitos foram considerados, porque

apenas estes participariam diretamente da pesquisa e o questionário tinha essa finalidade, associada à demonstração do nível de conhecimento que detinham sobre o conteúdo a ser explorado em sala de aula da pesquisa; 24 (vinte e quatro) fichas de avaliação de desempenho do sujeito, sendo oito respondidas pelos próprios sujeitos, oito respondidas por auxiliares da pesquisa e mais oito respondidas pelo pesquisador – em um primeiro momento; e mais 24 (vinte e quatro) fichas de avaliação da mesma natureza, respondidas pelos mesmos agentes – em um segundo momento; e 24 (vinte e quatro) textos, correspondendo a três produções de cada um dos oito alunos selecionados pelos sujeitos docentes, analisados em dois momentos, totalizando um número de 80 (oitenta) instrumentos.

### **3.2 Procedimentos de análise**

O procedimento de análise que adotamos recai, em essência, sobre a intervenção do docente diante da prática de produção textual/revisão de seus alunos, em sala de aula.

#### **3.2.1 Princípios norteadores**

Na pesquisa que pomos em execução, o modo de proceder com a exploração do texto, mais particularmente do gênero textual, na sala de aula, proveio de postulados do Interacionismo Sociodiscursivo – ISD. Nessa perspectiva, a proposta defendida por Bronckart (1999/2006) prevê a efetivação de análise tendo em vista:

- a) a relação que os gêneros travam com o mundo social e com a intertextualidade;
- b) a arquitetura interna do gênero/da sequência discursiva e o papel que aí exercem os elementos da língua;
- c) o funcionamento das operações psicológicas e comportamentais que envolvem a produção dos gêneros.

A partir da consideração de todos esses princípios, definimos o direcionamento a ser adotado na análise dos dados, particularmente os passos a serem seguidos.

### 3.2.2 Percurso

Considerando que o trabalho com gênero impõe exploração de aspectos pragmáticos, textuais e linguísticos e de processos cognitivos da escrita –, os sujeitos docentes da pesquisa, munidos de orientações do pesquisador para empreender a análise sobre a atitude dos alunos diante do texto, adotaram, para o desenvolvimento do trabalho de produção/revisão com o gênero notícia policial narrativa, em sala de aula, os procedimentos a seguir, na ordem aqui exposta:

- a) *apresentação de questões* que orientariam a leitura do texto introdutor do tema em estudo (Anexo 5), a serem utilizadas como subsídio para a vivência dos processos cognitivos na realização da produção textual escrita: geração, seleção, organização revisão/refacção.

Eis as questões norteadoras da leitura:

- 1) De que trata basicamente o texto? Levante as informações mais relevantes.
  - 2) Para quem se destina e por quê?
  - 3) A que gênero corresponde esse texto e quais as suas características?
  - 4) Como foi viável descobrir qual o gênero textual?
  - 5) Quais os propósitos/objetivos do texto? Justifique.
  - 6) Em qual suporte poderá ser encontrado o referido texto?
  - 7) Para a leitura, em que auxilia o reconhecimento sobre suporte(s) do texto?
  - 8) Que elementos gramaticais são marcantes no texto, para efeito de construção de sentido desse texto? Explique com dados em funcionamento no texto explorado.
  - 9) Que sequência discursiva é peculiar ao gênero em discussão? Comprove.
  - 10) Que influência exerce o conhecimento sobre a sequência discursiva no trabalho com o texto?
- b) *leitura oral das questões* feita pelo auxiliar, acompanhada pela classe silenciosamente.

Essa leitura teria por fim criar oportunidade para esclarecimento sobre algumas questões apresentadas que não fossem tão familiares aos alunos;

- c) *leitura individual/silenciosa da notícia policial* assumida pelos alunos, norteadas pelas questões lidas pelo auxiliar.

Embora as questões a essa altura já tivessem sido lidas, a leitura poderia ser recorrente, à medida que os alunos sentissem necessidade de reutilizá-las para efeito de compreensão do texto.

- d) *discussão de cada questão* com a classe, registrando no quadro as respostas e sistematizando o conteúdo discutido.

Nessa etapa os alunos buscavam as respostas situando-as no texto, direta ou indiretamente, apresentando a devida justificativa para a escolha, conforme a orientação do próprio questionário reforçada pelo sujeito docente.

- e) *orientação para a produção textual*, através da leitura do enunciado que serviria de comando para a elaboração do texto, qual seja: “Produza uma notícia policial narrativa envolvendo pessoas em conflito por ocasião de prática religiosa, para ser exposta no jornal varal da classe, com o fim de despertar a atenção para cuidados a serem tomados no momento de tal prática”.

A escolha de exploração da temática “prática religiosa” deu-se em função das discussões travadas na escola e na classe sobre as comemorações da Semana Santa.

- f) *conversa entre parceiros discentes na classe* e realização de uma *pesquisa extraclasse* sobre o assunto ocorreram após a leitura do enunciado, sob a orientação do sujeito docente, para facilitar a produção do texto, em sala de aula, posteriormente.

A proposta de elaboração de uma notícia policial narrativa, com a mesma temática do texto lido para nortear a produção, teve por fim proporcionar ao aluno oportunidades de:

- usar todo o conteúdo explorado na leitura como base para a **geração** de idéias a serem utilizadas no processo de produção do texto;
- usar parte específica da estrutura textual, particularmente o *lead* (primeiro parágrafo), que envolve a **seleção** do conteúdo básico a ser abordado no texto, com o fim de observar a sintonia dessa parte com o que deve ser abordado no texto como um todo. E, assim, adquirir habilidade de seleção de conteúdo do texto, bem como de cada uma de suas partes;
- usar o conhecimento da estrutura da notícia como um todo, no sentido de perceber a forma de disposição do seu conteúdo geral, sintonizando-se com o título e o *lead*, favorecendo, desse modo, a **organização** do texto. Para isso, também levou-se em consideração o próprio princípio da pirâmide invertida (NOBLAT, 2006) – orientação da distribuição do conteúdo partindo do mais para o menos importante –, que direciona o produtor da notícia para o estabelecimento da progressão temática sem preocupação com uma cronologia baseada na linearidade do texto.

Para o trabalho, em sala de aula, os sujeitos docentes receberam orientação de que a exploração da estrutura do texto em vários níveis (não só da sequência discursiva e do gênero, mas também dos elementos linguísticos de superfície) contribui para o cumprimento dos processos cognitivos exigidos para a produção escrita. Por exemplo, o uso da 1<sup>a</sup>. e da 3<sup>a</sup>. pessoas do verbo é uma peculiaridade do texto narrativo, mas que em determinado gênero, como na notícia, a 1<sup>a</sup>. pessoa não é utilizada, em função da imparcialidade que é imposta a esse gênero. Se o escritor diz: “O fato transcorreu” e não, “Eu vi o fato transcorrer”, com esse procedimento, através dos elementos da língua, ele está selecionando uma abordagem, considerando a forma discursiva que é aceitável para o gênero textual, que provém da sequência prototípica que lhe corresponde. Ao mesmo tempo, vai abrindo caminhos para a vivência da organização do texto.

No momento em que o produtor do texto vai tomando decisões sobre o conteúdo e a(s) forma(s) que deve(m) ser adotada(s) para o gênero, por meio de operações de

idas e vindas, é aí que vai se efetivando o processo de *revisão*, até chegar à versão final do texto.

g) *produção da notícia policial* pelos alunos, individualmente.

Esse momento transcorreu em sala de aula, na escola e, apesar de a produção ser considerada individual, os alunos tiveram a orientação do sujeito docente para trocarem ideias entre si, quando surgissem alguma dúvida.

h) *leitura da notícia policial* de cada aluno, pelo sujeito docente, em um momento, fora da sala de aula, para selecionar uma das tais notícias que apresentasse problema de estruturação e/ou de conteúdo, a fim de submetê-la à *revisão* pela classe.

i) *seleção de uma das notícias policiais da classe* pelo sujeito docente, para processar a revisão interativamente – selecionada a notícia que deveria ser trabalhada, o sujeito docente digitou essa notícia sem identificação do aluno, para a distribuição à classe, posteriormente, a fim de realizar a revisão. Na sala de aula, o sujeito docente informou sobre esse procedimento e propôs ao autor do texto que ficasse à vontade para manifestar-se ou não para a classe.

A seleção da notícia do aluno para a revisão textual obedeceu ao critério de que deveria apresentar deficiência em um ou mais segmentos de sua estrutura básica, do gênero – título, *lead* e corpo – e, ao mesmo tempo, da sequência prototípica – resumo, situação inicial/orientação, complicação, ação/avaliação, resolução da complicação, situação final e moral.

Entre as notícias da classe, que apresentassem as referidas deficiências, seria selecionada uma que trouxesse maior possibilidade de discussão, no sentido de que os alunos pudessem reconhecer as falhas a serem trabalhadas – a notícia selecionada não seria a melhor nem a pior produção da classe, mas a que mais poderia possibilitar o trabalho de revisão, em função das maiores dificuldades apresentadas pelos alunos.

j) *distribuição, para a classe, da notícia selecionada e discussão* dessa notícia em plenária, com o fim de se processar a revisão/refacção.

Nesse momento, o sujeito docente tomou como base o enunciado que exerceu a função de comando para a produção. Assim sendo:

- primeiramente, levantou questões sobre os aspectos pragmáticos (Qual o conteúdo abordado? Para quem foi escrito? Com qual propósito/objetivo? Em que suporte o texto pode ser encontrado? Quais os cuidados formais em função do suporte?), conforme se fez no processo de leitura;
- logo depois, fez perguntas envolvendo particularidades da estrutura prototípica do gênero – notícia policial narrativa;
- seguindo, indagou sobre a estrutura linguística do referido gênero – aqui deveriam ser levantadas marcas de impessoalidade e objetividade, sobretudo;
- por fim, investiu na sequência textual, incluindo os elementos linguísticos, para discutir suas especificidades na sequência em si e no gênero – nesse momento, entraria em apuro, sobretudo, o tempo verbal responsável pela progressão da sequência narrativa e a pessoa do verbo requerida pelo gênero notícia).

À medida que o sujeito docente foi levantando as questões, os alunos foram procurando dar cada resposta em sintonia com o texto. Foi por ocasião dessa atividade que os desvios do texto (de conteúdo ou de estruturação) foram sendo encontrados, e o professor foi registrando no quadro, o que aparecia de mais ou de menos, ou de forma inadequada, para que os alunos fizessem suas anotações.

Depois de feita essa parte coletiva, cada aluno processou, individualmente, a revisão/refacção do texto em discussão. Concluída esta tarefa, os alunos entregaram o texto com a primeira revisão/refacção ao sujeito docente, para que este fizesse a leitura, tendo em vista a retomada, na aula seguinte, de dificuldades sobre notícia policial narrativa ainda enfrentadas pela classe.

Na aula posterior, os alunos deveriam revisar/refazer cada um o seu próprio texto, já que na revisão/refacção anterior o trabalho da maioria da classe foi com o texto do colega. Nesse momento, apenas o autor de origem corrigiu o seu próprio texto. Esse aluno deveria fazer uma releitura do seu texto, e, se achasse necessário, poderia refazê-lo mais uma vez.

l) *revisão/refacção das notícias da classe cooperativamente* – para esse momento, o sujeito docente procedeu a uma retrospectiva dos aspectos discutidos na revisão/refacção do texto do colega, seguindo o enunciado comando da produção textual em estudo, articulando com as questões utilizadas para a leitura do texto jornalístico levado para a sala de aula no seu primeiro dia de experiência aí.

Os alunos realizaram essa tarefa coletiva como preparação para a revisão/refacção de sua própria notícia, individualmente. O autor do texto teria a oportunidade de revisar sua produção mais uma vez.

m) *autorrevisão/refacção da notícia de cada aluno* – nesse momento, cada aluno procedeu à revisão/refacção de seu texto, inclusive o autor do primeiro texto revisado, que lhe coube uma revisão dobrada.

n) *devolução dos textos* – após leitura dos textos, os sujeitos docentes os devolveram aos seus autores – que tiveram a oportunidade de trocar comentários entre eles e o docente –, para afixação, de imediato, no jornal varal, conforme previa-se no enunciado para a produção e, a partir daí, criou-se a oportunidade para que outras pessoas lessem as notícias da classe.

Durante todo o processo de produção/revisão dos textos pelos alunos, o papel do pesquisador e do auxiliar foi de observar o desempenho do sujeito docente junto à classe e de registrar, na ficha de avaliação, o que observava, para posterior discussão entre eles, conforme momentos previstos no plano de pesquisa/estágio (Anexo 3): após a primeira revisão do texto pelos alunos e após a segunda também.

Os instrumentos – questionário, ficha de avaliação e texto –, bem como os aspectos pragmáticos – autor, leitor, objetivo, suporte e conteúdo –; e textuais – protótipo do gênero e protótipo da sequência textual/aspectos linguísticos –, considerados na análise de tais instrumentos, constituirão itens norteadores para o procedimento de análise dos dados.

#### **4 ANÁLISE DE DADOS:**

##### **DOS ASPECTOS CONTEXTUAIS E TEXTUAIS**

##### **AOS PROCESSOS COGNITIVOS ENVOLVIDOS NA REVISÃO DO TEXTO**

Considerando-se a pertinência de todo o procedimento vivenciado em nossa pesquisa, que envolve o desempenho docente no trato com gênero textual, tomamos como norteadores mais amplos, para a operação da análise dos dados, os *parâmetros do contexto* – aspectos físicos e sociossubjetivos (aspectos pragmáticos); e os *parâmetros do texto* – elementos da estrutura do gênero e da sequência prototípica (aspectos textuais) –, incluindo-se mecanismos utilizados para a coerência textual local (aspectos linguísticos). A análise calcada nesses parâmetros, a exemplo da investigação, conta com três *instrumentos* básicos como suporte material: questionário, ficha de avaliação e texto.

O trabalho de análise, abrangendo o questionário, é resultado da sondagem aplicada aos sujeitos docentes sobre seus conhecimentos prévios a respeito do gênero notícia policial narrativa, que constitui objeto de nossa observação em sua prática de sala de aula. Por outro lado, a análise que resulta da ficha de avaliação e do texto decorre dos dois momentos da revisão textual previstos para a pesquisa, conforme apresentamos na metodologia. Essa última análise vai resultar em um *confronto*, no qual se observa o enquadramento dos parâmetros do contexto e do texto no processamento da revisão da produção escrita. Para isso, destacamos, como mais um recurso norteador da análise, as manifestações decorrentes da detecção de dados da ficha de avaliação e do texto.

Nossa análise, portanto, de um ponto de vista mais específico, pauta-se nos aspectos *pragmáticos, textuais e linguísticos* contemplados na vivência dos *momentos* da revisão textual em estudo. Esses momentos são marcados por *manifestações* dos sujeitos, culminando com uma avaliação sobre como os parâmetros do contexto e do texto, explorados no ato de revisar mediado pelo sujeito docente, articulam-se com *esquemas cognitivos* acionados no processo da escrita, particularmente no subprocesso da revisão.

## 4.1 Aspectos básicos

Os aspectos básicos, aos quais nos referimos aqui, dizem respeito aos aspectos do contexto e do texto que envolvem a produção textual e, como tal, não poderiam deixar de ser contemplados na análise do questionário.

Como atividade de sondagem, o questionário não explicita as categorias de análise, mas somente insinua, razão pela qual cada aspecto – pragmático, textual e linguístico – encabeça apenas a análise da ficha de avaliação e do texto nos itens que sucedem a análise do questionário.

### 4.1.1 Questionário

O questionário constitui um instrumento que teve aplicação junto aos sujeitos auxiliares e docentes, mas apenas foram contabilizados os dados desses últimos (conforme se pode ver no *corpus*), já que nem todos os auxiliares participaram dessa atividade. Assim sendo, a aplicação do referido instrumento teve como objetivos, sobretudo, adquirir subsídios: a) sobre o conhecimento dos docentes acerca do gênero textual notícia policial e da sequência narrativa, no sentido de facilitar as discussões sobre o planejamento das atividades a serem desenvolvidas por eles durante a regência de classe; b) sobre o conteúdo programático e metodológico a definirem-se para o trabalho de fundamentação (oficinas) com os sujeitos, em preparação às aulas do estágio como objeto de estudo. Trata-se de conhecimentos exigidos para a efetivação da prática de docência, os quais pautam os pormenores das hipóteses estabelecidas para a pesquisa.

Nossa hipótese básica, que abrange as demais, coloca em foco o conhecimento textual do docente sobre vários ângulos:

- a) da organização do gênero e da estrutura da sequência prototípica;
- b) do contexto interacional e dos aspectos linguísticos de superfície;

c) do processamento cognitivo de produção escrita, particularmente da revisão, conforme poderemos observar na análise dos itens do questionário a seguir:

- **primeiro item do questionário** – O primeiro item do questionário: *Ao se trabalhar o processo de produção textual, que aspectos práticos do texto devem ser lembrados pelo redator, para efeito de uso desse instrumento quando ele for lido?*, apresenta uma questão bastante aberta, mas assim o fizemos, para evitar direcionamento das respostas, porque nos interessava saber o que cada sujeito detinha de conhecimento sobre o trabalho com texto envolvendo parâmetro do contexto, conforme postula o interacionismo sociodiscursivo – ISD, base teórico-metodológica de nossa pesquisa.

Coerentemente com o que se esperava, as repostas mais frequentes dos sujeitos giraram em torno de operações contextuais enfocando – com variações na forma do dizer –, sobretudo, o *interlocutor* (“autor”; “público”; “público alvo”; “destinatário”; “leitor”) e, em menor escala, a *finalidade* (“finalidade”, “propósito”, “propósito comunicativo”, “objetivo”). Em escala bem menor, ainda apareceu o *suporte* de texto. E, representando um outro ângulo do contexto, quase que na mesma escala de rememoração, porém um pouco mais elevada, veio o *tema* (“tema”, “conteúdo”, “objeto”).

Conforme o que se postula no ISD, as duas primeiras operações (sobre os interlocutores e as finalidades) representam valores interacionais que possibilitam o uso da língua. A terceira (alusão ao suporte) corresponde ao conjunto dos valores situacionais, isto é, ao onde se efetiva a interação. A quarta (tema) diz respeito aos valores referenciais, ao conteúdo referencial disponível na memória dos agentes.

Todas essas operações abrangem uma análise das ações/atividades de linguagem na sua relação com o mundo social e a intertextualidade. É isso que imprime o caráter da praticidade de uso dos gêneros (BRONCKART, 1999; 2006), e que foi compreendido pelos sujeitos da pesquisa.

Por outro lado, os sujeitos também apresentaram, como resposta ao primeiro item do questionário, dados sobre *operações psicológicas* – âmbito da textualização: referiram-se, sem maiores detalhamentos, a *texto* (“tipo de texto”, “gênero textual”, “forma do gênero”, “sequência que predomina” e “estrutura do texto”) e a *coerência e coesão* (“coerência e coesão” e ‘referenciação’), propondo, assim, um olhar para a arquitetura do texto, bem como para sua tessitura e organização semântica (BRONCKART, 1999; 2006).

Ainda, no âmbito das operações psicológicas, no primeiro item do questionário, os sujeitos estiveram atentos a estratégias de adequação da linguagem (“à situação”, “ao momento”, “ao suporte ao leitor”), bem como a estratégias de atenção aos elementos linguísticos do texto, sem especificá-los (BRONCKART, 1999).

Não se sabe, pelo menos nesse momento da aplicação do questionário, como os sujeitos propunham o trabalho com os elementos linguísticos. Mas é fato que a referência ao trabalho com a linguagem sugere atitude de uso do texto, já que é chamada a atenção para a sua adequação.

Os sujeitos, ao analisarem o que requeria o primeiro item do questionário, estiveram atentos aos vários aspectos psicológicos insinuados como intenções expressas no referido item. Nesse sentido, não perderam de vista os processos a serem vivenciados na produção de texto. Atentos ao enunciado do item, relacionaram *processos de produção textual* aos subprocessos da escrita. Houve sujeito que lembrou-se da *organização* do texto e da *seleção* de ideias. E, ainda, houve quem falasse da seleção de ideias e da *revisão*.

As respostas dos sujeitos, envolvendo operações tanto do contexto como do texto, justificaram-se pela própria abertura permitida pelo item do questionário, até porque o termo “práticos” é bem abrangente. Verdadeiramente, o que nos interessava seria verificar se os sujeitos consideravam, para a produção do texto (notícia policial), os parâmetros contextuais. Por isso, reputamos como satisfatórios os dados que obtivemos, porque nenhum sujeito deixou de considerar o que esperávamos das respostas desse primeiro item.

Ressaltamos, porém, que os resultados obtidos sobre os processos de escrita não foram, diretamente, pleito para a confirmação do que se buscava. Até porque o processo de escrita em nossa investigação, mais do que um fim, constituirá um meio de acesso aos dados a serem ajuizados – será através do processo de revisão que se poderá verificar como o docente revela essa sua experiência com o texto amplamente. Na verdade, nossa intenção não consiste em mostrar o conhecimento do sujeito sobre revisão, mas em indicar a sua possibilidade de desenvolvê-la.

**- segundo item do questionário** – No segundo item do questionário: *Sobre o gênero NOTÍCIA POLICIAL, que aspectos da estrutura desse gênero devem ser levados em consideração, constantemente, no processamento do texto, inclusive nos momentos de revisão?*, o foco recai sobre a estrutura do gênero, mas deixamos em aberto quanto ao tipo de estrutura, se seria a estrutura específica do gênero, em si, ou a estrutura da sequência prototípica, ou se seria a estrutura linguística de superfície apropriada ao gênero.

Certamente, envolvendo esse item já não nos propúnhamos lidar com as operações do contexto, como no item anterior, mas com as operações de textualização. Apesar de todos os sujeitos terem demonstrado atenção para tais operações, nem todos, porém, se deram conta desse fato. Houve quem reportasse para o conteúdo referencial (“assunto”, “fato concreto”, “cuidado para não chocar o leitor com algo muito trágico”) – repetindo, praticamente, o que já havia abordado no primeiro item –; e para fator de interação, o objetivo comunicativo.

Mas uma parte dos sujeitos atentou para operação de textualização, para a planificação especificamente, referindo-se a características estruturais do gênero, no que diz respeito à sua progressão temática: (“resposta às perguntas inerentes à notícia: quem, o quê, onde, quando, como”), havendo sujeitos que, mesmo não se preocupando com estes aspectos, tenham manifestado preocupação com a extensão textual. Ainda, referente à operação de textualização, foi dispensada a atenção dos sujeitos sobre o uso de estratégias linguísticas ou discursivas (“linguagem adequada ao contexto”, “adequação da linguagem ao gênero”, “linguagem formal”, “coerência e coesão”, “objetividade”, “veracidade do fato”, “impessoalidade”).

Analisando as respostas, a partir do que propõe o enunciado do segundo item do questionário, observamos que os sujeitos, mesmo tendo situado *operações de textualização* nesse item que as requer – gerenciamento da planificação do texto e da constituição de estratégias linguísticas e discursivas –, não as distinguiram das ações voltadas para o *contexto* – conteúdo referencial e objetivo –, que não são pleiteadas para esse item, mas que foram vistas como se o fossem.

Sendo o conjunto dos sujeitos docentes em formação, sua atitude reflete a forma de ensino à qual se submeteram, ao longo de sua escolarização. Afinal, o gênero textual na escola tem sido adotado destituído de propósitos comunicativos verdadeiros. Por isso mesmo, muitas vezes, se fala de propósitos, mas não se pensa, realmente, para que se prestam socialmente os gêneros textuais e que esses decorrem de certos propósitos. Ao que parece, em função dessa visão tão nebulosa sobre o uso dos gêneros em sala de aula, alguns sujeitos colocaram, no mesmo bloco de respostas, aspectos da estrutura semântica do texto, sem observar, de fato, o que requeria o item.

A impressão que passa, em relação à atitude de sujeito que fez referência a objetivo, no segundo item, é que houve confusão sobre esse aspecto de valor interacional com um aspecto que envolve a própria estrutura da notícia – o “porquê”, pois quem assim procedeu, logo após reportar-se ao objetivo, fez referência ao “onde”, ao “quando”, ao “como” e omitiu o porquê.

Embora, na escola, se adotem orientações do tipo: para quê, para quem, onde, mesmo assim, tais orientações não têm representado situações efetivas de uso dos gêneros explorados nas unidades de ensino, principalmente em termos de notícia que tem uma estrutura semântica orientada a partir de tal procedimento. Então, a tal coincidência pode confundir.

Para se confirmar essa realidade, basta consultar as propostas dos livros didáticos em circulação (Guia de livros didáticos do ensino fundamental, 1998; Guia de livros didáticos do ensino médio, 2006). E mais, convém consultar uma gama de pesquisas acadêmicas sobre esse assunto, particularmente, na área de língua portuguesa, que apontam a ocorrência do *trabalho com o texto em sala de aula de*

*forma muito artificial* (ROJO, 2003; DIONÍSIO, 2003; COSTA VAL e MARCUSCHI, 2005).

Como sustentam Schneuwly e Dolz (2004, p.76):

É produzida uma inversão em que a comunicação desaparece quase totalmente em prol da objetivação, e o gênero torna-se uma pura forma linguística, cujo domínio é objetivo. Em razão dessa inversão, o gênero, instrumento de comunicação [e um meio de interação] transforma-se em forma de expressão do pensamento, da experiência ou da percepção.

O docente precisa ter consciência de que a estrutura de um gênero envolve operações voltadas para a linearidade textual, tendo em vista a exploração de uma temática e de objetivos comunicativos, que envolvem operações que vão além da estrutura material do texto. Por isso mesmo, não pode confundir, dispondo no mesmo patamar, uma e outra operação.

- **terceiro item do questionário** – No terceiro item: *Em relação à sequência textual narrativa associada ao gênero notícia policial, que aspectos da referida sequência devem ser observados no decorrer do processo de produção do texto, em particular no transcurso da revisão?* – os sujeitos, considerando a sequência narrativa na composição da notícia, procederam a uma espécie de amálgama dos conceitos de notícia e de sequência narrativa. As respostas ao item giraram em torno das questões: o quê, quem, quando, onde, como, por quê. Ocorre, porém, que essas questões representam um recurso para o desenvolvimento da progressão temática do gênero notícia, conforme já abordamos no item anterior. E dizem respeito a um recurso não só da notícia policial, mas de qualquer notícia (LAGE, 2000), seja de sequência narrativa ou expositiva. Pelos resultados apresentados, os sujeitos demonstraram não estabelecer a devida distinção entre estrutura da sequência prototípica e estrutura específica do gênero.

Tudo indica que faltou a esses sujeitos a compreensão de que a estrutura básica da sequência narrativa é constituída de uma sequência de enunciados/macroposições (resumo, situação inicial, complicação, avaliação/(re)ação, resolução da complicação, situação final e moral) que entram na composição do gênero notícia policial de estrutura narrativa. E que a notícia

policial (ou qualquer notícia), como gênero, compõe-se de macroestruturas semânticas, explicitadas formulaicamente (título, *lead* e corpo, que respondem, em parte ou totalmente, às questões: quem?, o quê?, quando?, como?, onde?, por quê?), definidas por propriedades sócio-comunicativas (LAGE, 2000).

Mesmo que tomemos para análise a proposição “situação inicial” da sequência narrativa, para justificar a coincidência, nossos argumentos não se sustentam. Na referida proposição, vamos encontrar como constituintes apenas as *circunstâncias* de tempo (quando) e de lugar (onde) e os *componentes*: agentes (quem) e os acontecimentos (o quê), conforme define Adam (1997). Os sujeitos, por sua vez, ao se referirem às questões básicas da estrutura narrativa, também colocaram o “como”. No entanto, ainda que esta questão encontre resposta ao longo da sequência narrativa, não é essa orientação estrutural que se dispensa à referida sequência. Diferentemente ocorre na estrutura da notícia, que já requer respostas às questões: quem, o quê, onde, quando, como, para quê, logo no *lead* – primeiro parágrafo do texto –, para pautar o desenvolvimento da notícia como um todo, formando, desse modo, a estrutura semântica do gênero.

Apesar dos equívocos, os sujeitos estiveram atentos a constituintes da estrutura da narrativa. Houve quem aludisse, indiretamente, à estrutura discursiva básica, referindo-se ao “desenrolar da situação”, tratando, assim, do transcurso da complicação. Esse aspecto, de fato, é de substancial importância na estrutura prototípica proposta por Adam (1992). Afinal, na concepção da narratologia contemporânea, embora a partir de tal momento tenha havido uma mudança de perspectiva – passagem da simples descrição dos fatos estruturais para uma valorização dos aspectos comunicativos –, ainda no que tange à estrutura, em si, o elemento complicador continua sendo a razão de ser do texto narrativo (ADAM, 1997).

Para Adam (1997, p. 81), “Só falaremos de CONSTRUÇÃO EM FORMA NARRATIVA quando uma ou várias proposições forem interpretáveis como NÓ-Pn 2 e como DESENLACE-PN 4” (Grifos do autor). Nó e desenlace correspondem exatamente ao percurso da complicação.

É verdade que a estrutura prototípica da narrativa envolve mais do que a complicação, por isso, faltou a quem fez a alusão ao “desenrolar da situação” um conhecimento mais amplo dessa estrutura, para poder fazer jus à vivência de um processo de planificação – âmbito das operações de textualização – adequado a um modelo de sequência, como composição de um gênero específico (BRONCKART, 1999; ADAM, 2008).

Outro ângulo da estrutura da narrativa, visado por uma parte do grupo de sujeitos, ainda no âmbito das operações de textualização, diz respeito à constituição de estratégias linguísticas/discursivas. Nesse caso, existiu preocupação com o uso do verbo, reportando-se, ora para o tipo – chamando a atenção para os verbos de ação –, ora para o tempo – embora não o definido.

A outra preocupação, no que tange à constituição de estratégias linguísticas/discursivas, foi com a pessoa do verbo, no âmbito da atitude (“voz”) do narrador, se primeira ou terceira pessoa. Nesse último caso, percebe-se que o olhar do sujeito, voltado para estratégias linguísticas/discursivas, direciona-se para sua experiência com texto literário. Tanto é que, ao referir-se ao uso da primeira ou terceira pessoa, coloca-as no âmbito do narrador personagem ou do narrador onisciente.

Naturalmente, o próprio termo “personagem” remete-nos para uma nomenclatura que não faz parte do contexto de uma notícia. Aí, os fatos tratados são reais e se convive com a referência a “pessoa (s)” do mundo real, enquanto que a remissão a personagens nos leva a um mundo fictício, onde os agentes das ações, mesmo que representem tipos específicos de pessoa, são vistos como atores do mundo imaginário (TODOROV, 1971). Por outro lado, como a notícia prima pela veracidade, imparcialidade e objetividade dos fatos, “jamais admitirá o uso de primeira pessoa do verbo” (LAGE, 2000, p. 23).

Pelos enganos cometidos por alguns sujeitos, referentes aos aspectos aludidos neste item do questionário, fomos levados a admitir que tais sujeitos precisariam ainda percorrer um considerável caminho sobre a compreensão da estrutura da sequência narrativa e do gênero notícia policial narrativa.

- **Quarto item do questionário** – *Informações acrescentadas no trabalho com a notícia policial* – Nesse item, os sujeitos retomam, sobretudo, aspectos dos parâmetros do contexto, envolvendo valores referenciais (“questões em foco na sociedade”, “cuidado para não deixar a notícia muito chocante”) situacionais (“suporte”, “data de publicação da notícia”) e interacionais (“fatores sociais, culturais, econômicos”). Houve também alusão a operações com o texto, referentes à constituição de estratégias linguísticas (“linguagem e vocabulário específicos do gênero notícia policial: meliante, detentor, comando, regime”).

Apesar de no item quatro aparecer reforço sobre aspecto da linguagem – operação de textualização – essa foi uma manifestação mínima, que incidiu somente na sugestão de uso do vocabulário específico do gênero. Por outro lado, o que apareceu em oposição a esta abordagem trouxe mais riqueza de detalhes. Nesse caso, o que foi acrescentado significou a compreensão dos sujeitos de que o trabalho com gênero textual vai além de sua materialidade física, quer dizer, atinge também operações do contexto situacional. No primeiro item, esse aspecto havia sido enfatizado.

#### 4.1.2 Considerações

Em face dos resultados obtidos com o preenchimento do questionário, pode-se verificar que, através das categorias de análise em seus detalhes, foi possível contemplar as categorias mais gerais: *aspectos pragmáticos* (valores interacionais, situacionais e referenciais), *aspectos textuais* (particularidades do gênero e da sequência prototípica) e *aspectos linguísticos* de superfície (elementos da língua pertinentes ao gênero e à sequência), que constituem a orientação básica de nossa pesquisa, e auxilia na sistematização do conteúdo dos instrumentos utilizados na análise dos dados.

No primeiro item, é flagrante o direcionamento das respostas para os aspectos *pragmáticos*. Nesse sentido, vamos encontrar referência ao *autor*, ao *propósito* ao *conteúdo temático*, mas é no âmbito do *destinatário/leitor* que há uma grande recorrência.

Esse resultado revela o reconhecimento do docente sobre a importância de se produzir texto pensando em quem vai efetivar sua leitura. Isso ficou patente, na medida em que outro aspecto veio à tona, aparecendo em quantidade relevante. Trata-se da *adequação da linguagem*, pois mesmo relacionando-se ao texto em si, articula-se com elementos do contexto – elementos pragmáticos.

No segundo item, que se insinua para o enfoque dos aspectos *textuais*, são obtidas respostas voltadas para a coerência discursiva, envolvendo o caráter particular do conteúdo (veracidade) e da linguagem (objetividade, impessoalidade); bem como para a organização do gênero – estrutura formulaica e sequência prototípica. No entanto, é no que se refere à progressão da notícia que aparece uma maior quantidade de respostas, especificamente no que tange aos papéis temáticos – o quê, quem, quando, onde, como –, fazendo jus ao que é marcante como característica do gênero em pauta.

No terceiro item, direcionado para a sequência narrativa, que também se insere nos aspectos textuais, aparecem respostas equivocadas de quase cem por cento dos investigados. Esses, ao invés de apresentarem traços característicos da sequência, indicam aspectos da progressão temática da notícia, a qual, sendo narrativa ou não, possibilita que o desenvolvimento do texto seja orientado pelas respostas às questões norteadoras de sua coerência, conforme enfocadas, em parte, no item anterior. Nenhum conhecimento sobre as macroproposições prototípicas da sequência foi evidenciado.

No quarto item, surgem, basicamente, respostas complementares sobre o conteúdo temático/contexto, a linguagem e alguns cuidados no que diz respeito à extensão do texto e o suporte. Continua, porém, a omissão sobre a referência a traços característicos da sequência prototípica.

As respostas do questionário, no todo, sugerem o conteúdo que deve ser trabalhado na fundamentação teórica destinada ao docente para o exercício da prática de sala de aula. Pelo que se aponta, o maior investimento deve concentrar-se na formação sobre a estrutura do gênero notícia policial e da sequência prototípica da narrativa, mas sem perder de vista a atenção ao processo de escrita geral.

## 4.2 Aspectos pragmáticos

Os aspectos pragmáticos envolvem a atenção dispensada aos elementos que compõem, na perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo, os parâmetros do contexto, os quais dizem respeito aos mundos físico e sociossubjetivo (Bronckart, 1999), conforme já aludimos. Desse contexto, para nossa análise, serão focalizadas as categorias de *autor*, *leitor*, *objetivo*, *suporte* e *tema*, em razão do que observamos sobre a produção/revisão de texto em uma perspectiva de uso efetivo do gênero textual.

De agora em diante, para o empreendimento sobre as referidas categorias, primeiramente será dispensado um olhar voltado para os dados da ficha de avaliação e depois para os dados do texto.

### 4.2.1 Ficha de avaliação

A ficha de avaliação, representando um instrumento desencadeador da análise dos dados pautada nos parâmetros do contexto e do texto, naturalmente apresenta as categorias provenientes desses parâmetros. Em linhas gerais, a ficha traz três categorias básicas, que impõem a sua utilização: aspectos pragmáticos, aspectos textuais e aspectos linguísticos. Essas três categorias, porém, são desdobradas em categorias mais específicas. Assim, compõem a primeira das referidas categorias: autor, leitor, objetivo, suporte e conteúdo; constituem a segunda: a) gênero notícia – título, *lead* e corpo –; b) sequência narrativa – resumo, situação inicial, complicação, (re)ação/avaliação; resolução e situação final; e a terceira: tempo verbal e marca de causalidade.

Cada uma das categorias, a partir da ficha, será analisada em dois momentos, considerando-se a visão do pesquisador, do sujeito auxiliar da pesquisa e do próprio sujeito docente, atendendo à análise de cada uma das duas versões do processo de revisão, vivenciado pelo referido docente com a classe de sua responsabilidade.

#### 4.2.1.1 Primeiro momento

No primeiro momento da revisão, foi explorado o texto de um dos alunos. A classe, leitora e co-autora do texto, foi orientada no sentido de colaborar na revisão do texto de um dos colegas. Apenas um dos alunos estaria revisando o seu próprio texto e, nesse caso, este seria o mais beneficiado, em termos de colaboração direta. O docente, para isso, cuidou de proceder às devidas orientações, conforme se poderá observar na análise detalhada dos dados mais adiante.

Concluída a primeira revisão, o pesquisador, no confronto das observações sobre a atuação docente – no preenchimento da ficha de avaliação por ele próprio, pelo docente sujeito da pesquisa e pelo auxiliar da pesquisa –, ao verificar diversificações sobre a percepção referente à orientação, dispôs, para análise, os diferentes direcionamentos adotados por esses docentes, seguindo uma sequência, conforme os *tipos de manifestação* apresentados.

A análise do primeiro momento da revisão envolvendo os aspectos pragmáticos, a partir da ficha de avaliação, será cumprida de acordo com a ordem de distribuição das categorias correspondendo aos itens a seguir.

##### 4.2.1.1 a) O autor do texto

Considerando que o gênero textual representa uma ação de linguagem verbal, que é interativa, por natureza, compreende-se que, para a efetivação dessa ação, há um produtor que dá origem a essa ação, mas que está sintonizado com outros produtores desse texto, os possíveis destinatários/leitores, conforme Bronckart (1999). Em outras palavras, se quer afirmar que o autor não é o único responsável pela construção de sentido de um texto, porém cabe-lhe a decisão de estabelecer o ponto de partida e as trilhas que deverão ser arquitetadas para que o leitor encontre os caminhos a percorrer.

É evidente a importância do papel que exerce o autor, não porque, simplesmente, ele mais se impõe na autoria do texto, mas, porque, para cada ação de linguagem, implicam diversas capacidades que devem ser movidas por esse agente, quais sejam: adaptar-se às características do contexto e do referente; mobilizar modelos discursivos e genéricos

associando-os às devidas unidades linguísticas; e dominar as operações psicolinguísticas que fazem jus à vivência do processo da produção textual (Schnewly e Dolz, 2004).

Sobre as observações feitas em torno do desempenho docente, na perspectiva da atenção dispensada ao autor do texto, registramos três tipos de manifestação resultantes da análise da ficha de avaliação.

### ***MANIFESTAÇÃO 1***

O pesquisador, em sua ficha de avaliação do desempenho docente, considerou que o docente (S<sub>2</sub>) havia feito a referência ao autor no momento da introdução do trabalho, pois ao serem distribuídas as cópias do texto com a classe, o docente informou ser a produção de um dos colegas, e apenas um aluno estaria revisando o seu próprio texto. E, além do mais, alertou para a linguagem e os cuidados dos alunos como futuros professores e para as características do próprio gênero explorado. O docente registrou, no preenchimento da ficha que lhe competia, a mesma visão do pesquisador. O auxiliar da pesquisa, no entanto, só se deu conta do fato de o docente haver feito referência ao autor, quando foi questionado pelo pesquisador “por que não reconhecia que o docente havia feito referência ao autor do texto, se havia informado à classe tratar-se de um texto dos colegas alertando sobre os devidos cuidados?”. Respondeu, então, de imediato: “falta de atenção minha”.

A resposta do auxiliar nos permite inferir que sua concepção de uso do gênero textual como uma prática social de linguagem não está suficientemente consubstanciada, pois, em sua ficha de avaliação, não foi capaz de reportar-se à experiência vivenciada com gênero textual pelo docente como uma prática de comunicação entre o autor do texto e os seus possíveis leitores, requeridos no comando da produção.

Em face da imagem tão marcante sobre a experiência artificial de produção textual na escola de ensino fundamental e médio, tudo indica que essa experiência ficou impregnada, mesmo na mente de docente, a ponto de tornar opaca uma prática de uso mais real do texto em sala de aula.

Na verdade, mesmo que haja esforço de se realizar um trabalho produtivo de uso da língua em sala de aula, ainda ocorre que, na percepção de alguns docentes, a comunicação proporcionada pelo gênero de texto passa despercebida quase que totalmente, em prol da objetivação (Schnewly e Dolz, 2004), muitas vezes, em função da ênfase que se dá ao objeto gênero textual. Se isso não fosse uma realidade, a auxiliar da pesquisa, docente em formação, não teria incorrido em resposta tão espontânea e sem uma justificativa mais convincente.

## ***MANIFESTAÇÃO 2***

Atentando para a segunda forma de manifestação na análise da ficha de avaliação, observou-se que na visão do pesquisador e do auxiliar da pesquisa houve atenção dispensada ao autor do texto pelo docente, na medida em que este se preocupou em afirmar que quem produziu o texto deveria estar atento ao que iria dizer, mas também à forma de linguagem a ser utilizada, devida à sua própria formação específica para professor e às características do gênero textual trabalhado.

A docente (S3), particularmente, considerou sua abordagem “mais ou menos”, pois admitiu não haver reforçado sua orientação sobre o autor, no sentido de chamar bem para a atenção dos alunos, negando, assim, maior ênfase a tal aspecto.

Em torno da avaliação que o docente fez de si mesmo, entendemos que este, somente no momento de sua avaliação, haja tomado maior consciência do papel do autor de um texto no cumprimento de uma atitude comunicativa. Se, na ocasião em que chamou a atenção da classe para a forma de linguagem utilizada, houvesse discutido sobre recursos e mecanismos a serem adotados pelo autor do texto, para fins de maior interação, teria deixado mais patente, para si e para os alunos, a real função do autor em uma prática de linguagem.

É fato que não se pode ignorar:

Quer se trate de noções, de opiniões ou de valores, as representações disponíveis no autor são sempre já interativas, no sentido de que integram as representações dos outros, no sentido de que continuam a confrontar-se com elas e a negociá-las (BRONCKART, 1999, p. 321).

Concordando com Bronckart (1999), admitimos que o lidar com o gênero textual traduz-se em um processo de ajustes discursivos que só se torna possível quando se tem em mente um autor empírico que, naturalmente, estabelece contatos com seu(s) interlocutor(es), considerando, além da temática, as circunstâncias da interação. Normalmente, quando se pensa em qualquer dizer também se pensa em quem disse, daí por que é preciso pensar em um gênero textual sem perder de vista o seu autor, envolvendo todo o contexto no qual ele se inclui.

## ***MANIFESTAÇÃO 3***

Obtivemos, em algum momento, uma manifestação unânime, referente à visão do pesquisador, do docente e do auxiliar da pesquisa, sobre o entendimento de que o docente (S1, S4, S5, S6, S7, S8) dedicara atenção ao autor do texto. Isso, por proceder com a orientação

inerente aos cuidados a serem dispensados à linguagem do texto, em função do que representavam os produtores (alunos da classe) como futuros professores (classe do Ensino Pedagógico) e também pelo conhecimento que detinham da estrutura textual do gênero.

Mesmo que nem todos os docentes tenham explorado exaustivamente o papel do autor, foi considerada “positiva” a atitude desses docentes pelas três categorias de avaliadores (pesquisador, docente e auxiliar da pesquisa), pelos mesmos motivos já considerados na atribuição de tal distinção nas manifestações avaliativas apresentadas anteriormente: o fato de proceder a orientações sobre conhecimentos e capacidades exigidos para o autor de texto e por tratar-se de um autor que se acha na condição de futuro professor. Nessa condição, precisa deter um domínio maior sobre ação de linguagem, não só para efeito de uso, mas também para cumprir satisfatoriamente as intervenções junto aos alunos em sala de aula.

É preciso ficar compreendido pelo docente que o autor representa apenas um dos produtores do texto, no que se refere à sua responsabilidade de dar partida à produção. Explicando através de uma metáfora elementar: cabe ao autor a apresentação de um grande mote, deixando para a voz do leitor uma contraparte, definida pelas pistas oferecidas pelos mecanismos discursivos e enunciativos que marcam a participação efetiva de diferentes agentes na construção de um gênero textual.

Compactuamos com Bronckart (1999, p. 320), quando ele afirma:

O **autor**, como agente da ação de linguagem que se concretiza num texto empírico, é, aparentemente, responsável pela totalidade das operações que darão a esse texto seu aspecto definitivo: é, aparentemente, ele quem decide sobre o conteúdo temático a ser semiotizado, quem escolhe um modelo de gênero adaptado à sua situação de comunicação, quem seleciona e organiza os tipos de discursos, quem gerencia os diversos mecanismos de textualização, etc. Portanto, tratando-se da produção de linguagem, ou produção textual, a noção de autor parece realmente corresponder à definição geral dada pelos dicionários: “aquele que está na origem” e “aquele que é responsável”.(Grifos do autor).

Tomando o mote de Bronckart (1999), sobre a noção de autor como “aquele que é responsável” pela produção de um texto, acrescentamos a esse mote a ideia de que ao leitor compete-lhe também uma autoria, mas de responsabilidade menor, participando, portanto, como co-autor. O leitor faz o papel de coadjuvante na empreitada da construção de sentido do texto, afinal ele age em função dos apelos do autor –“aquele que está na origem” – por sua vez, sempre atua como protagonista, aquele a quem compete o papel principal na produção do gênero de texto, porque somente a ele cabe dar o ponto de partida e insinuar o caminho a ser

seguido na leitura. A própria fluência do leitor pode ser ocasionada pela forma como o autor atua na construção das trilhas a serem percorridas, no decorrer da compreensão do texto.

### 3.2.1.1 b) O leitor do texto

Entendendo o leitor como aquele agente de linguagem a quem se dirige o autor, para juntos construírem o texto, encontramos respaldo em Bronckart (1999, p.322):

A ação de linguagem se traduz por uma ‘reposição em circulação’, no campo das representações sociais cristalizadas no intertexto, de representações já dialógicas que tem sua sede no autor. Esse confronto das representações pessoais com a representação dos outros não pode se efetuar apenas no “espaço mental” do autor: ele exige a criação de um **espaço mental comum ou coletivo**. (Grifos do autor).

Referir-se a um espaço mental comum ou coletivo é uma forma de evocar a presença do leitor no momento da produção textual. Cabe-nos verificar, em que medida, os docentes de nossa pesquisa dispensaram real atenção a essa dimensão do texto, no momento do processo de revisão junto aos alunos de sua classe.

Encontramos em nossa pesquisa três tipos de manifestação sobre o entendimento do pesquisador, do docente e do auxiliar da pesquisa, no tocante à atenção dispensada ao leitor do texto.

#### ***MANIFESTAÇÃO 1***

O pesquisador e o próprio docente evidenciaram com um “mais” a atenção dispensada ao leitor do texto pelo docente, no momento da revisão, porque este retomou o enunciado que constituía o comando para a produção do texto, destacando os aspectos do mundo físico e social, aí requeridos. Foi observado que o docente, adotando esse procedimento, fez o levantamento sobre a quais leitores mais gerais e mais específicos interessaria o texto em estudo.

O auxiliar da pesquisa (do S<sub>2</sub>), por sua vez, ao ser indagado sobre o motivo pelo qual não percebera a atitude do docente no âmbito da atenção ao leitor, respondeu: “falta de atenção minha”. Essa resposta, da mesma forma daquela que ele utilizou fazendo alusão ao

autor, retrata uma certa dificuldade para a compreensão do apelo que se faz ao leitor enquanto se escreve um texto.

Diante da reação do auxiliar da pesquisa, subentende-se que o leitor representa, simplesmente, um elemento da atividade de leitura para decodificar o texto, que não há necessidade de clamar pela sua participação no momento de produzir. É como se tudo que constrói o texto constituísse exigência apenas do autor e, por isso, não houvesse necessidade de pensar no leitor no momento da produção.

### **MANIFESTAÇÃO 2**

Verdadeiramente, imaginar o papel do leitor parece-nos que, ainda, é algo muito nebuloso na mente de alguns regentes de classe, na atividade de produção textual. Ocorreram manifestações de docente (S<sub>3</sub>; S<sub>4</sub>) que, ao fazer uso do enunciado para comando da produção, não se aperceberam da necessidade de levantar os possíveis leitores do texto em estudo. Isso foi constatado tanto pelo pesquisador como pelo próprio docente e pelo auxiliar da pesquisa, no momento do confronto da ficha de avaliação. Eis as justificativas dos docentes implicados: descuido; já haver falado em ocasião anterior.

O descaso com que é tratada a figura do leitor na produção textual de alguns docentes parece-nos revelar uma falta de reflexão sobre a escrita de texto como um trabalho compartilhado entre autor e leitor.

Bronckart (1999), ao apresentar sua proposta do Interacionismo Sociodiscursivo, dedica todo um cuidado à *produção de texto*, afirmando que esta prática de linguagem se inscreve no quadro de uma forma de interação comunicativa. Para tal, ao chamar a atenção para o contexto sócio subjetivo, procura mostrar o papel do autor, como vimos no item precedente, mas também levanta o *status* do leitor na produção de um texto. Assim sendo, leva-nos a pensar sobre esse agente: “a posição social do receptor (que lhe dá seu estatuto de **destinatário**): qual é o papel social atribuído ao receptor do texto, papel de aluno, de criança, de colega, de subordinado, de amigo, etc.?” Bronckart (1999, p. 93-94). (grifo do autor).

Esse enfoque de Bronckart nos desperta para a consciência de que no processamento de um texto não pode ser descurada a contribuição do leitor, haja vista que o fato de reportar-se a ele em função de seu papel social, como aborda Bronckart (1999), já impõe a sua participação nas decisões a serem tomadas para a construção de sentido do texto, sejam decisões de ordem textual, enunciativa ou temática.

### **MANIFESTAÇÃO 3**

Há docentes (S1, S2, S5, S6, S7, S8) bastante sintonizados com a proposta de produção voltada para uma abordagem Interacionista Sócio-discursiva, particularmente na atenção dispensada ao receptor do texto. Tal procedimento foi registrado pelo pesquisador e também pelo próprio docente e pelo auxiliar da pesquisa. Nesse sentido, detectamos toda uma sondagem realizada pelo docente junto à classe, sobre os possíveis leitores do texto a ser revisado, considerando os leitores dos mais abrangentes aos mais específicos. Nesse âmbito, o docente levantava as justificativas para cada uma das indicações.

Adotar uma postura dessa natureza, sinaliza-nos para a experiência com gênero textual como uma ação de linguagem articulada com o contexto social. E, nesse caso, os receptores/leitores, no estatuto de destinatários são visados como agentes responsáveis pela efetivação do texto e articulam-se com a própria noção de texto, na perspectiva de Bronckart, sobre os diferentes níveis de apreensão. Diz o mestre de Genebra, referindo-se ao texto como entidade geral:

Numa primeira acepção, muito geral, a noção de **texto** pode ser aplicada a toda e qualquer produção de linguagem situada, oral ou escrita.(...) cada texto está em relação de interdependência com as propriedades do contexto em que é produzido; cada texto exhibe um modo determinado de organização de seu conteúdo referencial; cada texto é composto de frases articuladas umas às outras de acordo com regras de composição mais ou menos estritas; enfim, cada texto apresenta mecanismos enunciativos destinados a lhe assegurar coerência interna.

Nesse primeiro sentido, portanto, a noção de texto designa **toda unidade de produção de linguagem** que veicula uma mensagem linguisticamente organizada e que tende a produzir um efeito de coerência sobre o destinatário (BRONCKART, 1999, p. 71, grifos do autor).

Bronckart (1999) desperta-nos para uma atenção maior a ser dispensada ao leitor na construção de sentido do texto, de tal forma que articula diretamente a noção de texto ao próprio desempenho daquele a quem o texto se destina. Dizendo de outro modo: não há como falar de texto sem pensar no seu possível leitor como agente da interação verbal.

#### 4.2.1.1 c) O objetivo do texto

Todo texto no estatuto de gênero cumpre um propósito comunicativo amplo adaptado a uma situação de interação social. Daí por que observar os objetivos a serem cumpridos por uma produção textual constitui uma capacidade que deve ser desenvolvida pelo docente junto

à sua classe. Os objetivos podem estar voltados para aspectos do conteúdo temático; do contexto físico e sócio-subjetivo; do texto, envolvendo peculiaridades do gênero e da sequência discursiva; bem como do manejo de mecanismos linguísticos (BRONCKART e DOLZ, 2007).

Os objetivos de um texto são considerados em função de diferentes perspectivas impostas pelo próprio funcionamento do gênero textual como ação de linguagem verbal, seja para efeito de uso, seja para efeito de aprendizagem. Explorar menos ou mais um ou outro objetivo é uma questão estratégica, que se resolve a partir da situação comunicativa que se impõe ou mesmo considerando-se o que se estabelece como prioridade para o trabalho de sala de aula.

Em termos da atenção do docente dispensada ao objetivo a ser alcançado, conforme enunciado/comando da produção do texto – “Produza uma notícia policial narrativa envolvendo pessoas em conflito por ocasião de prática religiosa, para ser exposta no jornal varal da classe, com o fim de despertar a atenção para cuidados a serem tomados no momento de tal prática” –, observamos duas manifestações.

### ***MANIFESTAÇÃO 1***

O docente, ao retomar o comando para a revisão da produção textual, deixou passar despercebido o objetivo requerido para a escrita do texto. O que se deu foi uma leitura despreziosa do enunciado, no tocante à menção ao objetivo que deveria ser cumprido. Em face desse procedimento, o pesquisador, o próprio docente e o auxiliar da pesquisa admitiram que não houve atenção dispensada ao referido aspecto.

O procedimento do docente (S4, S6) mostrou uma certa artificialidade adotada em uma situação na qual se pretendia buscar uma interatividade: uma total frustração sobre um dos elementos que Bronckart (1999) aponta como constituinte dos parâmetros socio-subjetivo. Para o pesquisador de Genebra, o objetivo (ou os objetivos) da interação deve incidir sobre os efeitos que o texto pode produzir no destinatário (ou nos destinatários). O docente, porém, não só deixou de enfatizar um aspecto da interação verbal como também deixou a desejar a própria interação, porque não se pode perceber a reação dos destinatários (posicionamento dos alunos da classe) em relação ao objetivo proposto.

## **MANIFESTAÇÃO 2**

Em oposição à primeira manifestação, tanto o pesquisador, como o próprio docente e o auxiliar da pesquisa registraram, como positivos, casos em que o docente (S1, S2, S3, S5, S7, S8) dispensou todo um cuidado ao objetivo, levantando-o no enunciado, junto aos alunos, e registrando no quadro.

O docente que adotou o referido procedimento proporcionou à classe uma atitude de interação, a ponto de criar um ambiente em que os alunos lembravam posturas a serem adotadas para evitar possíveis infortúnios, em função do conteúdo do texto.

O objetivo decorrente do conteúdo articula mecanismos cognitivos que põem em pauta o papel do referente (objeto em discussão), facilitando toda uma fluência sobre a temática em foco. Isso foi o que observamos diante da participação proporcionada à classe para refletir sobre o objetivo da produção a ser revisada.

Essa atitude dos alunos apresenta sintonia com a proposta de Bronckart e Dolz (2007, p. 159), na medida em que “através do referente mobilizam-se conhecimentos pertinentes à situação comunicativa, que naturalmente reporta-nos para intenções e motivos”.

### 4.2.1.1 d) O suporte do texto

Cada exemplar de texto empírico carrega uma gama de informações que podemos buscar tanto em seu cotexto como nos parâmetros do contexto comunicacional. Neste último, é possível contar com a valiosa contribuição do suporte, e mesmo com a de um ambiente restrito desse recurso, não só para efeito de localização do texto, mas também para a construção do sentido.

Quando um leitor imagina onde o texto deverá ser encontrado, ele já está a caminho da compreensão desse texto, pois se alguém diz que leu uma matéria de primeira página do jornal, por exemplo, vem de imediato a imagem mental de que esse alguém teve acesso a uma notícia – que, por sua vez, também já constitui um recurso de interpretação textual.

Bronckart (1999, p.79) insere o suporte de texto no âmbito dos parâmetros contextuais e apresenta, como exemplo de indicações sobre o suporte, a consulta às contracapas das obras editadas.

A referência ao suporte parece-nos já haver conquistado um certo *status* na atividade de produção escrita em sala de aula, pelo menos em termos de localização do texto, tanto que, em termos dessa abordagem mais corriqueira, constituiu uma unanimidade da parte dos sujeitos docentes da pesquisa. Tivemos, então, sobre o suporte, apenas duas manifestações.

### **MANIFESTAÇÃO 1**

A totalidade dos docentes de nossa pesquisa, ao tratar do suporte, no momento da revisão dos textos dos alunos de sua classe, deu ênfase à referência desse artefato como um “*locus* físico ou virtual” (MARCUSCHI, 2003, p. 11). No entanto, nessa experiência, em particular, a finalidade não consistia simplesmente em utilizar tal recurso apenas como um ambiente de exposição do texto. Mais do que isso: seria impor todo um cuidado ao aluno produtor do texto, no sentido de que ele estaria expondo seu trabalho para o acesso dos colegas de sala de aula e da escola, mas também do corpo docente e de outros possíveis leitores do jornal varal da classe. Por esse motivo, deveria haver toda uma atenção sobre o que seria escrito e como seria escrito.

Embora o suporte de texto possa ter muitos outros atributos, destacá-lo como um meio de divulgação da própria competência textual e linguística do autor do texto já confere a tal recurso um grau de importância bastante significativo.

O procedimento do docente foi considerado positivo, tanto pelo pesquisador como pelo próprio docente e pelo auxiliar da pesquisa, pois houve fidelidade ao que lhe foi atribuído como incumbência para a exploração do suporte.

### **MANIFESTAÇÃO 2**

Encontramos caso em que o docente (S<sub>1</sub>), apesar de explorar o suporte para efeito de atenção dos autores do texto sobre sua capacidade de escrita, acrescentou uma outra orientação, mas de forma deslocada. No momento de euforia para apresentar mais detalhes sobre o suporte, afirmou que, geralmente, este tem preocupação porque compromete-se. Na verdade, o docente quis falar da responsabilidade das instituições jornalísticas, confundindo o suporte com a empresa que produz o jornal.

Isso nos mostra que, de fato, o conceito de suporte é algo que ainda está em construção. E, como diz Marcuschi (2008, p. 173), “ainda inexistem estudos sistemáticos a respeito do suporte dos gêneros textuais. Apenas agora se iniciam (...) e muitas são as indagações.” Mas, apesar do engano, o importante é que o docente conduziu seu trabalho de

sensibilização do alunado para a cautela sobre aspectos formais da produção escrita, condizente com o nível intelectual do autor – futuros professores do ensino fundamental do primeiro segmento.

Destacamos que o equívoco do docente foi observado tanto pelo pesquisador como pelo auxiliar da pesquisa, que registraram um *mais ou menos* em suas respectivas fichas de avaliação.

#### 4.2.1.1 e) O conteúdo do texto

Enquanto cada bloco dos parâmetros do contexto, que envolve valores interacionais e situacionais, são definidos em função dos mundos físico, social ou subjetivo, para definição do conteúdo de um texto, a distinção entre esses três mundos não exerce importância. O conteúdo dos textos pode incluir um dos mundos, mas também pode combinar temas de dois ou três desses mundos (BRONCKART,1999). Portanto, essa perspectiva não deve ser encarada como uma orientação para a análise do conteúdo de texto pertencente à nossa pesquisa.

Por outro lado, considerando que o conteúdo envolve valores referenciais que se situam em qualquer um dos mundos aos quais nos reportamos, Bronckart (1999) toma para análise os conhecimentos que constituem o conteúdo de um texto a partir do termo macroestrutura semântica<sup>15</sup>, proveniente das ciências cognitivas, como meio de orientação para a análise contedística de uma produção escrita.

O procedimento proposto se articula com os parâmetros contextuais, bem como com os parâmetros de textualização, todos esses abrangendo as categorias que elegemos para nossa análise: aspectos pragmáticos, textuais e linguísticos.

Por uma questão didática, consideramos, para a análise mais direta do conteúdo, neste item do registro de nossa pesquisa, os mecanismos utilizados para a progressão temática do texto, particularmente do gênero notícia policial narrativa, sejam, as repostas às questões:

---

<sup>15</sup> Bronckart (1999, p.98) adverte que macroestrutura semântica é uma expressão que provém das ciências cognitivas e compreende que “seria mais apropriado falar aqui de macroestruturas cognitivas ou macroestruturas proposicionais”. Essa percepção retrata uma relação com a nomenclatura adotada por Adam (1992), quando trata de partes do texto referindo-se à macroproposições.

quem, o quê, por quê, quando, como e onde, que caracterizam, conforme Lage (2000), a estrutura do gênero notícia de modo geral.

A análise que empreendemos resultou em dois tipos de manifestação, referentes à atuação docente, e foram observados igualmente pelo pesquisador, pelo próprio docente e pelo auxiliar da pesquisa.

### **MANIFESTAÇÃO 1**

O docente (S1) dispensou atenção à progressão temática da notícia, através das questões que lhe são peculiares, mas apenas como uma retomada das características desse gênero textual. Nesse caso, podemos inferir que as características do texto não foram exploradas com a finalidade de construir sentido, mas como mera atividade de caráter metalinguístico.

O que se percebe, na realidade, é que na mente do docente ainda flutua a concepção de texto como ação de linguagem. São tantos os conceitos em torno dessa prática verbal – autor, leitor, texto, gênero, suporte e outros mais – que, por vezes, o docente deixa escapar a fragilidade de sua percepção.

A atitude docente, fruto da manifestação que introduzimos, nesta parte da análise dos dados, traz à tona um enfoque apresentado por Bronckart (2006, p. 208-228): o *trabalho prescrito* (determinado pelos manuais, projetos didáticos e outros) para o professor não corresponde ao seu *trabalho real* (efetivado em uma situação concreta). Com isso cria-se uma oportunidade para se refletir sobre a formação de professor, no sentido de observar se o currículo de licenciatura presta-se às demandas do momento atual, que requer bastante praticidade e agilidade.

### **MANIFESTAÇÃO 2**

Um outro tipo de procedimento manifestado pelo docente (S2, S3, S4, S5, S6, S7, S8) no âmbito da abordagem conteudística do texto, corresponde também à atenção aos aspectos que orientam a progressão temática do gênero notícia – quem, o quê, por quê, quando, como, onde. Dessa feita, porém, reportando-se para passagens do texto, vivenciando, de fato, a exploração do conteúdo temático.

Nessa experiência, o docente conduziu o alunado a uma interatividade com o texto, e, naturalmente, foi colocando-o na posição de autor, proporcionando-lhe o uso das trilhas necessárias (quem, o quê, por quê, quando, como, onde) para o desenvolvimento da produção

da notícia requerida. Assim, foram sendo produzidas as pistas indispensáveis à orientação dos possíveis leitores do texto em construção.

Bronckart (1999), sobre a abordagem do conteúdo temático, faz remissão à macroestrutura semântica, que ele denomina mais precisamente de macroestruturas proposicionais, o que condiz com o procedimento adotado pelos sujeitos docentes aqui em foco.

#### 4.2.1.2 Segundo momento

No *segundo momento*, cada aluno revisou o seu próprio texto também sob a orientação do docente, contando ainda com a experiência da revisão anterior do texto do colega. E dessa vez, aquele aluno que revisara o próprio texto beneficiou-se com uma colaboração redobrada para a sua revisão, já que pela segunda vez investia na refacção de sua notícia.

Para a análise da ficha de avaliação desse segundo momento, no âmbito dos aspectos pragmáticos, também foram adotadas as mesmas categorias – autor, leitor, objetivo, suporte e conteúdo – vistas no primeiro momento. Isso constituiu a base para posterior confronto, entre as observações feitas pelo pesquisador, pelo auxiliar da pesquisa e pelo próprio docente, e considerações posteriores exercidas pelo pesquisador.

#### 4.2.1.2 a) O autor do texto

No segundo momento da revisão textual, sobre a preocupação com o autor do texto apresentada pelo docente, vamos encontrar duas formas de manifestação.

#### **MANIFESTAÇÃO 1**

A primeira manifestação (S1, S2, S3, S4, S6, S7, S8) é caracterizada por um bloco de sujeitos que, na percepção tanto do pesquisador como do auxiliar da pesquisa e do próprio docente, chamou a atenção da classe para o autor do texto, ao lembrar que naquele momento cada um estava efetivando a revisão de sua própria produção. Para isso, advertiu sobre as

ponderações (no âmbito da linguagem e do gênero) já feitas na primeira revisão, no que tange à autoria da produção.

O cuidado do docente com a autoria é compatível com a própria noção de gênero concebida por Bakhtin (2000), teórico que constitui referência maior no campo das teorias sociointeracionistas. Para esse pesquisador russo, cada gênero está vinculado a uma situação de interação em uma determinada esfera social. Isso representa o cumprimento de um objetivo comunicativo específico para um patamar discursivo, envolvendo como responsável pelo intercâmbio verbal, antes de tudo, um autor, que tem em vista um destinatário.

Infere-se que o docente atento ao autor do texto compreende que trabalhar com gênero textual significa não simplesmente explorar um objeto para efeito de ensino/aprendizagem, mas significa, principalmente, lidar com um recurso que faz jus ao uso da língua nas interações sociais. Daí a necessidade de se ater à existência de um agente (autor) com grande responsabilidade sobre o que dizer e como dizer para alguém no momento da produção textual.

## ***MANIFESTAÇÃO 2***

A segunda manifestação (S5) de docente frente ao trabalho de revisão, nesse segundo momento, coloca o autor do texto em “brancas nuvens”, omitindo totalmente a participação desse agente de linguagem na produção textual. O docente até levantou, junto à sua classe, todos os aspectos considerados no enunciado de comando para a produção: gênero, sequência discursiva, conteúdo, suporte e, inclusive, o destinatário. No entanto, como no referido enunciado não há alusão ao autor, este ficou totalmente esquecido.

Sem referir-se ao autor do texto, o docente perdeu a oportunidade de imprimir à produção um caráter comunicativo mais efetivo, haja vista que é na orientação sobre as atitudes do autor, perante o texto, que se alcança o destinatário – pensar, por exemplo, na linguagem a ser utilizada, marcam-se os traços do autor e ao mesmo tempo oferece-se estratégia de construção de sentido ao leitor. Afinal, para existir ação interativa tem de haver no mínimo dois agentes, mesmo que o agente leitor seja o próprio autor. É, assim, que se constrói a verdadeira interação, princípio tão defendido pela proposta do Interacionismo Sociodiscursivo (BRONCKART, 1999), base de nossa pesquisa.

#### 4.2.1.2 b) O leitor do texto

Analisando o direcionamento do docente em relação ao leitor do texto, na atividade de revisão com a classe, vamos encontrar nesse segundo momento duas formas de manifestação bastante evidentes.

##### ***MANIFESTAÇÃO 1***

Situamos casos de direcionamento do docente (S1, S2, S5, S8) em que este evocou a presença dos destinatários do texto, admitindo como possíveis leitores, não apenas os alunos da sala na qual a aula transcorreu, mas também os de outras salas, bem como os professores e os funcionários da escola. Isso é fato, porque a leitura do jornal varal da classe (onde o texto foi afixado) alcança um público que extrapola os limites da sala de aula e, dado ao assunto enfocado (envolvendo ação da polícia), causa uma certa curiosidade e interesse.

A atenção voltada para o leitor, no sentido de averiguar a quem de fato o texto atrai, envolve uma atitude responsiva, na medida em que quem faz esse tipo de leitura tira algumas conclusões sobre o que leu. Nesse caso, o docente entendeu que o leitor é um agente ativo enquanto ler. Podemos sintonizar a atitude docente com o que diz Bakhtin (2000, p. 290): “A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude *responsiva ativa* (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prenhe de resposta”.

Estamos, portanto, diante de uma postura docente na qual o trabalho com o gênero textual é pautado em princípios da interação verbal e, por conseguinte, a linguagem é usada de modo compartilhado e o leitor representa um dos agentes que compartilha.

##### ***MANIFESTAÇÃO 2***

A segunda manifestação vai nos deparar com uma prática docente (S3, S7) também atenta à presença do leitor. Nesse caso, porém, o docente teve uma visão mais restrita sobre o público a ser atingido para a leitura do texto revisado. Considerou, então, apenas a classe como leitora, mesmo expondo o texto em local abrangente (no jornal varal), de certa forma.

Pode até ser precipitado afirmar que agindo assim o docente abre margem para se deduzir que seu procedimento está bem voltado para uma mera atividade específica de sala de aula. Mas o fato é que a inferência pode ser feita, afinal é tão comum desenvolver trabalho escolar simplesmente para efeito de exposição, na classe, e não para a classe.

Certamente, há necessidade de se investir, junto ao docente, na concepção de que o sujeito leitor só cumpre seu verdadeiro papel quando assume uma postura de respondente. No dizer de Bakhtin (2000, p. 291): “O ouvinte dotado de uma compreensão passiva, tal como é representado como parceiro do locutor nas figuras esquemáticas da linguística geral, não corresponde ao protagonista real da comunicação”.

Reportando-nos ao que diz Bakhtin, é preciso que o docente, a todo instante, esteja sintonizado com a ideia de que o trabalho com gênero textual, em sala de aula, existe para fins de aprendizagem, mas também para efeito de comunicação. Na verdade, é através de situações de uso real de um gênero de texto que se pode incorporar o princípio de compartilhamento da ação de linguagem, conforme já abordamos no item anterior.

### ***MANIFESTAÇÃO 3***

A terceira manifestação coloca em destaque o docente (S6) que ignorou, totalmente, a participação do leitor na revisão do texto. Aliás, o docente inicia sua orientação partindo dos aspectos contemplados no enunciado de comando da produção, mas esquece por completo a figura do leitor. Isso foi confirmado pelo auxiliar da pesquisa e pelo próprio docente.

O que representaria essa postura do docente enquanto processa a revisão do texto, se essa é uma das oportunidades de retomada, que implica em atualizar o alunado sobre tudo que diz respeito à produção textual ao longo de seu processamento?

Sem dúvida, para o desenvolvimento do texto não basta pensar em sua estrutura esquemática global nem apenas no conteúdo. Faz-se necessário situar o gênero textual em relação aos parâmetros do contexto. Isso significa dizer, como afirma Bronckart (1999, p. 321): “Quer se trate de noções, de opiniões, ou de valores, as representações disponíveis no autor são sempre já interativas, no sentido de que integram já as representações dos outros”. Dizendo de outro modo, significa que para a abordagem do conteúdo, seja qual for a estrutura a ser utilizada, impõe-se a presença dos interlocutores – dos leitores –, tendo em vista a comunicação interpessoal que se concretiza.

#### 4.2.1.2 c) O objetivo do texto

O direcionamento do docente em relação ao objetivo do texto, na atividade de revisão com a classe, nesse segundo momento, aparece também sob duas formas de manifestação, que apresentam resultado igualmente ao do primeiro momento.

### ***MANIFESTAÇÃO 1***

Observando-se a postura do docente no conduzir da última versão da revisão textual com a classe, notadamente a utilização do enunciado-comando para a produção inicial do texto aparece como um apoio substancial. O docente que usou de tal expediente não teve como fugir da referência ao objetivo proposto para a realização da produção.

Ocorre, porém, que, pelo fato de o aluno dispor, em seu caderno, do referido enunciado, houve docente (S4, S6) que deixou de reavê-lo, chamando a atenção apenas para alguns dos aspectos do tal recurso. Em face desse procedimento, não retomou o objetivo. Nesse caso, notou-se uma atitude voltada, sobretudo, para a estrutura textual, como se a produção de um gênero envolvesse apenas parâmetros do texto.

O objetivo constitui um dos parâmetros do contexto, abrangendo valores interacionais (Bronckart, 1999), já que o trabalho coletivo dos falantes na construção de um gênero implica em cumprimento de pretensões comunicativas. Isso, certamente, não está tão patente para todos os docentes de nossa investigação.

### ***MANIFESTAÇÃO 2***

Encontramos uma postura docente (S1, S2, S3, S5, S7, S8) que registra a atenção dispensada ao objetivo do texto. Todavia, causou-nos admiração a atitude do docente de apenas fazer alusão ao objetivo, deixando de lado maiores discussões, como fizera na primeira revisão, sobre os cuidados suscitados no enunciado.

Compreendendo que a revisão representa um momento de retomada, até mesmo para recuperar os deslizos cometidos nas aulas passadas, percebe-se que a produção final de um texto, em função de objetivos definidos ainda não tem sido encarada com a devida compreensão.

Na concepção de Dolz; Noverraz; Schneuwly (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004), considerando-se o planejamento do texto, o gênero textual deve ser estruturado, baseando-se no destinatário ou no objetivo que se pretende atingir. Infelizmente, há docente que ainda não se deu conta de que a produção de um gênero não ocorre por acaso, que há sempre um “para quê”, a fim de justificar a sua circulação na sociedade.

A necessidade de se retomar o objetivo de um gênero, durante o processo de revisão, é algo que não pode ser descurado pelo docente, sob pena de se prejudicar o próprio efeito comunicativo pleiteado. Por isso mesmo, mais do que mencionar o objetivo, convém discuti-lo. Assim, o docente vai incutindo na mente do aluno a razão de ser da produção de cada

gênero, evitando a ideia de estar lidando com um objeto que apenas cumpre uma imposição da escola.

#### 4.2.1.2 d) O suporte do texto

Da mesma forma que transcorrerá no primeiro momento, no segundo, também, vamos contar com duas manifestações referentes à atuação docente, envolvendo o suporte enquanto se revisava o texto com a classe.

##### ***MANIFESTAÇÃO 1***

Diferentemente do que se deu na primeira revisão, a atuação do docente (S1,S2,S4,S5,S6, S7,S8), sobre a abordagem do suporte na revisão de texto com a classe, não foi uma unanimidade, embora a grande maioria tenha levantado essa questão, em função dos cuidados a serem dispensados (com a linguagem, com a estrutura do texto) para a exposição do texto no jornal varal.

A atenção que se tem dedicado ao suporte, em termos de sua funcionalidade, ainda é algo pouco comum, na sala de aula, mas, como diz Marcuschi (2008, p. 174), “ele é imprescindível para que o gênero circule na sociedade e deve ter alguma influência na natureza do gênero suportado.” No caso específico da utilização do suporte com o objetivo de impor tratamento adequado ao texto, acreditamos ser de grande valia na abordagem produtiva dos elementos da língua. Com esse direcionamento do docente, acreditamos que o aluno passe a adotar uma postura mais exigente em relação ao acabamento de sua produção.

##### ***MANIFESTAÇÃO 2***

A outra manifestação encontrada sobre a atenção do docente dispensada ao suporte, no momento da revisão com a classe, é de omissão. Na verdade, o docente (S3) teve uma postura de abstração total. Ao que tudo indica, aqui registramos, não um descaso, mas uma postura de quem ainda tem pouca familiaridade com a abordagem do gênero enfocando o seu suporte de forma sistemática. Até porque o deixar de lado algum aspecto do contexto vem ocorrendo com um ou outro docente ao longo de nossa investigação.

Sem dúvida, adquirir habilidade de lidar com o suporte representa conquistar mais um dos recursos que estão a serviço da efetivação da linguagem. Afinal, ele existe para fins comunicativos (Marcuschi, 2008), por essa razão é preciso submetê-lo às exigências da

interação verbal. Admitimos que, quando houver, de fato, entendimento sobre o papel do suporte na própria construção do gênero, o docente dificilmente deixará passar em branco essa exploração.

#### 4.2.1.2 e) O conteúdo do texto

Seguindo a mesma trajetória adotada para os vários aspectos pragmáticos explorados no segundo momento, a atuação docente sobre a revisão com a classe, envolvendo o conteúdo, revela também diferentes formas de manifestação.

#### ***MANIFESTAÇÃO 1***

Uma atitude docente observada em relação à orientação da classe para a exploração do conteúdo do texto, no segundo momento, diz respeito à negligência sobre os aspectos que direcionam a progressão temática da notícia. Nesse caso, o docente (S6) falou do assunto sugerido no enunciado/comando, porém deixou de fazer referência às célebres perguntas: quem?, o quê?, por quê?, quando?, como? e onde?. Essa atitude docente, porém, não foi registrada na prática do mesmo docente no primeiro momento, mas este docente deixou ocorrer algumas lacunas na discussão com a classe sobre outros aspectos pragmáticos encarados na revisão do texto nos dois momentos.

Tudo nos faz crer que a atenção maior dispensada a um ou a outro aspecto do texto representa uma certa dificuldade do docente de lidar com várias categorias ao mesmo tempo. Além do mais, reforça-nos a ideia de que o trabalho com o gênero textual na perspectiva da interação verbal ainda não foi suficientemente assimilada.

#### ***MANIFESTAÇÃO 2***

A outra atitude do docente (S1, S2, S3, S4, S5, S7, S8) revela todo um cuidado na abordagem do conteúdo, seguindo a orientação para a progressão temática do texto, com base nas perguntas: quem?, o quê?, por quê?, quando?, como? e onde?. Com isso foram sendo levantados possíveis dados que poderiam contar na construção de sentido do texto revisado.

Na segunda manifestação, o docente adotou uma atitude de cooperação bastante efetiva na construção do conteúdo do texto de cada aluno, na medida em que levava cada um a pensar sobre o que poderia constar em sua produção, reportando-se para o que já havia tratado no primeiro momento.

Conforme os princípios do ISD, “assim como os parâmetros do contexto, as informações constitutivas do conteúdo temático são representações construídas pelo agente produtor” (BRONCKART, 1999, p.97). Daí a importância das retomadas do docente junto à classe.

#### 4.2.1.3 Considerações

No âmbito das atenções dispensadas pelos docentes, no que tange aos aspectos pragmáticos, iniciemos nossas considerações pelos comentários que envolvem o **autor** do texto, atentando para o quadro de sistematização.

A U T O R			
MANIFESTAÇÕES	MOMENTOS		OBSERVAÇÕES
	PRIMEIRO MOMENTO	SEGUNDO MOMENTO	
1	Orientação de que o texto a ser revisado diz respeito à produção de um colega e que apenas este revisará seu próprio texto.  Cada aluno, como usuário da língua e como futuro professor, precisa dedicar atenção ao texto em relação à estrutura do gênero e à linguagem (S2).  Consideração (pelo docente) de uma abordagem insuficiente (+) por admitir não haver reforçado sua orientação sobre o AUTOR do texto (S3).	Atenção ao AUTOR, na medida em que lembra estar cada aluno efetivando a revisão de seu texto, advertindo sobre a linguagem e o gênero em construção(S1, S2, S3, S4, S6, S7, S8).  Omissão total da referência ao autor do texto pelo fato de não haver no enunciado uma referência direta a esse agente de linguagem (S5).	<b>No primeiro momento:</b> -O auxiliar reconheceu como uma falha sua a falta de percepção sobre a referência feita ao autor pelo docente. -Não se deu conta das referidas recomendações como uma remissão ao produtor do texto. -Entende-se que somente no momento do confronto de sua ficha de avaliação com a do pesquisador o docente haja tomado consciência do papel do autor de um texto na efetivação de uma atitude comunicativa. -Atingimento de uma unanimidade sobre o reconhecimento da atuação docente no que tange ao papel do autor (pesquisador, docente e auxiliar da pesquisa). <b>No segundo momento:</b> Na ficha de avaliação tanto o pesquisador, como o próprio docente e o auxiliar da pesquisa estiveram atentos às duas manifestações registradas sobre os cuidados com o autor.
2			
3	Orientação sobre os cuidados com a linguagem em função do papel dos autores e de seu conhecimento sobre a estrutura textual do gênero notícia policial narrativa (S1, S4, S5, S6 ,S7, S8).		

Observando o direcionamento da revisão nos dois momentos, vemos que no primeiro, os docentes, no todo, dispensaram atenção ao autor do texto, em função do planejamento global realizado sob a orientação do pesquisador. No entanto, no segundo,

mesmo já tendo pronto o planejamento global, um dos sujeito (S5) descuidou-se dessa particularidade. Indagado sobre a omissão, o sujeito admitiu haver esquecido, pelo fato de já ter ressaltado bastante, no primeiro momento, a importância de referir-se ao autor.

Inferimos, nesse caso, que a concepção sobre ação de linguagem como um processo interativo, que envolve a participação de interlocutores reais, ainda se acha muito pouco definida por certos docentes. Por isso mesmo, acreditamos que o trabalho com as ações de linguagem – expressas pelos gêneros textuais –, contemplando a ação efetiva do autor do texto, só poderá representar uma prática de uso social, se isso tornar-se uma tarefa sistemática na escola, para que fora desta possa ter repercussões favoráveis.

Comparando o desempenho dos docentes, em relação à atenção dispensada ao **leitor**, nos dois momentos da revisão textual com a classe, verificamos que, tanto em um como em outro momento, houve quem desempenhasse sua tarefa a contento e também quem deixasse a desejar.

L E I T O R			
MANIFESTAÇÕES	MOMENTOS		OBSERVAÇÕES
	PRIMEIRO MOMENTO	SEGUNDO MOMENTO	
1	Docente recorre ao enunciado-comando da produção do texto, levantando os possíveis leitores (gerais e específicos) da notícia em estudo (S2).	Evocação ao destinatário referindo-se aos alunos da própria sala de aula e de outras salas, como também professores e funcionários da escola (S1, S2, S5, S8).	<b>No primeiro momento:</b> O auxiliar da pesquisa não se deu conta do procedimento do docente(S2) por isso não registrou em sua ficha de avaliação
2	Docente, mesmo retomando enunciado comando, não explorou os possíveis leitores do texto em discussão (S3, S4).	Referência ao leitor do texto em pauta envolvendo apenas a classe (S3, S4, S7).	A atitude docente (S3, S4) fora constatada por ele próprio, bem como pelo pesquisador e pelo auxiliar da pesquisa durante o confronto das fichas de avaliação.
3	Docentes sondaram sobre os possíveis leitores (gerais e específicos) solicitando justificativa para tal (S1, S2, S5, S6 ,S7, S8).	Alusão ao leitor é ignorada pelo docente mesmo após a leitura do enunciado-comando, que contempla tal aspecto (S6).	A percepção desse fato deu-se por todos os responsáveis pelo preenchimento da ficha de avaliação.  <b>No segundo momento:</b> A presença do leitor marcada pela própria função do texto ainda é algo que precisa ser amadurecido por alguns docentes.  Isso tem sido verificado nos registros das fichas de avaliação, quer do pesquisador, quer do próprio docente, quer do auxiliar da pesquisa.

Dos que deixaram a desejar, apenas um docente (S4) tornou coincidente sua atuação nos dois momentos. Um outro docente (S6) que havia se saído bem no primeiro momento, omitiu-se no segundo.

Apesar de alguns docentes, nos dois momentos, apresentarem uma postura coerente sobre o direcionamento na revisão textual envolvendo a ação do leitor na construção do sentido do texto (conforme planejamento global com o pesquisador), ainda se percebe que esse é um caminho que tem muito a ser percorrido. Mais uma vez observamos que a noção de gênero textual (ação de linguagem), como uma prática que envolve cooperação entre os indivíduos, ainda se acha em processo de consolidação, pelo menos é o que está sugerido nas práticas que analisamos.

As diferentes posturas do docente, em relação à atenção dispensada ao **objetivo** proposto para o texto – as omissões (S4, S6) e as explicitudes (S1,S2,S3,S5,S7, S8) –, no primeiro e no segundo momentos da revisão, coincidem em relação aos sujeitos que representaram cada manifestação no primeiro e no segundo momento.

OBJETIVO			
MANIFESTAÇÕES	MOMENTOS		OBSERVAÇÕES
	PRIMEIRO MOMENTO	SEGUNDO MOMENTO	
1	Docente não se deu conta do objetivo proposto para a produção do texto, explicitado no enunciado comando (s4, s6).	Por não haver sido feita a retomada ao enunciado-comando, o docente deixou de referir-se ao objetivo do texto (S4, S6).	<p><b>No primeiro momento:</b> Atitude reconhecida pelo pesquisador, pelo docente, bem como pelo auxiliar da pesquisa no confronto das fichas de avaliação (s4, s6).</p> <p><b>No segundo momento:</b> Consenso entre os responsáveis pelo preenchimento das fichas de avaliação.</p>
2	Docente atentou para o objetivo a partir do enunciado-comando com a sistematização da discussão registrada na lousa.  Criou-se um clima de interatividade na classe, onde foram vistas posturas possíveis em cumprimento ao objetivo, conforme sugeria o enunciado (S1, S2, S3, S5, S7, S8).	Alusão ao objetivo, em função do enunciado-comando, sem maiores discussões (S1, S2, S3, S5, S7, S8).	

Por um lado, esse resultado mostra a existência de docentes que, mesmo não adotando a mesma intensidade de atenção nos dois momentos, de certa forma, atinaram para a importância de se observar que o texto cumpre algum objetivo ao ser levado a cabo. Por outro lado, encontramos docentes que demonstraram não haver discernido, antes de tudo, o próprio

papel do enunciado-comando (da produção) na facilitação do processo da revisão. Em consequência, isso repercutiu na falta de atenção ao objetivo que deveria ser visado para a construção do gênero.

Diante da análise que realizamos sobre a recorrência ao **suporte**, no momento da produção e revisão de texto sob a orientação do docente, observamos que, nos dois momentos da revisão, esse aspecto foi bastante prestigiado.

S U P O R T E			
MANIFESTAÇÕES	MOMENTOS		OBSERVAÇÕES
	PRIMEIRO MOMENTO	SEGUNDO MOMENTO	
1	<p>Suporte visto como um <i>locus</i> físico onde o texto deveria ser afixado e por meio do qual se teria a oportunidade de avaliação da competência textual e lingüística de seu autor (S1, S2, S3, S4, S5, S6, S7, S8).</p>	<p>Apesar de não representar uma unanimidade, prevaleceu o cuidado com a linguagem e com a estrutura textual, tendo em vista a afixação do texto no jornal varal (S1, S2, S4, S5, S6, S7, S8).</p>	<p><b>No primeiro momento:</b> Apesar do equívoco cometido por um sujeito docente, no todo os docentes estiveram atentos ao papel do suporte para o qual este fora utilizado.</p> <p>Docente e auxiliar não haviam atentado para o deslize em suas fichas.</p> <p><b>No segundo momento</b> Como ocorreu somente uma omissão e apenas em um momento, no geral os docentes fizeram jus à referência ao suporte.</p>
2	<p>Acréscimo de mais uma orientação, mas concebida de forma equivocada: o suporte “tem preocupação porque compromete-se”. Essa abordagem demonstra que o docente confunde a noção de suporte com a de empresa de jornal (S1).</p>	<p>Omissão, no tocante a qualquer referência sobre o suporte (S3).</p>	

O prestígio manifestou-se na medida em que o docente sempre alertou para os cuidados formais com o texto, tendo em vista a avaliação a que se submetia cada autor quando da exposição de sua notícia no jornal varal da classe. O fato é que apenas um docente fugiu de tal atenção, mas somente no segundo momento.

Em relação a abordagem do **conteúdo**, com certeza, não foram os mesmos docentes que demonstraram uma atitude de interatividade efetiva com o texto, nos dois momentos da revisão, no entanto a grande maioria (S2,S3,S4,S5,S7,S8) manteve-se sintonizada nesse âmbito.

C O N T E Ú D O			
MANIFESTAÇÕES	MOMENTOS		OBSERVAÇÕES
	PRIMEIRO MOMENTO	SEGUNDO MOMENTO	
1	Atenção dispensada às questões que norteiam a construção das proposições tópicas na notícia, mas sem preocupação de verificar o sentido do texto (S1).	Discussão do conteúdo sem explorar a sua progressão no texto, inclusive omitindo a referência às questões norteadoras da estruturação do gênero notícia (S6).	<p><b>No primeiro momento:</b> Atitude prevalente, envolvendo o conteúdo, foi de atenção à progressão temática baseada nas proposições norteadoras pelas questões que direcionam a estruturação do gênero notícia na construção de seu sentido.</p> <p><b>No segundo momento:</b> Se considerarmos a atuação dos docentes, em um e em outro momento, vamos perceber que todos eles discutiram a construção do sentido do texto com base nas questões que dizem respeito à estrutura da notícia.</p>
2	Vivência efetiva da progressão temática, com base nas questões norteadoras, buscando o sentido no texto (S2, S3, S4, S5, S6, S7, S8).	Procedimento idêntico ao da “manifestação 2” do primeiro momento: construção do sentido do texto respondendo ao “o quê?”, “quem?”, “quando?”, “onde?”, “por quê?” e “como?” (S1, S2, S3, S4, S5, S7, S8).	

A orientação do conteúdo representou a categoria dos aspectos pragmáticos do texto que foi alvo de muita atenção por parte do docente no processo de revisão, dado o direcionamento estabelecido a partir das indagações (o quê?, quem?, quando?, onde?, por quê?, como?) utilizadas na definição da progressão temática da notícia.

#### 4.2.2 Texto

Genericamente falando, em uma perspectiva interacionista sociodiscursiva compreende-se o texto como um recurso utilizado para efeito de interação verbal que aparece sob diversos formatos (gêneros), dependendo das circunstâncias de uso e do objetivo/propósito comunicativo a ser cumprido. Bronckart (1999, p.72) o concebe como “uma unidade de produção de linguagem que pode ser considerada como a **unidade comunicativa** de nível superior” (grifo do autor), admitindo que texto veicula uma mensagem linguisticamente organizada que tende a atingir o destinatário pela sua coerência.

Foi com o fim de comunicar algo a um determinado destinatário – público alvo – que os docentes de nossa pesquisa investiram em uma orientação sobre o processo da escrita de texto, com foco na revisão.

O texto, tanto quanto os outros instrumentos de análise, será explorado tendo em vista as três categorias básicas, incluindo suas especificidades, definidas para o trabalho de nossa pesquisa – aspectos pragmáticos (autor, leitor, objetivo, suporte e conteúdo); aspectos textuais (gênero notícia – título, *lead* e corpo – e sequência narrativa – resumo, situação inicial, complicação, (re)ação/avaliação, resolução e situação final); e aspectos linguísticos (tempo verbal e marca de causalidade).

Obedecendo ao mesmo procedimento adotado para a ficha de avaliação, cada texto será trabalhado atendendo à análise de cada um dos dois momentos do processo de revisão vivenciado pelo docente com a classe de sua responsabilidade.

#### 4.2.2.1 Primeiro momento

No primeiro momento da revisão, vamos nos deparar com o texto de um dos alunos<sup>16</sup> de cada um dos docentes que são sujeitos da pesquisa. Conforme já declaramos na análise a partir da ficha de avaliação, a classe, *leitora* e *coautora* do texto, foi orientada no sentido de revisar a produção de um dos colegas, sendo que o autor do texto revisou a sua própria produção. É de autor-aluno desta natureza que o texto de cada classe constituirá foco de análise.

Nossa análise sobre o texto do aluno, nesse momento, também será organizada com base nas categorias já exploradas na ficha de avaliação. No entanto, condensaremos algumas das tais categorias, dado ao imbricamento que apresentam para o trabalho que empreendemos. E mais: omitiremos alguma delas quando não houver explicitude no texto nem recurso para inferi-las, como é o caso do suporte. Assim sendo, dispensaremos atenção ao leitor e ao destinatário de modo interativo; depois será a vez do objetivo; e, por fim, trataremos do conteúdo. Isso será adotado considerando cada manifestação que detectamos para efeito de análise desses dados – manifestação 1, manifestação 2, e assim por diante.

---

<sup>16</sup> Para nos referirmos aos textos, adotaremos, como código, a letra A (de aluno) seguida de uma numeração, para corresponder ao que já fizemos para cada docente com a letra “S” (de sujeito docente da pesquisa). Por exemplo: A<sub>1</sub> faz corresponder ao S<sub>1</sub>; A<sub>2</sub> faz corresponder ao S<sub>2</sub>; e, assim, sucessivamente.

#### 4.2.2.1 a) O autor e o leitor do texto

Concebendo o autor do texto como um agente de linguagem que atua em parceria com aquele a quem o texto se destina, não há como fugir da busca de suas marcas no texto sem vincular tal manifestação ao leitor, conforme enfocamos em item anterior deste trabalho. Eis, então, o motivo pelo qual abordaremos a ação desses dois agentes de forma integrada. Assim sendo, procederemos à análise sobre os traços do autor empírico que sinalizam para uma melhor percepção do leitor em torno dos dados do texto, retomando a noção de texto como **“toda unidade de produção de linguagem** que veicula uma mensagem linguisticamente organizada e que tende a produzir efeito de coerência sobre o destinatário” (grifo do autor) (Bronckart (1999, p.71), cabendo, portanto, ao autor esta responsabilidade.

Para a tarefa em pauta, verificamos como mecanismo norteador a operação de reformulação, adotada no momento da revisão pelo autor do texto no afã de atingir o seu leitor. Sobre tal procedimento, Passegi (1998)<sup>17</sup> utiliza cinco categorias – *apagamento*, *retomada* *elou* *acrécimo*, *deslocamento* e *substituição*. De nossa parte, para este item da tese, faremos uso apenas da categoria de substituição, que corresponde, segundo a autora, à troca de um núcleo de sentido do texto-fonte, que atribuímos a denominação de texto de origem, por um outro núcleo de sentido no texto-mediador, que denominamos de texto revisado.

Escolhemos apenas a categoria “substituição” porque nosso trabalho, visando a operação de reformulação, tem por fim a identificação de alguns indícios de linguagem que indicam, com certa saliência, a preocupação do autor na busca de uma melhor interação com seu leitor. Não é nossa intenção, neste item da tese, expor mecanismos inerentes ao processo de revisão em si.

Ademais, não procederemos a uma análise exaustiva sobre as operações de reformulação, para evitar repetição na abordagem de tais operações que surgirão necessariamente na exploração dos aspectos contedúísticos e textuais. Verdadeiramente, nosso interesse, nessa parte do trabalho, é mostrar que o autor é capaz de deixar transparecer

---

<sup>17</sup> Para melhor fazer jus aos estudos sobre os processos de reformulação adotados por Passegi (1998), consultar as propostas de GRESILLON; LEBRAVE (1983); GÜLICH; KOTSCH (1987); FUCHS (1994); HILGERT (1995).

no texto, com bastante clareza, seu apelo ao leitor, até mesmo em função das características do gênero textual, conforme veremos no processo de análise.

### MANIFESTAÇÃO 1

Uma das formas de substituição como manifestação da sintonia autor-leitor que detectamos revelou-se sob o prisma da mudança de foco (A<sub>8</sub>), como bem ilustra o processo de revisão expresso a seguir.

Texto de origem	Texto revisado – 1ª revisão
<p>A<sub>8</sub></p> <p><b><u>O mau vizinho</u></b></p> <p>Um homem que mora vizinho à uma igreja, na Barra do Ceará, estava sentindo-se encomodado com o barulho que os seus seguidores estavam fazendo na igreja. Ele saiu de sua casa, foi até a igreja para pedir aos fiéis que diminuíssem o barulho que estava insuportável, mas os fiéis não atenderam o seu pedido, então ele foi à delegacia próxima para fazer um Boletim de Ocorrência, com isso vieram os policiais e foi resolvido o problema daquele dia, mas no dia seguinte o barulho continuou do mesmo jeito de antes. O senhor ficou ainda mais aborrecido e foi resolver o problema do jeito dele. Pegou um cacete e saiu espalhando os fiéis para todos os lados. Daí a igreja fechou e não abriu mais.</p>	<p>A<sub>8</sub></p> <p><b><u>Fiéis são agredidos</u></b></p> <p>Na noite de quarta feira, dia 30 de maio, um homem que mora vizinho à uma igreja, na Barra do Ceará, estava sentindo-se encomodado com o barulho que os seus seguidores estavam fazendo na igreja. Furioso com o barulho ele saiu de sua casa, foi até a igreja pedir aos fiéis que diminuíssem-o mesmo, pois estava insuportável, mas os fiéis não atenderam o seu pedido.</p> <p>§ O homem que era conhecido por Zezé e tinha aproximadamente 40 anos de idade foi à delegacia próxima para fazer um Boletim de Ocorrência, com isso vieram os policiais e problema foi resolvido, naquele dia, mas no dia seguinte o barulho continuou do mesmo jeito de antes, então o senhor Zezé que ficou ainda mais aborrecido com os fiéis, e decidiu resolver o problema do seu modo.</p> <p>§ De posse de um cacete ele saiu espalhando os fiéis para todos os lados, os fiéis que ficaram assustados com a atitude agressiva do homem fecharam a igreja e não abriram mais.</p>
<p>LEGENDA:</p> <p>Informação a ser substituída</p>	<p>LEGENDA:</p> <p>Informação substituta</p> <p>Informação acrescida<sup>18</sup></p>

No texto de origem, o autor aborda um caso de agressividade, focalizando o agressor a partir do título, seguindo pelo desenvolvimento do texto. No texto revisado, o autor altera o título e, então, mesmo cumprindo a progressão do texto voltada para a trajetória da fúria, vivenciada pelo referido agressor, há uma mudança de direcionamento. É possível inferir que o autor preocupa-se em chamar a atenção do leitor para as agressões sofridas por fiéis e para os efeitos dessas ações. Nesse texto em particular, o uso do título aliado ao desfecho assume uma função tópica ampla.

<sup>18</sup> Notificamos a “informação acrescida” apenas para efeito de esclarecimento. Nessa parte da análise esse dado não está incluído.

## MANIFESTAÇÃO 2

Uma outra forma da substituição no texto aparece como um meio de ser expressa a preocupação do autor (A6) com a especificidade dos fatos.

Texto de origem	Texto revisado – 1ª revisão
<p>A<sub>6</sub></p> <p>Incidente em Igreja Evangélica</p> <p>Mulher é agredida por pastor de Igreja protestante.</p> <p>Ao fazer uma visita à uma igreja evangélica no seu bairro, uma senhora foi agredida pelo líder presente.</p> <p>O fato ocorreu em torno de uma discussão sobre o dízimo, ajuda dada pelos fiéis da igreja.</p> <p>Ao ser indagada pelo pastor o valor que, segundo o mesmo, obrigatoriamente a vítima teria de dar, a senhora de 47 anos negou a ajuda.</p> <p>Em decorrência de sua negação, a mesma foi expulsa pelo pastor, arrastada pelos cabelos para fora da igreja.</p> <p>O caso está sendo resolvido pelas autoridades locais, a vítima prestou depoimento, abrindo boletim de ocorrência contra o agressor.</p>	<p>A<sub>6</sub></p> <p>Incidente em Igreja Evangélica</p> <p>Mulher é agredida por pastor de Igreja evangélica.</p> <p>Ao fazer uma visita à uma igreja evangélica no centro de Fortaleza, a senhora Nara Lúcia Duavy foi agredida pelo líder presente.</p> <p>O fato ocorreu em torno de uma discussão sobre o dízimo, ajuda dada pelos fiéis da igreja.</p> <p>Ao ser indagada pelo pastor o valor que, segundo o mesmo, obrigatoriamente a vítima teria que dar, a mesma de 47 anos negou a ajuda.</p> <p>Em decorrência de sua negação, Nara Lúcia foi expulsa pelo pastor, arrastada pelos cabelos para fora da igreja.</p> <p>O caso está sendo resolvido pelas autoridades locais.</p> <p>A vítima prestou depoimento, abrindo boletim de ocorrência contra o agressor.</p> <p><i>Exemplo que faz aumentar o alerta sobre a intolerância dentro das religiões.</i></p>
<p>LEGENDA:</p> <p>Informação a ser substituída</p>	<p>LEGENDA:</p> <p>Informação Substituta</p> <p>Informação acrescida</p>

De antemão, é preciso ficar claro que não discutiremos, neste item, a maior ou menor adequação do uso de termos no texto. Nossa intenção aqui é mostrar a sintonia que o autor procura travar com seu leitor no sentido de abordar os fatos, especificando-os. No primeiro caso de substituição, por exemplo, que aparece no subtítulo da notícia, a palavra “evangélica” toma lugar da palavra “protestante”, que poderia manter-se no seu devido lugar, haja vista a repetição ocasionada. Todavia, pelo procedimento que transcorre ao longo do texto, percebe-se que a preocupação do autor é, de fato, a de esclarecer maximamente o que aborda. Até se entende que protestante relaciona-se a evangélico, no entanto o autor preferiu ir direto ao assunto.

A segunda substituição corresponde à primeira ocorrência no primeiro parágrafo. Aí, “seu bairro” dá lugar a “centro da cidade” e essa atitude do autor tem por fim não deixar dúvida sobre o lugar onde se deu o ocorrido – se a vítima reside ou não no referido bairro não há como inferir. É, ainda, no primeiro parágrafo onde vamos encontrar a terceira substituição. Nesse caso, há a troca de um termo genérico – “uma senhora” – por um específico – “a

senhora Nara Lúcia Duavy” –, comandado pelo uso do artigo definido requerido pelo aparecimento do nome próprio, que, por natureza, representa especificação.

Apesar de não ser uma das mais felizes, a quarta substituição que enfocaremos no texto aparece no terceiro parágrafo e demonstra que o autor, nesse momento, deu-se conta de que a repetição nem sempre é um dos procedimentos mais adequados na produção escrita. Então, a palavra “senhora” é substituída pela palavra “mesma”. Esta, apesar de não trazer uma carga semântica de especificidade por si só, porque se trata de uma referência gramatical, mesmo assim contribui para pormenorizar, em função do contexto ao qual se insere. A quinta substituição, no quarto parágrafo, é uma decorrência da anterior e, mais uma vez, representa a preocupação em não repetir palavra. Como “mesma” assumira uma substituição em passagem anterior do texto, agora não há razão para o seu uso, e eis que dá lugar a “Nara Lúcia”, que assume especificação sem maiores rodeios (A1, A3).

### MANIFESTAÇÃO 3

A operação de substituição também foi marcada pela preocupação do autor (A4) de primar pelo rigor das informações.

Texto de origem	Texto revisado – 1ª revisão
<p>A4</p> <p>No dia 03 de março, foi descoberto que um casal religioso, Mônica e Carlos da igreja Vale de bênçãos estava desviando dinheiro da igreja para servi com gastos pessoais.</p> <p>(...)</p> <p>A polícia descobriu que realmente estava desviando dinheiro mas seria difícil ter provas concreta para acusá-los, O casal foram avastado e estão aguardando julgamento em liberdade mesmo assim muitos fieis <b>ficam fazendo manifestações para libertá-los</b>, mais enquanto a polícia ainda investiga o casal ficarão mantido em vigilância.</p>	<p>A4</p> <p><b>Um casal evangélico desvia dinheiro da igreja</b></p> <p><i>Na cidade de Espírito Santo, em Santa Catarina, casal foi descoberto desviando dinheiro da própria igreja que frequentava.</i></p> <p><i>N o dia 03 de março de 2006, Mônica Oliveira de 35 anos e Carlos Oliveira de 42 anos. Foram descoberto por desviar dinheiro dos fiéis para uso e gastos pessoais.</i></p> <p>(...)</p> <p>A polícia descobriu que realmente estava desviando dinheiro, mas seria difícil ter provas concretas para acusá-los, <i>pois</i> muitos fieis <b>negarão o envolvimento do casal na lavagem do dinheiro</b>. Mais com a investigação do polícia o casal <i>forão</i> avastado das suas realizações religiosas, proibido de fazer cultos e reuniões, muitos fiéis <b>fazião manifestações para inocentas o casal</b>.</p> <p>§O casal ficarão mantido em vigilância <i>até terminarem investigações policiais</i>.</p>
<p>LEGENDA:</p> <p><b>Informação a ser substituída</b></p>	<p>LEGENDA:</p> <p><b>Informação substituta</b> <i>Informação acrescida</i></p>

No texto de origem, o autor faz referência a uma manifestação dos fiéis muito genericamente. Já no texto revisado, ocorre uma espécie de mudança de rumo da informação:

ao invés de tratar da “liberdade” do casal, investe na defesa de sua “inocência”. É como se, nessa segunda abordagem, o autor falasse para o seu leitor que os fiéis não estavam preocupados simplesmente em libertar, mas em provar uma inculpabilidade – “fiéis negarão o envolvimento do casal na lavagem do dinheiro”; “fiéis fazem manifestações para inocentar o casal”. Percebe-se nessa operação de troca, recorrendo bastante a um acréscimo, o cuidado do autor de não faltar com a verdade (cf. A5).

Os autores, que estiveram atentos ao esclarecimento das ocorrências, demonstraram uma sintonia com um dos princípios básicos exigidos para a estruturação da notícia, que é o compromisso com a “verdade objetiva” dos fatos, conforme poderemos observar em Lage (2005, p. 83).

#### 4.2.2.1 b) O objetivo do texto

Reforçando: atentar para o objetivo do texto corresponde ao cumprimento de um dos parâmetros incluídos no contexto sociossujeivo, que permite definir, entre outros aspectos, o conteúdo temático. Esse é nosso pleito. Sendo assim, da mesma forma que fizemos com a ficha de avaliação, para proceder à análise sobre o cumprimento ou não do objetivo de cada produção que exploramos, recorremos, ao enunciado que constituiu o comando para a escrita do texto, qual seja: “Produza uma notícia policial narrativa envolvendo pessoas em conflito por ocasião de prática religiosa, para ser exposta no jornal varal da classe, com o fim de despertar a atenção para cuidados a serem tomados no momento de tal prática”.

Nos textos que investigamos, detectamos duas formas de manifestação contendo o objetivo.

#### ***MANIFESTAÇÃO 1***

Analisando os textos de A1 e de A6, observa-se que um dos postulados impostos para a produção de uma notícia, que é a “imparcialidade” (Lage, 2000, p.15), fora desrespeitado, em função do cumprimento do objetivo.

Texto de origem	Texto revisado –1ª revisão
<p>A<sub>1</sub></p> <p>Era uma certa cidade chamada canta galo, houve uma Romaria onde se reuniu várias pessoas, no meio dessa grande festa religiosa, um carro desgovernado que na direção um irresponsável enbriagado atropelou várias pessoas, (...) nada disso teria acontecido se ele não estivesse bêbado.</p>	<p>A<sub>1</sub></p> <p>TRAGÉDIA NO CANTA GALO</p> <p>Numa cidade chamada canta galo, no dia 10 de novembro de 1987 houve uma Romaria onde se reuniram 500 pessoas, no meio dessa grande festa religiosa, às 18:30 hrs um carro golf desgovernado de placa HUW 1603 atropelou 10 pessoas, (...) se ele tivesse tomado esse pequeno cuidado, nada disso teria acontecido poderia ter evitado essa tragédia.</p>
<p>LEGENDA:</p> <p>Manifestação do objetivo do texto</p>	
<p>A<sub>6</sub></p> <p>Incidente em Igreja Evangélica</p> <p>Mulher é agredida por pastor de Igreja protestante.</p> <p>Ao fazer uma visita à uma igreja evangélica no seu bairro, uma senhora foi agredida pelo líder presente. (...)</p>	<p>A<sub>6</sub></p> <p>Incidente em Igreja Evangélica</p> <p>Mulher é agredida por pastor de Igreja evangélica.</p> <p>Ao fazer uma visita à uma igreja evangélica no centro de Fortaleza, a senhora Nara Lúcia Duavy foi agredida pelo líder presente. Exemplo que faz aumentar o alerta sobre a intolerância dentro das religiões.</p>

O aluno, preocupado em cumprir com o objetivo estabelecido para o texto no enunciado – despertar a atenção para cuidados a serem tomados no momento de tal prática – entende que tal objetivo deve vir expresso e, assim, o faz na conclusão do texto.

No texto de A<sub>1</sub>, a fidelidade em não perder de vista o objetivo é tamanha que o autor usa o próprio termo “cuidado” como uma espécie de remissão ao enunciado. No texto de A<sub>6</sub>, a palavra intolerância pode traduzir-se por “falta de cuidado com o respeito a ser imprimido” (dentro das religiões) e, assim, mais uma vez estamos diante de uma revelação de sintonia com o objetivo do texto, que daí é possível extrair-se.

O que manifesta cada um dos dois textos conduz-nos a uma inferência: os alunos, na construção dos referidos textos, investiram na atenção dispensada ao objetivo a ser cumprido pela produção – embora não tenham se dado conta de que esse não é um pleito para ser explicitado diretamente na produção.

## **MANIFESTAÇÃO 2**

Fazendo um contraponto entre os textos que manifestaram explicitamente a sintonia com o objetivo a ser cumprido e os demais textos submetidos à análise, estes últimos não nos

ofereceram indícios a respeito do que levou os alunos a produzirem tais textos. Na verdade, todos os textos desse bloco apresentam isenção de artifício usado para expressar o objetivo traçado ( A2, A3, A4, A5, A7, A8 ).

#### 4.2.2.1 c) O suporte do texto

No caso específico das produções textuais que analisamos, a revelação sobre a atenção voltada para o suporte, a partir do texto, envolve inferências autorizadas mais pelo contexto do que pelo cotexto. Dizer, por exemplo, que o aluno preocupou-se em usar a escrita padrão por se sentir estimulado pelo suporte, não corresponde necessariamente a uma verdade. O aluno da nossa pesquisa, na posição de autor, pode perfeitamente estar com sua atenção voltada, apenas, para o seu *status* de futuro professor do ensino fundamental. Por outro lado, aquele aluno que não dispensa os devidos cuidados formais ao seu texto nem sempre está revelando descaso com o suporte, pois isso pode acontecer por falta de um maior domínio da língua escrita. Eis a razão pela qual o suporte não passará pela análise a partir do texto, nesta tese.

#### 4.2.2.1 d) O conteúdo do texto

Em item anterior, já elegemos como recurso norteador da análise, sobre o conteúdo dos textos de nossa investigação, as perguntas que orientam a progressão temática de uma notícia – quem?, o quê?, por quê?, quando?, como?, onde?. Usando esse mecanismo, detectamos para o conteúdo quatro formas de manifestação nos textos em estudo. Essas manifestações estão relacionadas ao bloco de operações, adotados por Passegi (1998), que tomamos como condução para a análise sobre autor/leitor e constituirão mais uma orientação para a análise do conteúdo. Do referido bloco de operações, adaptamos para nosso trabalho com o conteúdo os processos de apagamento, acréscimo e substituição.

Sintonizados com Passegi (1988), consideramos como “apagamento” a retirada total de uma parte do texto de origem na produção do texto revisado. Por “acrécimo” entendemos a expansão de uma parte do texto de origem na produção do texto revisado. A “substituição”,







<p>A5</p> <p>Um tiroteio(2) ontem(4) à noite(4) abalou a uma igreja cristã a qual participava de uma celebração quase 1 milhão de pessoas(1).</p> <p>Muitas pessoas ficaram feridas(2) e quase 50 pessoas morreram(2) em um conflito(2) que aconteceu na Igreja São Francisco(6), na Rua João XXII(6), no Rio de Janeiro(6). Estava acontecendo um ato ecumênico(4), quando um carro apareceu em disparada(5) em conflito com os policiais(3) e começaram(5) a atirar contra a polícia e acabou ferindo(2) algumas pessoas com balas perdidas(5). Os policiais conseguiram prender(2) os bandidos, mais infelizmente teve que sacrificar(2) algumas pessoas inocentes.</p> <p>Apareceu(2), médicos, ambulâncias e muitas pessoas disposta a ajudar e com isso amenizar mais o sofrimento das pessoas envolvidas na tragédia.</p>	<p>A5</p> <p>Um tiroteio(2) ontem(4) à noite(4) abalou a igreja cristã</p> <p>Muitas pessoas ficaram feridas(2) e quase 50 pessoas morreram(2) em um conflito(2) que aconteceu na Igreja São Francisco(6), na Rua João XXIII(6), nº. 100(6), no Bairro de Niterói(6), no Rio de Janeiro(6). Isso aconteceu ontem à noite(4), Um tiroteio(2) tirou a atenção dos fiéis(1).</p> <p>§Estava acontecendo um ato ecumênico(4) quando um carro em que estavam os ladrões apareceu em disparada(5) e parou(5) em frente à Igreja São Francisco, e os ladrões começaram a atirar(5), entrando em conflito com os policiais que viam seguindo-os(3), e começaram a atirar(5) contra a polícia que acabou ferindo(2) algumas pessoas com balas perdidas(5). Os policiais conseguiram prender(2) os bandidos, e depois pediram(2) ajuda pelo rádio, chamaram(2) a ambulância para socorrer os feridos.</p>
--	---

Nos textos (A4 e A5) revisados verificamos para o acréscimo de dados no circunstanciador na passagem do texto de origem para o texto revisado. Para nossa análise, denominaremos essa operação cognitiva de acréscimo/expansão. Salientamos no texto (A4) revisado o acréscimo/expansão no circunstanciador “quando” e salientamos no texto (A5) revisado o acréscimo/expansão no circunstanciador “onde”, embora nos dois casos registrem-se as duas operações. Em uma e outra dessas realidades, o ato de acrescentar dados ao circunstanciador demonstra preocupação com a veracidade e com a precisão do fato noticioso. Esse procedimento nos remete ao que afirma Lage (2000, p.26): “Não basta ser verdadeiro; é preciso parecer. Daí a aversão a referências imprecisas”.

No texto (A4) de origem, a referência sobre a data é imprecisa, porque dizer que o fato ocorreu “No dia 3 de março” deixa uma certa vagueza. Afinal, o referido texto seria afixado no jornal varal da classe, o qual não apresenta, por si só, como o jornal de imprensa, a data dos fatos noticiados. Por isso, o acréscimo “de 2006”, no texto revisado, aparece para que se tenha a exata noção de quando o fato transcorreu.

Da mesma forma de A4, a referência, no texto A5 de origem, ao número do prédio da igreja e ao bairro, como mais um dado a ser introduzido no endereço onde se deu a ocorrência, contribui para um maior efeito de realidade e precisão do que é noticiado.

Parafrazeando Bronckart (1999): É necessário se ter na interação verbal um conhecimento exato da situação no espaço/tempo, para que, de fato, se realize a comunicação.

### MANIFESTAÇÃO 4

Além do acréscimo no texto revisado, inerente à expansão de dados já existentes no texto de origem, descobrimos também, no texto que sofreu a revisão, o acréscimo de dados de circunstanciador que não havia sido usado no texto original. Daí por que denominamos essa operação de acréscimo/introdução.

Texto de origem	Texto revisado – 1ª revisão
<p>A<sub>1</sub></p> <p>Era uma certa cidade chamada canta galo(6), houve uma Romaria(6) onde se reuniu várias pessoas, no meio dessa grande festa religiosa(6), um carro desgovernado que na direção um irresponsável embriagado atropelou(2) várias pessoas(1), dentre elas uma senhora(1) que morreu(2) na hora e os outros(1) só sofreram ferimentos leves, devem ser tomados vários cuidados, começando pelo irresponsável que estava na direção, nada disso teria acontecido se ele não estivesse bêbado.</p>	<p>A<sub>1</sub></p> <p>TRAGÉDIA NO CANTA GALO</p> <p>Numa cidade chamada canta galo(6), no dia 10 de novembro(4) de 1987(4) houve uma Romaria(6) onde se reuniram 500 pessoas(1), no meio dessa grande festa religiosa, às 18:30 hrs(4) um carro golf desgovernado(5) de placa HUW 1603 atropelou(2) 10 pessoas, dentre elas uma senhora(1) de 45 anos chamada Luiza gonçalves(1) que morreu(2) na hora e os outros 9 tiveram ferimentos(2) leves, O motorista(1) que calsou esse acidente chamava-se Alexandre vieira(1) de 29 anos(1), que foi preso(2) após o acontecido por policiais que se encontravam presente no Local do acidente, Ele deveria ter prestado mais atenção ao pegar no volante do carro embriagado, se ele tivesse tomado esse pequeno cuidado, nada disso teria acontecido poderia ter evitado essa tragédia.</p>
<p>LEGENDA:</p> <p>(1) Quem                      (4) Quando  (2) O quê                      (5) Como  (3) Por quê                  (6) Onde</p> <p>Argumentação</p>	

Sobre o acréscimo/introdução achamos proposição referente ao “quando”, conforme se vê neste texto de A<sub>1</sub>. Para mais acesso sobre a referida operação, consultar A<sub>6</sub> e A<sub>8</sub>.

Ao olharmos o texto de origem do A<sub>1</sub>, notaremos que, mesmo havendo uma alusão, bem recorrente, ao local, ainda assim há o caráter de indefinição do conteúdo, gerado pela redução de detalhes, dentre esses a omissão do circunstanciador de tempo.

No texto revisado, ao serem introduzidos o dia, o mês, o ano e a hora, passa-se a ter, mais efetivamente, uma idéia sobre o ocorrido. Assim, mais uma vez, pode-se perceber o quanto é importante, na interação verbal, a determinação de espaço e tempo no ambiente de uma ação que se pretende comunicar.

No texto abaixo, vamos encontrar um outro caso de acréscimo/introdução.



Texto de origem	Texto revisado – 1ª revisão
<p>A3 <i>Polêmica em uma igreja evangélica</i></p> <p>No mês de fevereiro(4) de 2007(4) no Domingo pela manhã(4) por volta das 9:00 hs(4) na Igreja Adventista do Sétimo dia(6), em São Paulo(6) uma criança(1) foi vítima de um ato horroroso(2) e depois morta(2), enquanto seus pais assistiam o culto(4) ela(1) brincava(3) na calçada da Igreja, quando um homem praticamente perturbado ia passando por ali e viu(3) a criança sozinha, ele pegou(2) a criança e levou(2) para um local da Igreja e praticou(2) um ato horrível e logo afogou(5) a criança na piscina Batismã, os pais encontraram(2) a filha já morta e logo chamou(2) a polícia e logo foi investigado(2), encontraram o delinqüente que o mesmo confessou(2) o seu ato contando os detalhes. ele disse que não sabia(3) o que estava fazendo não estava nele. O caso chocou(2) a cidade inteira e todas as Igrejas Evangélicas. Ele(1) foi preso e vai pagar(2) a sua pena em um regime fechado, o que não adiantaria nada não vai trazer a criança de volta e logo será solto. Temos que ter mais cuidado com os filhos.</p>	<p>A3 <i>Polêmica em uma igreja evangélica</i></p> <p>No dia 03(4) de março(4) de 2007(4) por volta das 9:00 hs(4) da manhã de domingo(4) na Igreja Adventista do Sétimo dia(6), localizada no Bairro Iruruí(6); Gabrielly Cristina Eichholz(1) de apenas 1 (um) ano e meio foi vítima de uma barbaridade(2), e depois morta(2). Os pais Juliarcl Luiz Eichholz de 26 anos e Andréia Pereira também de 26 anos assistiam o culto(6); Gabrielly saiu(3) de perto dos pais sem que eles percebessem; e brincava(3) no pátio da Igreja; quando um homem passa por ali e vê(3) a criança sozinha, ele pegou(5) Gabrielly e levou(5) para a piscina Batismal(6), onde cometeu(2) sua barbaridade e logo afogou(5).</p> <p>Os Pais da criança logo sentiram(2) sua falta e saiu(2) à procura e a encontraram(2) morta; chamaram(2) a polícia que logo veio(2) e encontraram pistas através das testemunhas, pegaram(2) o assassino.</p> <p>O assassino logo foi preso e vai cumprir sua pena na cadeia.</p>
<p>LEGENDA:</p> <p>(1) Quem                      (4) Quando (2) O quê                      (5) Como (3) Por quê                  (6) Onde</p> <p>Argumentação</p>	

Apesar de outras operações empreendidas no texto A3, destacamos, aí, apenas a operação de substituição. Essa operação, logo no início do texto revisado, impõe a este uma outra leitura. Já não se trata de uma referência vaga apenas sobre o mês, mas inclui o dia específico do mês, e, mais precisamente, do mês em que o fato acredita-se haver ocorrido.

A operação de substituição, não necessariamente, conduz para uma melhoria de abordagem do conteúdo. Nesse caso em particular, porém, o que foi substituído no texto revisado sugere uma atitude de compromisso com a verdade exigida para o texto notícia. Com isso, estabelece-se a coerência textual como imposição do próprio gênero, pois, de acordo com o que postula Lage (2000), não se pode descurar da veracidade dos fatos que são noticiados.

### **MANIFESTAÇÃO 6**

Temos a considerar mais um caso de substituição, o qual se dá no texto por completo.

Texto de origem	Texto revisado –1ª revisão
<p>A7</p> <p>Hoje, precisamente às 13 hs. No bairro do Jangurussu, houve um confronto policial entre, traficantes e policiais, que estavam em ronda naquele bairro, resultado deste confronto, que term in ou em tragédia com a morte por bala perdida, de duas pessoas que estavam, catando lixo no aterro. Os mesmos ainda foram levados com vida para o IJF, mais não resistiram aos ferimentos a bala vinheram a óbito. Policiais culpam os traficantes e os mesmos continuam em pune, pois não foram pegue. Os parentes e amigos das vítimas pedem justiça e por sua vez culpam o governo por não botar policiais nas ruas, com habilidade para saber agir num momento destes.</p>	<p>A7</p> <p>Conflito entre policiais e traficantes no Rio de Janeiro</p> <p>No Morro Santa Tereza, três pessoas são baleadas por balas perdidas, devido o confronto policial entre traficantes e policiais, que ocuparam o morro Santa Tereza.</p> <p>Ninguém sai nem entra no Santa Tereza sem identificação, os moradores estão apavorados, alguns já estão dentro de suas casas há mais de vinte e quatro horas; mulheres e crianças não são poupados neste conflito que promete se estender por vários dias, já que nem traficantes nem policiais querem render-se.</p> <p>A igreja faz um apelo pedindo o fim do conflito e reza para que tudo termine em paz, mesmo os fiéis revoltados por não poderem participar dos cultos e missas, prometem também entrar nesta guerra pelo fim do conflito.</p>

Confrontando o texto de origem com o texto revisado, percebe-se, de imediato, que o processamento da substituição não esteve voltado para a reformulação de macroestrutura, referente a algum constituinte específico da narrativa, mas, sim, para a totalidade do texto – houve a troca de um texto por outro, mantendo apenas a especificidade do gênero.

A troca do texto, entretanto, não se deu por acaso, pois subentende-se que, nesse momento da revisão, o autor tenha se dado conta da orientação estabelecida no enunciado/comando da produção do texto, o qual propõe a escrita de uma notícia com o fim de se chamar a atenção para cuidados a serem tomados por ocasião de uma prática religiosa.

Como se vê, o texto de origem não aborda fatos envolvendo religião, pois o conflito aí tratado diz respeito a “catador de lixo”. No texto revisado, apesar de não atingir diretamente o assunto, pelo menos tratou de atitude da igreja, que imprime religiosidade, embora isso não tenha se concretizado no contexto proposto da primeira revisão (cf. texto da segunda revisão).

O ato de revisar exige das pessoas a detecção e a caracterização do problema. Para isso, conforme Hayes e seus colaboradores (1987), adotam-se objetivos para a solução. Pelo visto, o autor do texto em foco procurou solucionar o problema detectado a partir do enunciado, que incorporou o próprio objetivo para o cumprimento da revisão. Esse fato nos mostra a importância de se adotar, em sala de aula, uma orientação sistemática para a produção escrita dos alunos, haja vista o caráter até mesmo de plano/planejamento do qual o enunciado/comando da produção se reveste.

#### 4.2.2.2 Segundo momento

Para esse momento da análise do texto, obedeceremos a mesma forma de proceder do momento anterior, em termos de categorias adotadas – autor/leitor; objetivo; conteúdo – e de mecanismo cognitivo norteador – operação de substituição, quando se fizer necessária.

A principal busca, aqui, é a verificação da hipótese que envolve a relação existente entre a orientação docente sobre os aspectos pragmáticos e a manifestação desses aspectos no texto do aluno.

##### 4.2.2.2 a) O autor e o leitor do texto

Atentando para a interação autor/leitor, temos três formas de manifestação que se evidenciam nos textos analisados através da operação de substituição que empreendemos.

### ***MANIFESTAÇÃO 1***

O modo de substituição que, primeiramente aqui dispomos, diz respeito ao uso de termos que carregam uma certa precisão para o foco da notícia em pauta.

1ª revisão	2ª revisão
<p>A<sub>1</sub></p> <p>TRAGÉDIA NO CANTA GALO</p> <p>Numa cidade chamada canta galo, no dia 10 de novembro de 1987 houve uma Romaria onde se reuniram 500 pessoas, no meio dessa grande festa religiosa, às 18:30 hrs um carro <b>golf</b> desgovernado de placa HUW 1603 atropelou 10 pessoas, dentre elas uma senhora de 45 anos chamada Luiza gonçalves que morreu na hora e os outros 9 <b>tiveram</b> ferimentos leves, (...)</p>	<p>A<sub>1</sub></p> <p><u>TRAGÉDIA</u></p> <p>Na cidade canta galo, houve um acidente , um carro desgovernado cujo o responsável estava alcoolizado, atropelou dez pessoas provocando uma morte.</p> <p>Numa Cidade chamada canta Galo, no dia 10 de novembro às 18:30 hrs hove uma Romaria , onde se reuniram 500 pessoas , no meio dessa grande festa religiosa um carro desgovernado <b>de marca HILUX</b>, NVW 1603, atropelou 10 pessoas, dentre elas uma senhora chamada Luiza Gonçalves de 45 na os que morreu na hora e os outros só <b>sofreram</b> ferimentos leves, (...)</p>
<p>LEGENDA: <b>Informação a ser substituída</b></p>	<p>LEGENDA: <b>Informação substituta</b></p>

A substituição ocorrida na terceira linha do corpo (propriamente dito) do texto sugere que o autor (A<sub>1</sub>) preocupou-se em passar para o seu leitor uma informação que corresponde à realidade dos fatos. Ao invés de fazer referência a carro “golf”, conforme versão anterior do

texto, fala “de marca HILUX”. Essa inferência que se faz é plausível porque o texto sendo uma notícia impõe ao seu autor o compromisso com a verdade supondo, inclusive, que o leitor conheça esse critério de produção.

O outro caso de zelo pela precisão, ainda no mesmo texto, reside na substituição de “tiveram” por “sofreram”. Aí, não chega a ser a preocupação com a verdade em si, mas com a aproximação maior da exatidão da informação – dizer “sofreram” impõe muito mais o caráter de vítima, em que se colocam as pessoas que se submeteram à referida ação, do que dizer “tiveram”, simplesmente. O autor buscou um termo que, inclusive, integra o mesmo campo semântico do conteúdo global do texto, que fala de acidente.

Em conjunto, os dois casos que registramos revelam que o autor do texto está buscando sintonia com a ocorrência dos fatos. Direcionando-se dessa forma, recorre ao léxico da língua, para manter-se fiel a um princípio exigido na produção da notícia, que é o caráter de autenticidade.

## MANIFESTAÇÃO 2

Temos uma manifestação que evidencia a substituição de termos representando uma preocupação com a formalidade.

1ª revisão	2ª revisão
<p><b>A6</b></p> <p>Incidente em Igreja Evangélica</p> <p>Mulher é agredida por pastor de Igreja evangélica.</p> <p>Ao fazer uma visita à uma igreja evangélica no centro de Fortaleza, a senhora Nara Lúcia Duavy foi agredida pelo líder presente.</p> <p>O fato ocorreu em torno de uma discussão sobre o dízimo, ajuda dada pelos fiéis da igreja.</p> <p>Ao ser indagada pelo pastor o valor que, segundo o mesmo, obrigatoriamente a vítima teria que dar, a mesma de 47 anos negou a ajuda.</p> <p>Em decorrência de sua negação, Nara Lúcia expulsa pelo pastor, arrastada pelos cabelos para fora da igreja locais.</p> <p>O caso está sendo resolvido pelas autoridades locais.</p> <p>A vítima prestou depoimento, abrindo boletim de ocorrência contra o agressor.</p> <p>Exemplo que faz aumentar o alerta sobre a intolerância dentro das religiões.</p>	<p><b>A6</b></p> <p>Incidente em Igreja Evangélica</p> <p>Mulher é agredida por pastor de Igreja Protestante.</p> <p>Nara Lúcia Duavy, 47 anos, foi agredida por líder de uma igreja protestante, situada no centro da cidade.</p> <p>Em uma das reuniões ocorridas na Igreja, a mesma se interessou em fazer uma visita com uma amiga, afim de conhecer a doutrina.</p> <p>Tal visita reprovou totalmente, seu conceito sobre a religião.</p> <p>O fato girou em torno de uma discussão acerca do dízimo, ajuda dada pelos fiéis, as obras sociais da Igreja.</p> <p>Indagada sobre o valor que teria de dar, a vítima negou-se a repassar o dinheiro, suscitando o Início da discussão.</p> <p>O pastor vendo-se contrariado com a negação da vítima, atacou a mesma, expulsando-a da Igreja arrastada pelos cabelos.</p> <p>A vítima dirigiu-se as autoridades, abrindo boletim de ocorrência contra o agressor; em virtude do caso o inquérito será instaurado por danos morais.</p>
<p>LEGENDA:</p> <p>Informação a ser substituída</p>	<p>LEGENDA:</p> <p>Informação substituta</p>

Nessa manifestação podemos observar duas formas particulares: uma sugere que o autor (A6) evita a repetição de termo que ele adotara na primeira revisão e retoma a estrutura utilizada na primeira versão, conforme se observa no subtítulo (cf. primeiro momento). Afinal, a língua escrita prima pela elegância na colocação das palavras, e repeti-las, às vezes, causa estranheza ao leitor. Na verdade, conforme afirma Antunes (2005, p.100), “a substituição de uma palavra por outra tem repercussão no caráter informativo e na força persuasiva do texto”, por isso se recorre a esse artifício.

O segundo procedimento de substituição no texto, carrega bem o caráter da língua culta/padrão, que constitui uma das exigências para a produção da notícia. Lage (2006, 83) afirma: “Enunciados jornalísticos são tomados, atualmente, como padrão da língua culta, tanto escrita quanto oral – embora, nesse caso haja apenas simulação de oralidade.” Lage quer dizer que a notícia, mesmo sendo oralizada, traz os traços da notícia escrita, porque na prática ela é lida e não falada espontaneamente, daí a sua formalidade. Quando o autor do texto substituiu, respectivamente, os termos “ocorreu” e “sobre” por “girou” e “acerca”, ele demonstrou um conhecimento sobre formas lexicais mais apropriadas ao padrão culto da língua, portanto, mais formais.

### MANIFESTAÇÃO 3

Detectamos caso em que o autor dar um tom de generalização na abordagem dos fatos.

1ª revisão	2ª revisão
<p>A7</p> <p>Conflito entre policiais e traficantes no Rio de Janeiro</p> <p>No Morro Santa Tereza(1), três pessoas são baleadas por balas perdidas, devido o confronto policial entre traficantes e policiais, que ocuparam o morro Santa Tereza(2).</p> <p>Ninguém sai nem entra no Santa Tereza(3) sem identificação, os moradores estão apavorados, alguns já estão dentro de suas casas há mais de vinte e quatro horas; mulheres e crianças não são poupados neste conflito que promete se estender por vários dias, já que nem traficantes nem policiais querem render-se.</p> <p>A igreja faz um apelo pedindo o fim do conflito e reza para que tudo termine em paz, mesmo os fiéis(4) revoltados por não poderem participar dos cultos e missas(5), prometem também entrar nesta guerra pelo fim do conflito.</p>	<p>A7</p> <p>Rio de Janeiro: “Conflito entre policiais e Traficantes”.</p> <p>No morro(1) três pessoas são baleadas por balas perdidas, devido o confronto policial entre traficantes e policiais, que ocuparam o morro(2). Ninguém sai nem entra no morro(3) sem identificação. Os moradores estão apavorados, alguns já estão dentro de suas casas há mais de vinte e quatro horas. Mulheres e crianças não são poupados neste conflito, que promet se estender por vários dias, já que nem traficantes nem policiais querem render-se. A Igreja faz um apelo pedindo o fim do conflito e reza pra que tudo termine bem. As pessoas(4) estão revoltadas por não poderem, participar dos cultos religiosos(5).</p> <p>Já passa das quarenta e oito horas o conflito entre policiais e traficantes do morro e aumenta o número de feridos, pessoas que não tem nada a ver com o tráfico de drogas são sacrificados em suas próprias casas sem chances de sobrevivência por parte, dos policiais, os mesmos estão agindo de forma irracional.</p>
<p>LEGENDA:</p> <p>Informação a ser substituída</p>	<p>LEGENDA:</p> <p>Informação substituta</p>

Embora a substituição adotada exija um certo trato para a elegância do texto, pode-se observar o teor de uma verdade que é corriqueira. O autor (A7) poderá até nem ter consciência do recurso que utilizou, mas sabe-se que a revelação que ele faz dos fatos é inegável. Em se tratando de Rio de Janeiro, ao usar a palavra “morro”, sem especificá-lo, ele mostra para o seu leitor a realidade cruel dos moradores daquele tipo de *habitat*. É como se para ele interessasse falar do sofrimento que enfrentam os moradores de morro do Rio de Janeiro na atual conjuntura. Assim, abstrai-se da denominação “Santa Tereza”, pois havemos de convir que lá, ou em qualquer outro morro, a realidade de violência é a mesma – Esse recado o autor deu, embora não se deva ignorar que a especificidade (que ele descartou) traz a clareza e a precisão exigidas para o texto notícia, conforme já abordamos anteriormente.

Ainda, no texto de A7, vemos o emprego de outras duas palavras que, em comparação com as palavras substituídas no texto anterior, têm um caráter bem abrangente. A palavra “em paz” passa pela substituição da palavra “bem”, que carrega um sentido amplo, correspondendo a satisfação do ponto de vista social, psicológico, físico e algo mais – é isso, de fato, que se espera haver ocorrido com a população que sofrera a violência.

Em outras passagens do texto, quando o autor, para referir-se à afetação da violência na prática religiosa da comunidade em foco, substitui a palavra “fiéis” por “pessoas” e o termo “cultos e missas” por “cultos religiosos”, também incorre no mesmo recurso de generalização. Ao usar a palavra “pessoas”, há uma tendência de imaginarmos as pessoas da comunidade no seu todo. A palavra “fiéis”, por sua vez, nos remete a um grupo de pessoas específico. Com isso, vamos observar que o termo “cultos e missas” subentende a referência a duas práticas religiosas distintas: culto dos evangélicos e missa dos católicos. No entanto, ao substituir a referida construção sintática por “cultos religiosos”, infere-se, mais naturalmente, que se trata da prática de qualquer religião ou seita.

Com as substituições, o autor encara uma busca em torno de uma aproximação maior com a veracidade dos fatos, no entanto, escapa-lhe o cuidado com a exatidão e, conseqüentemente, com a objetividade. E essas exigências são palavras de ordem no texto noticioso, conforme já aludimos na visão de Lage (2000, 2006). Na notícia, não basta seguir um de seus postulados, é preciso adotá-los em seu conjunto.

Diante de seu procedimento, o autor mostra sinais de que a prática de produção/revisão escrita exige, entre outros, conhecimentos sobre as estruturas básicas do gênero textual, para que se possa processar a construção de um texto com menos embaraço.

## 4.2.2.2 b) O objetivo do texto

Nesse momento, a análise sobre o objetivo do texto, seguirá o mesmo procedimento adotado no primeiro momento: verificaremos se aparece ou não explicitamente no texto. Para isso, temos duas manifestações.

**MANIFESTAÇÃO 1**

Dos textos analisados, apenas um apresenta manifestação explícita sobre o olhar de seu autor para o objetivo a ser alcançado.

1ª revisão	2ª revisão
<p><b>A<sub>1</sub></b></p> <p>TRAGÉDIA NO CANTA GALO</p> <p>Numa cidade chamada canta galo, no dia 10 de novembro de 1987 houve uma Romaria onde se reuniram 500 pessoas, no meio dessa grande festa religiosa, às 18:30 hrs um carro golf desgovernado de placa HUW 1603 atropelou 10 pessoas, dentre elas uma senhora de 45 anos chamada Luiza gonçalves que morreu na hora e os outros 9 tiveram ferimentos leves, (...)</p> <p>Ele deveria ter prestado mais atenção ao pegar no volante do carro embriagado, se ele tivesse tomado esse pequeno cuidado, nada disso teria acontecido poderia ter evitado essa tragédia.</p>	<p><b>A<sub>1</sub></b></p> <p><u>TRAGÉDIA</u></p> <p>Na cidade canta galo, houve um acidente , um carro desgovernado cujo o responsável estava alcoolizado, atropelou dez pessoas provocando uma morte.</p> <p>Numa Cidade chamada canta Galo, no dia 10 de novembro às 18:30 hrs hove uma Romaria , onde se reuniram 500 pessoas , no meio dessa grande festa religiosa um carro desgovernado de marca HILUX, NVW 1603, atropelou 10 pessoas, dentre elas uma senhora chamada Luiza Gonçalves de 45 na os que morreu na hora e os outros só sofreram ferimentos leves, (...)</p> <p>devem ser tomadas várias cuidados começando pelo irresponsável, Ele deveria ter mais cuidado ao pegar na direção de um carro pois ele estava muito embriagado, se ele tivesse tomado esse cuidado nada disso teria acontecido.</p>
<p>LEGENDA: Manifestação insinuada do objetivo</p>	

Neste texto, da mesma forma que observamos no primeiro momento da análise, o objetivo pode ser inferido em sua conclusão, a partir da palavra “cuidado”. Como já dissemos antes, a recorrência a essa palavra no texto está atrelada ao enunciado que instrui a produção, que podemos aqui lembrar-lo: “Produza uma notícia policial narrativa envolvendo pessoas em conflito por ocasião de prática religiosa, para ser exposta no jornal varal da classe, com o fim de despertar a atenção para cuidados a serem tomados no momento de tal prática”.

Diante da postura do autor, deduz-se que ele não haja, ainda, incorporado os princípios básicos da estrutura da notícia, particularmente sobre o não procedimento de opiniões explícitas no texto. Esse princípio encontra-se nas orientações sobre a produção de

notícia, particularmente pelo que vem sugerido em Lage (2006). Também, não se deu conta de que o objetivo estabelecido para o texto não aparece na superfície do gênero notícia. Com toda essa nebulosidade habitando sua mente, deixa passar despercebido o mesmo procedimento nas três versões do texto, conforme se pode confrontar os dois momentos de análise.

### ***MANIFESTAÇÃO 2***

Sobre o que vem manifestado na grande maioria dos textos (A2, A3, A5, A6, A7 A8), em relação ao objetivo a ser cumprido, tem-se a declarar que não há como inferir a preocupação de seus autores em relação ao que suscita o conteúdo temático. Cumpre-nos afirmar, apenas, que essa é uma atitude que se opõe à “manifestação 1” desse segundo momento de análise sobre o item objetivo.

#### 4.2.2.2 c) O suporte do texto

Nada a tratar sobre esse item. Esclarecimentos já foram feitos no momento anterior.

#### 4.2.2.2 d) O conteúdo do texto

Como não poderia deixar de ser, para a análise do conteúdo continuaremos lidando com as perguntas norteadoras da progressão temática da notícia – quem?, o quê?, por quê?, quando?, como?, onde? –, situadas pelas operações de apagamento, acréscimo e substituição, conforme se observa nas cinco manifestações a seguir.

### ***MANIFESTAÇÃO 1***

Iniciaremos tratando dos casos em que se evidencia a atitude de apagamento.



conforme se vê na produção de A6 – a abordagem do último parágrafo da primeira produção não aparece na segunda.

1ª revisão	2ª revisão
<p><b>A6</b></p> <p style="text-align: center;">Incidente em Igreja Evangélica</p> <p>Mulher é agredida por pastor de Igreja evangélica.</p> <p>Ao fazer uma visita à uma igreja evangélica no centro de Fortaleza, a senhora Nara Lúcia Duavy foi agredida pelo líder presente.</p> <p>O fato ocorreu em torno de uma discussão sobre o dízimo, ajuda dada pelos fiéis da igreja.</p> <p>Ao ser indagada pelo pastor o valor que, segundo o mesmo, obrigatoriamente a vítima teria que dar, a mesma de 47 anos negou a ajuda.</p> <p>Em decorrência de sua negação, Nara Lúcia expulsa pelo pastor, arrastada pelos cabelos para fora da igreja.</p> <p>O caso está sendo resolvido pelas autoridades locais.</p> <p>A vítima prestou depoimento, abrindo boletim de ocorrência contra o agressor.</p> <p>Exemplo que faz aumentar o alerta sobre a intolerância dentro das religiões.</p>	<p><b>A6</b></p> <p style="text-align: center;">Incidente em Igreja Evangélica</p> <p>Mulher é agredida por pastor de Igreja Protestante.</p> <p>Nara Lúcia Duavy, 47 anos, foi agredida por líder de uma igreja protestante, situada no centro da cidade.</p> <p>Em uma das reuniões ocorridas na Igreja, a mesma se interessou em fazer uma visita com uma amiga, afim de conhecer a doutrina.</p> <p>Tal visita reprovou totalmente, seu conceito sobre a religião.</p> <p>O fato girou em torno de uma discussão acerca do dízimo, ajuda dada pelos fiéis, as obras sociais da Igreja.</p> <p>Indagada sobre o valor que teria de dar, a vítima negou-se a repassar o dinheiro, suscitando o início da discussão.</p> <p>O pastor vendo-se contrariado com a negação da vítima, atacou a mesma, expulsando-a da Igreja arrastada pelos cabelos.</p> <p>A vítima dirigiu-se as autoridades, abrindo boletim de ocorrência contra o agressor; em virtude do caso o inquérito será instaurado por danos morais.</p>
<p>LEGENDA:</p> <p>Argumentação</p>	

Conforme temos abordado, não se concebe a exibição explícita de opinião na notícia. Isso, o autor sugere-nos haver compreendido, porque, depois de reformulado seu texto, não aparece aí explicitada nenhuma argumentação.

## **MANIFESTAÇÃO 2**

Outra operação de reformulação que também se fez presente nos textos analisados no segundo momento foi a de acréscimo. Esse fenômeno vamos observá-lo nos textos de A1 e de A2.



1ª revisão	2ª revisão						
<p data-bbox="225 282 256 304"><b>A2</b></p> <p data-bbox="225 331 778 353">VÂNDALOS INVADEM PROPRIEDADE EVAGÉLICA</p> <p data-bbox="225 387 778 521">Durante a inauguração(4) da propriedade de uma igreja evangélica(6), localizada no bairro Pedras(6) BR116(6), local de difícil acesso por motivo de pouca iluminação(3), houve momentos de pavor, medo e insegurança(2).</p> <p data-bbox="225 526 778 660">Freqüentemente naquela propriedade(6) se reúnem nas última sexta-feira de cada mês(4) aproximadamente cem membros(1) em vigília (oração) (5), para intercederem por diversas causas(3) dando início às 23:00hs e encerrando às 5:00hs da manhã do dia seguinte(4).</p>	<p data-bbox="805 282 837 304"><b>A2</b></p> <p data-bbox="805 331 1359 353">VÂNDALOS INVADEM PROPRIEDADE EVANGÉLICA</p> <p data-bbox="805 387 1359 521">Durante a inauguração(4) da propriedade de uma igreja evangélica(6), localizada no bairro Pedras(6) BR116(6), local de difícil acesso por motivo de pouca iluminação(3), houve momentos de pavor, medo e insegurança(2).</p> <p data-bbox="805 526 1359 660">Freqüentemente naquela propriedade(6) se reúnem nas última sexta-feira de cada mês(4) aproximadamente cem membros(1) em vigília (oração) (5), para intercederem por diversas causas(3) dando início às 23:00hs e encerrando às 5:00hs da manhã do dia seguinte(4).</p> <p data-bbox="805 665 1359 799">Naquela noite(4) a vigília foi interrompida por alguma horas de tensão(5), pois aquela propriedade simplesmente foi invadida(2) por vândalos delinquentes(1), que ameaçavam todos(1), suportantes armados de revólveres(5), apontado para o ministro da oração(5).</p> <p data-bbox="805 804 1359 848">Todos os membros(1) seguiam as suas ordens(2), com a intenção de não acontecer o pior(3).</p> <p data-bbox="805 853 1359 898">Então mesmo com todo aquele clima tenso(5), não nos abalamos e continuamos em oração(5).</p> <p data-bbox="805 902 1359 992">A situação foi contornada(2), os bandidos(1) se renderam(2) com a chegada do policiamento(4) que já os perseguiram de outro assalto(2).</p> <p data-bbox="805 996 1359 1086">Eles(1) os vândalos(1) não tiveram opção(2) e não se negaram em entregarem suas armas(2) e seguirem em viagem na viatura da Polícia Militar comandada pelo Sargento Cavalcante do 32º distrito Policial(2).</p> <p data-bbox="805 1090 1359 1180">Os membros(1) mais uma vez louvaram a Deus(2), mais do que nunca, sem cessar com gratidão, do que ele faz por todos nós em sua misericórdia infinita. (5)</p>						
<p data-bbox="225 1182 341 1205">LEGENDA:</p> <table data-bbox="225 1209 574 1288"> <tr> <td data-bbox="225 1209 319 1232">(1) Quem</td> <td data-bbox="470 1209 574 1232">(4) Quando</td> </tr> <tr> <td data-bbox="225 1236 319 1258">(2) O quê</td> <td data-bbox="470 1236 574 1258">(5) Como</td> </tr> <tr> <td data-bbox="225 1263 319 1285">(3) Por quê</td> <td data-bbox="470 1263 574 1285">(6) Onde</td> </tr> </table> <p data-bbox="225 1292 363 1314">Argumentação</p>		(1) Quem	(4) Quando	(2) O quê	(5) Como	(3) Por quê	(6) Onde
(1) Quem	(4) Quando						
(2) O quê	(5) Como						
(3) Por quê	(6) Onde						

Analisando-se este texto, chama-nos a atenção, de imediato, o detalhamento investido na macroestrutura “o quê” – “aquela propriedade simplesmente foi invadida... a situação foi contornada... os bandidos se renderam... não tiveram opção... não se negaram... os membros mais uma vez louvaram a Deus...” –. Todavia, outros acréscimos são levados a efeito, no sentido também de explicitar as informações orbitadas na esfera de diversas macroestruturas, quais sejam: “por quê – “com a intenção de não acontecer o pior” –; “quando” – “Naquela noite... com a chegada do policiamento que já os perseguiram...”; “quem” – “Todos os membros...; eles...; os vândalos...” –.

Só que não podemos deixar de observar um acréscimo que representa um raio de ação mais amplo. Trata-se da introdução de dados na macroestrutura referente ao “como” – “por algumas horas de tensão... suportantes armados de revólveres... apontado para o ministro da oração” ... mesmo com todo aquele clima tenso, não nos abalamos e continuamos em oração” –, que não aparecera, anteriormente, pelo ângulo do conflito em si, por isso dá

uma grande contribuição para a estruturação do texto como um todo. Nesse caso, acrescenta-se ao texto a informação sobre o como se desenrolou, de fato, a ação que está sendo enfocada. Antes aparecia apenas o “como” as pessoas se encontravam (em vigília) antes do ocorrido. Com mais esses dados, o autor reforça a resposta, praticamente, a todas as questões (exceto ao “onde”) cobradas para a estruturação da notícia, de acordo com o que se postula a respeito da organização desse gênero textual.

### MANIFESTAÇÃO 3

A operação de reformulação que aparece de forma surpreendente é a substituição. O texto de A8, na segunda revisão, sofre um processo completo de transformação, em termos do conteúdo temático.

1ª revisão	2ª revisão
<p><b>A8</b></p> <p><u>Fiéis são agredidos</u></p> <p>Na noite(4) de quarta feira(4), dia 30 de maio(4), um homem(1) que mora vizinho à uma igreja, na Barra do Ceará(6), estava sentindo-se encomodado com o barulho(3) que os seus seguidores(1) estavam fazendo na igreja(2). Furioso com o barulho(5) ele(1) saiu de sua casa(2), foi até a igreja(6) pedir(2) aos fiéis (1) que diminuíssem-o mesmo(2), pois estava insuportável(5), mas os fiéis(1) não atenderam seu pedido(2).</p> <p>O homem(1) que era conhecido por Zezé(1) e tinha aproximadamente 40 anos de idade(1) foi(2) à delegacia(6) próxima para fazer um Boletim de Ocorrência(3), com isso vieram(2) os policiais(1) e problema foi resolvido(2), naquele dia(4), mas no dia seguinte(4) o barulho continuou(2) do mesmo jeito de antes(5), então o senhor Zezé(1) que ficou(2) ainda mais aborrecido com os fiéis, e decidiu resolver o problema(2) do seu modo(5).</p> <p>De posse de um cacete(5) ele saiu espalhando os fiéis para todos os lados(2)(5), os fiéis que ficaram assustados com a atitude agressiva do homem(1) fecharam a igreja(2) e não abriram mais(2).</p>	<p><b>A8</b></p> <p>Ônibus é apedrejado</p> <p>Na quarta feira(4) 18 de junho(4) um ônibus é apedrejado(2) no bairro Planalto Regatas(6).</p> <p>Um ônibus que fazia a linha Planalto Regatas foi atingido a pedras(2) quando estava fazendo o seu percurso(4) naquele bairro(6). Moradores(1) ficaram revoltados com o motorista(2)(1) que não parou para levar um ancião(3)(1) que havia dado sinal(2), as pessoas(1) que estavam no local(6), começaram(5) a jogar pedras no ônibus, o motorista(1) desceu(2) e começou a confusão(2). A polícia(1) foi chamada para acalmar(2) os moradores (1) que logo foram se retirando(2) e o ônibus foi liberado(2).</p>
<p>LEGENDA:</p> <p>(1) Quem                            (4) Quando  (2) O quê                            (5) Como  (3) Por quê                        (6) Onde</p>	

O autor desse texto demonstra haver perdido o contato com o enunciado/comando da produção, a ponto de abstrair-se do assunto a ser explorado – conflito por ocasião de uma prática religiosa –, mantendo fidelidade apenas ao gênero textual.

Côncio das características da notícia, pelo que se pode observar, cumpriu, porém, com o desenvolvimento das macroestruturas referentes aos papéis temáticos que preenchem

os requisitos do gênero. Em ambos os textos são preenchidos os espaços referentes a “o quê”, “quem”, “quando”, “como” “onde” e “por quê”.

#### MANIFESTAÇÃO 4

Como quarta manifestação exibiremos caso em que as informações referentes a uma determinada macroestrutura circunstanciadora, dentro do texto, sofreram remanejamento. Isso se pode detectar no texto de A<sub>6</sub>.

1ª revisão	2ª revisão
<p><b>A<sub>6</sub></b></p> <p>Incidente(2) em Igreja Evangélica(6)</p> <p>Mulher(1) é agredida(2) por pastor de Igreja evangélica. (1)</p> <p>Ao fazer uma visita à uma igreja evangélica no centro de Fortaleza(4), a senhora <u>Nara Lúcia Duavy</u>(1) foi agredida(2) pelo líder presente[7].</p> <p>O fato ocorreu(2) em torno de <b>uma discussão sobre o dízimo(3), ajuda dada pelos fiéis da igreja.</b></p> <p>Ao ser indagada(4) pelo pastor[7] o valor que, segundo o mesmo, obrigatoriamente a vítima teria que dar, a mesma (1) de <u>47 anos</u> (1) <b>negou a ajuda</b>(2) (3).</p> <p>Em decorrência de sua negação, Nara Lúcia foi expulsa(2) pelo pastor [7], arrastada(5) pelos cabelos para fora da igreja. (...)</p>	<p><b>A<sub>6</sub></b></p> <p>Incidente(2) em Igreja Evangélica(6)</p> <p>Mulher(1) é agredida(2) por pastor de Igreja Protestante. (1)</p> <p><u>Nara Lúcia Duavy</u>(1), <u>47 anos</u>(1), foi agredida(2) por líder de uma igreja protestante [7], situada no centro da cidade(6).</p> <p>Em uma das reuniões(4) ocorridas na Igreja(6), a mesma(1) se interessou em fazer uma visita com uma amiga(2), afim de conhecer a doutrina(3).</p> <p><b>Tal visita reprovou totalmente, seu conceito sobre a religião</b>(2) (3).</p> <p>O fato(2) girou em torno de <b>uma discussão acerca do dízimo</b> (3), <b>ajuda dada pelos fiéis, as obras sociais da Igreja.</b></p> <p>(...)</p>
<p>LEGENDA:</p> <p>(1) Quem (2) O quê (3) Por/Para quê (4) Quando</p>	<p>1ª revisão</p> <p><u>Itálico sombra: manifestações do circunstanciador “quem” a ser remanejado</u></p> <p><b>Negrito: manifestações do circunstanciador “por quê” a ser remanejado</b></p> <p>2ª revisão</p> <p><u>Itálico sombra: remanejamento de manifestações do circunstanciador “quem”</u></p> <p><b>Negrito: remanejamento de manifestações do circunstanciador “por quê”</b></p> <p><b>Sublinhado: pequena alteração na estrutura remanejada</b></p>

Abstraindo-nos de outras operações, podemos perceber que o circunstanciador “quem” tem uma parte de sua composição deslocada do ponto onde aparece no texto de origem para uma outra posição no texto revisado. Vejamos: olhando para a posição do nome da vítima do conflito abordado nesse texto, na primeira revisão seu foco esteve após a ação do referido agente, seguida pelo local onde este se encontrava. Na segunda revisão, porém, o foco principal se desloca para o próprio agente (Nara Lúcia Duavy), de modo que ele introduz o primeiro parágrafo do texto, fazendo-se acompanhar de uma especificidade sua (47 anos) que aparecia na primeira revisão separadamente.



apagamento de uma referência ao conflito abordado – “Isso aconteceu” –, presente na versão anterior.

1ª revisão	2ª revisão
<p><b>A5</b></p> <p>Um tiroteio ontem à noite abalou a igreja cristã</p> <p>Muitas pessoas ficaram feridas e quase 50 pessoas morreram em um conflito que aconteceu na Igreja São Francisco, na Rua João XXIII, nº. 100, no Bairro de Niterói, no Rio de Janeiro, <b>Isso aconteceu</b> ontem à noite, Um tiroteio tirou a atenção dos fiéis.</p> <p>Estava acontecendo um ato ecumênico, quando um carro em que estavam os ladrões apareceu em disparada e parou em frente à Igreja São Francisco, e os ladrões começaram a atirar, entrando em conflito com os policiais que viam seguindo-os, e começaram a atirar contra a polícia que acabou ferindo algumas pessoas com balas perdidas. Os policiais conseguiram prender os bandidos, e depois pediram ajuda pelo rádio, chamaram a ambulância para socorrer os feridos.</p>	<p><b>A5</b></p> <p>Um tiroteio ontem à noite abalou a igreja cristã</p> <p>Muitas pessoas ficaram feridas e quase 50 pessoas morreram em um conflito que aconteceu na Igreja São Francisco, na Rua João XXIII, nº. 100, no Bairro de Niterói, no Rio de Janeiro, <b>Isso aconteceu</b> Ontem à noite um tiroteio tirou a atenção dos fiéis.</p> <p>Estava acontecendo um ato ecumênico, quando um carro em que estavam os ladrões apareceu em disparada e parou em frente à Igreja São Francisco, e os ladrões começaram a atirar, entrando em conflito com os policiais que viam seguindo-os, e começaram a atirar contra a polícia que acabou ferindo algumas pessoas com balas perdidas. Os policiais conseguiram prender os bandidos, e depois pediram ajuda pelo rádio, chamaram a ambulância para socorrer os feridos</p>
<p>LEGENDA:</p> <p>(1) Quem (4) Quando <b>Isso aconteceu</b> – A ser apagado</p> <p>(2) O quê (5) Como <b>Isso aconteceu</b> – Apagamento</p> <p>(3) Por quê (6) Onde</p> <p>[7] Por quem</p>	

Comparando as duas produções, retomamos um posicionamento de Hayes e seus colaboradores (1987, p. 209 – 212) que enfatizam ser a detecção “uma condição para que a revisão aconteça, mesmo não garantindo a solução do problema”.

Pelo que observamos, os autores em pauta não conseguiram detectar problemas existentes em suas produções ou não se deram ao trabalho de realizar essa operação. De qualquer forma, um ou outro procedimento está apontando para dificuldades enfrentadas com a produção escrita. Que seja declarado: omitir-se é uma forma de dizer.

Se olharmos apenas para o primeiro parágrafo do texto A4, veremos que houve uma dificuldade de distribuição do assunto da macroestrutura referente ao “quem” (casal e especificações) e uma dificuldade de articular as macroestruturas que envolvem “quando” e “onde” (aproximando-as).

No texto de A5, apesar de expressar de forma coerente o conteúdo do primeiro parágrafo, apresenta dificuldade, no segundo, na organização de informações referentes à macroestrutura “quem”, devida às repetições desnecessárias (...ladrões...ladrões; policiais ... polícia... policiais), por exemplo.

Apesar de pequenos os problemas que apontamos nos dois textos, esses indicam que seus autores precisam de orientações sobre como processar a coerência do conteúdo textual.

Em outras palavras, significa dizer que não basta saber responder às questões exigidas para o cumprimento da progressão temática da notícia – “o que?”, “quem?”, “quando?”, “onde?”, “como?” e “por quê?” –, é preciso distribuir bem as informações a elas relacionadas e articulá-las bem.

#### 4.2.2.3 Considerações

Como marca da presença do autor, com vistas ao seu leitor, registramos esforços através da operação de substituição envolvendo, no primeiro momento, mudança de foco, especificidades dos fatos e rigor na informação. Tudo isso em função da dedicação para cumprir a veracidade dos fatos, exigida pelo gênero notícia.

MOMENTO MANIFESTAÇÃO	AUTOR/LEITOR		
	PRIMEIRO MOMENTO	SEGUNDO MOMENTO	OBSERVAÇÕES
1	Substituição: -mudança de foco, partindo do título (A8);	Substituição de termos que carregam mais precisão para a verdade da notícia com investimento no campo semântico, seja: na especificidade da abordagem (A1).	<p><b>No primeiro momento:</b></p> <p>Resumindo-se: através da <i>operação de substituição</i>, houve uma preocupação em tornar o texto sempre mais compreensível.</p> <p><b>No segundo momento</b></p> <p>Além do que se observa sobre a operação de substituição como manifestação de preocupação do autor com o seu leitor, pode-se considerar que toda a análise do conteúdo sinaliza para a interação que o autor pretende travar com seu leitor (Ver análise do conteúdo item 3.1.3.1.d e 3.2.3.2.d).</p>
2	Substituição: -preocupação com a especificidade dos fatos, investindo em alteração no subtítulo, no primeiro parágrafo e no corpo do texto (A6);	Substituição, dada a preocupação com a formalidade: 1. para evitar a repetição de termos; 2. para impor mais apropriação ao padrão culto da língua.	
3	Substituição: -preocupação com o rigor das informações no desenvolvimento do texto (A4, A5);	Substituição para dar um tom de generalização à abordagem dos fatos: 1. alusão a um ambiente com especificidade é levada para uma alusão de forma mais globalizada; 2. termos de caráter específico são trocados por termos que sugerem mais generalidade.	

No segundo momento, defrontamo-nos com a preocupação em relação ao uso de termos mais formais ou pertencentes ao mesmo campo significativo (de caráter mais geral ou específico) e ainda com uma atenção especial na precisão de termos, continuando todo um cuidado pelo teor de verdade que deve caracterizar a notícia.

Sem dúvida, o procedimento cuidadoso dos autores dos textos reflete a atitude do docente, no sentido de advertir para a posição dos alunos como futuros professores, enfatizando a necessidade de primar pela linguagem a ser utilizada em suas produções.

Referente ao objetivo, em se tratando do gênero notícia, não há como encontrá-lo explicitamente, no texto, salvo em caso de desvirtuamento.

MOMENTO MANIFESTAÇÃO	OBJETIVO		
	PRIMEIRO MOMENTO	SEGUNDO MOMENTO	OBSERVAÇÕES
1	Descumprimento do princípio da <i>imparcialidade</i> no texto notícia, ao explicitar uma opinião em decorrência do objetivo requerido para o texto (A1, A6).	Descumprimento do princípio da <i>imparcialidade</i> no texto notícia, ao explicitar uma opinião em decorrência do objetivo requerido para o texto (A1).	Houve progresso de A6 ao passar a cumprir o princípio da imparcialidade, infringido no <b>primeiro momento</b> .  Por outro lado, A4 desaparece desse cenário por não haver feito nenhuma revisão no <b>segundo momento</b> .
2	Isenção de opinião no texto para expressar o objetivo (A2, A3, A4, A5, A7, A8)	Não expressa objetivo explicitado ou inferido através de construção opinativa no texto (A2, A3, A5, A6, A7, A8).	

Nas produções analisadas, prevaleceu, a não visibilidade do objetivo do texto na própria notícia, que é a manifestação plausível de aceitabilidade, no tocante às características do gênero. No entanto, ocorreram alguns equívocos, no sentido de deixar-se revelar no texto o objetivo a que este se propõe, exatamente, em função do desconhecimento ou da displicência sobre exigência do gênero.

Há deslize que poderia ter como justificativa o descuido do docente por não haver chamado a devida atenção para o objetivo referido no comando da produção – caso de S<sub>6</sub>/A<sub>6</sub>, no primeiro momento. Porém, houve situação – S<sub>1</sub>/A<sub>1</sub> –, na qual o docente observou o referido aspecto e nem por isso o autor do texto deixou de evidenciá-lo em sua produção nos dois momentos.

Por outro lado, em relação ao conteúdo, por se adotar as perguntas para orientação de sua progressão no texto – quem?, o quê?, por quê?, quando?, como?, onde? –, nota-se que os esforços são bem mais evidentes, exigindo para análise um número maior de operações, para que se possa dar conta dos procedimentos adotados no processamento de tal aspecto. Utilizamos, para isso, as operações de “apagamento”, “acrécimo”, e “substituição”, nos dois momentos e “deslocamento”, no primeiro momento.

MOMENTO	CONTEÚDO		
MANIFESTAÇÃO	PRIMEIRO MOMENTO	SEGUNDO MOMENTO	OBSERVAÇÕES
1	Apagamento do circunstanciador “porquê” sem prejuízo para o texto – apagamento-omissão, dada a não manifestação no texto de origem (com possibilidade de inferência) (A4).	Apagamento de parte do constituinte “o quê”, resultando em condensação de parágrafos (A3);  Apagamento de macroproposição argumentativa, para efeito de coerência do gênero em si (A6).	
2	Apagamento-supressão do circunstanciador “quando” sem possibilidade de inferência, já que esse deve se fazer presente explicitamente (A2).	Acréscimo ao constituinte “o quê”, no subtítulo, em decorrência da introdução dessa parte da notícia na segunda revisão;  Acréscimo, ainda no subtítulo, a dados referentes a “quem”, “o quê”, “como” e “onde”;  Acréscimo ao “o quê”, ao longo do corpo do texto.  Apesar de “o quê” merecer destaque, com menor saliência apareceram outros acréscimos, tais como os dos circunstanciadores: “quando”, “quem” e “onde”, sendo que este último deu uma contribuição significativa ao texto por não haver aparecido na versão anterior.	As alterações ocorreram basicamente em torno dos circunstanciadores “por quê” e “quando”.
3	Acréscimo-expansão aos circunstanciadores “quando” (A4) e “onde” (A5).	Processamento de substituição atingindo o conteúdo do texto no seu todo.	
4	Acréscimo-introdução aos circunstanciadores “quando” (A1, A6, A8) e “por quê” (A2) que foram totalmente omitidos no texto de origem.	No âmbito do processamento da operação de substituição, foram encontrados, também, casos de remanejamento de oposição de circunstanciadores: aspectos referentes ao “quem” é deslocado do ponto onde aparece no texto de origem, para concentrar as informações em seu entorno.  Já o remanejamento do “por quê” ocorre para acrescentar-lhe detalhes.	
5	Substituição, aqui, corresponde à troca parcial (A3) ou total (A7) do conteúdo do texto – No primeiro caso, houve uma alteração do “quando” (de data). Já no segundo, é decorrente de equívoco na temática do texto de origem, seja, no “o quê”).	Não efetivação do ato de reformular – texto aparece na íntegra, correspondendo à versão anterior (A4).  Apenas uma alteração pequena ao realizar o apagamento mínimo (“isso aconteceu” – 4ª linha do texto da 1ª revisão), deixando praticamente o texto sem modificação (A5).	Sobre as operações realizadas no processo de revisão do conteúdo, pode-se dizer que houve um equilíbrio no procedimento dos autores, de modo geral, pois no <b>primeiro</b> momento e no <b>segundo</b> houve recorrência tanto ao apagamento, como ao acréscimo e também à substituição. No que diz respeito ao aspecto macroestrutural mais alterado, recaiu, sobretudo, no “o quê”.

Observam-se, nas operações vivenciadas para a revisão do texto, traços do autor (quando da movimentação com as estruturas e com as palavras do texto) manifestando a preocupação em facilitar para o leitor a compreensão dos fatos, tendo em vista o que se postula sobre o próprio gênero notícia, em relação ao compromisso com a verdade.

Sobre as várias operações vivenciadas no ato de revisar, apesar do equilíbrio instalado no todo, destaca-se o acréscimo, no segundo momento, incorrendo na macroestrutura referente ao “o quê”.

Confrontando os esforços empreendidos pelos produtores dos textos em relação a cada parâmetro do contexto observado em nossa pesquisa, notadamente é perceptível o engajamento com vistas ao autor/leitor e ao objetivo, mas, apesar de algumas dificuldades, é no âmbito do conteúdo que se observa, com mais clareza, o investimento para melhoria da qualidade da produção.

Na verdade, a preocupação unânime dos docentes, nos dois momentos, em chamar a atenção para as questões que auxiliam na progressão da notícia contribuiu sensivelmente para que os alunos investissem mais no conteúdo do texto.

O procedimento docente que se apresenta sintoniza-se com a hipótese 2 – “O aspecto no qual o docente mais investir vem a ser o mais considerado na revisão do texto do/pelo aluno e, conseqüentemente, deve tornar-se o mais visível no produto textual discente, especificamente na notícia policial narrativa”.

### **4.3 Aspectos textuais**

Os aspectos textuais, como não poderiam deixar de ser, enquadram-se nos parâmetros de textualização e correspondem a procedimentos que incidem sobre a gestão do texto materializado no produto impresso. Sobre esse caráter, neste trabalho, trataremos de localizar a operação de planificação referente aos movimentos retóricos gerais do gênero notícia<sup>20</sup>, bem como aos da seqüência discursiva que compõe o gênero notícia de nossa pesquisa – especificamente, exploramos a notícia policial narrativa.

---

<sup>20</sup> Sobre os movimentos retóricos da notícia e mesmo da seqüência narrativa, é útil consultar a pesquisa (tese de doutorado) de BONINI, Adair. *Gêneros textuais e cognição*. Florianópolis: Insular, 2002.

Para a concretização dessa etapa da análise, utilizaremos os mesmos suportes materiais explorados nos aspectos pragmáticos: ficha de avaliação e texto dos alunos dos docentes alvos de nossa pesquisa.

#### 4.3.1 Protótipo do gênero

Compreendemos a dificuldade existente na descrição de gêneros, dado que os critérios tipológicos provêm de naturezas diversas. O gênero notícia, por exemplo, pode ser compreendido considerando-se as características da sequência textual prototípica que lhe é conferida: categorias da narração ou categorias da exposição; pode-se também tomar como base a sua progressão temática – ao nos apoiarmos nas respostas às questões que lhe possibilitam a progressão de sentido do texto: quem?, o quê?, por quê?, quando?, como?, onde? –; e ainda pode-se ter como referência os parâmetros gerais de sua configuração retórica: título, *lead* e corpo.

Para o trabalho deste item da tese, definimos esses últimos parâmetros, pois compactuando com a posição de Bronckart (2006, p. 145), para o qual são os gêneros de texto que compõem “configurações possíveis dos mecanismos estruturantes da textualidade”<sup>21</sup>, entendemos que das três possibilidades de estruturação que elencamos, somente a terceira recorre de forma sistemática – mesma ordem – e apresenta mecanismos de textualidade mais abrangentes – procede com apelos visíveis, que vão além de exigências internas do texto. O título (primeira parte), naturalmente, é produzido para causar no leitor um certo impacto; o *lead* (primeiro parágrafo) tem a função de orientar o leitor para o que aparecerá no corpo do texto; e a leitura do corpo do texto é facilitada pelo título e pelo *lead*.

Essa estrutura que descrevemos, considera-se prototípica, porque vai aparecer em qualquer que seja o tipo de notícia. Embora, outros elementos – antetítulo, subtítulo e intertítulo (ou intra) – venham a compor o tal gênero, estes não constituem regra geral, pois podem fazer-se ou não presentes. Na concepção roschiana, itens típicos são reivindicados

---

<sup>21</sup> Convém lembrar uma concepção primeira de texto adotada por Bronckart (1999): “**toda unidade de produção de linguagem** que veicula uma mensagem linguisticamente organizada e que tende a produzir efeito de coerência sobre o destinatário”.

como sendo aqueles que ocorrem com maior frequência junto ao nome do conceito, embora esse não seja o único fator responsável pelo caráter de tipicidade. O tempo reduzido para se reconhecer e as semelhanças de família também são referência nesse sentido<sup>22</sup> (ROSCH; SIMPSON; MILLER, 1976).

Sabendo-se em que consiste o “protótipo da notícia” de modo geral, o que seria então o protótipo da notícia policial narrativa, foco de nossa pesquisa? Confrontando-se notícia policial não narrativa com notícia policial narrativa, pode-se perceber que é no *lead* onde se concentra a diferença entre uma e outra e que, a partir de tal parte, pode-se estabelecer o protótipo desta última variação da notícia.

Na notícia não narrativa (policial ou não policial), o *lead* pode aparecer em forma de resumo da notícia como um todo ou não (FOLHA DE SÃO PAULO, 1974). Já na notícia policial narrativa, necessariamente o *lead* constitui resumo da notícia, porque sendo narrativa o único aspecto que não lhe pode faltar é a complicação, que naturalmente é o foco de uma notícia dessa natureza e, portanto, vem no *lead*. Daí por que o protótipo da notícia policial narrativa consiste em apresentar o *lead* em forma de resumo, conforme se pode observar na fundamentação teórica desta tese em “A notícia policial narrativa: o protótipo desse gênero e seus pormenores”. Para quem tem domínio da estrutura da sequência narrativa, isso é passível de ser observado de imediato, fazendo-se jus à concepção roschiana, acima descrita.

#### 4.3.1.1 Ficha de avaliação

A ficha de avaliação, nesta etapa da análise, será explorada com vistas aos parâmetros do texto, estritamente no que concerne ao gênero notícia policial narrativa. Para tanto, o fito será a estrutura da notícia, partindo do título, mas com um olhar apurado para o *lead*, buscando a forma de resumo; e para o corpo, buscando a forma de pirâmide invertida.

Igualmente como ocorrera na análise dos aspectos pragmáticos, na exploração dos aspectos textuais, em particular com o gênero notícia policial narrativa, o trabalho será observado na perspectiva dos dois momentos de revisão, vivenciados pelo docente com sua

---

<sup>22</sup> Cf. capítulo do referencial teórico desta tese que trata da teoria dos protótipos.

classe – acompanhando a percepção do pesquisador, do auxiliar da pesquisa e do próprio docente.

#### 4.3.1.1.1 Primeiro momento

Adotamos para o primeiro momento da revisão, focalizando na *estrutura do gênero* notícia policial narrativa, os mesmos procedimentos estipulados para o trabalho com os aspectos pragmáticos. Assim sendo, as peculiaridades do gênero serão analisadas na ordem em que aparecem na ficha de avaliação – título, *lead* e pirâmide invertida – obedecendo às diferentes manifestações que resultam das atitudes variadas entre os docentes.

##### 4.3.1.1.1 a) O título do texto

Resumindo ou insinuando um determinado conteúdo, o título constitui um recurso que se sobressai visivelmente no texto. Historicamente, representa o primeiro apelo verbal, desdobrado da mensagem, a ser explorado na notícia conscientemente (Medina, 1988). Devido ao seu caráter persuasivo, cumpre o papel de criar no leitor uma expectativa sobre um fato a ser abordado.

Em nossa pesquisa, no que tange à atenção do docente dedicada ao título da notícia produzida por seus alunos, registramos apenas uma forma de manifestação detectada através da ficha de avaliação.

#### **MANIFESTAÇÃO**

A atenção ao título, dispensada pelos docentes (S1, S2, S3, S4, S5, S6, S7, S8.), pautou-se na orientação aos alunos para a utilização desse recurso como a primeira parte da estrutura do gênero e que anuncia o assunto a ser tratado de forma breve. Esse procedimento do docente foi tão natural que constituiu uma unanimidade no registro da ficha de avaliação, tanto pelo pesquisador, como pelo próprio docente, como também pelo auxiliar da pesquisa.

A manifestação dos docentes condiz com uma compreensão de uso do título como uma parte do texto que, não só é chamativa, mas indispensável à notícia – faz parte de sua estrutura.

#### 4.3.1.1.1 b) O *lead*

O *lead* constitui a abertura da notícia. Se esta é factual deve conter em seu *lead* o que há de mais importante, resumindo-a em aproximadamente cinco linhas – é o caso da notícia policial narrativa. Há notícias, porém, que não trazem o *lead* em forma de resumo. Para redigi-lo (em forma de resumo ou não), deve-se responder as perguntas: quem?, o quê?, por quê?, quando?, como?, onde?, obedecendo a uma ordem crescente de importância, conforme o foco maior de atenção que a notícia merecer. O *lead* pode ser composto de mais de uma frase, mas nunca ultrapassará um parágrafo, que é sempre o primeiro (Medina, 1988; Lage, 2000, 2005, 2006).

Sobre esse aspecto da notícia, encontramos duas formas de manifestação docente na direção do trabalho com a classe.

#### **MANIFESTAÇÃO 1**

Ao conduzir a discussão sobre a estrutura da notícia, houve docente que se deixou levar pela nomenclatura adotada, normalmente, para as partes da estrutura do texto que é do senso comum: título, introdução e desenvolvimento. Ao trabalhar a introdução, porém, o docente fez subentender que estava tratando do *lead*. Esse procedimento foi observado pelo pesquisador, mas passou despercebido pelo próprio docente (S1, S6) e pelo auxiliar da pesquisa, porque nas respectivas fichas de avaliação acusa o trabalho com o *lead*, porque foram exploradas as características desta parte, omitindo apenas a sua denominação. Esse fato só caiu na atenção de um e de outro sujeito (regente e auxiliar) quando houve o confronto entre as três fichas: do pesquisador, do docente e do auxiliar.

Como se percebe, o trabalho com gênero específico ainda apresenta uma certa nebulosidade para o docente, o que demanda uma longa trajetória de experiência a ser vivenciada, para que a prática de sala de aula encontre sintonia com o que ocorre fora dela. Concordamos com Cristóvão (2002, p.34) ao defender “a hipótese de que o uso de modelos didáticos de gêneros pode se constituir como instrumento adequado para essa formação”. No entanto, acrescentaríamos que os modelos didáticos não devem ser confundidos com receitas e que para cada circunstância podem ser criados novos modelos adequando-os às situações de efetivação das ações de linguagem, na sala de aula e fora dela. Verdadeiramente, o que precisa ser observado no trabalho com os gêneros são os parâmetros do contexto e do cotexto,

de forma sintonizada, demandando conhecimento específico sobre cada gênero em situação de uso.

### **MANIFESTAÇÃO 2**

A segunda forma de manifestação coloca-nos diante de uma atenção docente majoritária dispensada ao *lead*, que é confirmada pela ficha de avaliação tanto do pesquisador como do próprio docente (S2, S3, S4, S5, S7, S8.) e do auxiliar da pesquisa. Conforme apontamentos da ficha do pesquisador, cada docente, durante a discussão no decorrer da revisão do texto, atinou para o primeiro parágrafo como *lead*, considerando, aí, as questões a serem respondidas – quem?, o quê?, por quê?, quando?, como?, onde? – e as informações mais importantes constituindo-se resumo da notícia.

A atitude docente na abordagem do *lead* mostra-nos que o conhecimento sobre a estrutura de um determinado gênero contribui para que o trabalho, em sala de aula, possa fluir com naturalidade. O docente e seus alunos precisam entender, como concebem Dolz; Noverraz; Schnewly (2004, p.120), que “cada gênero de texto necessita um ensino adaptado, pois apresenta características distintas”. Nessa percepção sobre gênero pode residir a chave do mistério que habita a prática do ensino de língua, particularmente uma prática que envolva o trabalho com gênero com vistas aos parâmetros do texto, mas também do contexto.

#### 4.3.1.1.1 c) A pirâmide invertida

O princípio da pirâmide invertida é básico no processo de estruturação da notícia. Bonini (2002, p. 118), tirando conclusões para o direcionamento de sua pesquisa, a partir do posicionamento de Van Dijk (1990), assegura que o referido princípio:

Preconiza que a notícia deve partir do fato mais relevante perfazendo uma ordenação que facilite não só a leitura rápida pelo consumidor de jornais, que pode ler somente o *lead* e ter noção do fato, como também o trabalho de edição, uma vez que o editor pode localizar a informação a ser cortada – a menos importante – com agilidade no final do texto.

Em se tratando de notícia produzida por aluno de ensino médio, realidade de nossa pesquisa, o procedimento também deve ser o de adotar uma abordagem partindo do que há de mais importante para o menos importante, de modo que no corpo apareça o detalhamento do que foi apresentado no *lead*. Assim, é encontrada uma estratégia para que o leitor faça seus

devidos recortes, com mais facilidade, ao selecionar as informações a serem guardadas na memória.

Analisando o procedimento do docente com seu alunado, a respeito da referência ao princípio da pirâmide invertida, situamos quatro modos de manifestação, mas, considerando-se a correspondência do referido princípio com as partes da estrutura, houve apenas dois blocos de notícias. Sendo assim, analisaremos primeiramente o bloco das manifestações que não revelam a correspondência (manifestação 1) e depois o bloco das manifestações nas quais a correspondência com tal princípio é revelada (manifestação 2).

### ***MANIFESTAÇÃO 1***

Temos registrado que, no momento da revisão, houve docente (S<sub>2</sub>) alheio à referência sobre o princípio da pirâmide invertida na estruturação do gênero notícia. A postura foi de omissão total, tanto em relação à designação como em termos de exploração das características no texto. Por outro lado, foi encontrado procedimento docente (S<sub>5</sub>, S<sub>6</sub>) marcado apenas pela menção à pirâmide invertida, sem maiores detalhamentos.

Tanto no primeiro caso como no segundo, se os alunos não conhecem o referido princípio, o docente tira a oportunidade de os alunos lidarem com uma estratégia indispensável para a distribuição das informações no texto. Afinal, a orientação de que se deve partir de dados mais relevantes para menos relevantes diz respeito à própria progressão temática do gênero.

### ***MANIFESTAÇÃO 2***

Captamos em outra prática docente (S<sub>1</sub>) todo um cuidado em mostrar o procedimento *top down* da notícia, atentando para o ponto de partida com foco no que há de mais marcante até chegar em seus detalhes. O docente não falou de pirâmide invertida, referiu-se a pirâmide simplesmente, e não deu uma designação para o procedimento adotado. Embora isso, talvez, nem afete o desenvolvimento do texto, não deixa de se constituir em um conhecimento que faz parte do mundo da notícia e como tal ao aluno não deve ser negado. A designação do termo “pirâmide invertida”, referente à notícia, deve fazer parte de um conhecimento geral, da mesma forma que ocorre sobre o conhecimento que se adquire na designação do nome das diferentes categorias de gêneros e dos objetos como um todo – trata-se de um recurso de identificação e que auxilia na busca de informação na memória, quando se lida com texto.

De forma mais completa, temos manifestação docente (S3, S4, S7, S8) que marca uma preocupação, não só em mencionar o nome do princípio da pirâmide invertida, mas em detalhar no que isso consiste. É importante compreender que explorar o princípio aludido representa um modo produtivo de se trabalhar a estrutura da notícia, pois, sintonizando com a reflexão feita acima por Bonini (2002), constitui uma estratégia metacognitiva de produção e de recepção do referido gênero.

#### 4.3.1.1.2 Segundo momento

A análise sobre a atitude docente, a partir da ficha de avaliação e centrada na estrutura do gênero, no segundo momento segue direcionamento semelhante ao do primeiro. Apresentaremos na ordem: título, *lead* e pirâmide invertida, mantendo a discussão sobre suas características básicas.

##### 4.3.1.1.2 a) O título do texto

No âmbito do título, continuará sendo observada, sobretudo, sua posição e função na estrutura do gênero, apresentando-se uma única forma de manifestação docente revelada no trato com os referidos aspectos.

### **MANIFESTAÇÃO**

Tal qual observamos no primeiro momento da revisão, a orientação docente, frente ao título, foi por demais simplificada, porque a intenção não seria trabalhar diferentes modalidades semânticas de título, mas apontá-lo como parte integrante do gênero notícia, que tem uma função de orientar o leitor sobre o assunto a ser tratado no texto. Isso foi retomado por todos os docentes, os quais no primeiro momento também o fizeram.

Lage (2000) afirma que “o título é constituído de uma frase que contém as notações essenciais do *lead*”, mas essa não foi a instrução adotada pelo docente de modo geral, até porque no planejamento com os docentes da pesquisa se teve o cuidado de não se deixar generalizar a noção de título como resumo. Pelo que se sabe, nem sempre o título é resumidor, pois pode aparecer com o caráter de despistador ou mesmo de enviesado, por exemplo,

conforme Palácio (2001). O detalhamento em tal sentido, no entanto, não compete explorar neste trabalho.

#### 4.3.1.1.2 b) O *lead*

Na orientação sobre o *lead*, nesse segundo momento, a ênfase continuou consistindo na referência às suas características básicas: primeiro parágrafo, resumo na notícia policial narrativa e resposta às questões quem?, o quê?, por quê?, quando?, como?, onde?. Conforme se pode observar nos dados da ficha de avaliação do pesquisador, do docente e do auxiliar da pesquisa, tivemos três tipos de manifestação sobre a discussão dessa parte da notícia.

##### **MANIFESTAÇÃO 1**

Destacamos aqui um procedimento recorrente: no segundo momento, houve docente (S<sub>1</sub>), a exemplo do momento anterior, que abstraiu-se do uso da nomenclatura *lead*, mas falou sempre de introdução, destacando, aí, o primeiro parágrafo, as respostas às questões aludidas acima e o feito de resumo, referindo-se à notícia trabalhada – notícia policial narrativa.

Continuamos admitindo que o docente ainda está bastante preso à familiaridade com a denominação que se dá às partes do texto de modo geral, que normalmente traz como começo o que se chama de introdução.

##### **MANIFESTAÇÃO 2**

Outro procedimento externado apresentou-se como sendo praticamente oposto ao anterior, pois o docente (S<sub>2</sub>, S<sub>8</sub>) falando de *lead*, pronunciou essa palavra em alto e bom tom, no entanto tratou muito apressadamente de seu teor. Esse procedimento foi tão evidente que um dos docentes (S<sub>8</sub>) achou por bem dizer que não abordara o dito aspecto, embora o pesquisador e o auxiliar tenham considerado “mais ou menos” a atuação.

##### **MANIFESTAÇÃO 3**

Mereceu destaque, em termos de recorrência entre os docentes (S<sub>3</sub>, S<sub>4</sub>, S<sub>5</sub>, S<sub>6</sub>, S<sub>7</sub>), no segundo momento da revisão, o enfoque sobre o *lead* tratando claramente desse recurso como parte da notícia que aparece no primeiro parágrafo, de forma resumida na notícia em estudo, e procurando responder as célebres questões que lhe dizem respeito, na própria notícia.

Essa manifestação confere a validade de uma ação pedagógica na qual o docente tem a oportunidade de rever (revisar) sua abordagem, da forma mais prática possível, vivenciando a interatividade com o texto, junto à classe.

Retomando o que diz Lage sobre o *lead* (2000): “relato do fato mais importante de uma notícia”, temos de considerar que os docentes honraram a importância que se impõe a essa parte da notícia, ao continuarem investindo de forma tão significativa no segundo momento da revisão.

#### 4.3.1.1.2 c) A pirâmide invertida

A análise sobre o princípio da pirâmide invertida continuou centrada nas peculiaridades exigidas para seu procedimento: partir de fatos mais importantes ou relevantes e depois atinar para os menos importantes ou relevantes, tomando-se, como ponto de partida, a abordagem do *lead*. Ao usarmos as fichas de avaliação do pesquisador, do docente e do auxiliar da pesquisa como instrumentos norteadores da análise, tivemos possibilidade de considerar dois tipos de manifestação docente nessa empreitada – uma, na qual há o reconhecimento do princípio, mas não menciona sua denominação; e outra, na qual há reconhecimento e denominação.

##### **MANIFESTAÇÃO 1**

Nessa primeira manifestação, o docente (S4) foi enfático quanto ao processamento da abordagem do fato mais importante localizado no *lead*, para os detalhes daí decorrentes que aparecem no corpo da notícia, ilustrando até mesmo com um gráfico e associando a algumas partes do texto. No entanto, não fez referência à denominação do procedimento, que, mesmo podendo ser dispensado, sem dúvida pode ser utilizada como um recurso mnemônico.

##### **MANIFESTAÇÃO 2**

Na segunda manifestação, houve uma forma de proceder docente (S1, S2, S3, S5, S6, S7, S8) conectada com as orientações feitas durante o planejamento do trabalho com o texto em estudo – notícia policial narrativa. O docente preocupou-se em fazer referência ao princípio da pirâmide invertida, lembrando em que este consistia, usando-o como recurso de busca de informação na memória ao imaginar que uma pirâmide invertida traz a sua base, sua sustentação, voltada para cima. Então ilustrou com desenho.

Portanto, o uso do princípio: partir do mais importante para o menos importante, na notícia, representa um recurso estratégico valioso para a distribuição do conteúdo no texto e, conseqüentemente, para o estabelecimento de sua coerência.

#### 4.3.1.1.3 Considerações

No âmbito dos constituintes do gênero notícia, o título assume um papel de muita relevância, tanto que pode até aparecer como pequena “chamada de notícia” sem texto, mas nenhum texto noticioso aparecerá sem título.

T Í T U L O			
MANIFESTAÇÃO	MOMENTOS		OBSERVAÇÕES
	PRIMEIRO MOMENTO	SEGUNDO MOMENTO	
I (ÚNICA)	Primeira parte da estrutura da notícia;  Anunciante do assunto; Abordagem breve.	Primeira parte da notícia;  Orientação ao leitor sobre o assunto.	<b>No primeiro momento:</b> A manifestação dos docentes condiz com uma compreensão de uso do título como uma parte do texto que é chamativa e indispensável à estrutura do gênero notícia.  <b>No segundo momento:</b> Os docentes mantiveram-se firmes em chamar a atenção para o título como primeira parte da estrutura da notícia e que tem como função orientar a leitura.

Em função da importância que é concedida ao título, os docentes mostraram empenho em destacar o verdadeiro papel desse recurso em um texto escrito, fazendo jus à sua posição de primeira parte na estrutura da notícia. Assim sendo, nos dois momentos da revisão, percebe-se que foi considerado como indispensável ao gênero, já que é colocado como o apelo número um de um fato noticiado.

Seguindo o título, temos o *lead* que também exerce uma função comunicativa de inquestionável valor. O *lead*, depois de acessado, tem o poder de proporcionar ao leitor, a sensação de estar suficientemente informado sobre um fato que vem entremostrado. Isso porque, no *lead*, aparece o que há de mais relevante da notícia, o que para muitos leitores, dependendo da circunstância, basta.



referência a *lead* como resumo da notícia policial narrativa e apenas por uma minoria dos docentes.

O princípio da pirâmide invertida foi outra empreitada que não deixou por menos a atenção do docente.

<b>PIRÂMIDE INVERTIDA</b>			
MANIFESTAÇÕES	M O M E N T O S		OBSERVAÇÕES
	PRIMEIRO MOMENTO	SEGUNDO MOMENTO	
1	Atitude de alheamento sobre a referência ao princípio (S2);  Referência ao princípio sem especificação (S5, S6).	Ênfase no procedimento sem fazer referência à sua denominação (s4).	<b>No primeiro momento:</b> -apreensão do princípio pela metade dos docentes.
2	Desenvolvimento de proceder <i>top down</i> (designando-o apenas de pirâmide, não de pirâmide invertida) (S1);  Referência com detalhamento apontado no texto (S3, S4, (S7, S8).	Referência ao princípio atentando para sua denominação e para suas características (S1, S2, S3, S5,S6,S7, S8).	<b>No segundo momento:</b> -apreensão do princípio da pirâmide invertida por todos os docentes, apesar do deslize de um deles (s4), que no primeiro momento havia explorado devidamente.

A exploração desse princípio – distribuição dos dados do texto, partindo do mais para o menos importante – marcou uma atitude docente mais significativa, no segundo momento, quantitativa e qualitativamente. No entanto, convém observar que houve docente bem sucedido no primeiro momento que não alcançou o mesmo desempenho no segundo. Mesmo, assim, no todo, houve um crescimento superior ao declínio.

A concepção do princípio, em si, é algo que se revela como tendo atingido o conjunto total dos docentes. Se não ocorrera uma unanimidade, em cada momento específico, pelo menos olhando os dois momentos, como um todo, observa-se que ninguém ficou à margem, nesse sentido. O fato de nem todos apresentarem resultados satisfatórios, ao mesmo tempo, constitui algo muito natural da prática escolar – nem todos os professores de uma escola exploram um conteúdo com igual habilidade, porque dependem do momento, da circunstância e mesmo da classe – e pode até revelar, em alguma omissão ocasionada, que não tenha havido tanta necessidade de maior esclarecimento durante a atividade de revisão – o produto textual dos alunos são o tira-teima.

#### 4.3.1.2 Texto

Partindo do pressuposto de que são os gêneros que regulam a organização textual (BRONCKART, 2006), tendo em vista o efeito comunicativo que devem cumprir, esses precisam ser percebidos como uma forma de organização que está voltada para a interação dos indivíduos na sociedade. No caso da notícia, especificamente, cada uma de suas partes – título, *lead* e corpo – representa um apelo ao leitor, conforme já tratamos na análise da ficha de avaliação e reforçaremos agora na análise do texto.

Do mesmo modo que o fizemos com a ficha de avaliação, procederemos observando cada texto referente a cada momento da revisão vivenciado.

##### 3.3.1.2.1 Primeiro momento

A análise da estrutura do gênero, partindo do próprio texto, transcorrerá conforme as manifestações decorrentes das idiossincrasias de seus autores, no âmbito de cada parte da notícia – título, *lead* e corpo – por eles produzida.

##### 4.3.1.2.1 a) O título

O título, constituindo um chamariz para a leitura, deve aparecer de forma simples, clara e objetiva na notícia (BOND, 1962). Precisa ser breve, mas jamais omitido, porque seu papel é atrair o leitor à primeira vista, dada ao seu próprio destaque acima do corpo do texto, conforme já fora aludido. É sobre sua função e posição que continuaremos centrando a atenção sobre esse sedutor artifício da produção escrita.

Na atenção ao título, apanhamos diferentes atitudes dos autores na passagem da primeira versão da notícia para a primeira revisão, que podem se reduzir a três manifestações (Cf. textos da sessão do *lead*, a seguir).

## MANIFESTAÇÃO 1

O procedimento docente de referir-se ao título como o primeiro apelo verbal do texto noticioso não obteve tanto eco na produção de alguns alunos em sua primeira versão. Houve experiências (A1, A4, A7) em que o título fora totalmente esquecido, vindo a ser *introduzido* na primeira revisão.

<p><b>1ª versão</b></p> <p>A1</p> <p>Era uma certa cidade chamada canta galo, houve uma Romaria onde se reuniu várias pessoas, no meio dessa grande festa religiosa, um carro desgovernado que na direção um irresponsável enbrriagado atropelou várias pessoas, dentre elas uma senhora que morreu na hora e os outros só sofreram ferimentos leves, devem ser tomados vários cuidados, começando pelo irresponsável que estava na direção, nada disso teria acontecido se ele não estivesse bêbado.</p>	<p><b>Revisão: primeiro momento</b></p> <p>A1</p> <p>TRAGÉDIA NO CANTA GALO</p> <p>Numa cidade chamada canta galo, no dia 10 de novembro de 1987 houve uma Romaria onde se reuniram 500 pessoas, no meio dessa grande festa religiosa, às 18:30 hrs um carro golf desgovernado de placa HUW 1603 atropelou 10 pessoas, dentre elas uma senhora de 45 anos chamada Luiza gonçalves que morreu na hora e os outros 9 tiveram ferimentos leves, O motorista que calsou esse acidente chamava-se Alexandre vieira de 29 anos, que foi preso após o acontecido por policiais que se encontravam presente no Local do acidente, Ele deveria ter prestado mais atenção ao pegar no volante do carro embriagado, se ele tivesse tomado esse pequeno cuidado, nada disso teria acontecido poderia ter evitado essa tragédia.</p>
<p><b>1ª versão</b></p> <p>A4</p> <p>No dia 03 de março, foi descoberto que um casal religioso, Mônica e Carlos da igreja Vale de bênçãos estava desviado dinheiro da igreja para servi com gastos pessoais.</p> <p>Os religiosos era famoso por seus cultos que reunia milhares de fiéis, e nos cultos ele pedia dinheiro para Deus os abençoar, tem gente que dava tudo que tinha, relógio, dinheiros, jóias e se não tinha dinheiro eles poderia até pagar com cartão de créditos em nome de Deus, tinha fiéis que achava estranho que começavam enfestigar.</p> <p>A polícia descobriu que realmente estava desviando dinheiro mas seria difícil ter provas concreta para acusá-los, O casal foram avastado e estão aguardando jugamento em liberdade mesmo assim muitos fieis ficam fazendo manifestações para libertá-los, mais enquanto a polícia ainda investiga o casal ficarão mantido em vigilância.</p>	<p><b>Revisão: primeiro momento</b></p> <p>A4</p> <p><i>Um casal evangélico disvia dinheiro da igreja</i></p> <p>Na cidade de Espírito Santo, em Santa Catarina, casal foi descoberto desviando dinheiro da própria igreja que frequentava.</p> <p>N o dia 03 de março de 2006, Mônica Oliveira de 35 anos e Carlos Oliveira de 42 anos. Foram descoberto por desviar dinheiro dos fiéis para uso e gastos pessoais.</p> <p>Os religiosos era famoso por seus cultos que reunia milhares de fiéis. Nos cultos eles pedia dinheiro para Deus os abençoar, tinha gente que dava tudo que tinha, relógio, dinheiro, jóias e se não tinha dinheiros eles poderia até pagar com cartão de créditos em nome de Deus. Teve fiéis que acharam estranho que começavam enfestigar.</p> <p>A polícia descobriu que realmente estava desviando dinheiro, mas seria difícil ter provas concretas para acusá-los, pois muitos fiéis negarão o envolvimento do casal na lavagem do dinheiro. Mais com a investigação do polícia o casal forão avastado das suas realizações religiosas, proibido de fazer cultos e reuniões, muitos fiéis fazirão manifestações para innocentas o casal.</p> <p>O casal ficarão mantido em vigilância até terminarem investigações policial.</p>
<p><b>1ª versão</b></p> <p>A7</p> <p>Hoje, precisamente às 13 hs. No bairro do Jangurussu, houve um confronto policial entre, traficantes e policiais, que estavam em ronda naquele bairro, resultado deste confronto, que term in ou em tragédia com a morte por bala perdida, de duas pessoas que estavam, catando lixo no aterro. Os mesmos ainda foram levados com vida para o IJF, mais não resistiram aos ferimentos a bala vinheram a óbito. Policiais culpam os traficantes e os mesmos continuam em pune, pois não foram pegue. Os parentes e amigos das vítimas pedem justiça e por sua vez culpam o governo por não botar policiais nas ruas, com habilidade para saber agir num momento destes.</p>	<p><b>Revisão: primeiro momento</b></p> <p>A7</p> <p>Conflito entre policiais e traficantes no Rio de Janeiro</p> <p>No Morro Santa Tereza, três pessoas são baleadas por balas perdidas, devido o confronto policial entre traficantes e policiais, que ocuparam o morro Santa Tereza.</p> <p>Ninguém sai nem entra no Santa Tereza sem identificação, os moradores estão apavorados, alguns já estão dentro de suas casas há mais de vinte e quatro horas; mulheres e crianças não são poupados neste conflito que promete se estender por vários dias, já que nem traficantes nem policiais querem render-se.</p> <p>A igreja faz um apelo pedindo o fim do conflito e reza para que tudo termine em paz, mesmo os fiéis revoltados por não poderem participar dos cultos e missas, prometem também entrar nesta guerra pelo fim do conflito.</p>

No entanto, o fato de o título aparecer como resultado do ato de revisar demonstra o quanto procede a orientação docente, registrada na ficha de avaliação. Isso nos faz entender a

importância da intervenção do docente no processo de revisão textual, sobretudo quando baseada em conhecimentos que levem a efeito o uso prático do texto, como é o caso do título, compreendido como apelo ao leitor.

## MANIFESTAÇÃO 2

Alguns alunos (A2, A3, A6) demonstraram firmeza na definição do título logo na primeira versão de sua notícia, de modo que optaram por mantê-lo, no primeiro momento da revisão.

<p><b>1ª versão</b> A2</p> <p>VÂNDALOS INVADEM PROPRIEDADE EVANGÉLICA</p> <p>Durante a inauguração da propriedade de uma igreja evangélica, localizada no bairro Pedras BR116, houve momentos de pavor, medo e insegurança.</p> <p>Numa sexta-feira dia 27 de abril de 2007, aquela propriedade foi alvo de violência, onde os irmãos ali reunidos em vigília (oração) foram vítimas de vândalos ousados e corajosos, armados de revólvers.</p> <p>Naquele momento tão angustiante os irmãos intercederam sem cessar, ao divino Espírito Santo e nada absolutamente nada os aconteceram.</p> <p>Aquele local foi coberto de orações e não houve nenhuma vítima, pois os vândalos se renderam e policiamento tomou suas providências.</p> <p>(...)</p>	<p><b>Revisão: primeiro momento</b> A2</p> <p>VÂNDALOS INVADEM PROPRIEDADE EVANGÉLICA</p> <p>Durante a inauguração da propriedade de uma igreja evangélica, localizada no bairro Pedras BR116, local de difícil acesso por motivo de pouca iluminação, houve momentos de pavor, medo e insegurança.</p> <p>Freqüentemente naquela propriedade se reúnem nas última sexta-feira de cada mês aproximadamente cem membros em vigília (oração), para intercederem por diversas causas dando início às 23:00hs e encerrando às 5:00hs da manhã do dia seguinte.</p>
<p><b>1ª versão</b> A3</p> <p><i>Polêmica em uma igreja evangélica</i></p> <p>No mês de fevereiro de 2007 no Domingo pela manhã por volta das 9:00 hs na Igreja Adventista do Sétimo dia, em São Paulo uma criança foi vítima de um ato horroroso e depois morta. enquanto seus pais assistiam o culto ela brincava na calçada da Igreja, quando um homem praticamente perturbado ia passando por ali e viu a criança sozinha, ele pegou a criança e levou para um local da Igreja e praticou um ato horrível e logo afogou a criança na piscina Batismã, os pais encontraram a filha já morta e logo chamou a polícia e logo foi investigado, encontraram o delinquente que o mesmo confessou o seu ato contando os detalhes. ele disse que não sabia o que estava fazendo não estava nele. O caso chocou a cidade inteira e todas as Igrejas Evangélicas.</p> <p>Ele foi preso e vai pagar a sua pena em um regime fechado, o que não adiantaria nada não vai trazer a criança de volta e logo será solto. Temos que ter mais cuidado com os filhos.</p>	<p><b>Revisão: primeiro momento</b> A3</p> <p><i>Polêmica em uma igreja evangélica</i></p> <p>No dia 03 de março de 2007 por volta das 9:00 hs da manhã de domingo na Igreja Adventista do Sétimo dia, localizada no Bairro Iruí; Gabrielly Cristina Eichholz de apenas 1 (um) ano e meio foi vítima de uma barbaridade, e depois morta. Os pais Juliarcl Luiz Eichholz de 26 anos e Andréia Pereira também de 26 anos assistiam o culto; Gabrielly saiu de perto dos pais sem que eles percebessem; e brincava no pátio da Igreja; quando um homem passa por ali e vê a criança sozinha, ele pegou Gabrielly e levou para a piscina Batismal, onde cometeu sua barbaridade e logo afogou.</p> <p>Os Pais da criança logo sentiram sua falta e saiu à procura e a encontraram morta; chamaram a polícia que logo veio e encontraram pistas através das testemunhas, pegaram o assassino.</p> <p>cumprir sua</p> <p>O assassino logo foi preso e vai cumprir sua pena na cadeia.</p>

<p><b>1ª versão</b> A6</p> <p style="text-align: center;">Incidente em Igreja Evangélica</p> <p>Mulher é agredida por pastor de Igreja protestante.</p> <p>Ao fazer uma visita à uma igreja evangélica no seu bairro, uma senhora foi agredida pelo líder presente. O fato ocorreu em torno de uma discussão sobre o dízimo, ajuda dada pelos fiéis da igreja. Ao ser indagada pelo pastor o valor que, segundo o mesmo, obrigatoriamente a vítima teria de dar, a senhora de 47 anos negou a ajuda. Em decorrência de sua negação, a mesma foi expulsa pelo pastor, arrastada pelos cabelos para fora da igreja. O caso está sendo resolvido pelas autoridades locais, a vítima prestou depoimento, abrindo boletim de ocorrência contra o agressor.</p>	<p><b>Rrevisão: primeiro momento</b> A6</p> <p style="text-align: center;">Incidente em Igreja Evangélica</p> <p>Mulher é agredida por pastor de Igreja evangélica.</p> <p>Ao fazer uma visita à uma igreja evangélica no centro de Fortaleza, a senhora Nara Lúcia Duavy foi agredida pelo líder presente. O fato ocorreu em torno de uma discussão sobre o dízimo, ajuda dada pelos fiéis da igreja. Ao ser indagada pelo pastor o valor que, segundo o mesmo, obrigatoriamente a vítima teria que dar, a mesma de 47 anos negou a ajuda. Em decorrência de sua negação, Nara Lúcia foi expulsa pelo pastor, arrastada pelos cabelos para fora da igreja. O caso está sendo resolvido pelas autoridades locais. A vítima prestou depoimento, abrindo boletim de ocorrência contra o agressor. Exemplo que faz aumentar o alerta sobre a intolerância dentro das religiões.</p>
---	--

Como cada título, aqui situado, apresenta um conteúdo de caráter amplo que retrata uma realidade objetiva – “Vândalos invadem propriedade evangélica”; “Incidente em Igreja Evangélica”; “Polêmica em uma igreja evangélica” –, no momento em que cada texto passou por reformulação, não houve razão para alterar o título, pois, pelo que se pode inferir, este serviu de norte para o detalhamento do conteúdo.

### **MANIFESTAÇÃO 3**

Em oposição à postura anterior, vamos encontrar alunos (A5, A8) que procederam a algumas *alterações* do título na primeira revisão, para fazer jus a um desenvolvimento do conteúdo do texto de forma mais objetiva. Vejamos.

<p><b>1ª versão</b> A5</p> <p>Um tiroteio ontem à noite abalou a uma igreja cristã a qual participava de uma celebração quase 1 milhão de pessoas.</p> <p>Muitas pessoas ficaram feridas e quase 50 pessoas morreram em um conflito que aconteceu na Igreja São Francisco, na Rua João XXII, no Rio de Janeiro. Estava acontecendo um ato ecumênico, quando um carro apareceu em disparada em conflito com os policiais e começaram a atirar contra a polícia e acabou ferindo algumas pessoas com balas perdidas. Os policiais conseguiram prender os bandidos, mais infelizmente teve que sacrificar algumas pessoas inocentes. Apareceu, médicos, ambulâncias e muitas pessoas disposta a ajudar e com isso amenizar mais o sofrimento das pessoas envolvidas na tragédia.</p>	<p><b>Revisão: primeiro momento</b> A5</p> <p>Um tiroteio ontem à noite abalou a igreja cristã</p> <p>Muitas pessoas ficaram feridas e quase 50 pessoas morreram em um conflito que aconteceu na Igreja São Francisco, na Rua João XXIII, nº. 100, no Bairro de Niterói, no Rio de Janeiro, Isso aconteceu ontem à noite, Um tiroteio tirou a atenção dos fiéis. Estava acontecendo um ato ecumênico, quando um carro em que estavam os ladrões apareceu em disparada e parou em frente à Igreja São Francisco, e os ladrões começaram a atirar, entrando em conflito com os policiais que viam seguindo-os, e começaram a atirar contra a polícia que acabou ferindo algumas pessoas com balas perdidas. Os policiais conseguiram prender os bandidos, e depois pediram ajuda pelo rádio, chamaram a ambulância para socorrer os feridos</p>
---	---

<p><b>1ª versão</b></p> <p>A8</p> <p>O mau vizinho</p> <p>Um homem que mora vizinho à uma igreja, na Barra do Ceará, estava sentindo-se encomodado com o barulho que os seus seguidores estavam fazendo na igreja. Ele saiu de sua casa, foi até a igreja para pedir aos fiéis que diminuíssem o barulho que estava insuportável, mas os fiéis não atenderam o seu pedido, então ele foi à delegacia próxima para fazer um Boletim de Ocorrência, com isso vieram os policiais e foi resolvido o problema daquele dia, mas no dia seguinte o barulho continuou do mesmo jeito de antes. O senhor ficou ainda mais aborrecido e foi resolver o problema do jeito dele. Pegou um cacete e saiu espalhando os fiéis para todos os lados. Daí a igreja fechou e não abriu mais.</p>	<p><b>Revisão: primeiro momento</b></p> <p>A8</p> <p><u>Fiéis são agredidos</u></p> <p>Na noite de quarta feira, dia 30 de maio, um homem que mora vizinho à uma igreja, na Barra do Ceará, estava sentindo-se encomodado com o barulho que os seus seguidores estavam fazendo na igreja. Furioso com o barulho ele saiu de sua casa, foi até a igreja pedir aos fiéis que diminuíssem-o mesmo, pois estava insuportável, mas os fiéis não atenderam seu pedido.</p> <p>O homem que era conhecido por Zezé e tinha aproximadamente 40 anos de idade foi à delegacia próxima para fazer um Boletim de Ocorrência, com isso vieram os policiais e problema foi resolvido, naquele dia, mas no dia seguinte o barulho continuou do mesmo jeito de antes, então o senhor Zezé que ficou ainda mais aborrecido com os fiéis, e decidiu resolver o problema do seu modo.</p> <p>De posse de um cacete ele saiu espalhando os fiéis para todos os lados, os fiéis que ficaram assustados com a atitude agressiva do homem fecharam a igreja e não abriram mais.</p>
---	--

O texto de A5, na primeira versão apresenta um título muito extenso – “Um tiroteio ontem à noite abalou a uma igreja cristã a qual participava de uma celebração quase 1 milhão de pessoas” –, que até foge de seus traços estruturais, que devem aparecer com uma abordagem ampla, mas de extensão um tanto reduzida. Ao passar pela primeira revisão, no entanto, vai direto ao assunto – um tiroteio à noite abalou a igreja cristã.

Por seu turno, o texto de A8 traz um título que coloca em evidência o agressor, atribuindo-lhe um qualificativo, de certa forma, genérico – “O mau vizinho” –, enquanto, na primeira revisão, o foco volta-se para a vítima, com especificidade do fato – “Fiéis são agredidos”.

Portanto, os dois textos, na versão revisada, expõem, a partir do título, o foco de atenção da notícia.

#### 4.3.1.2.1 b) O lead

Conforme temos nos reportado ao longo desta tese, na notícia o leitor levanta seis indagações básicas – quem?, o quê?, por quê?, quando?, como?, onde?, – mas necessário se faz reforçar que é no *lead* onde elas despontam e se impõem como indispensáveis para a progressão do texto. Mesmo que este traga diversos artifícios, para chamar a atenção do leitor, onde se concentra a maior carga comunicativa do texto noticioso é no *lead*. Daí a exigência de habilidade para produzi-lo, requerendo, para tal, conhecimento sobre suas características centrais – apresentação de conteúdo relevante, no primeiro parágrafo, indagando sobre o que responder. Em decorrência dessas particularidades, situamos quatro manifestações nos textos pesquisados.

## MANIFESTAÇÃO 1

Na primeira versão do texto, alguns autores (A<sub>1</sub>, A<sub>7</sub>, A<sub>8</sub>) demonstraram não haver compreendido a posição do *lead* na estrutura da notícia, pois, ao invés de o apresentarem no primeiro parágrafo, deixa-o constituir a própria notícia: preenche, em um só parágrafo, o espaço total do texto.

<p><b>1ª versão</b> A<sub>1</sub></p> <p>Era uma certa cidade chamada canta galo, houve uma Romaria onde se reuniu várias pessoas, no meio dessa grande festa religiosa, um carro desgovernado que na direção um irresponsável enbriagado atropelou várias pessoas, dentre elas uma senhora que morreu na hora e os outros só sofreram ferimentos leves, devem ser tomados vários cuidados, começando pelo irresponsável que estava na direção, nada disso teria acontecido se ele não estivesse bêbado.</p>	<p><b>Revisão: primeiro momento</b> A<sub>1</sub></p> <p>TRAGÉDIA NO CANTA GALO          Numa cidade chamada canta galo, no dia 10 de novembro de 1987 houve uma Romaria onde se reuniram 500 pessoas, no meio dessa grande festa religiosa, às 18:30 hrs um carro golf desgovernado de placa HUW 1603 atropelou 10 pessoas, dentre elas uma senhora de 45 anos chamada Luiza gonçalves que morreu na hora e os outros 9 tiveram ferimentos leves, O motorista que calsou esse acidente chamava-se Alexandre vieira de 29 anos, que foi preso após o acontecido por policiais que se encontravam presente no Local do acidente, Ele deveria ter prestado mais atenção ao pegar no volante do carro embriagado, se ele tivesse tomado esse pequeno cuidado, nada disso teria acontecido poderia ter evitado essa tragédia.</p>
<p><b>1ª versão</b> A<sub>7</sub></p> <p>Hoje, precisamente às 13 hs. No bairro do Jangurussu, houve um confronto policial entre, traficantes e policiais, que estavam em ronda naquele bairro, resultado deste confronto, que term in ou em tragédia com a morte por bala perdida, de duas pessoas que estavam, catando lixo no aterro. Os mesmos ainda foram levados com vida para o IJF, mais não resistiram aos ferimentos a bala vinheram a óbito. Policiais culpam os traficantes e os mesmos continuam em pune, pois não foram pegue. Os parentes e amigos das vítimas pedem justiça e por sua vez culpam o governo por não botar policiais nas ruas, com habilidade para saber agir num momento destes.</p>	<p><b>Revisão: primeiro momento</b> A<sub>7</sub></p> <p>Conflito entre policiais e traficantes no Rio de Janeiro</p> <p>No Morro Santa Tereza, três pessoas são baleadas por balas perdidas, devido o confronto policial entre traficantes e policiais, que ocuparam o morro Santa Tereza.</p> <p>Ninguém sai nem entra no Santa Tereza sem identificação, os moradores estão apavorados, alguns já estão dentro de suas casas há mais de vinte e quatro horas; mulheres e crianças não são poupados neste conflito que promete se estender por vários dias, já que nem traficantes nem policiais querem render-se.</p> <p>A igreja faz um apelo pedindo o fim do conflito e reza para que tudo termine em paz, mesmo os fiéis revoltados por não poderem participar dos cultos e missas, prometem também entrar nesta guerra pelo fim do conflito.</p>
<p><b>1ª versão</b> A<sub>8</sub></p> <p>O mau vizinho</p> <p>Um homem que mora vizinho à uma igreja, na Barra do Ceará, estava sentindo-se encomodado com o barulho que os seus seguidores estavam fazendo na igreja. Ele saiu de sua casa, foi até a igreja para pedir aos fiéis que diminuíssem o barulho que estava insuportável, mas os fiéis não atenderam o seu pedido, então ele foi à delegacia próxima para fazer um Boletim de Ocorrência, com isso vieram os policiais e foi resolvido o problema daquele dia, mas no dia seguinte o barulho continuou do mesmo jeito de antes. O senhor ficou ainda mais aborrecido e foi resolver o problema do jeito dele. Pegou um cacete e saiu espalhando os fiéis para todos os lados. Daí a igreja fechou e não abriu mais.</p>	<p><b>Revisão: primeiro momento</b> A<sub>8</sub></p> <p><u>Fiéis são agredidos</u></p> <p>Na noite de quarta feira, dia 30 de maio, um homem que mora vizinho à uma igreja, na Barra do Ceará, estava sentindo-se encomodado com o barulho que os seus seguidores estavam fazendo na igreja. Furioso com o barulho ele saiu de sua casa, foi até a igreja pedir aos fiéis que diminuíssem-o mesmo, pois estava insuportável, mas os fiéis não atenderam seu pedido.</p> <p>O homem que era conhecido por Zezé e tinha aproximadamente 40 anos de idade foi à delegacia próxima para fazer um Boletim de Ocorrência, com isso vieram os policiais e problema foi resolvido, naquele dia, mas no dia seguinte o barulho continuou do mesmo jeito de antes, então o senhor Zezé que ficou ainda mais aborrecido com os fiéis, e decidiu resolver o problema do seu modo.</p> <p>De posse de um cacete ele saiu espalhando os fiéis para todos os lados, os fiéis que ficaram assustados com a atitude agressiva do homem fecharam a igreja e não abriram mais.</p>

A atividade de revisão, no entanto, contribuiu para que autor que esteve atento às orientações dispusesse o *lead* no seu devido lugar: no primeiro parágrafo (A<sub>7</sub>, A<sub>8</sub>).

## MANIFESTAÇÃO 2

Situamos texto (A2) no qual o autor dispõe o *lead* no primeiro parágrafo, mas se dispersa no que diz respeito à focalização da informação central. Nesta, em se tratando de uma notícia narrativa, espera-se que o conflito (parte indispensável da narrativa) apareça no *lead*, que tem a função de anunciar o que há de mais importante na notícia.

1ª versão	Revisão: primeiro momento
A2	A2
VÂNDALOS INVADEM PROPRIEDADE EVANGÉLICA	VÂNDALOS INVADEM PROPRIEDADE EVANGÉLICA
<p>Durante a inauguração da propriedade de uma igreja evangélica, localizada no bairro Pedras BR116, houve momentos de pavor, medo e insegurança.</p> <p>Numa sexta-feira dia 27 de abril de 2007, aquela propriedade foi alvo de violência, onde os irmãos ali reunidos em vigília (oração) foram vítimas de vândalos ousados e corajosos, armados de revólvers.</p> <p>Naquele momento tão angustiante os irmãos intercederam sem cessar, ao divino Espírito Santo e nada absolutamente nada os aconteceram.</p> <p>Aquele local foi coberto de orações e não houve nenhuma vítima, pois os vândalos se renderam e policiamento tomou suas providências.</p> <p>(...)</p>	<p>Durante a inauguração da propriedade de uma igreja evangélica, localizada no bairro Pedras BR116, local de difícil acesso por motivo de pouca iluminação, houve momentos de pavor, medo e insegurança.</p> <p>Freqüentemente naquela propriedade se reúnem nas última sexta-feira de cada mês aproximadamente cem membros em vigília (oração), para intercederem por diversas causas dando início às 23:00hs e encerrando às 5:00hs da manhã do dia seguinte.</p>

Todavia, no *lead* em estudo, apesar de ser anunciado um clima de complicação, não diz em que consiste o conflito em si, apenas fala das consequências – “momentos de pavor, medo e insegurança”. Essa abordagem aparece na primeira versão e no texto revisado, o que significa que a atividade de revisão não surtiu o efeito desejado, que seria o de resumir o conteúdo no primeiro parágrafo do texto. O autor não deixa transparecer se houve entendimento sobre o fato de que o *lead*, em tal modalidade de notícia, aparece na forma de resumo, focalizando o que há de mais básico do que foi noticiado.

## MANIFESTAÇÃO 3

A definição do *lead* é insinuada nos textos como sendo uma atividade árdua. Encontramos caso (A4) em que o parágrafo do *lead* aparece, na primeira versão, com quase todos os constituintes exigidos (quando, o quê, quem, onde por/para quê), enquanto que no texto revisado (primeiro momento), o *lead* reduz-se, trazendo apenas três constituintes (o quê, onde, quando).

<p><b>1ª versão</b></p> <p>A4</p> <p>No dia 03 de março, foi descoberto que um casal religioso, Mônica e Carlos da igreja Vale de bênçãos estava desviado dinheiro da igreja para servi com gastos pessoais.</p> <p>Os religiosos era famoso por seus cultos que reunia milhares de fiéis, e nos cultos ele pedia dinheiro para Deus os abençoar, tem gente que dava tudo que tinha, relógio, dinheiros, jóias e se não tinha dinheiro eles poderia até pagar com cartão de créditos em nome de Deus, tinha fiéis que achava estranho que começavam enfiestigar.</p> <p>A polícia descobriu que realmente estava desviando dinheiro mas seria difícil ter provas concreta para acusá-los. O casal foram avastado e estão aguardando julgamento em liberdade mesmo assim muitos fiéis ficam fazendo manifestações para libertá-los, mais enquanto a polícia ainda investiga o casal ficarão mantido em vigilância.</p>	<p><b>Revisão: primeiro momento</b></p> <p>A4</p> <p><i>Um casal evangélico disvia dinheiro da igreja</i></p> <p>Na cidade de Espírito Santo, em Santa Catarina, casal foi descoberto desviando dinheiro da própria igreja que frequentava.</p> <p>N o dia 03 de março de 2006, Mônica Oliveira de 35 anos e Carlos Oliveira de 42 anos. Foram descoberto por disviar dinheiro dos fiéis para uso e gastos pessoais.</p> <p>Os religiosos era famoso por seus cultos que reunia milhares de fiéis. Nos cultos eles pedia dinheiro para Deus os abençoar, tinha gente que dava tudo que tinha, relógio, dinheiro, jóias e se não tinha dinheiros eles poderia até pagar com cartão de créditos em nome de Deus. Teve fiéis que acharam estranho que começavam enfiestigar.</p> <p>A polícia descobriu que realmente estava desviando dinheiro, mas seria difícil ter provas concretas para acusá-los, pois muitos fiéis negarão o envolvimento do casal na lavagem do dinheiro. Mais com a investigação do polícia o casal forão avastado das suas realizações religiosas, proibido de fazer cultos e reuniões, muitos fiéis fazirão manifestações para innocentas o casal.</p> <p>O casal ficarão mantido em vigilância até terminarem investigações policial.</p>
<p><b>1ª versão</b></p> <p>A6</p> <p style="text-align: center;">Incidente em Igreja Evangélica</p> <p>Mulher é agredida por pastor de Igreja protestante.</p> <p>Ao fazer uma visita à uma igreja evangélica no seu bairro, uma senhora foi agredida pelo líder presente.</p> <p>O fato ocorreu em torno de uma discussão sobre o dízimo, ajuda dada pelos fiéis da igreja.</p> <p>Ao ser indagada pelo pastor o valor que, segundo o mesmo, obrigatoriamente a vítima teria de dar, a senhora de 47 anos negou a ajuda.</p> <p>Em decorrência de sua negação, a mesma foi expulsa pelo pastor, arrastada pelos cabelos para fora da igreja.</p> <p>O caso está sendo resolvido pelas autoridades locais, a vítima prestou depoimento, abrindo boletim de ocorrência contra o agressor.</p>	<p><b>Revisão: primeiro momento</b></p> <p>A6</p> <p style="text-align: center;">Incidente em Igreja Evangélica</p> <p>Mulher é agredida por pastor de Igreja evangélica.</p> <p>Ao fazer uma visita à uma igreja evangélica no centro de Fortaleza, a senhora Nara Lúcia Duavy foi agredida pelo líder presente.</p> <p>O fato ocorreu em torno de uma discussão sobre o dízimo, ajuda dada pelos fiéis da igreja.</p> <p>Ao ser indagada pelo pastor o valor que, segundo o mesmo, obrigatoriamente a vítima teria que dar, a mesma de 47 anos negou a ajuda.</p> <p>Em decorrência de sua negação, Nara Lúcia foi expulsa p pastor, arrastada pelos cabelos para fora da igreja.</p> <p>O caso está sendo resolvido pelas autoridades locais.</p> <p>A vítima prestou depoimento, abrindo boletim de ocorrência contra o agressor.</p> <p>Exemplo que faz aumentar o alerta sobre a intolerância dentro das religiões.</p>

Comparando as duas versões do texto de A4, pode-se verificar que o seu autor acrescentou-lhe informação na versão revisada, introduzindo dados sobre o “onde”. No entanto, tudo indica que ele não se deu conta da importância de manter dados do “quando”, e o retirou juntamente com o “para quê”. Com essa atitude, deixou reduzido o tamanho do parágrafo, que, na primeira versão, estava mais compatível com o corpo da notícia.

O *lead*, sem dúvida, na notícia narrativa, deve aparecer em forma de resumo, mas para isso, há de ser cumprido o critério da quantidade mínima de constituintes, que é de quatro (o quê, quando, onde, quem).

O autor do texto A6, por sua vez, consegue acrescentar dados, pois introduz resposta para o “quando”, que na primeira versão não aparecia. Porém, mantém o parágrafo muito diminuto, porque aborda o conflito de forma bastante breve, ao dividir em dois o primeiro parágrafo da primeira versão, como se deu também em A4.

O procedimento dos autores dos textos nos advertem para um fato importante: não basta compreender que o *lead* se situa no primeiro parágrafo e que é dotado de um caráter

resumidor. Antes de tudo, convém ter em mente os critérios de estruturação dessa parte da notícia e, mesmo, os de processamento da paragrafação no texto.

#### MANIFESTAÇÃO 4

Mais uma dificuldade de paragrafação vem à tona. Agora, o que se apresenta é o inverso do último caso que analisamos, pois há textos (A3, A5), em sua primeira versão, nos quais o desenvolvimento do *lead* é bem mais extenso do que o corpo da notícia.

<p><b>1ª versão</b> A3</p> <p><i>Polêmica em uma igreja evangélica</i></p> <p>No mês de fevereiro de 2007 no Domingo pela manhã por volta das 9:00 hs na Igreja Adventista do Sétimo dia, em São Paulo uma criança foi vítima de um ato horrroso e depois morta. enquanto seus pais assistiam o culto ela brincava na calçada da Igreja, quando um homem praticamente perturbado ia passando por ali e viu a criança sozinha, ele pegou a criança e levou para um local da Igreja e praticou um ato horrível e logo afogou a criança na piscina Batismã, os pais encontraram a filha já morta e logo chamou a polícia e logo foi investigado, encontraram o delinqüente que o mesmo confessou o seu ato contando os detalhes. ele disse que não sabia o que estava fazendo não estava nele. O caso chocou a cidade inteira e todas as Igrejas Evangélicas.</p> <p>Ele foi preso e vai pagar a sua pena em um regime fechado, o que não adiantaria nada não vai trazer a criança de volta e logo será solto. Temos que ter mais cuidado com os filhos.</p>	<p><b>Revisão: primeiro momento</b> A3</p> <p><i>Polêmica em uma igreja evangélica</i></p> <p>No dia 03 de março de 2007 por volta das 9:00 hs da manhã de domingo na Igreja Adventista do Sétimo dia, localizada no Bairro Iriruf; Gabrielly Cristina Eichholz de apenas 1 (um) ano e meio foi vítima de uma barbaridade, e depois morta. Os pais Juliarc Luiz Eichholz de 26 anos e Andréia Pereira também de 26 anos assistiam o culto; Gabrielly saiu de perto dos pais sem que eles percebessem; e brincava no pátio da Igreja; quando um homem passa por ali e vê a criança sozinha, ele pegou Gabrielly e levou para a piscina Batismal, onde cometeu sua barbaridade e logo afogou.</p> <p>Os Pais da criança logo sentiram sua falta e saiu à procura e a encontraram morta; chamaram a polícia que logo veio e encontraram pistas através das testemunhas, pegaram o assassino.</p> <p>cumprir sua</p> <p>O assassino logo foi preso e vai cumprir sua pena na cadeia.</p>
<p><b>1ª versão</b> A5</p> <p>Um tiroteio ontem à noite abalou a uma igreja cristã a qual participava de uma celebração quase 1 milhão de pessoas.</p> <p>Muitas pessoas ficaram feridas e quase 50 pessoas morreram em um conflito que aconteceu na Igreja São Francisco, na Rua João XXII, no Rio de Janeiro. Estava acontecendo um ato ecumênico, quando um carro apareceu em disparada em conflito com os policiais e começaram a atirar contra a polícia e acabou ferindo algumas pessoas com balas perdidas. Os policiais conseguiram prender os bandidos, mais infelizmente teve que sacrificar algumas pessoas inocentes.</p> <p>Apareceu, médicos, ambulâncias e muitas pessoas disposta a ajudar e com isso amenizar mais o sofrimento das pessoas envolvidas na tragédia.</p>	<p><b>Revisão: primeiro momento</b> A5</p> <p>Um tiroteio ontem à noite abalou a igreja cristã</p> <p>Muitas pessoas ficaram feridas e quase 50 pessoas morreram em um conflito que aconteceu na Igreja São Francisco, na Rua João XXIII, nº. 100, no Bairro de Niterói, no Rio de Janeiro, Isso aconteceu ontem à noite. Um tiroteio tirou a atenção dos fiéis.</p> <p>Estava acontecendo um ato ecumênico, quando um carro em que estavam os ladrões apareceu em disparada e parou em frente à Igreja São Francisco, e os ladrões começaram a atirar, entrando em conflito com os policiais que viam seguindo-os, e começaram a atirar contra a polícia que acabou ferindo algumas pessoas com balas perdidas. Os policiais conseguiram prender os bandidos, e depois pediram ajuda pelo rádio, chamaram a ambulância para socorrer os feridos</p>

No texto revisado de A3, pode-se verificar uma preocupação do autor em reduzir a extensão do *lead*, e mesmo do próximo parágrafo, mas ainda se mantém uma certa desproporcionalidade entre estes. No outro texto revisado (A5), o autor conseguiu compatibilizar, não só a extensão entre os parágrafos, mas o próprio desenvolvimento do conteúdo no texto como um todo, que na primeira versão ficou muito concentrado no *lead*.

Em face da atitude desses dois últimos autores, pode-se afirmar que o processo de revisão tem surtido efeito na melhoria do texto, o que nos sugere a validade de um investimento sistemático dessa prática em sala de aula.

#### 4.3.1.2.1 c) A pirâmide invertida

Na análise dos textos dos alunos de nossa pesquisa não se pode perder de vista a noção de que, na vivência do princípio da pirâmide invertida, a distribuição dos parágrafos da notícia deve seguir uma hierarquia, a partir do *lead* – primeiro parágrafo –, conforme a ordem de importância das informações.

Para verificar esse procedimento, vamos recorrer a quatro tipos de manifestação adotadas distintamente pelos autores dos textos.

### **MANIFESTAÇÃO 1**

A primeira manifestação coloca-nos diante da dificuldade de autores dos textos (A2, A8) de vivenciar o princípio da pirâmide, ora porque não conseguem definir o próprio *lead* (A1), ora porque no *lead* não atingem diretamente o alvo da notícia.

Na verdade, o texto de A1, mesmo revisado, continua com apenas um parágrafo e isso já descarta o princípio da pirâmide invertida nos moldes em que normalmente é considerado, seja, da hierarquia entre parágrafos.

<p><b>1ª versão</b></p> <p>A1</p> <p>Era uma certa cidade chamada canta galo, houve uma Romaria onde se reuniu várias pessoas, no meio dessa grande festa religiosa, um carro desgovernado que na direção um irresponsável embriagado atropelou várias pessoas, dentre elas uma senhora que morreu na hora e os outros só sofreram ferimentos leves, devem ser tomados vários cuidados, começando pelo irresponsável que estava na direção, nada disso teria acontecido se ele não estivesse bêbado.</p>	<p><b>Revisão: primeiro momento</b></p> <p>A1</p> <p>TRAGÉDIA NO CANTA GALO</p> <p>Numa cidade chamada canta galo, no dia 10 de novembro de 1987 houve uma Romaria onde se reuniram 500 pessoas, no meio dessa grande festa religiosa, às 18:30 hrs um carro golf desgovernado de placa HUW 1603 atropelou 10 pessoas, dentre elas uma senhora de 45 anos chamada Luiza gonçalves que morreu na hora e os outros 9 tiveram ferimentos leves, O motorista que calsou esse acidente chamava-se Alexandre viera de 29 anos, que foi preso após o acontecido por policiais que se encontravam presente no Local do acidente, Ele deveria ter prestado mais atenção ao pegar no volante do carro embriagado, se ele tivesse tomado esse pequeno cuidado, nada disso teria acontecido poderia ter evitado essa tragédia.</p>
--	--

O autor consegue acrescentar dados ao seu texto, mas isso não é suficiente para colocá-lo no esquema de pirâmide invertida, porque falta a distribuição interparagráfica dos dados e, além disso, há uma certa dificuldade na hierarquização – somente depois de estender-se em uma ampla contextualização, consegue introduzir o conflito (“... atropelou ...”).

Em A2 e em A8, os autores também não vão diretamente ao foco de atenção.

<p><b>1ª versão</b></p> <p>A2</p> <p>VÂNDALOS INVADEM PROPRIEDADE EVANGÉLICA</p> <p>Durante a inauguração da propriedade de uma igreja evangélica, localizada no bairro Pedras BR116, <u>houve momentos de pavor, medo e insegurança.</u></p> <p>Numa sexta-feira dia 27 de abril de 2007, aquela propriedade foi alvo de violência , onde os irmãos ali reunidos em vigília (oração) foram vítimas de vândalos ousados e corajosos, armados de revólvers.</p> <p>Naquele momento tão angustiante os irmãos intercederam sem cessar, ao divino Espírito Santo e nada absolutamente nada os aconteceram.</p> <p>Aquele local foi coberto de orações e não houve nenhuma vítima, pois os vândalos se renderam e policiamento tomou suas providências.</p> <p>O nosso Deus é fiel!</p>	<p><b>Revisão: primeiro momento</b></p> <p>A2</p> <p>VÂNDALOS INVADEM PROPRIEDADE EVANGÉLICA</p> <p>Durante a inauguração da propriedade de uma igreja evangélica, localizada no bairro Pedras BR116, local de difícil acesso por motivo de pouca iluminação, <u>houve momentos de pavor, medo e insegurança.</u></p> <p>Freqüentemente naquela propriedade se reúnem nas última sexta-feira de cada mês aproximadamente cem membros em vigília (oração), para intercederam por diversas causas dando início às 23:00hs e encerrando às 5:00hs da manhã do dia seguinte.</p>
---	--

Em A2, no primeiro parágrafo, mesmo com a revisão, o texto não focaliza o conflito, apenas fala das consequências – “houve momentos de pavor, medo e insegurança”. Se na hierarquia dos dados devem aparecer primeiramente o que há de mais relevante, para atrair a atenção do leitor, isso só se faz presente no segundo parágrafo do texto original – “foram vítimas de vândalos ousados e corajosos, armados de revólveres” –, e não mais se dar à amostra no texto revisado, revelando a incompreensão do autor sobre o princípio.

No texto de A8 aparece, sobre o referido princípio, mais um caso específico de não efetivação.

<p><b>1ª versão</b></p> <p>A8</p> <p>O mau vizinho</p> <p>Um homem que mora vizinho à uma igreja, na Barra do Ceará, estava sentindo-se encomodado com o barulho que os seus seguidores estavam fazendo na igreja. Ele saiu de sua casa, foi até a igreja para pedir aos fiéis que diminuíssem o barulho que estava insuportável, mas os fiéis não atenderam o seu pedido, então ele foi à delegacia próxima para fazer um Boletim de Ocorrência, com isso vieram os policiais e foi resolvido o problema daquele dia, mas no dia seguinte o barulho continuou do mesmo jeito de antes. O senhor ficou ainda mais aborrecido e foi resolver o problema do jeito dele. Pegou um cacete e saiu espalhando os fiéis para todos os lados. Daí a igreja fechou e não abriu mais.</p>	<p><b>Revisão: primeiro momento</b></p> <p>A8</p> <p><u>Fiéis são agredidos</u></p> <p>Na noite de quarta feira, dia 30 de maio, um homem que mora vizinho à uma igreja, na Barra do Ceará, estava sentindo-se encomodado com o barulho que os seus seguidores estavam fazendo na igreja. Furioso com o barulho ele saiu de sua casa, foi até a igreja pedir aos fiéis que diminuíssem-o mesmo, pois estava insuportável, mas os fiéis não atenderam seu pedido.</p> <p>O homem que era conhecido por Zezé e tinha aproximadamente 40 anos de idade foi à delegacia próxima para fazer um Boletim de Ocorrência, com isso vieram os policiais e problema foi resolvido, naquele dia, mas no dia seguinte o barulho continuou do mesmo jeito de antes, então o senhor Zezé que ficou ainda mais aborrecido com os fiéis, e decidiu resolver o problema do seu modo.</p> <p>De posse de um cacete ele saiu espalhando os fiéis para todos os lados, os fiéis que ficaram assustados com a atitude agressiva do homem fecharam a igreja e não abriram mais.</p>
---	--

Nesse caso, o procedimento, antes da revisão, assemelha-se ao de A<sub>1</sub> – falta a distribuição interparágrafa dos dados e a hierarquização, sendo esta, aqui, de forma mais acentuada. No texto revisado, o ápice do foco da notícia só se dá no último parágrafo, quando é apresentado o fato, que é a razão da própria notícia, conforme sugere o título – “De posse de um cacete ele saiu espalhando os fiéis para todos os lados”–, o que nega também a apreensão do princípio pelo autor.

Essa situação demonstra o estabelecimento da pirâmide normal, a exemplo dos textos literários, que deixam para o final a apresentação do que há de mais relevante.

## MANIFESTAÇÃO 2

Também cruzamos caminhos com autores que enfrentaram dificuldades de expansão e distribuição dos parágrafos, quais sejam: A<sub>3</sub>, A<sub>4</sub>, A<sub>6</sub>. O autor A<sub>3</sub>, especificamente, na primeira versão de sua notícia, procurando contextualizar o fato a ser focado, o introduz no *lead* –“No mês de fevereiro [...] na Igreja Adventista do Sétimo dia [...] uma criança foi vítima de um ato horroroso e depois morta.”– e o expande com algumas conclusões – “chamou polícia [...] foi investigado”.

<p><b>1ª versão</b></p> <p>A<sub>3</sub></p> <p><i>Polêmica em uma igreja evangélica</i></p> <p>No mês de fevereiro de 2007 no Domingo pela manhã por volta das 9:00 hs na Igreja Adventista do Sétimo dia, em São Paulo uma criança foi vítima de um ato horroroso e depois morta. enquanto seus pais assistiam o culto ela brincava na calçada da Igreja, quando um homem praticamente perturbado ia passando por ali e viu a criança sozinha, ele pegou a criança e levou para um local da Igreja e praticou um ato horrível e logo afogou a criança na piscina Batismã, os pais encontraram a filha já morta e logo chamou a polícia e logo foi investigado, encontraram o delinqüente que o mesmo confessou o seu ato contando os detalhes. ele disse que não sabia o que estava fazendo não estava nele.</p> <p>O caso chocou a cidade inteira e todas as Igrejas Evangélicas.</p> <p>Ele foi preso e vai pagar a sua pena em um regime fechado, o que não adiantaria nada não vai trazer a criança de volta e logo será solto. Temos que ter mais cuidado com os filhos.</p>	<p><b>Revisão: primeiro momento</b></p> <p>A<sub>3</sub></p> <p><i>Polêmica em uma igreja evangélica</i></p> <p>No dia 03 de março de 2007 por volta das 9:00 hs da manhã de domingo na Igreja Adventista do Sétimo dia, localizada no Bairro Irirui; Gabrielly Cristina Eichholz de apenas 1 (um) ano e meio foi vítima de uma barbaridade, e depois morta. Os pais Juliarcl Luiz Eichholz de 26 anos e Andréia Pereira também de 26 anos assistiam o culto; Gabrielly saiu de perto dos pais sem que eles percebessem; e brincava no pátio da Igreja; quando um homem passa por ali e vê a criança sozinha, ele pegou Gabrielly e levou para a piscina Batismal, onde cometeu sua barbaridade e logo afogou.</p> <p>Os Pais da criança logo sentiram sua falta e saiu à procura e a encontraram morta; chamaram a polícia que logo veio e encontraram pistas através das testemunhas, pegaram o assassino.</p> <p>O assassino logo foi preso e vai cumprir sua pena na cadeia.</p>
---	--

Depois, continua abordando as consequências no segundo parágrafo – “chocou a cidade inteira [...] igrejas evangélicas” – e no terceiro parágrafo – “foi preso...”.

Se atentarmos para o texto refeito, identificaremos procedimento idêntico: no primeiro parágrafo, procura contextualizar o fato a ser focado e o introduz no *lead*, porém

com mais precisão na data e na referência à vítima – No dia 03 de março de 2007 [...] Gabrielly Cristina Eichholz [...] foi vítima de uma barbaridade, e depois morta”; no segundo parágrafo expande o conflito com mais algumas consequências – “Os Pais da criança logo sentiram sua falta e saiu à procura e a encontraram morta; chamaram a polícia”; depois, no terceiro parágrafo, ainda continua abordando as consequências: “O assassino logo foi preso”.

Embora o referido autor desenvolva uma gradação na distribuição dos dados, conforme abordamos acima, percebe-se em seu desempenho uma dificuldade de compatibilizar a extensão paragráfica. Isso é detectado não só na primeira versão, mas também no texto refeito, onde o *lead* é bem mais extenso do que o corpo da notícia. Desse procedimento, supõe-se uma pirâmide invertida com a base bastante achatada.

O autor A4 também apresenta dificuldade na expansão dos parágrafos.

<p><b>1ª versão</b></p> <p>A4</p> <p>No dia 03 de março, foi descoberto que um casal religioso, Mônica e Carlos da igreja Vale de bênçãos estava desviando dinheiro da igreja para servi com gastos pessoais.</p> <p>Os religiosos era famoso por seus cultos que reunia milhares de fiéis, e nos cultos ele pedia dinheiro para Deus os abençoar, tem gente que dava tudo que tinha, relógio, dinheiros, jóias e se não tinha dinheiro eles poderia até pagar com cartão de créditos em nome de Deus, tinha fiéis que achava estranho que começavam enfiestigar.</p> <p>A polícia descobriu que realmente estava desviando dinheiro mas seria difícil ter provas concreta para acusá-los. O casal foram avastado e estão aguardando julgamento em liberdade mesmo assim muitos fiéis ficam fazendo manifestações para libertá-los, mais enquanto a polícia ainda investiga o casal ficarão mantido em vigilância.</p>	<p><b>Revisão: primeiro momento</b></p> <p>A4</p> <p><i>Um casal evangélico desvia dinheiro da igreja</i></p> <p>Na cidade de Espírito Santo, em Santa Catarina, casal foi descoberto desviando dinheiro da própria igreja que frequentava.</p> <p>N o dia 03 de março de 2006, Mônica Oliveira de 35 anos e Carlos Oliveira de 42 anos. Foram descoberto por desviar dinheiro dos fiéis para uso e gastos pessoais.</p> <p>Os religiosos era famoso por seus cultos que reunia milhares de fiéis. Nos cultos eles pedia dinheiro para Deus os abençoar, tinha gente que dava tudo que tinha, relógio, dinheiro, jóias e se não tinha dinheiros eles poderia até pagar com cartão de créditos em nome de Deus. Teve fiéis que acharam estranho que começavam enfiestigar.</p> <p>A polícia descobriu que realmente estava desviando dinheiro, mas seria difícil ter provas concretas para acusá-los, pois muitos fiéis negarão o envolvimento do casal na lavagem do dinheiro. Mais com a investigação do polícia o casal forão avastado das suas realizações religiosas, proibido de fazer cultos e reuniões, muitos fiéis fazirão manifestações para innocentas o casal.</p> <p>O casal ficarão mantido em vigilância até terminarem investigações policial.</p>
--	--

Com esse autor, o problema de desenvolvimento de parágrafos surgiu ao ser introduzido o título, na primeira revisão, pois verifica-se no texto revisado uma dificuldade sua de sair da referência direta do foco da notícia – “desvio de dinheiro” – que, no título, já aparece. A partir daí, instala-se um procedimento de circularidade ao qual o autor fica preso até o segundo parágrafo, que vem ampliando os dados do primeiro. Esse desdobramento em dois, do que seria o primeiro parágrafo, pode ser a razão de estar havendo a repetição desnecessária do foco noticioso.

No terceiro parágrafo, porém, ele detalha o ocorrido e insere as consequências do fato que são mais especificadas no parágrafo seguinte. Apesar da dificuldade, consegue iniciar pelos dados mais importantes até chegar aos menos importantes.

Outro caso de dificuldade de cumprimento do princípio da pirâmide invertida, voltada para a paragrafação, é vivenciado pelo autor A6.

1ª versão	Revisão: primeiro momento
<p data-bbox="229 421 256 443">A6</p> <p data-bbox="320 477 560 499">Incidente em Igreja Evangélica</p> <p data-bbox="320 517 703 539">Mulher é agredida por pastor de Igreja protestante.</p> <p data-bbox="225 584 778 629">Ao fazer uma visita à uma igreja evangélica no seu bairro, uma senhora foi agredida pelo líder presente.</p> <p data-bbox="225 629 778 674">O fato ocorreu em torno de uma discussão sobre o dízimo, ajuda dada pelos fiéis da igreja.</p> <p data-bbox="225 674 778 734">Ao ser indagada pelo pastor o valor que, segundo o mesmo, obrigatoriamente a vítima teria de dar, a senhora de 47 anos negou a ajuda.</p> <p data-bbox="225 734 778 779">Em decorrência de sua negação, a mesma foi expulsa pelo pastor, arrastada pelos cabelos para fora da igreja.</p> <p data-bbox="225 779 778 824">O caso está sendo resolvido pelas autoridades locais, a vítima prestou depoimento, abrindo boletim de ocorrência contra o agressor.</p>	<p data-bbox="807 421 834 443">A6</p> <p data-bbox="903 454 1137 477">Incidente em Igreja Evangélica</p> <p data-bbox="903 495 1286 517">Mulher é agredida por pastor de Igreja evangélica.</p> <p data-bbox="807 562 1361 607">Ao fazer uma visita à uma igreja evangélica no centro de Fortaleza, a senhora Nara Lúcia Duavy foi agredida pelo líder presente.</p> <p data-bbox="807 607 1361 651">O fato ocorreu em torno de uma discussão sobre o dízimo, ajuda dada pelos fiéis da igreja.</p> <p data-bbox="807 651 1361 712">Ao ser indagada pelo pastor o valor que, segundo o mesmo, obrigatoriamente a vítima teria de dar, a mesma de 47 anos negou a ajuda.</p> <p data-bbox="807 712 1361 757">Em decorrência de sua negação, Nara Lúcia foi expulsa p pastor, arrastada pelos cabelos para fora da igreja.</p> <p data-bbox="903 757 1297 779">O caso está sendo resolvido pelas autoridades locais.</p> <p data-bbox="807 779 1361 824">A vítima prestou depoimento, abrindo boletim de ocorrência contra o agressor.</p> <p data-bbox="903 824 1318 846">Exemplo que faz aumentar o alerta sobre a intolerância dentro das religiões.</p>

O que ocorre com esse autor é a segmentação exagerada dos parágrafos, tanto na primeira versão do texto como no texto revisado, de modo que não se identificam com facilidade os focos centrais de atenção que constituem a progressão de sua notícia. Somente com um esforço cognitivo apurado, percebe-se que o primeiro e o segundo parágrafos falam em que consiste o conflito abordado; o terceiro e o quarto tratam do motivo do conflito; o quinto e o sexto mostram as conseqüências; finalmente, há um parágrafo deslocado, em termos de estrutura, porque, em se tratando de uma opinião, não é aceitável para o gênero notícia. Esse caso, como os dois anteriores, são exemplos de que um conhecimento básico para a escrita de texto é a habilidade de construir parágrafo, que deve ser anterior ao conhecimento sobre um gênero específico.

### **MANIFESTAÇÃO 3**

Temos uma manifestação sobre o princípio da pirâmide invertida que, apesar de atípica – mudança total do assunto do texto –, demonstra o crescimento do autor (A7) sobre a forma de estruturação dos parágrafos.

<p><b>1ª versão</b></p> <p>A7</p> <p>Hoje, precisamente às 13 hs. No bairro do Jangurussu, houve um confronto policial entre, traficantes e policiais, que estavam em ronda naquele bairro, resultado deste confronto, que term in ou em tragédia com a morte por bala perdida, de duas pessoas que estavam, catando lixo no aterro. Os mesmos ainda foram levados com vida para o IJF, mais não resistiram aos ferimentos a bala vinheram a óbito. Policiais culpam os traficantes e os mesmos continuam em pune, pois não foram pegue. Os parentes e amigos das vítimas pedem justiça e por sua vez culpam o governo por não botar policiais nas ruas, com habilidade para saber agir num momento destes.</p>	<p><b>Revisão: primeiro momento</b></p> <p>A7</p> <p>Conflito entre policiais e traficantes no Rio de Janeiro</p> <p>No Morro Santa Tereza, três pessoas são baleadas por balas perdidas, devido o confronto policial entre traficantes e policiais, que ocuparam o morro Santa Tereza.</p> <p>Ninguém sai nem entra no Santa Tereza sem identificação, os moradores estão apavorados, alguns já estão dentro de suas casas há mais de vinte e quatro horas; mulheres e crianças não são poupados neste conflito que promete se estender por vários dias, já que nem traficantes nem policiais querem render-se.</p> <p>A igreja faz um apelo pedindo o fim do conflito e reza para que tudo termine em paz, mesmo os fiéis revoltados por não poderem participar dos cultos e missas, prometem também entrar nesta guerra pelo fim do conflito.</p>
---	--

Considerando que a primeira versão foge ao princípio da pirâmide invertida, aqui nossa atenção centra-se no texto refeito. Este nos mostra a atenção do autor para o foco central da notícia apresentando o conflito no primeiro parágrafo, quer dizer, no *lead* – “três pessoas são baleadas” – juntamente com o motivo que o desencadeou – “devido o confronto policial entre traficantes”. No segundo parágrafo, encontram-se as consequências locais sofridas pelo referido conflito – “Ninguém sai nem entra no Santa Tereza sem identificação [...] nem mesmo crianças são poupadas”; no terceiro parágrafo, aparecem as consequências em termos de tomadas de decisão externas – “a igreja faz um apelo”.

Na retextualização do autor, consegue-se perceber a manifestação descendente dos dados entre os parágrafos: do mais relevante para o menos relevante, considerando-se que na notícia policial o que chama a atenção é o trágico, e isso vem logo no começo, em uma gradação que chega até a busca de resolução do problema, no final. Consolidada-se, aí, a manifestação da pirâmide invertida.

#### **MANIFESTAÇÃO 4**

Temos, enfim, uma manifestação que apresenta a atenção do autor (A5) para a utilização do princípio da pirâmide invertida com a preocupação em compatibilizar a extensão dos parágrafos entre si.

<p><b>1ª versão</b></p> <p>A5</p> <p>Um tiroteio ontem à noite abalou a uma igreja cristã a qual participava de uma celebração quase 1 milhão de pessoas.</p> <p>Muitas pessoas ficaram feridas e quase 50 pessoas morreram em um conflito que aconteceu na Igreja São Francisco, na Rua João XXII, no Rio de Janeiro. Estava acontecendo um ato ecumênico, quando um carro apareceu em disparada em conflito com os policiais e começaram a atirar contra a polícia e acabou ferindo algumas pessoas com balas perdidas. Os policiais conseguiram prender os bandidos, mais infelizmente teve que sacrificar algumas pessoas inocentes.</p> <p>Apareceu, médicos, ambulâncias e muitas pessoas disposta a ajudar e com isso amenizar mais o sofrimento das pessoas envolvidas na tragédia.</p>	<p><b>Revisão: primeiro momento</b></p> <p>A5</p> <p>Um tiroteio ontem à noite abalou a igreja cristã</p> <p>Muitas pessoas ficaram feridas e quase 50 pessoas morreram em um conflito que aconteceu na Igreja São Francisco, na Rua João XXIII, nº. 100, no Bairro de Niterói, no Rio de Janeiro, Isso aconteceu ontem à noite. Um tiroteio tirou a atenção dos fiéis.</p> <p>Estava acontecendo um ato ecumênico, quando um carro em que estavam os ladrões apareceu em disparada e parou em frente à Igreja São Francisco, e os ladrões começaram a atirar, entrando em conflito com os policiais que viam seguindo-os, e começaram a atirar contra a polícia que acabou ferindo algumas pessoas com balas perdidas. Os policiais conseguiram prender os bandidos, e depois pediram ajuda pelo rádio, chamaram a ambulância para socorrer os feridos</p>
---	---

Estamos diante de um caso que deixa visível a atenção do autor em mostrar um procedimento *top down* sobre a distribuição do conteúdo: revisando o texto, no primeiro parágrafo o conflito é abordado de forma contextualizada e incidindo sobre seu foco central, sem deixar de atentar para as causas e consequências. Portanto, no *lead* tem-se um panorama do ocorrido, contribuindo para a visibilidade da notícia – “Muitas pessoas ficaram feridas e quase 50 pessoas morreram em conflito que aconteceu na igreja [...]. Um tiroteio tirou a atenção dos fiéis”. No parágrafo seguinte, o fato é retomado de forma mais detalhada e com o acréscimo no âmbito das consequências, envolvendo medidas a serem adotadas. Assim, o autor também dispensa seu cuidado à estrutura formulaica do texto, deixando a entender que o *lead* não deve ser superior ao corpo da notícia, em termos de extensão. Ele modifica o procedimento que havia sido adotado na primeira versão do texto, no qual o *lead* concentrava uma gama muito grande de informação, deixando o segundo parágrafo um tanto desproporcional em relação ao primeiro. Com a revisão, o texto alcança as devidas proporções entre *lead* e corpo.

#### 4.3.1.2.2 Segundo momento

Na análise do texto, no segundo momento, envolvendo a notícia policial narrativa, cumpre-nos continuar voltando nosso olhar para os aspectos de sua estrutura de caráter formulaico – título, *lead* e corpo – sempre buscando a devida coerência que esses estabelecem entre si, para efeito de constatação da hipótese referente à projeção da atuação docente no gênero textual produzido pelo aluno.

##### 4.3.1.2.2 a) O título

Sendo a função principal do título chamar a atenção do leitor, nesse sentido atentaremos para duas formas de manifestação dos autores dos textos pesquisados, que, na última revisão, optaram pela alteração ou pela permanência.

#### **MANIFESTAÇÃO 1**

Alguns textos revelaram resistência de seus autores (A2, A3, A4, A5) na definição do título das notícias ao permanecerem com a mesma intitulação no texto da primeira para a

segunda revisão. Isso está patente em cada bloco de produção a seguir. Tomando-se cada título no âmbito de sua respectiva notícia, observa-se que o procedimento dos autores na ação de titular compatibiliza-se com o desenvolvimento textual.

<p><b>1ª revisão</b></p> <p>A2</p> <p>VÂNDALOS INVADEM PROPRIEDADE EVANGÉLICA</p> <p>Durante a inauguração da propriedade de uma igreja evangélica, localizada no bairro Pedras BR116, local de difícil acesso por motivo de pouca iluminação, houve momentos de pavor, medo e insegurança.</p> <p>Freqüentemente naquela propriedade se reúnem nas última sexta-feira de cada mês aproximadamente cem membros em vigília (oração), para intercederem por diversas causas dando início às 23:00hs e encerrando às 5:00hs da manhã do dia seguinte.</p>	<p><b>2ª revisão</b></p> <p>A2</p> <p>VÂNDALOS INVADEM PROPRIEDADE EVANGÉLICA</p> <p>Durante a inauguração da propriedade de uma igreja evangélica, localizada no bairro Pedras BR116, local de difícil acesso por motivo de pouca iluminação, houve momentos de pavor, medo e insegurança.</p> <p>Freqüentemente naquela propriedade se reúnem nas última sexta-feira de cada mês aproximadamente cem membros em vigília (oração), para intercederem por diversas causas dando início às 23:00hs e encerrando às 5:00hs da manhã do dia seguinte.</p> <p>Naquela noite a vigília foi interrompida por alguma horas de tensão, pois aquela propriedade simplesmente foi invadida por vândalos delinquentes, que ameaçavam todos, suportantes armados de revólveres, apontado para o ministro da oração.</p> <p>Todos os membros seguiam as suas ordens, com a intenção de não acontecer o pior.</p> <p>Então mesmo com todo aquele clima tenso, não nos abalamos e continuamos em oração.</p> <p>A situação foi contornada, os bandidos se renderam com a chegada do policiamento que já os perseguiram de outro assalto.</p> <p>Eles os vândalos não tiveram opção e não se negaram em entregarem suas armas e seguirem em viagem na viatura da Polícia Militar comandada pelo Sargento Cavalcante do 32º distrito Policial. Os membros mais uma vez louvaram a Deus, mais do que nunca, sem cessar com gratidão, do que ele faz por todos nós em sua misericórdia infinita.</p>
<p><b>1ª revisão</b></p> <p>A3</p> <p>Polêmica em uma igreja evangélica</p> <p>No dia 03 de março de 2007 por volta das 9:00 hs da manhã de domingo na Igreja Adventista do Sétimo dia, localizada no Bairro Iriruí; Gabrielly Cristina Eichholz de apenas 1 (um) ano e meio foi vítima de uma barbaridade, e depois morta. Os pais Juliarcl Luiz Eichholz de 26 anos e Andréia Pereira também de 26 anos assistiam o culto; Gabrielly saiu de perto dos pais sem que eles percebessem; e brincava no pátio da Igreja; quando um homem passa por ali e vê a criança sozinha, ele pegou Gabrielly e levou para a piscina Batismal, onde cometeu sua barbaridade e logo afogou.</p> <p>Os Pais da criança logo sentiram sua falta e saiu à procura e a encontraram morta; chamaram a polícia que logo veio e encontraram pistas através das testemunhas, pegaram o assassino.</p> <p>cumprir sua</p> <p>O assassino logo foi preso e vai cumprir sua pena na cadeia.</p>	<p><b>2ª revisão</b></p> <p>A3</p> <p>Polêmica em uma Igreja Evangélica</p> <p>No dia 03 de março de 2007 em um domingo pela manhã por volta das 9:00hs na Igreja Adventista do sétimo dia situada no Bairro Iriruí, Gabrielly Cristina Eichholz de apenas 1 ano e meio foi vítima de um ato horrroso e depois morta.</p> <p>Enquanto seus pais Juliard Luiz Eichholz de 26 anos e Andréia Pereira de 26 anos assistiam um culto ela brincava no pátio da Igreja, quando um homem por nome de José passava por ali e viu a criança sozinha, ele pegou ele pegou a criança e levou para um local e praticou um ato horrível e depois afogou na piscina Batismal</p> <p>O caso chocou a cidade Inteira e todas as igrejas, ele foi preso e vai pagar a sua pena.</p>

Especificamente, no caso de A2 e A3, o conteúdo, apesar de sofrer alteração, mantém correspondência com o apelo imposto pelo título, demonstrando que este está direcionando a abordagem do texto.

<p><b>1ª revisão</b></p> <p>A4</p> <p><i>Um casal evangélico desvia dinheiro da igreja</i></p> <p>Na cidade de Espírito Santo, em Santa Catarina, casal foi descoberto desviando dinheiro da própria igreja que freqüentava.</p> <p>N o dia 03 de março de 2006, Mônica Oliveira de 35 anos e Carlos Oliveira de 42 anos. Foram descoberto por desviar dinheiro dos fiéis para uso e gastos pessoais.</p> <p>Os religiosos era famoso por seus cultos que reunia milhares de fiéis. Nos cultos eles pedia dinheiro para Deus os abençoar, tinha gente que dava tudo que tinha, relógio, dinheiro, jóias e se não tinha dinheiros eles poderia até pagar com cartão de créditos em nome de Deus. Teve fiéis que acharam estranho que começavam enfestigar.</p> <p>A polícia descobrio que realmente estava desviando dinheiro, mas seria difícil ter provas concretas para acusá-los, pois muitos fieis negarão o envolvimento do casal na lavagem do dinheiro. Mais com a investigação do polícia o casal forão avastado das suas realizações religiosas, proibido de fazer cultos e reuniões, muitos fiéis farirão manifestações para innocentas o casal.</p> <p>O casal ficarão mantido em vigilância até terminarem investigações policial.</p>	<p><b>2ª revisão</b> (o mesmo texto da 1ª revisão)</p> <p>A4</p> <p><i>Um casal evangélico desvia dinheiro da igreja</i></p> <p>Na cidade de Espírito Santo, em Santa Catarina, casal foi descoberto desviando dinheiro da própria igreja que freqüentava.</p> <p>N o dia 03 de março de 2006, Mônica Oliveira de 35 anos e Carlos Oliveira de 42 anos. Foram descoberto por desviar dinheiro dos fiéis para uso e gastos pessoais.</p> <p>Os religiosos era famoso por seus cultos que reunia milhares de fiéis. Nos cultos eles pedia dinheiro para Deus os abençoar, tinha gente que dava tudo que tinha, relógio, dinheiro, jóias e se não tinha dinheiros eles poderia até pagar com cartão de créditos em nome de Deus. Teve fiéis que acharam estranho que começavam enfestigar.</p> <p>A polícia descobrio que realmente estava desviando dinheiro, mas seria difícil ter provas concretas para acusá-los, pois muitos fieis negarão o envolvimento do casal na lavagem do dinheiro. Mais com a investigação do polícia o casal forão avastado das suas realizações religiosas, proibido de fazer cultos e reuniões, muitos fiéis farirão manifestações para innocentas o casal.</p> <p>O casal ficarão mantido em vigilância até terminarem investigações policial.</p>
<p><b>1ª revisão</b></p> <p>A5</p> <p>Um tiroteio ontem à noite abalou a igreja cristã</p> <p>Muitas pessoas ficaram feridas e quase 50 pessoas morreram em um conflito que aconteceu na Igreja São Francisco, na Rua João XXIII, nº. 100, no Bairro de Niterói, no Rio de Janeiro, Isso aconteceu ontem à noite, Um tiroteio tirou a atenção dos fiéis.</p> <p>Estava acontecendo um ato ecumênico, quando um carro em que estavam os ladrões apareceu em disparada e parou em frente à Igreja São Francisco, e os ladrões começaram a atirar, entrando em conflito com os policiais que viam seguindo-os, e começaram a atirar contra a polícia que acabou ferindo algumas pessoas com balas perdidas. Os policiais conseguiram prender os bandidos, e depois pediram ajuda pelo rádio, chamaram a ambulância para socorrer os feridos.</p>	<p><b>2ª revisão</b></p> <p>A5</p> <p>Um tiroteio ontem à noite abalou a igreja cristã</p> <p>Muitas pessoas ficaram feridas e quase 50 pessoas morreram em um conflito que aconteceu na Igreja São Francisco, na Rua João XXIII, nº. 100, no Bairro de Niterói, no Rio de Janeiro, Ontem à noite um tiroteio tirou a atenção dos fiéis.</p> <p>Estava acontecendo um ato ecumênico, quando um carro em que estavam os ladrões apareceu em disparada e parou em frente à Igreja São Francisco, e os ladrões começaram a atirar, entrando em conflito com os policiais que viam seguindo-os, e começaram a atirar contra a polícia que acabou ferindo algumas pessoas com balas perdidas. Os policiais conseguiram prender os bandidos, e depois pediram ajuda pelo rádio, chamaram a ambulância para socorrer os feridos</p>

Em se tratando do texto de A4, a permanência do título decorre da não alteração do texto, e essa é praticamente, também, a realidade de A5, pois nesse texto aparece apenas uma pequena modificação, no final do primeiro parágrafo, ao ser introduzida a expressão referencial “Isso aconteceu”.

## **MANIFESTAÇÃO 2**

Entre as produções que apresentam alteração no título, da primeira para a segunda revisão, há aquelas que assim o fizeram para chamar mais a atenção sobre o conflito abordado no texto ou sobre o local onde se deu o conflito. É o que se pode observar nos textos de A1 e de A7.

1ª revisão	2ª revisão
<p>A1</p> <p>TRAGÉDIA NO CANTA GALO</p> <p>Numa cidade chamada canta galo, no dia 10 de novembro de 1987 houve uma Romaria onde se reuniram 500 pessoas, no meio dessa grande festa religiosa, às 18:30 hrs um carro golf desgovernado de placa HUW 1603 atropelou 10 pessoas, dentre elas uma senhora de 45 anos chamada Luiza gonçalves que morreu na hora e os outros 9 tiveram ferimentos leves, O motorista que calsou esse acidente chamava-se Alexandre vieira de 29 anos, que foi preso após o acontecido por policiais que se encontravam presente no Local do acidente, Ele deveria ter prestado mais atenção ao pegar no volante do carro embriagado, se ele tivesse tomado esse pequeno cuidado, nada disso teria acontecido poderia ter evitado essa tragédia.</p>	<p>A1</p> <p><u>TRAGÉDIA</u></p> <p>Na cidade canta galo, houve um acidente , um carro desgovernado cujo o responsável estava alcoolizado, atropelou dez pessoas provocando uma morte.</p> <p>Numa Cidade chamada canta Galo, no dia 10 de novembro às 18:30 hrs hove uma Romaria , onde se reuniram 500 pessoas , no meio dessa grande festa religiosa um carro desgovernado de marca HILUX, NVW 1603, atropelou 10 pessoas, dentre elas uma senhora chamada Luiza Gonçalves de 45 na os que morreu na hora e os outros só sofreram ferimentos leves, o motorista que calsou esse acidente chamava-se Alexandre vieira de 29 anos que foi preso após o acontecido, pelos policiais que se encontravam no local, devem ser tomadas várias cuidados começando pelo irresponsável, Ele deveria ter mais cuidado ao pegar na direção de um carro pois ele estava muito embriagado, se ele tivesse tomado esse cuidado nada disso teria acontecido.</p>

Em A1, o autor, ao revisar o texto, usa, em um primeiro plano, apenas a primeira palavra do título anterior, funcionando como uma espécie de retranca<sup>23</sup>, para antecipar o assunto de forma genérica. Abaixo, introduz um subtítulo com detalhes sobre o que constitui o foco noticioso.

1ª revisão	2ª revisão
<p>A7</p> <p>Conflito entre policiais e traficantes no Rio de Janeiro</p> <p>No Morro Santa Tereza, três pessoas são baleadas por balas perdidas, devido o confronto policial entre traficantes e policiais, que ocuparam o morro Santa Tereza.</p> <p>Ninguém sai nem entra no Santa Tereza sem identificação, os moradores estão apavorados, alguns já estão dentro de suas casas há mais de vinte e quatro horas; mulheres e crianças não são poupados neste conflito que promete se estender por vários dias, já que nem traficantes nem policiais querem render-se.</p> <p>A igreja faz um apelo pedindo o fim do conflito e reza para que tudo termine em paz, mesmo os fiéis revoltados por não poderem participar dos cultos e missas, prometem também entrar nesta guerra pelo fim do conflito.</p>	<p>A7</p> <p>Rio de Janeiro: “Conflito entre policiais e Traficantes”.</p> <p>No morro três pessoas são baleadas por balas perdidas, devido o confronto policial entre traficantes e policiais, que ocuparam o morro. Ninguém sai nem entra no morro sem identificação. Os moradores estão apavorados, alguns já estão dentro de suas casas há mais de vinte e quatro horas. Mulheres e crianças não são poupados neste conflito, que promete se estender por vários dias, já que nem traficantes nem policiais querem render-se. A Igreja faz um apelo pedindo o fim do conflito e reza pra que tudo termine bem. As pessoas estão revoltadas por não poderem, participar dos cultos religiosos. Já passa das quarenta e oito horas o conflito entre policiais e traficantes do morro e aumenta o número de feridos, pessoas que não tem nada a ver com o tráfico de drogas são sacrificados em suas próprias casas sem chances de sobrevivência por parte, dos policiais, os mesmos estão agindo de forma irracional.</p>

Procedimento semelhante foi adotado por A7 no seu texto, pois esse autor, ao fazer um deslocamento da última palavra do título anterior para a primeira posição, coloca-a também sob a forma de retranca, deixando-o anunciar o local onde transcorre o fato a ser tratado. Note-se que o título, em si, está destacado entre aspas.

Ainda, lidando com a alteração do título, vamos observar uma preocupação focalizada no léxico.

<sup>23</sup> Sobre retranca, ver “Vocabulário crítico” em Lage (2006).

1ª revisão	2ª revisão
<p>A6</p> <p>Incidente em Igreja Evangélica</p> <p>Mulher é agredida por pastor de Igreja evangélica.</p> <p>Ao fazer uma visita à uma igreja evangélica no centro de Fortaleza, a senhora Nara Lúcia Duavy foi agredida pelo líder presente. O fato ocorreu em torno de uma discussão sobre o dízimo, ajuda dada pelos fiéis da igreja. Ao ser indagada pelo pastor o valor que, segundo o mesmo, obrigatoriamente a vítima teria que dar, a mesma de 47 anos negou a ajuda. Em decorrência de sua negação, Nara Lúcia foi expulsa p pastor, arrastada pelos cabelos para fora da igreja. O caso está sendo resolvido pelas autoridades locais. A vítima prestou depoimento, abrindo boletim de ocorrência contra o agressor. Exemplo que faz aumentar o alerta sobre a intolerância dentro das religiões.</p>	<p>A6</p> <p>Incidente em Igreja Evangélica</p> <p>Mulher é agredida por pastor de Igreja Protestante.</p> <p>Nara Lúcia Duavy, 47 anos, foi agredida por líder de uma igreja protestante, situada no centro da cidade. Em uma das reuniões ocorridas na Igreja, a mesma se interessou em fazer uma visita com uma amiga, afim de conhecer a doutrina. Tal visita reprovou totalmente, seu conceito sobre a religião. O fato girou em torno de uma discussão acerca do dízimo, ajuda dada pelos fiéis, as obras sociais da Igreja. Indagada sobre o valor que teria de dar, a vítima negou-se a repassar o dinheiro, suscitando o Início da discussão. O pastor vendo-se contrariado com a negação da vítima, atacou a mesma, expulsando-a da Igreja arrastada pelos cabelos. A vítima dirigiu-se as autoridades, abrindo boletim de ocorrência contra o agressor; em virtude do caso o inquérito será instaurado por danos morais.</p>

A6 parece sente-se incomodado com a repetição da palavra “evangélica”, que aparece no título e no subtítulo, e neste último a substitui por “protestante”. Aliás, deve-se “evitar repetir o que está no título e no subtítulo” (NOBLAT, 2006, p. 98), para evitar redundância. Mas é preciso entender que nem sempre a substituição resolve esse problema, pois muitas vezes o contexto exige mais do que a simples troca por outra palavra de igual sentido, conforme se pode perceber no texto em apreço.

Finalmente, vamos encontrar mudança no título, por completo, em decorrência da mudança total do conteúdo em A8.

1ª revisão	2ª revisão
<p>A8</p> <p><u>Fiéis são agredidos</u></p> <p>Na noite de quarta feira, dia 30 de maio, um homem que mora vizinho à uma igreja, na Barra do Ceará, estava sentindo-se encomodado com o barulho que os seus seguidores estavam fazendo na igreja. Furioso com o barulho ele saiu de sua casa, foi até a igreja pedir aos fiéis que diminuíssem-o mesmo, pois estava insuportável, mas os fiéis não atenderam seu pedido. O homem que era conhecido por Zezé e tinha aproximadamente 40 anos de idade foi à delegacia próxima para fazer um Boletim de Ocorrência, com isso vieram os policiais e problema foi resolvido, naquele dia, mas no dia seguinte o barulho continuou do mesmo jeito de antes, então o senhor Zezé que ficou ainda mais aborrecido com os fiéis, e decidiu resolver o problema do seu modo. De posse de um cacete ele saiu espalhando os fiéis para todos os lados, os fiéis que ficaram assustados com a atitude agressiva do homem fecharam a igreja e não abriram mais.</p>	<p>A8</p> <p>Ônibus é apedrejado</p> <p>Na quata feira 18 de junho um ônibus é apedrejado no bairro Planalto Regatas. Um ônibus que fazia a linha Planalto Regatas foi atingido a pedras quando estava fazendo o seu percurso naquele bairro. Moradores ficaram revoltados com o motorista que não parou para levar um ancião que havia dado sinal, as pessoas que estavam no local, começaram a jogar pedras no ônibus, o motorista desceu e começou a confusão. A polícia foi chamada para acalmar os moradores que logo foram se retirando e o ônibus foi liberado.</p>

A produção desse autor revela-nos que, ao ser orientado para processar a segunda revisão de sua notícia, compreendia tratar-se de uma novo texto. Em tal situação, é

perfeitamente compreensível a titulação alterada, desde que exista coerência entre título e texto, porém não há de se considerar que a tarefa efetivada tenha sido de revisão textual. Revisão, aqui, significa investir no próprio texto, sem perder de vista a ação mútua que se pretende travar com o destinatário.

Conforme Hayes e seus colaboradores (1987, p. 193), “a definição da tarefa de revisar por escritores experientes inclui objetivos globais para essa tarefa, que levam em conta o propósito do texto em situação comunicativa”. Pelo que se pode observar na atitude do autor do texto em foco, houve uma grande dispersão nesse sentido, pois o próprio enunciado comando, que atenta para os elementos de interação, fora esquecido, porque a última versão do texto não mantém sintonia com o que sugere o referido enunciado – “Produza uma notícia policial narrativa envolvendo pessoas em conflito por ocasião de prática religiosa, para ser exposta no jornal varal da classe, com o fim de despertar a atenção para cuidados a serem tomados no momento de tal prática”.

Sem dúvida, sobre a notícia policial narrativa, apenas foi observado pelo autor de de As o “conflito”, que já é de praxe pela natureza do gênero. Houve descuido sobre o fato de que o conflito deveria girar em torno de uma “prática religiosa”. Procedendo assim, o aludido autor deixou de cumprir com o propósito estabelecido para a realização de sua tarefa de escrita. A alteração do título, nesse caso, não representou um esforço exigido pelo ato de revisar, porque o que houve foi uma alteração total do conteúdo do texto, embora mantendo-se o mesmo gênero.

#### 4.3.1.2.2 b) O *lead*

No segundo momento da revisão, vamos encontrar quatro manifestações de abertura da notícia, envolvendo resistência à alteração bem como esforços para a expansão ou para a redução.

#### ***MANIFESTAÇÃO 1***

Referente à primeira manifestação – manutenção da versão do *lead* da primeira revisão –, vamos lidar com textos A<sub>1</sub> e A<sub>2</sub>.

Apesar de a segunda revisão ter por propósito, também, uma retomada sobre a estrutura da notícia, ainda encontramos texto construído de um só parágrafo – semelhantemente ao que ocorrera na primeira revisão – descaracterizando, assim, uma das

particularidades do *lead*, que é a sua constituição no primeiro parágrafo noticioso (LAGE, 2000, 2005, 2006; NOBLAT, 2006). O texto de A<sub>1</sub> mostra bem o procedimento em discussão.

1ª revisão	2ª revisão
<p data-bbox="225 439 256 465"><b>A<sub>1</sub></b></p> <p data-bbox="225 528 480 555">TRAGÉDIA NO CANTA GALO</p> <p data-bbox="225 618 778 851">Numa cidade chamada canta galo, no dia 10 de novembro de 1987 houve uma Romaria onde se reuniram 500 pessoas, no meio dessa grande festa religiosa, às 18:30 hrs um carro golf desgovernado de placa HUW 1603 atropelou 10 pessoas, dentre elas uma senhora de 45 anos chamada Luiza gonçalves que morreu na hora e os outros 9 tiveram ferimentos leves. O motorista que calsou esse acidente chamava-se Alexandre vieira de 29 anos, que foi preso após o acontecido por policiais que se encontravam presente no Local do acidente, Ele deveria ter prestado mais atenção ao pegar no volante do carro embriagado, se ele tivesse tomado esse pequeno cuidado, nada disso teria acontecido poderia ter evitado essa tragédia.</p>	<p data-bbox="799 439 831 465"><b>A<sub>1</sub></b></p> <p data-bbox="799 488 895 515"><u>TRAGÉDIA</u></p> <p data-bbox="799 533 1347 595">Na cidade canta galo, houve um acidente , um carro desgovernado cujo o responsável estava alcoolizado, atropelou dez pessoas provocando uma morte.</p> <p data-bbox="799 618 1353 851">Numa Cidade chamada canta Galo, no dia 10 de novembro às 18:30 hrs houve uma Romaria , onde se reuniram 500 pessoas , no meio dessa grande festa religiosa um carro desgovernado de marca HILUX, NVW 1603, atropelou 10 pessoas, dentre elas uma senhora chamada Luiza Gonçalves de 45 na os que morreu na hora e os outros só sofreram ferimentos leves, o motorista que calsou esse acidente chamava-se Alexandre vieira de 29 anos que foi preso após o acontecido, pelos policiais que se encontravam no local, devem ser tomadas várias cuidados começando pelo irresponsável, Ele deveria ter mais cuidado ao pegar na direção de um carro pois ele estava muito embriagado, se ele tivesse tomado esse cuidado nada disso teria acontecido.</p>

Aqui, o autor ao incorrer na insistência da paragrafação única, da primeira para a segunda revisão, tira a oportunidade do leitor de ver de imediato o resumo do texto, que, quando distribuído no *lead*, torna-se mais acessível – o corpo da notícia, normalmente, traz a expansão do que é sintetizado no primeiro parágrafo.

Outro caso de resistência à mudança no conteúdo do *lead* diz respeito à introdução do conflito a ser focado. No texto de A<sub>2</sub>, isso só aparece genericamente, nas duas revisões.

1ª revisão	2ª revisão
<p data-bbox="225 1350 256 1377"><b>A<sub>2</sub></b></p> <p data-bbox="320 1424 775 1451">VÂNDALOS INVADEM PROPRIEDADE EVANGÉLICA</p> <p data-bbox="225 1469 778 1554">Durante a inauguração da propriedade de uma igreja evangélica, localizada no bairro Pedras BR116, local de difícil acesso por motivo de pouca iluminação, houve momentos de pavor, medo e insegurança.</p> <p data-bbox="225 1559 778 1644">Frequentemente naquela propriedade se reúnem nas última sexta-feira de cada mês aproximadamente cem membros em vigília (oração), para intercederam por diversas causas dando início às 23:00hs e encerrando às 5:00hs da manhã do dia seguinte.</p>	<p data-bbox="799 1350 831 1377"><b>A<sub>2</sub></b></p> <p data-bbox="895 1424 1350 1451">VÂNDALOS INVADEM PROPRIEDADE EVANGÉLICA</p> <p data-bbox="799 1469 1356 1554">Durante a inauguração da propriedade de uma igreja evangélica, localizada no bairro Pedras BR116, local de difícil acesso por motivo de pouca iluminação, houve momentos de pavor, medo e insegurança.</p> <p data-bbox="799 1559 1356 1644">Frequentemente naquela propriedade se reúnem nas última sexta-feira de cada mês aproximadamente cem membros em vigília (oração), para intercederam por diversas causas dando início às 23:00hs e encerrando às 5:00hs da manhã do dia seguinte.</p> <p data-bbox="799 1648 1356 1733">Naquela noite a vigília foi interrompida por alguma horas de tensão, pois aquela propriedade simplesmente foi invadida por vândalos delinquentes , que ameaçavam todos, suportamentes armados de revólveres, apon tado para o ministro da oração.</p> <p data-bbox="799 1738 1347 1769">Todos os membros seguiam as suas ordens, com a intenção de não acontecer o pior.</p> <p data-bbox="799 1774 1292 1805">Então mesmo com todo aquele clima tenso, não nos abalamos e continuamos em oração.</p> <p data-bbox="799 1809 1340 1841">A situação foi contornada, os bandidos se renderam com a chegada do policiamento que já os perseguiam de outro assalto.</p> <p data-bbox="799 1845 1356 1984">Eles os vândalos não tiveram opção e não se negaram em entregarem suas armas e seguirem em viagem na viatura da Polícia Militar comandada pelo Sargento Cavalcante do 32º distrito Policial. Os membros mais uma vez louvaram a Deus, mais do que nunca, sem cessar com gratidão, do que ele faz por todos nós em sua misericórdia infinita.</p>

Na verdade, o autor somente fala das consequências – “houve momentos de pavor, medo e insegurança”. Conforme já abordamos em outras passagens, o *lead* traz o aspecto mais importante do fato noticioso, que, no caso de uma narrativa, corresponde ao conflito em si. Esse procedimento, imposto ao *lead*, diz respeito a uma estratégia de apelo àquele leitor que nem sempre pode ter uma passagem mais demorada pelo jornal, por isso precisa ver o essencial exposto de forma imediata. Esse procedimento condiz, inclusive, com a base do resumo produzido a partir do texto narrativo, que precisa assegurar o conflito como parte indispensável (Labov, 1972).

## MANIFESTAÇÃO 2

A segunda manifestação, referente à revisão em seu segundo momento, apresenta dificuldades no texto sobre a expansão do *lead*. É nos textos de A6 e A8 que esse fato não se deixa escapar. Vejamos como se manifesta em A6.

1ª revisão A6	2ª revisão A6
<p style="text-align: center;">Incidente em Igreja Evangélica</p> <p>Mulher é agredida por pastor de Igreja evangélica.</p> <p>Ao fazer uma visita à uma igreja evangélica no centro de Fortaleza, a senhora Nara Lúcia Duavy foi agredida pelo líder presente. O fato ocorreu em torno de uma discussão sobre o dízimo, ajuda dada pelos fiéis da igreja. Ao ser indagada pelo pastor o valor que, segundo o mesmo, obrigatoriamente a vítima teria que dar, a mesma de 47 anos negou a ajuda. Em decorrência de sua negação, Nara Lúcia foi expulsa pastor, arrastada pelos cabelos para fora da igreja. O caso está sendo resolvido pelas autoridades locais. A vítima prestou depoimento, abrindo boletim de ocorrência contra o agressor. Exemplo que faz aumentar o alerta sobre a intolerância dentro das religiões.</p>	<p style="text-align: center;">Incidente em Igreja Evangélica</p> <p>Mulher é agredida por pastor de Igreja Protestante.</p> <p>Nara Lúcia Duavy, 47 anos, foi agredida por líder de uma igreja protestante, situada no centro da cidade. Em uma das reuniões ocorridas na Igreja, a mesma se interessou em fazer uma visita com uma amiga, afim de conhecer a doutrina. Tal visita reprovou totalmente, seu conceito sobre a religião. O fato girou em torno de uma discussão acerca do dízimo, ajuda dada pelos fiéis, as obras sociais da Igreja. Indagada sobre o valor que teria de dar, a vítima negou-se a repassar o dinheiro, suscitando o início da discussão. O pastor vendo-se contrariado com a negação da vítima, atacou a mesma, expulsando-a da Igreja arrastada pelos cabelos. A vítima dirigiu-se as autoridades, abrindo boletim de ocorrência contra o agressor; em virtude do caso o inquérito será instaurado por danos morais.</p>

Se considerarmos a orientação clássica para o estabelecimento do “número de palavras em um *lead*” – aproximadamente trinta (BOND, 1962, p. 107) – entendemos que o autor do texto acima mantém coerência. No entanto, é preciso estar consciente de que o referido procedimento não é o único critério a ser adotado na elaboração do primeiro parágrafo da notícia. Há de se pensar também nas respostas que preenchem o arcabouço da abertura desse texto, cujo consenso é o de que, além de considerar indispensável o “quê” e o

“quem”, também não se pode deixar em branco a referência ao “quando” nem ao “onde” (LAGE, 2005, 73).

O texto de A6, apesar de constar, em seu *lead*, de dezoito palavras (considerando “47” como uma palavra), dá a impressão de incompletude, em razão de não haver nenhuma alusão ao momento em que o fato ocorreu, porque naturalmente indaga-se: quando aconteceu?. Dispor o fato mais próximo ou mais distante da ocorrência também influi no maior ou menor interesse do leitor – basta imaginar notícias de acontecimentos drásticos que aconteceram este ano e no ano passado.

Procedimento semelhante encontra-se no texto de A8, só que nesse caso ocorreu uma espécie de retrocesso no procedimento do autor.

1ª revisão	2ª revisão
<p>A8</p> <p style="text-align: center;"><u>Fiéis são agredidos</u></p> <p>Na noite de quarta feira, dia 30 de maio, um homem que mora vizinho à uma igreja, na Barra do Ceará, estava sentindo-se incomodado com o barulho que os seus seguidores estavam fazendo na igreja. Furioso com o barulho ele saiu de sua casa, foi até a igreja pedir aos fiéis que diminuíssem-o mesmo, pois estava insuportável, mas os fiéis não atenderam seu pedido.</p> <p>O homem que era conhecido por Zezé e tinha aproximadamente 40 anos de idade foi à delegacia próxima para fazer um Boletim de Ocorrência, com isso vieram os policiais e problema foi resolvido, naquele dia, mas no dia seguinte o barulho continuou do mesmo jeito de antes, então o senhor Zezé que ficou ainda mais aborrecido com os fiéis, e decidiu resolver o problema do seu modo.</p> <p>De posse de um cacete ele saiu espalhando os fiéis para todos os lados, os fiéis que ficaram assustados com a atitude agressiva do homem fecharam a igreja e não abriram mais.</p>	<p>A8</p> <p style="text-align: center;">Ônibus é apedrejado</p> <p>Na quarta feira 18 de junho um ônibus é apedrejado no bairro Planalto Regata.</p> <p>Um ônibus que fazia a linha Planalto Regatas foi atingido a pedras quando estava fazendo o seu percurso naquele bairro. Moradores ficaram revoltados com o motorista que não parou para levar um ancião que havia dado sinal, as pessoas que estavam no local, começaram a jogar pedras no ônibus, o motorista desceu e começou a confusão. A polícia foi chamada para acalmar os moradores que logo foram se retirando e o ônibus foi liberado.</p>

Além da dispersão sobre o conteúdo, da primeira revisão para a segunda, percebe-se que o autor da notícia esteve pouco atento sobre os tópicos básicos a serem tratados no *lead* da última revisão. Ele dispensou atenção apenas para três papéis temáticos: a ocasião (Na quarta feira 18 de junho), o delito (um ônibus é apedrejado) e o local (no bairro Planalto Regata).

Note-se que a referência aos “envolvidos” é toda deslanchada no segundo parágrafo, quando a orientação para o texto noticioso sobre o “quem” é a de que no corpo da notícia seja expandido e não introduzido. Introduce-se no corpo, normalmente, para efeito de maiores explicações, referências ao “como” e ao “porquê” (LAGE, 2005, p.73-82). Essa forma de desenvolvimento da notícia justifica-se pelo próprio princípio de que o *lead* deve trazer o que há de mais importante da informação e nada mais óbvio, nesse sentido, do que apontar para os comprometidos com o conflito.

Particularmente, para a notícia em pauta, a supressão de tópicos pertinentes ao *lead* repercute também na proporcionalidade entre a extensão dos parágrafos, mesmo que a última frase seja levada para uma paragrafação final.

### MANIFESTAÇÃO 3

É em A7 onde detectamos uma terceira manifestação sobre o desenvolvimento do *lead* – extensão pouco compatível com o corpo da notícia.

1ª revisão	2ª revisão
A7	A7
<p>Conflito entre policiais e traficantes no Rio de Janeiro</p> <p>No Morro Santa Tereza, três pessoas são baleadas por balas perdidas, devido o confronto policial entre traficantes e policiais, que ocuparam o morro Santa Tereza.</p> <p>Ninguém sai nem entra no Santa Tereza sem identificação, os moradores estão apavorados, alguns já estão dentro de suas casas há mais de vinte e quatro horas; mulheres e crianças não são poupados neste conflito que promete se estender por vários dias, já que nem traficantes nem policiais querem render-se.</p> <p>A igreja faz um apelo pedindo o fim do conflito e reza para que tudo termine em paz, mesmo os fiéis revoltados por não poderem participar dos cultos e missas, prometem também entrar nesta guerra pelo fim do conflito.</p>	<p>Rio de Janeiro: “Conflito entre policiais e Traficantes”.</p> <p>No morro três pessoas são baleadas por balas perdidas, devido o confronto policial entre traficantes e policiais, que ocuparam o morro. Ninguém sai nem entra no morro sem identificação. Os moradores estão apavorados, alguns já estão dentro de suas casas há mais de vinte e quatro horas. Mulheres e crianças não são poupados neste conflito, que promete se estender por vários dias, já que nem traficantes nem policiais querem render-se. A Igreja faz um apelo pedindo o fim do conflito e reza pra que tudo termine bem. As pessoas estão revoltadas por não poderem, participar dos cultos religiosos.</p> <p>Já passa das quarenta e oito horas o conflito entre policiais e traficantes do morro e aumenta o número de feridos, pessoas que não tem nada a ver com o tráfico de drogas são sacrificados em suas próprias casas sem chances de sobrevivência por parte, dos policiais, os mesmos estão agindo de forma irracional.</p>

Aqui, o procedimento do autor do texto corresponde ao oposto do que observamos na segunda revisão de A8, em termos da distribuição dos tópicos básicos a serem situados no primeiro parágrafo. A7, não contente com a apresentação de sua notícia na primeira revisão, acha por bem expandi-la, e perde de vista algum limite. Depois de introduzir informações no que tange ao “onde”, ao “quem”, ao “o quê” e ao “por quê”, acha conveniente falar do “e daí” sem preocupação em se exceder.

Então, o que poderia se constituir em um segundo parágrafo (alterando apenas um pouco a primeira revisão) inclui-se em um *lead* bastante extenso, rompendo com um critério que o demarca: o desenvolvimento de detalhes no corpo do texto, para facilitar a leitura rápida na entrada da notícia. Assim procedendo, o texto, que antes passara pela primeira revisão, ao se submeter à segunda, transforma-se quase que totalmente em um *lead*, recebendo acréscimo de conteúdo em um parágrafo que – tratando das consequências, mas em um âmbito numérico – poderia vir a ser um terceiro e não um segundo.

Chama-nos a atenção nessa revisão, ainda, o fato de o autor, apesar de todo o movimento para melhorar o texto, continuar omitindo, no *lead*, o tópico referente ao

“quando”, que é tão requerido na abertura da notícia, conforme já tratamos, ao analisarmos o primeiro texto da segunda manifestação.

#### MANIFESTAÇÃO 4

A quarta manifestação envolve textos que apresentam compatibilidade entre o *lead* e o corpo da notícia. O primeiro a nos despertar para tal procedimento é o texto de A3.

1ª revisão	2ª revisão
<p>A3</p> <p><i>Polêmica em uma igreja evangélica</i></p> <p>No dia 03 de março de 2007 por volta das 9:00 hs da manhã de domingo na Igreja Adventista do Sétimo dia, localizada no Bairro Iriruí; Gabrielly Cristina Eichholz de apenas 1 (um) ano e meio foi vítima de uma barbaridade, e depois morta. Os pais Juliard Luiz Eichholz de 26 anos e Andréia Pereira também de 26 anos assistiam o culto; Gabrielly saiu de perto dos pais sem que eles percebessem; e brincava no pátio da Igreja; quando um homem passa por ali e vê a criança sozinha, ele pegou Gabrielly e levou para a piscina Batismal, onde cometeu sua barbaridade e logo afogou.</p> <p>Os Pais da criança logo sentiram sua falta e saiu à procura e a encontraram morta; chamaram a polícia que logo veio e encontraram pistas através das testemunhas, pegaram o assassino.</p> <p>cumprir sua</p> <p>O assassino logo foi preso e vai cumprir sua pena na cadeia.</p>	<p>A3</p> <p>Polêmica em uma Igreja Evangélica</p> <p>No dia 03 de março de 2007 em um domingo pela manhã por volta das 9:00hs na Igreja Adventista do sétimo dia situada no Bairro Iriruí, Gabrielly Cristina Eichholz de apenas 1 ano e meio foi vítima de um ato horrroso e depois morta.</p> <p>Enquanto seus pais Juliard Luiz Eichholz de 26 anos e Andréia Pereira de 26 anos assistiam um culto ela brincava no pátio da Igreja, quando um homem por nome de José passava por ali e viu a criança sozinha, ele pegou ele pegou a criança e levou para um local e praticou um ato horrível e depois afogou na piscina Batismal</p> <p>O caso chocou a cidade Inteira e todas as igrejas, ele foi preso e vai pagar a sua pena.</p>

Comparando a segunda revisão com a primeira, vimos que o autor não ficou satisfeito com a vasta distribuição de informações no parágrafo de abertura, onde devem aparecer as informações básicas. Então, o reduziu deixando para expandi-las no parágrafo seguinte, introduzindo tópicos referentes ao “por quem”, ao “por quê” e ao “como”, que normalmente aparecem mais no corpo do texto, conforme observamos em Lage (2005). Finalmente, fecha sua notícia atentando para o “e daí”, seja, para as consequências advindas em função da abordagem do *lead*.

Temos também o texto de A5 manifestando uma preocupação em equilibrar o conteúdo do *lead* com o dos demais parágrafos.

1ª revisão	2ª revisão
<p>A5</p> <p>Um tiroteio ontem à noite abalou a igreja cristã</p> <p>Muitas pessoas ficaram feridas e quase 50 pessoas morreram em um conflito que aconteceu na Igreja São Francisco, na Rua João XXIII, nº. 100, no Bairro de Niterói, no Rio de Janeiro, <u>Isso aconteceu</u> ontem à noite. Um tiroteio tirou a atenção dos fiéis.</p> <p>Estava acontecendo um ato ecumênico, quando um carro em que estavam os ladrões apareceu em disparada e parou em frente à Igreja São Francisco, e os ladrões começaram a atirar, entrando em conflito com os policiais que viam seguindo-os, e começaram a atirar contra a polícia que acabou ferindo algumas pessoas com balas perdidas. Os policiais conseguiram prender os bandidos, e depois pediram ajuda pelo rádio, chamaram a ambulância para socorrer os feridos.</p>	<p>A5</p> <p>Um tiroteio ontem à noite abalou a igreja cristã</p> <p>Muitas pessoas ficaram feridas e quase 50 pessoas morreram em um conflito que aconteceu na Igreja São Francisco, na Rua João XXIII, nº. 100, no Bairro de Niterói, no Rio de Janeiro, Ontem à noite um tiroteio tirou a atenção dos fiéis.</p> <p>Estava acontecendo um ato ecumênico, quando um carro em que estavam os ladrões apareceu em disparada e parou em frente à Igreja São Francisco, e os ladrões começaram a atirar, entrando em conflito com os policiais que viam seguindo-os, e começaram a atirar contra a polícia que acabou ferindo algumas pessoas com balas perdidas. Os policiais conseguiram prender os bandidos, e depois pediram ajuda pelo rádio, chamaram a ambulância para socorrer os feridos</p>

O autor deste texto não nos causa surpresa, porque seu procedimento já havia sido analisado na primeira revisão, de tal forma que já se tinha percebido que o *lead* traz as informações básicas de seu espaço: “quem”, “o quê”, “quando” (mesmo que de forma incompleta) e “onde”. A única alteração da primeira para a segunda revisão reside na retirada da expressão referencial que tinha sido introduzida no primeiro momento, qual seja: Isso aconteceu.

Diferentemente da decisão de A3, o autor de A5 optou por acrescentar apenas um parágrafo, mas que tem a função de enriquecer os tópicos do *lead*.

#### 4.3.1.2.2 c) A pirâmide invertida

No segundo momento da revisão, na análise sobre a efetivação do princípio da pirâmide invertida nos textos pesquisados, vamos nos deparar com três formas de manifestação, que oscilam entre as dificuldades de definição do *lead*, de hierarquização ou de expansão paragrafada e as facilidades de compatibilização do caráter gradativo dos dados da notícia, a partir de sua abertura.

### **MANIFESTAÇÃO 1**

Na primeira manifestação vamos lidar com as dificuldades de apresentação do resumo da notícia. A primeira dificuldade que encaramos continua sendo a insistência de A1 de produzir um modelo do gênero notícia formado de um só parágrafo. Esse procedimento já fora registrado na primeira revisão como uma retomada do texto original.

1ª revisão	2ª revisão
<p>A1</p> <p>TRAGÉDIA NO CANTA GALO</p> <p>Numa cidade chamada canta galo, no dia 10 de novembro de 1987 houve uma Romaria onde se reuniram 500 pessoas, no meio dessa grande festa religiosa, às 18:30 hrs um carro golf desgovernado de placa HUW 1603 atropelou 10 pessoas, dentre elas uma senhora de 45 anos chamada Luiza gonçalves que morreu na hora e os outros 9 tiveram ferimentos leves, O motorista que calsou esse acidente chamava-se Alexandre vieira de 29 anos, que foi preso após o acontecido por policiais que se encontravam presente no Local do acidente, Ele deveria ter prestado mais atenção ao pegar no volante do carro embriagado, se ele tivesse tomado esse pequeno cuidado, nada disso teria acontecido poderia ter evitado essa tragédia.</p>	<p>A1</p> <p><u>TRAGÉDIA</u></p> <p>Na cidade canta galo, houve um acidente , um carro desgovernado cujo o responsável estava alcoolizado, atropelou dez pessoas provocando uma morte.</p> <p>Numa Cidade chamada canta Galo, no dia 10 de novembro às 18:30 hrs hove uma Romaria , onde se reuniram 500 pessoas , no meio dessa grande festa religiosa um carro desgovernado de marca HILUX, NVW 1603, atropelou 10 pessoas, dentre elas uma senhora chamada Luiza Gonçalves de 45 na os que morreu na hora e os outros só sofreram ferimentos leves, o motorista que calsou esse acidente chamava-se Alexandre vieira de 29 anos que foi preso após o acontecido, pelos policiais que se encontravam no local, devem ser tomadas várias cuidados começando pelo irresponsável, Ele deveria ter mais cuidado ao pegar na direção de um carro pois ele estava muito embriagado, se ele tivesse tomado esse cuidado nada disso teria acontecido.</p>

Como se nota, o autor até altera alguns dados do texto, mas continua fiel à unificação do parágrafo e dessa forma não dá oportunidade para a testagem de seus conhecimentos sobre o princípio da pirâmide invertida nos moldes em que ela foi originada, qual seja, pela hierarquização entre os parágrafos (NOBLAT, 2006).

Não negamos a existência de pequenas notícias sem paragrafação, que aparecem, por exemplo, na primeira página de um jornal impresso (MANUAL DA FOLHA DE SÃO PAULO, 2008). Esse, porém, não é o caso do trabalho dos autores dos textos que analisamos, pois para eles a orientação foi de que cumprissem a estrutura básica do referido gênero: título, *lead* e corpo.

Outro caso de dificuldade no processo de estabelecimento do princípio da pirâmide invertida revela-se no texto de A2. O autor, ao invés de introduzir o conflito no primeiro parágrafo, estende-se em detalhes a partir daí até o segundo parágrafo.

1ª revisão	2ª revisão
<p>A2</p> <p>VÂNDALOS INVADEM PROPRIEDADE EVANGÉLICA</p> <p>Durante a inauguração da propriedade de uma igreja evangélica, localizada no bairro Pedras BR116, local de difícil acesso por motivo de pouca iluminação, houve momentos de pavor, medo e insegurança.</p> <p>Freqüentemente naquela propriedade se reúnem nas última sexta-feira de cada mês aproximadamente cem membros em vigília (oração), para intercederem por diversas causas dando início às 23:00hs e encerrando às 5:00hs da manhã do dia seguinte.</p>	<p>A2</p> <p>VÂNDALOS INVADEM PROPRIEDADE EVANGÉLICA</p> <p>Durante a inauguração da propriedade de uma igreja evangélica, localizada no bairro Pedras BR116, local de difícil acesso por motivo de pouca iluminação, houve momentos de pavor, medo e insegurança.</p> <p>Freqüentemente naquela propriedade se reúnem nas última sexta-feira de cada mês aproximadamente cem membros em vigília (oração), para intercederem por diversas causas dando início às 23:00hs e encerrando às 5:00hs da manhã do dia seguinte.</p> <p>Naquela noite a vigília foi interrompida por alguma horas de tensão, pois aquela propriedade simplesmente foi invadida por vândalos delinquentes, que ameaçavam todos, suportantes armados de revólveres, apon tado para o ministro da oração.</p> <p>Todos os membros seguiam as suas ordens, com a intenção de não acontecer o pior.</p> <p>Então mesmo com todo aquele clima tenso, não nos abalamos e continuamos em oração.</p> <p>A situação foi contornada, os bandidos se renderam com a chegada do policiamento que já os perseguiam de outro assalto.</p> <p>Eles os vândalos não tiveram opção e não se negaram em entregarem suas armas e seguirem em viagem na viatura da Polícia Militar comandada pelo Sargento Cavalcante do 32º distrito Policial.</p> <p>Os membros mais uma vez louvaram a Deus, mais do que nunca, sem cessar com gratidão, do que ele faz por todos nós em sua misericórdia infinita.</p>

Somente no terceiro parágrafo vai direto ao assunto – “aquela propriedade simplesmente foi invadida por vândalos delinquentes, que ameaçavam todos, suportantes armados de revólveres, apontado para o ministro da oração”. –, e continua com especificidades nos demais parágrafos.

Se o princípio da inversão da pirâmide reside em atacar o ponto chave da notícia logo em sua abertura para depois desenvolvê-lo, então neste texto o referido princípio também não foi levado em consideração, dada a dificuldade de hierarquizar os dados entre os parágrafos.

## MANIFESTAÇÃO 2

Como segunda manifestação, do segundo momento de revisão, registramos uma gama de ocorrências nos textos em estudo que, apesar de serem incompatíveis com outros critérios de definição da estrutura da notícia, podem ser conciliáveis no procedimento da pirâmide invertida, conforme se verifica em A6, A7 e A8.

Em A6, especificamente, o que se poderia questionar seria a organização dos parágrafos, os quais se acham muito segmentados. Se o critério para a paragrafação consiste em considerar, segundo Garcia (1986, p. 204), que “se a composição é um conjunto de idéias associadas, cada parágrafo – em princípio, pelo menos – deve corresponder a cada uma dessas idéias [...]. É, pois, da divisão do assunto que depende, em grande monta, a extensão do parágrafo”.

1ª revisão	2ª revisão
<p>A6</p> <p style="text-align: center;">Incidente em Igreja Evangélica</p> <p style="text-align: center;">Mulher é agredida por pastor de Igreja evangélica.</p> <p>Ao fazer uma visita à uma igreja evangélica no centro de Fortaleza, a senhora Nara Lúcia Duavy foi agredida pelo líder presente. O fato ocorreu em torno de uma discussão sobre o dízimo, ajuda dada pelos fiéis da igreja.</p> <p>Ao ser indagada pelo pastor o valor que, segundo o mesmo, obrigatoriamente a vítima teria que dar, a mesma de 47 anos negou a ajuda.</p> <p>Em decorrência de sua negação, Nara Lúcia foi expulsa p pastor, arrastada pelos cabelos para fora da igreja.</p> <p>O caso está sendo resolvido pelas autoridades locais.</p> <p>A vítima prestou depoimento, abrindo boletim de ocorrência contra o agressor.</p> <p>Exemplo que faz aumentar o alerta sobre a intolerância dentro das religiões.</p>	<p>A6</p> <p style="text-align: center;">Incidente em Igreja Evangélica</p> <p style="text-align: center;">Mulher é agredida por pastor de Igreja Protestante.</p> <p>Nara Lúcia Duavy, 47 anos, foi agredida por líder de uma igreja protestante, situada no centro da cidade.</p> <p>Em uma das reuniões ocorridas na Igreja, a mesma se interessou em fazer uma visita com uma amiga, afim de conhecer a doutrina.</p> <p>Tal visita reprovou totalmente, seu conceito sobre a religião.</p> <p>O fato girou em torno de uma discussão acerca do dízimo, ajuda dada pelos fiéis, as obras sociais da Igreja.</p> <p>Indagada sobre o valor que teria de dar, a vítima negou-se a repassar o dinheiro, suscitando o Início da discussão.</p> <p>O pastor vendo-se contrariado com a negação da vítima, atacou a mesma, expulsando-a da Igreja arrastada pelos cabelos.</p> <p>A vítima dirigiu-se as autoridades, abrindo boletim de ocorrência contra o agressor; em virtude do caso o inquérito será instaurado por danos morais.</p>

Portanto, para se perceber melhor a gradação das informações em A6, deveriam ser condensados os parágrafos que desenvolvem o mesmo conteúdo temático: segundo e terceiro; quarto e quinto. Assim, ficaria mais visível a organização hierárquica interparagráfica do texto – primeiro: síntese sobre o conflito; segundo e terceiro: a circunstância pivô do conflito (a visita); quarto e quinto: o alvo do conflito (o dízimo) –; sexto: a atitude do agressor; sétimo: decisão da vítima.

Apesar da deficiência na organização dos parágrafos, não se pode negar que o princípio da pirâmide invertida fora desenvolvido no texto em estudo, deixando-nos uma alerta: além do conhecimento da estrutura do gênero notícia, em particular da notícia policial

narrativa, necessita-se do domínio sobre a distribuição do conteúdo do texto em parágrafos, para que a hierarquização do conteúdo seja compreendida com mais facilidade.

Outro procedimento não recomendável encontrado na organização piramidal invertida diz respeito a uma atitude oposta à adotada no texto de A<sub>6</sub>. Nesse caso, que se trata do texto de A<sub>7</sub>, o excesso recai em uma certa desproporcionalidade na extensão do *lead* em relação ao tamanho do texto.

1ª revisão	2ª revisão
<p>A<sub>7</sub></p> <p>Conflito entre policiais e traficantes no Rio de Janeiro</p> <p>No Morro Santa Tereza, três pessoas são baleadas por balas perdidas, devido o confronto policial entre traficantes e policiais, que ocuparam o morro Santa Tereza.</p> <p>Ninguém sai nem entra no Santa Tereza sem identificação, os moradores estão apavorados, alguns já estão dentro de suas casas há mais de vinte e quatro horas; mulheres e crianças não são poupados neste conflito que promete se estender por vários dias, já que nem traficantes nem policiais querem render-se.</p> <p>A igreja faz um apelo pedindo o fim do conflito e reza para que tudo termine em paz, mesmo os fiéis revoltados por não poderem participar dos cultos e missas, prometem também entrar nesta guerra pelo fim do conflito.</p>	<p>A<sub>7</sub></p> <p>Rio de Janeiro: “Conflito entre policiais e Traficantes”.</p> <p>No morro três pessoas são baleadas por balas perdidas, devido o confronto policial entre traficantes e policiais, que ocuparam o morro. Ninguém sai nem entra no morro sem identificação. Os moradores estão apavorados, alguns já estão dentro de suas casas há mais de vinte e quatro horas. Mulheres e crianças não são poupados neste conflito, que promete se estender por vários dias, já que nem traficantes nem policiais querem render-se. A Igreja faz um apelo pedindo o fim do conflito e reza pra que tudo termine bem. As pessoas estão revoltadas por não poderem, participar dos cultos religiosos.</p> <p>Já passa das quarenta e oito horas o conflito entre policiais e traficantes do morro e aumenta o número de feridos, pessoas que não tem nada a ver com o tráfico de drogas são sacrificados em suas próprias casas sem chances de sobrevivência por parte, dos policiais, os mesmos estão agindo de forma irracional.</p>

Como na notícia narrativa o *lead* representa o seu resumo, espera-se que sua extensão não se aproxime do tamanho do texto como um todo. Se levarmos em consideração a quantidade de palavras sugeridas para um *lead* – “não deve exceder a trinta” (BOND, 1962, p. 107), a notícia de A<sub>7</sub> extrapolou e muito. Esse fato trazemos à tona, para que não fique esquecida a orientação sobre a organização paragrafíca, que muito contribui para a coerência na distribuição do conteúdo, mas também para a estética do texto. Afinal, um resumo alongado faz-nos imaginar uma pirâmide elástica cujo vértice parece querer tocar sua base.

Outro caso de inversão da pirâmide que merece ser olhado com uma certa restrição diz respeito ao texto de A<sub>8</sub>. Este apresenta uma base (*lead*) muito reduzida, em termos de conteúdo, a ponto de atender apenas a três tópicos: “quando”, “o quê” e “onde”.

<p><b>1ª revisão</b></p> <p>A8</p> <p><u>Fiéis são agredidos</u></p> <p>Na noite de quarta feira, dia 30 de maio, um homem que mora vizinho à uma igreja, na Barra do Ceará, estava sentindo-se incomodado com o barulho que os seus seguidores estavam fazendo na igreja. Furioso com o barulho ele saiu de sua casa, foi até a igreja pedir aos fiéis que diminuíssem-o mesmo, pois estava insuportável, mas os fiéis não atenderam seu pedido.</p> <p>O homem que era conhecido por Zezé e tinha aproximadamente 40 anos de idade foi à delegacia próxima para fazer um Boletim de Ocorrência, com isso vieram os policiais e problema foi resolvido, naquele dia, mas no dia seguinte o barulho continuou do mesmo jeito de antes, então o senhor Zezé que ficou ainda mais aborrecido com os fiéis, e decidiu resolver o problema do seu modo.</p> <p>De posse de um cacete ele saiu espalhando os fiéis para todos os lados, os fiéis que ficaram assustados com a atitude agressiva do homem fecharam a igreja e não abriram mais.</p>	<p><b>2ª revisão</b></p> <p>A8</p> <p>Ônibus é apedrejado</p> <p>Na quarta feira 18 de junho um ônibus é apedrejado no bairro Planalto Regatas.</p> <p>Um ônibus que fazia a linha Planalto Regatas foi atingido a pedras quando estava fazendo o seu percurso naquele bairro. Moradores ficaram revoltados com o motorista que não parou para levar um ancião que havia dado sinal, as pessoas que estavam no local, começaram a jogar pedras no ônibus, o motorista desceu e começou a confusão. A polícia foi chamada para acalmar os moradores que logo foram se retirando e o ônibus foi liberado.</p>
---	---

A pirâmide, aqui, apesar de invertida, pode ser imaginada também muito disformemente, com uma dilatação bastante aguda em seu vértice. Na verdade, para a extensão do *lead*, é plausível que este se topicalize em, no mínimo, quatro constituintes: “quando”, “o quê”, “onde” e “quem” (LAGE, 2006), conforme já abordamos anteriormente. E, se considerarmos o número de palavras, percebemos que nesse aspecto também fica um tanto a desejar, pois deveria aproximar de trinta, conforme já falamos.

Ressalte-se, ainda, que A8 procedeu a uma alteração temática total de seu texto e apresentou um retrocesso na organização paragrafática, pois em sua primeira revisão houve compatibilidade nesse sentido.

### **MANIFESTAÇÃO 3**

Temos, como terceira manifestação, notícias que apresentam, de certa forma, compatibilidade da paragrafação em termos de hierarquia estabelecida. A3 e A5 mostram-nos essa realidade.

<p><b>1ª revisão</b></p> <p>A3</p> <p><i>Polêmica em uma igreja evangélica</i></p> <p>No dia 03 de março de 2007 por volta das 9:00 hs da manhã de domingo na Igreja Adventista do Sétimo dia, localizada no Bairro Iriruf, Gabrielly Cristina Eichholz de apenas 1 (um) ano e meio foi vítima de uma barbaridade, e depois morta. Os pais Juliard Luiz Eichholz de 26 anos e Andréia Pereira também de 26 anos assistiam o culto; Gabrielly saiu de perto dos pais sem que eles percebessem; e brincava no pátio da Igreja; quando um homem passa por ali e vê a criança sozinha, ele pegou Gabrielly e levou para a piscina Batismal, onde cometeu sua barbaridade e logo afogou.</p> <p>Os Pais da criança logo sentiram sua falta e saiu à procura e a encontraram morta; chamaram a polícia que logo veio e encontraram pistas através das testemunhas, pegaram o assassino.</p> <p>cumprir sua</p> <p>O assassino logo foi preso e vai cumprir sua pena na cadeia.</p>	<p><b>2ª revisão</b></p> <p>A3</p> <p>Polêmica em uma Igreja Evangélica</p> <p>No dia 03 de março de 2007 em um domingo pela manhã por volta das 9:00hs na Igreja Adventista do sétimo dia situada no Bairro Iriruf, Gabrielly Cristina Eichholz de apenas 1 ano e meio foi vítima de um ato horrroso e depois morta.</p> <p>Enquanto seus pais Juliard Luiz Eichholz de 26 anos e Andréia Pereira de 26 anos assistiam um culto ela brincava no pátio da Igreja, quando um homem por nome de José passava por ali e viu a criança sozinha, ele pegou ele pegou a criança e levou para um local e praticou um ato horrível e depois afogou na piscina Batismal</p> <p>O caso chocou a cidade Inteira e todas as igrejas, ele foi preso e vai pagar a sua pena.</p>
--	--

1ª revisão	2ª revisão
<p data-bbox="225 271 256 293">A5</p> <p data-bbox="225 349 584 371">Um tiroteio ontem à noite abalou a igreja cristã</p> <p data-bbox="225 416 780 501">Muitas pessoas ficaram feridas e quase 50 pessoas morreram em um conflito que aconteceu na Igreja São Francisco, na Rua João XXIII, nº. 100, no Bairro de Niterói, no Rio de Janeiro. Isso aconteceu ontem à noite. Um tiroteio tirou a atenção dos fiéis.</p> <p data-bbox="225 501 780 651">Estava acontecendo um ato ecumênico, quando um carro em que estavam os ladrões apareceu em disparada e parou em frente à Igreja São Francisco, e os ladrões começaram a atirar, entrando em conflito com os policiais que viam seguindo-os, e começaram a atirar contra a polícia que acabou ferindo algumas pessoas com balas perdidas. Os policiais conseguiram prender os bandidos, e depois pediram ajuda pelo rádio, chamaram a ambulância para socorrer os feridos.</p>	<p data-bbox="802 271 834 293">A5</p> <p data-bbox="874 349 1233 371">Um tiroteio ontem à noite abalou a igreja cristã</p> <p data-bbox="802 416 1358 501">Muitas pessoas ficaram feridas e quase 50 pessoas morreram em um conflito que aconteceu na Igreja São Francisco, na Rua João XXIII, nº. 100, no Bairro de Niterói, no Rio de Janeiro. Ontem à noite um tiroteio tirou a atenção dos fiéis.</p> <p data-bbox="802 501 1358 651">Estava acontecendo um ato ecumênico, quando um carro em que estavam os ladrões apareceu em disparada e parou em frente à Igreja São Francisco, e os ladrões começaram a atirar, entrando em conflito com os policiais que viam seguindo-os, e começaram a atirar contra a polícia que acabou ferindo algumas pessoas com balas perdidas. Os policiais conseguiram prender os bandidos, e depois pediram ajuda pelo rádio, chamaram a ambulância para socorrer os feridos.</p>

Olhando para a segunda revisão dos dois autores, verifica-se que em cada um desses dois textos o conflito vem abordado no *lead* com toda a sua contextualização referente a tempo, espaço e vítima. Somente no segundo parágrafo, aparecem as explicações sobre “como” e “por quê” se deu o ocorrido. As consequências nos dois casos vêm em seguida, porém só A3 apresenta em um terceiro parágrafo. Mas nem por isso o texto de A5 deixa de manter sua coerência, porque em um texto de pequeno porte tal procedimento não causa prejuízo na identificação de tópicos de expansão do primeiro parágrafo.

Como diz Garcia (1986), os parágrafos de um texto podem corresponder às diferentes partes em que o autor achar por bem dividir o assunto. No caso de A5, o autor distribuiu o assunto de seu texto em duas partes: a primeira, correspondendo ao resumo do conteúdo total; a segunda, dizendo respeito ao desenvolvimento dos tópicos que se atrelam naturalmente à expansão do resumo, de acordo com o gênero notícia. Esse caso deixa-nos alerta sobre o fato de que o lidar com texto exige uma gama de conhecimentos que vão desde o domínio da língua em si, passando pela estrutura formulaica genérica, pela estrutura global da sequência textual prototípica e mesmo pelos princípios de organização textual mais amplos – atribuição de título, organização paragrafada e algo mais envolvendo a interatividade dos gêneros.

#### 4.3.1.2.3 Considerações

Procedendo a um confronto envolvendo o procedimento dos autores dos textos em estudo, nos dois momentos de revisão, poderemos obter uma visão mais nítida da análise que empreendemos. Para facilitar nosso trabalho, consideremos o desenvolvimento de cada parte da estrutura formulaica da notícia. Iniciemos pelo título.

T Í T U L O			
MANIFESTAÇÕES	MOMENTOS		OBSERVAÇÕES
	PRIMEIRO MOMENTO	SEGUNDO MOMENTO	
1	Não realização do título na 1ª versão / <u>Aparecimento</u> na 1ª revisão (A1, A7);	<u>Manutenção</u> do título, em função da não alteração do conteúdo do texto, bem como por considerar, o título em si, como norteador para a expansão ou para a redução do texto (A2, A3, A4, A5);	<b>No primeiro momento</b> da revisão foram registrados, sobre o título, casos de: <u>introdução</u> , em função de omissão na primeira versão; <u>manutenção</u> da 1ª versão; e <u>alteração</u> durante a revisão, prevalecendo a definição do título após a revisão.
2	Definição do título na 1ª versão do texto gerando a <u>manutenção</u> na 1ª revisão (A2, A3, A6);	<u>Alteração</u> para colocar em posição de destaque o conflito a ser enfocado no texto; também por dispor em posição de destaque o local onde ocorreria o conflito; ainda, por questões formais da língua – evitar a repetição do léxico; finalmente, por mudança total do assunto do texto (A1, A7, A6, A8).	<b>No segundo momento</b> , considerando a atenção dispensada para a manutenção ou para a alteração do título, pode-se observar um equilíbrio, em termos de quantidade das ocorrências como também em relação à conduta dos autores do texto, na medida em que todos estiveram sintonizados com o assunto tratado.
3	<u>Alteração</u> do título na 1ª revisão, para fazê-lo corresponder ao conteúdo do texto de forma mais objetiva (A4, A5, A8)		

Pelo que cotejamos, a experiência de efetivação do título demonstra que os autores dos textos em estudo têm a real consciência de que o referido recurso representa um apelo necessário na primeira parte da estrutura do texto noticioso. Como tal, cumpriram todo um cuidado para a sua elaboração, haja vista que em todos os textos é visível a articulação do título com o conteúdo, fazendo jus às orientações docentes.

Depois de serem reformulados os textos, nenhum deixou de aparecer com título, diferentemente do que ocorreria antes do processamento da revisão.

A segunda parte a considerar na ordem do texto é o *lead*.

<b>LEAD</b>			
MANIFESTAÇÕES	MOMENTOS		OBSERVAÇÕES
	PRIMEIRO MOMENTO	SEGUNDO MOMENTO	
1	Não manifestação na primeira versão (A1); Efetivação cuidadosa (A7,A8);	Resistências observadas da primeira revisão para a segunda:  -organização do texto em apenas um parágrafo (A1);  -abordagem genérica do conflito (A2);	<b>No primeiro momento, algumas dificuldades:</b>  -não disposição da notícia em parágrafos; -construção do <i>lead</i> sem foco central da notícia; -efetivação de lead de modo muito expandido ou muito reduzido.
2	Não enfoque do conflito, mas da consequência – 1ª versão e 1ª revisão (A2);	Redução do <i>lead</i> (A6, A8);	Apesar de haver ocorrido casos de compatibilização entre corpo e <i>lead</i> , essa realidade não é prevalente.
3	Dificuldade de definir a extensão do parágrafo do <i>lead</i> (A4.,A6);	Expansão demasiada do <i>lead</i> (A7);	
4	<i>Lead</i> mais desenvolvido do que o corpo na 1ª versão, mas definido na 1ª revisão (A3,A5).	Compatibilidade entre a extensão do <i>lead</i> e a do corpo da notícia (A3,A5).	
			<b>No segundo momento, dificuldades:</b>  -não efetivação do <i>lead</i> ; -extensão do conteúdo do <i>lead</i> ; -definição do conteúdo do <i>lead</i> (tópico central);  Perseverança: compatibilidade entre <i>lead</i> e corpo continua não atingindo a totalidade das notícias.

O *lead*, apesar de aparecer como segundo apelo, exerce uma importância grandiosa na estruturação da notícia, dada à sua função de abordar aspectos indispensáveis do conteúdo a ser destacado. Essa preocupação pode ser observada, sobretudo, em A7, A8, A3 e A5. Embora somente nos dois primeiros se tenha verificado progresso, em relação à revisão anterior, o que nos chama a atenção aqui é o esforço dos autores dos textos de buscarem a melhoria da produção. Se nem todos acertaram no alvo, esse procedimento, pelo menos, sinaliza para uma necessidade de intervenção do docente, no sentido de investir nas dificuldades enfrentadas, sejam por aqueles que alteraram substancialmente o texto, sejam por aqueles que menos se mobilizaram para alguma alteração.

Sem dúvida, os alunos que melhor se saíram na elaboração do “*lead* compatível com o corpo da notícia” provêm de salas de aula cujos docentes investiram efetivamente em

orientação para a elaboração desse recurso desde a primeira revisão, tais são os casos de S3/A3 e S5/A5.

Finalmente, atentemos para a síntese daquilo que merece ênfase no trabalho de construção do princípio da pirâmide invertida.

<b>PIRÂMIDE INVERTIDA</b>			
MANIFESTAÇÕES	MOMENTOS		OBSERVAÇÕES
	PRIMEIRO MOMENTO	SEGUNDO MOMENTO	
1	<p>Dificuldade de definir o <i>lead</i> (parte integrante da pirâmide) – um só parágrafo da notícia, nas duas versões (A1);</p> <p>Não alusão direta, no <i>lead</i>, ao conflito focado na notícia (fala das conseqüências) (A2);</p> <p>Fato mais importante abordado apenas no parágrafo que vem no fim do texto – pirâmide normal (A8);</p>	<p>Não desenvolve mais do que o primeiro parágrafo (A1);</p> <p>Foco principal aparece tardiamente no texto – terceiro parágrafo (A2);</p>	<p><b>Primeiro momento:</b></p> <p>DIFICULDADE – distribuir o conteúdo em parágrafos, ora por excesso de informações em um único parágrafo, ora por redução, ora por inadequação de uso do parágrafo de entrada (para introdução do foco central da notícia).</p> <p>AVANÇO – Texto de um só parágrafo (na primeira versão) levado para compatibilidade na extensão dos parágrafos (na revisão) (A7); esforço para alcançar extensão dos parágrafos não conseguida na primeira versão (A5).</p> <p>Comparando o <b>primeiro momento</b> de revisão com o <b>segundo momento</b>, observa-se:</p> <p>RESISTÊNCIA – não alteração do texto da 1ª revisão (A4); não desenvolvimento de mais do que um parágrafo (A1); muita segmentação paragrafada (A6).</p>
2	<p>Dificuldade de expansão e distribuição dos parágrafos, resultando dificuldade de detecção da hierarquia interparagrafada (A3, A4, A6);</p>	<p>Descompasso entre parágrafos:</p> <p>Muita segmentação dos parágrafos dificultando detecção da hierarquia interparagrafada (A6);</p> <p><i>Lead</i> mais extenso que o corpo, concentrando informações que poderiam aparecer em outros parágrafos (A7);</p> <p><i>Lead</i> reduzido com foco de atenção em texto totalmente alterado (A8) e texto não revisado (A4).</p>	<p>AVANÇO – Texto de um só parágrafo (na primeira versão) levado para compatibilidade na extensão dos parágrafos (na revisão) (A7); esforço para alcançar extensão dos parágrafos não conseguida na primeira versão (A5).</p> <p>Comparando o <b>primeiro momento</b> de revisão com o <b>segundo momento</b>, observa-se:</p> <p>RESISTÊNCIA – não alteração do texto da 1ª revisão (A4); não desenvolvimento de mais do que um parágrafo (A1); muita segmentação paragrafada (A6).</p>
3	<p>Texto de um só parágrafo (na primeira versão) levado para compatibilidade na extensão e abordagem dos parágrafos (na revisão) (A7);</p>	<p>Compatibilidade na paragrafação em termos de hierarquia estabelecida (A3, A5).</p>	<p>AVANÇO – Atingimento da abordagem do foco central no <i>lead</i> durante a 2ª revisão (não conseguida na 1ª); distribuição coerente dos parágrafos na 2ª revisão não alcançada ou na 1ª versão (A5) ou na 1ª revisão (A3);</p>
4	<p>Investimento de esforço para alcançar extensão dos parágrafos não conseguida na primeira versão (A5).</p>		<p>OSCILAÇÃO – existência de uma falta de firmeza quanto ao procedimento de paragrafação, que evolui da 1ª versão para a 1ª revisão e regride no momento da 2ª revisão (A7).</p>

O estabelecimento do princípio da pirâmide invertida, referente à manifestação no texto, defronta-nos com algumas dificuldades, conforme se observa no quadro, mas também com alguns progressos merecedores de destaque: mesmo sem definição da extensão do parágrafo, há quem tenha atingido o foco central no *lead* (ponto de partida da pirâmide invertida) desde a primeira revisão (A6,A7); houve atingimento da abordagem do foco central no *lead* durante a segunda revisão, não conseguida na primeira (A8); e distribuição coerente do conteúdo dos parágrafos na segunda revisão, distribuição essa não alcançada ou na primeira versão (A5) ou na primeira revisão (A3).

Se considerarmos como vantajoso o fato de haver existido um cuidado dos alunos com o foco de atenção logo na abertura da notícia, apesar da dificuldade na elaboração dos parágrafos, o saldo foi positivo, porque essa atitude corresponde à orientação básica que foi adotada pelo docente, no primeiro e/ou no segundo momento, para o desenvolvimento do corpo do texto.

Os resultados apresentados sobre a intervenção docente, na revisão textual, ao aplicar esforços para a estruturação da notícia, sinalizam para o que anuncia a hipótese 3: “A intervenção docente na tarefa de revisão, junto à classe, sobre o funcionamento da organização específica da notícia policial narrativa auxilia, consideravelmente, na fluência para a organização do conteúdo do texto do aluno”.

#### 4.3.2 Protótipo da sequência textual/aspectos linguísticos

A atenção dispensada à sequência textual representa um dos recursos estratégicos para a construção de sentido do texto. Faz parte da competência discursiva, cujo domínio envolve, entre outras, a capacidade de reconhecimento e manipulação de recursos linguísticos, para fins de interação entre agentes de ação linguageira.

A sequência textual narrativa em particular, a qual compõe a notícia foco de nossa pesquisa, foi explorada atendendo à própria organização do gênero, que, nesse caso, inicia-se pela macroproposição “resumo” (*lead* da notícia narrativa), para depois entrar nos detalhes do corpo da notícia propriamente dito. Nesta parte, podem-se observar todas as

macroproposições que compõem o esquema mais prototípico da sequência – situação inicial/orientação, complicação, (re)ação/avaliação, resolução, situação final. A moral, que aparece implicitamente nos textos da pesquisa, ficou atrelada ao próprio objetivo pretendido, conforme se pode ver no item em que o objetivo fora alvo de análise.

Na condução da análise, pautada em cada instrumento e em cada momento pertinente à pesquisa, as macroproposições que constituem a sequência narrativa são trabalhadas em bloco. Para isso, foi considerada a afinidade que apresentam para efeito de visibilidade sobre a interação que estabelecem, entre si, ou que se cria na situação de interlocução.

#### 4.3.2.1 Ficha de avaliação

Na análise de cada bloco de macroproposição – “orientação/situação inicial e resumo”; “complicação e resolução”; avaliação e situação final” – observa-se se o docente dispensou atenção aos *aspectos linguísticos* na construção de sentido do texto, especificamente aos tempos verbais (se de pano de fundo ou de primeiro plano e se da atitude de narrar ou de comentar), bem como às relações de causalidade estabelecidas no transcurso do fio narrativo.

##### 4.3.2.1.1 Primeiro momento

A análise desse momento servirá de norte para a do segundo momento, em relação aos blocos macroestruturais a serem observados, quais sejam: a) resumo e situação inicial/orientação; complicação e resolução; avaliação e situação final. Essa organização será observada tanto nos momentos de análise do procedimento docente como na análise dos textos dos alunos.

##### 4.3.2.1.1 a) Resumo e situação inicial/orientação

A inclusão da “situação inicial/orientação e resumo” em um único bloco de macroproposições narrativas faz jus à apresentação do *lead* na notícia, que engloba esses

aspectos. É o *lead* que representa o primeiro momento de inserção do gênero notícia em uma situação de interação, dado o seu caráter interlocutivo, herdado das práticas de contação de histórias do cotidiano. Essas, normalmente, iniciam com um resumo, cuja finalidade é atrair a atenção do ouvinte. Por outro lado, na notícia, o *lead* é produzido para despertar interesse do leitor pelo fato jornalístico.

O resumo na notícia policial narrativa, como já se tem abordado, corresponde, por natureza do gênero, ao seu primeiro parágrafo. Como tal, será analisado, mas observando-se, na perspectiva linguística, que tempos verbais marcam a sua estrutura, que é composta basicamente de orientação/situação inicial (verbo no pretérito imperfeito, sobretudo) e complicação (verbo no pretérito perfeito ou formas afins). Sobre o item resumo, que já inclui situação inicial/orientação, encontramos quatro formas de manifestação docente.

### **MANIFESTAÇÃO 1**

Ao trabalhar a estrutura do texto, houve docente (S1, S6) que fez referência à notícia policial narrativa, mas não explorou a sequência textual em si. Mesmo falando do gênero, também não se reportou ao aspecto do resumo que constitui o primeiro parágrafo, ou seja ao *lead*. Essa atitude docente nos leva a crer que ainda há uma visão um tanto superficial sobre a estruturação do gênero em pauta. Como a notícia, de modo geral, é muito ritualística, porque supõe a existência de procedimento muito sistemático, correspondendo ao seu plano bem geral – título, *lead* e corpo – esperava-se que, ao tratar de sua introdução, o resumo pudesse ter sido lembrado pela própria denominação que envolve o nome da sequência (que é narrativa e cuja estrutura pode trazer o resumo) associada à exigência do gênero. Essa também seria a oportunidade de referir-se ao estado inicial e de incluir aí o tempo verbal que serviria de pano de fundo para o conflito, representado basicamente pelo pretérito perfeito, mas tudo isso fora ignorado.

### **MANIFESTAÇÃO 2**

Apesar de haver sido dispensada atenção à sequência textual e mesmo de se ter lembrado do *lead*, como o primeiro parágrafo da notícia, não ocorreu menção ao resumo no texto estudado. Houve, de fato, uma atenção docente (S2, S8) sobre o plano da notícia de forma ampla – título, *lead* e corpo –, sem preocupação sobre o como o próprio *lead* na notícia narrativa é elaborado. Assim sendo, ficou descurado o enfoque no que diz respeito ao estado e inicial e até mesmo aos apelos linguísticos.

### **MANIFESTAÇÃO 3**

Tivemos experiência em que o docente (A7) não se refere à sequência textual, mas ao trabalhar o *lead*, o faz orientando a produção de resumo que faz jus a essa parte. No entanto, apesar desse cuidado, não investe no uso de elemento lingüístico que colabora com esse aspecto do gênero.

### **MANIFESTAÇÃO 4**

A preocupação em relacionar o resumo no *lead* da notícia policial narrativa à própria sequência textual aparece em determinadas práticas de docentes (S3, S4, S5). Nem todos, porém, estiveram atentos à orientação de que a situação inicial e a complicação (características da sequência narrativa), no resumo, aparecem juntos e que aí vão surgindo tempos verbais de primeiro plano (pretérito perfeito) e de segundo plano (pretérito imperfeito). Apenas um docente (S3) não perdeu de vista estes detalhes, demonstrando, de certa forma, uma compreensão da função dos elementos da língua na construção de sentido do texto.

#### 4.3.2.1.1 b) Complicação e resolução

Na narrativa, conforme se tem estudado (LABOV, 1976; ADAM, 1992, 1997, 1999a, 2008), o espaço de tempo compreendido desde a complicação até a resolução representa o percurso do fio narrativo propriamente dito. Aí são empreendidos esforços que envolvem o uso de elementos da língua, cuja saliência manifesta-se através do tempo verbal (basicamente o pretérito perfeito) e das relações de causalidade que daí decorrem. Esses elementos constituem o alvo de nossa atenção, nesse item da análise, no qual registramos as manifestações conforme consenso encontrado nas fichas de avaliação – do pesquisador, do docente e do auxiliar da pesquisa –, referentes a cada um dos sujeitos docentes investigados.

### **MANIFESTAÇÃO 1**

Temos registrado caso de docente (S6) que, ao explorar o gênero notícia policial narrativa, não se reportou à complicação nem à resolução no texto, porque não explorou a sequência textual. Conseqüentemente, não observou o tempo verbal, nem as relações de causalidade responsáveis pela progressão da narrativa.

### ***MANIFESTAÇÃO 2***

Tentando demonstrar compreensão da estrutura da notícia narrativa, houve docente (S<sub>1</sub>) que referiu-se ao conflito como parte do gênero, mas não reportou-se à sequência textual, em nenhum de seus aspectos. Ignorou também a cronologia que percorre desde o início do conflito até a resolução, isso porque deste último aspecto também não falou. Procedendo a uma abordagem um tanto superficial, foi deixando para trás a discussão sobre os aspectos linguísticos, que poderiam auxiliar melhor na compreensão do texto.

### ***MANIFESTAÇÃO 3***

Deparamo-nos com atitude docente (S<sub>2</sub>, S<sub>4</sub>, S<sub>7</sub>) na qual houve todo um cuidado de remeter-se à sequência textual, a partir daí, enveredando pela discussão no texto. Ocorreu, no entanto, que, nessa direção, apenas o conflito foi lembrado e, nesse momento, um dos docentes (S<sub>2</sub>) falou da relação de causalidade aí existente. Ficaram de lado a resolução e a discussão mais apurada sobre os elementos linguísticos pertinentes a esses dois aspectos da sequência narrativa. Mas, fazemos uma ressalva: um docente (S<sub>7</sub>) fez referência ao tempo verbal responsável pelo fio condutor da referida sequência, mas não aponta no texto.

### ***MANIFESTAÇÃO 4***

A nebulosidade na abordagem ainda se manifesta em uma atitude docente (S<sub>8</sub>) que se revela pela discussão travada sobre a sequência discursiva, mas sem se transportar para o texto em estudo. E, assim, adotando uma abordagem metalinguística também falou do uso do verbo no pretérito perfeito na notícia, como sendo aquele que percorre o fio narrativo.

### ***MANIFESTAÇÃO 5***

Atinamos para procedimento docente (S<sub>3</sub>, S<sub>5</sub>) que revela um conhecimento mais consistente sobre a estrutura da notícia policial narrativa. Nesse caso, empreendeu-se uma discussão sobre a sequência textual com o olhar voltado para o texto, onde a complicação foi enfocada sintonizando-a com o tempo verbal (pretérito perfeito) que é responsável pelo seu fio condutor, até a resolução. Destaca-se, no entanto, que as relações de causalidade que se estabelecem no percurso entre complicação e resolução só foram observadas pelo primeiro docente.

#### 4.3.2.1.1 c) Avaliação e situação final

Dispomos avaliação e situação final em um único item de análise, porque ambos traduzem uma inserção da narrativa em uma determinada situação de interação. Além do mais, a efetivação de uma e de outra poderá ser conduzida pelo tempo verbal de pretérito perfeito, criando-se, assim, uma oportunidade de distinguir diferentes funções exercidas pelo referido tempo verbal.

A análise da ficha de avaliação sobre esse item que apresentamos, no primeiro momento, percorrerá três tipos de manifestação docente.

##### ***MANIFESTAÇÃO 1***

Estivemos diante de docentes (S1, S6) que ficaram totalmente alheios à sequência textual no momento da discussão da notícia. Por isso mesmo, nenhum traço da sequência narrativa foi colocado em pauta.

##### ***MANIFESTAÇÃO 2***

Metade dos docentes (S2, S4, S7, S8) enfocou a (re)ação/avaliação e a situação final apenas expondo, no quadro, o esquema gráfico apresentado por Adam (1992). Não ocorreu uma associação dos referido elementos no texto, nem foi feita alusão ao tempo verbal a ser explorado em cada parte. Esse procedimento parece ter sido tão irrefletido que um dos docentes (S4) nem se deu conta da parcialidade de seu trabalho, ao fazer o registro referente ao “situação final” na ficha de avaliação. Teve auxiliar da pesquisa (S7) que também caiu em contradição, considerando, em sua ficha, a exploração total sobre a (re)ação/avaliação e a situação final, quando esses dois aspectos foram esquecidos no trabalho com o texto.

##### ***MANIFESTAÇÃO 3***

Houve docente (S3, S5) que abordou o aspecto da (re)ação/avaliação reportando-se ao gráfico, sem apontar para nenhuma passagem do texto em discussão, mas lembrando o tempo verbal do comentário. Já, em relação à situação final, foi localizada naturalmente no texto, como particularidade da sequência textual discursiva, porém sem nenhuma atenção voltada para o tempo do verbo aí utilizado. Esse bloco de sujeitos docentes (S3, S5) foi o único que dispensou maior atenção aos dois aspectos em pauta. No entanto, um sujeito (S5), por haver feito referência ao tempo verbal enquanto explorara o aspecto da (re)ação/avaliação no

gráfico, considerou ter dado conta totalmente do referido aspecto, influenciando o auxiliar da pesquisa, que endossou a concepção do docente observado. Tal procedimento constitui mais uma experiência que nos faz perceber a nebulosidade com que é vista pelo docente, em sala de aula, a exploração do gênero textual como uso da linguagem, para fins de interação.

#### 4.3.2.1.2 Segundo momento

Seguindo o mesmo procedimento do primeiro momento, no segundo a análise referente à atitude docente sobre os aspectos da sequência textual também obedecerá à mesma organização das macroestruturas em bloco.

##### 4.3.2.1.2 a) Resumo e situação inicial/orientação

Nesse item, que envolve o bloco do resumo e da situação inicial/orientação, vamos contar com cinco tipos de manifestação docente.

#### ***MANIFESTAÇÃO 1***

Presenceamos a atuação de um docente (S<sub>3</sub>) que não deixou nada a desejar. Esse chamou a atenção para o resumo na notícia sem perder de vista a contribuição da sequência para a efetivação dessa parte do gênero.

Ao falar da estrutura do resumo, ressaltou o conflito, atentando para detalhes do estado situacional, dizendo fazer parte da situação inicial que também compõe o resumo. Sobre a situação inicial, chamou a atenção para a presença do tempo verbal no pretérito imperfeito como recurso para a contextualização dos fatos, ao lado de advérbios de tempo e de lugar.

#### ***MANIFESTAÇÃO 2***

Os docentes (S<sub>1</sub>, S<sub>2</sub>) situados nesse bloco de manifestação não dispensaram atenção à sequência textual. Sendo assim, não se remeteram ao resumo na notícia associando-o às características do resumo da sequência, nem observaram traços do estado inicial como pano de fundo que seriam do resumo.

### ***MANIFESTAÇÃO 3***

Deparamo-nos com docente (S4) que explorou o resumo na notícia, mas fazendo alusão diretamente ao resumo da sequência narrativa, sem remeter-se a esse aspecto como parte específica do gênero em estudo. Além do mais, não relacionou dados do contexto situacional com a situação inicial da sequência narrativa, que contextualiza o foco do resumo.

### ***MANIFESTAÇÃO 4***

Houve docentes (S5, S6) que ignoraram totalmente a relação do resumo da notícia com o resumo como parte da sequência narrativa, que é incorporada ao gênero. Um deles (S5) discutiu sobre o resumo da notícia, mas não se deu conta, no momento, da relação do gênero com a sequência. Outro (S6) até falou da sequência narrativa, mas somente para lembrar esse aspecto, sem entrar nos detalhes. Nenhum fez referência a dados da situação inicial como parte integrante do resumo.

### ***MANIFESTAÇÃO 5***

Encontramos casos de docentes (S7, S8) que, ao trabalharem o resumo na notícia, reportaram para esse aspecto como parte do gênero, observando também como um dos traços característicos da sequência que compõe a referida notícia. Destaque-se que, nesse caso, o primeiro docente foi mais enfático. Já, no tocante à estrutura do resumo em si, não lembraram de traços da situação inicial que entram na composição do resumo. No entanto, reportaram-se aos procedimentos para a progressão do *lead* (o quê, quem, quando, onde, como e por quê), embora não tenham enfatizado a localização no texto.

#### 4.3.2.1.2 b) Complicação e resolução

Para esse momento, no âmbito da complicação e da resolução, vamos encontrar cinco tipos de manifestação. Dentre estas, somente três trazem referência a elemento linguístico, particularmente o tempo verbal, responsável pelo sentido estabelecido no trajeto percorrido entre os aspectos narrativos em foco.

### ***MANIFESTAÇÃO 1***

Observamos um caso em que o docente (S3) tratou da complicação ao levantar as características da sequência que compõe o gênero notícia policial narrativa, buscando

confirmação no texto. Assim sendo, explorou o aspecto da complicação no âmbito do percurso que culmina com a resolução. Para isso, chamou a atenção para o tempo verbal que se presta para evidenciar o fio da narrativa – o pretérito perfeito –, lembrando que esse mesmo tempo verbal pode exercer a função de comentário no processo de avaliação das ações.

### ***MANIFESTAÇÃO 2***

Encontramos uma atitude inversa à anterior. Nesse caso, o procedimento docente (S4, S6) foi de explorar a complicação como característica do gênero (dispensando atenção também à resolução). Essa atitude não deixa de fazer sentido, afinal trata-se da notícia policial narrativa cuja sequência textual discursiva evidencia-se por natureza. O docente, porém, não pode ignorar que a complicação – assim com a resolução – da forma em que aparece no texto, provém das características da sequência, que vai exercer influência na organização do gênero. O tempo verbal – pretérito perfeito –, destacado pelos docentes como sendo característico da notícia em estudo, pode responder, conforme Weinrich (1974), à atitude de locução de narrar ou de comentar. Essa distinção, porém, não foi ressaltada pelos docentes que fazem o bloco dessa manifestação.

### ***MANIFESTAÇÃO 3***

A terceira manifestação nos coloca diante de atitude docente (S8) que, mesmo tendo enveredado por uma abordagem da sequência narrativa partindo do esquema proposto por Adam (1992) em suas minúcias, houve um investimento na complicação. Ao solicitar a classe que se reportasse para o texto a ser revisado, o único aspecto a ser solicitado com insistência foi o conflito, em decorrência dos dados pedidos pelo enunciado comando, cuja atenção docente vai em direção ao gênero. Até mesmo a resolução foi desconsiderada, embora haja ocorrido a preocupação em atentar para o tempo verbal que se usa ao longo do fio narrativo, esbarrando-se nas atitudes resolutivas.

### ***MANIFESTAÇÃO 4***

Verificamos atitude docente (S1, S2) que manifestou todo um cuidado à complicação sem perder de vista a resolução, mas isso se deu apenas no âmbito do gênero. Como a discussão apoiou-se bastante no enunciado comando, isso pode ter embotado o docente a ponto de deixá-lo abstrair-se da referência à sequência textual. Também ficou de lado a referência ao tempo verbal que se fez presente na ordenação dos fatos que constituíram o desenrolar do conflito.

### ***MANIFESTAÇÃO 5***

Encontramos uma outra manifestação docente (S<sub>5</sub>, S<sub>7</sub>) que se caracterizou pela atenção especial à sequência da notícia narrativa, destacando-se apenas a complicação – incluindo a resolução –, quando buscadas as informações no texto. Nesse caso houve, também, abstração da alusão ao tempo verbal que é utilizado no trajeto do fio narrativo.

#### 4.3.2.1.2 c) Avaliação e situação final

Sobre a atitude docente envolvendo a discussão referente à avaliação e à situação final, percorreremos quatro formas de manifestação.

### ***MANIFESTAÇÃO 1***

Houve docente (S<sub>3</sub>) que, ao tratar de (re)ação/avaliação como parte da sequência, lembrou que é possível ocorrerem breves comentários na notícia (sem perder a objetividade), marcados pelo verbo no pretérito perfeito que não venha indicando a sucessão dos fatos. Em relação ao estado final, falou que encerra o texto, mas não fez remissão a nenhum elemento da língua desempenhando esse papel.

### ***MANIFESTAÇÃO 2***

Encontramos docente (S<sub>4</sub>) que não fez nenhuma referência a (re)ação/avaliação. No entanto, sobre estado final, ao falar de conclusão da notícia, associou a esse aspecto, mas sem se remeter à sequência textual. Ao que indica, o docente trata sem distinção os traços do gênero e da sequência.

O que se percebe nessa experiência é que o trabalho com o texto, – envolvendo aspectos da arquitetura do gênero ou da sequência –, parece muito macânico, destituído de uma reflexão sobre os recursos linguísticos oferecidos para a construção de sentido de uma produção escrita.

### ***MANIFESTAÇÃO 3***

Tivemos um grupo de docentes (S<sub>5</sub>, S<sub>6</sub>, S<sub>7</sub>, S<sub>8</sub>) que falou de (re)ação/avaliação e também de situação final, apenas, quando foram levantadas as características da narrativa.

Isso ocorrera como uma mera informação e de modo bem geral. Mais uma vez nos deparamos com uma abordagem que demonstra uma dificuldade do docente de perceber, na significação do gênero, o papel das características da sequência textual.

#### MANIFESTAÇÃO 4

Ainda para mostrar o quanto, no texto narrativo, avaliação e a situação final se acham descuradas na abordagem do gênero em sala de aula, houve docentes (S1, S2) que, na revisão final, ignoraram totalmente os referidos aspectos.

#### 4.3.2.1.3 Considerações

Na análise da *ficha de avaliação* sobre a atitude docente voltada para a sequência textual, consideramos por demais proveitosa uma mira sobre aspectos que se complementam, na medida em que, assim, pode-se ter uma visão mais contextualizada da percepção do docente sobre as categorias observadas. Iniciando com o resumo – junto à situação inicial/orientação –, podemos constatar se os docentes demonstram ter a devida clareza sobre a estrutura dessa parte da notícia associando-a às características da respectiva sequência.

RESUMO e SITUAÇÃO INICIAL/ORIENTAÇÃO			
MANIFESTAÇÃO	MOMENTOS		OBSERVAÇÕES
	PRIMEIRO MOMENTO	SEGUNDO MOMENTO	
1	<p>Docente (S1, S6), embora <b>fale de notícia narrativa, não dispensa atenção à respectiva sequência discursiva.</b></p> <p><b>Não reporta-se ao resumo</b> que é de praxe no primeiro parágrafo do gênero textual em foco.</p> <p>Conseqüentemente, <b>não se refere à situação inicial, deixando também de observar o tempo verbal</b> que serve de pano de fundo para o conflito, aspecto indispensável do resumo.</p>	<p>Docente (S3) não deixa nada a desejar: chama a atenção para o <b>resumo na notícia, associando-o à referida sequência</b> textual discursiva.</p> <p>Ao falar da estrutura do resumo, ressalta o <b>conflito, incluindo-o no âmbito da situação inicial.</b> Sobre esta, fala da presença do <b>tempo verbal</b> – pretérito imperfeito – como recurso para a contextualização daquele.</p>	<p><b>No primeiro momento:</b> Em apenas uma das manifestações, envolvendo resumo e situação inicial, encontramos exploração dos elementos linguísticos – verbo no pretérito perfeito e no pretérito imperfeito – pelo docente na construção de sentido do resumo.</p> <p><b>No segundo momento:</b> A recorrência ao tempo verbal também só se dá em uma manifestação e pelo mesmo docente, que se referiu ao pretérito imperfeito na situação inicial para contextualização do conflito.</p>
2	<p>Docente (S2, S8) <b>expõe a sequência discursiva sem se preocupar com o aspecto do resumo na notícia</b>, mas faz referência à situação inicial, deixando para a classe a impressão de que esta parte, em si, constitui o primeiro parágrafo da notícia, que seria o <i>lead</i>.</p>	<p>Docente (S1, S2) <b>não faz nenhuma referência à sequência</b> textual discursiva.</p>	

3	<p>Ao trabalhar o <i>lead</i>, o docente (S7) orienta a produção de <b>resumo</b> a que faz jus essa parte da notícia.</p> <p>Para isso, <b>não procura apoio na estrutura da sequência discursiva</b>, apesar de falar de notícia narrativa.</p>	<p>Docente (S4) explora o resumo da notícia, mas fazendo <b>alusão diretamente ao resumo da sequência narrativa, sem remeter-se a esse aspecto dessa sequência como parte integrante do gênero</b>, em função da referida sequência – ignora traços da situação inicial.</p>	
4	<p>Falando porém, sobre a sequência narrativa, não deixa passar a <i>situação inicial</i>, mas o faz sem provocar uma busca no texto.</p> <p>Docente (S3, S4, S5) ao tratar das partes da notícia, enfocando o <i>lead</i> como <b>resumo, associa-o à sequência narrativa</b>.</p> <p>Desse bloco <b>docente</b>, apenas um (S3) <b>observou que a situação inicial e o conflito aparecem juntos, formando o resumo</b>.</p>	<p>Nesse caso, docente <b>opõe-se à manifestação anterior</b>. O docente (S5, S6) fala do resumo referindo-se apenas ao gênero, sem lembrar da relação estabelecida com a sequência, deixando de lado também a situação inicial (lembrada) como parte do resumo .</p>	
5	<p>Este último sujeito também foi o único a <b>atentar para o tempo verbal</b> de maior presença na <b>situação inicial</b> – o pretérito imperfeito –, bem como o tempo que marca bem a efetivação <b>do conflito</b> – o pretérito perfeito.</p>	<p>Nessa manifestação, o docente fala de resumo associando ao gênero e à sequência, mas não leva a classe a explorar dentro do texto.</p>	

Computando os dois momentos, chegamos a alguns pormenores: não houve evolução na atenção aos elementos linguísticos para a construção do sentido do resumo amparado pela situação inicial; continua, para os docentes, a dificuldade de associar traços do gênero à sequência textual que o compõe ou vice-versa; somente em um docente, no primeiro momento e no segundo, essa dificuldade não foi observada; no que se refere à orientação para a localização das informações no texto, percebe-se uma grande dificuldade do docente, sempre tendendo proceder com orientações metalinguísticas; em apenas uma das manifestações (que envolve S3, nos dois momentos) patenteou-se um trabalho exaustivo direcionado para o texto.

No que tange a dados da ficha sobre a complicação e à resolução, vamos nos deparar com o registro de trabalho um pouco mais acessível ao docente, mas nem por isso isento de deslizes.

COMPLICAÇÃO e RESOLUÇÃO			
MANIFESTAÇÕES	MOMENTOS		OBSERVAÇÕES
	PRIMEIRO MOMENTO	SEGUNDO MOMENTO	
1	Docente (S6), ao explorar o gênero notícia policial narrativa, <b>não se reportou à complicação nem à resolução</b> porque <b>não explorou a sequência</b> textual. Sendo assim, também não fez alusão ao tempo verbal que marca a cronologia dos fatos nem às relações de causalidade inerentes.	Docente (S3), ao levantar as <b>características da sequência</b> que compõe o <b>gênero</b> notícia policial narrativa, explorou a <b>complicação</b> , no âmbito do percurso que culmina com a <b>resolução</b> . Observou, ainda no texto, o <b>tempo verbal usado no fio</b> narrativo – pretérito perfeito. Advertiu sobre a função de avaliação das ações que o referido tempo verbal pode assumir.	<b>No primeiro momento:</b>  Dois docentes (S2, S3) atentaram para a relação de causalidade, no texto narrativo, sendo que apenas um (S3) fez produtivamente.  Sobre o uso do pretérito perfeito como norteador da narrativa em si, dois docentes fizeram referência sem localizar no texto; um outro docente explorou no texto.
2	Docente (S1) remeteu-se ao <b>conflito como parte do gênero sem referir-se à sequência</b> textual em nenhum de seus aspectos. Naturalmente, também não fez referência a nenhum recurso linguístico.	Docente (S4, S6) explorou a <b>complicação como característica do gênero</b> (dispensando atenção também à <b>resolução</b> ) sem associar à sequência. Não foi explicado que a complicação provém da sequência que compõe o gênero. Apresentou <b>tempo verbal</b> usado no gênero <b>sem distinguir funções</b> de narrar e de comentar.	<b>No segundo momento:</b>  As relações de causalidade, na sequência narrativa, foi esquecida por todos os docentes.  Quanto ao uso do <b>pretérito perfeito</b> , houve um pequeno <b>acréscimo na abordagem do texto</b> , passando para dois docentes. Mas ainda apareceu um caso de referência fora do texto.
3	Docente (S2, S4, S7), ao tratar da notícia policial narrativa, fez <b>referência à sequência textual. No texto, porém, só apontou para o conflito.</b> Um docente (S2) falou da relação de <b>causalidade</b> aí existente. Outro (S7) lembrou do uso do verbo no <b>pretérito perfeito</b> para o fio narrativo, mas sem apontar no texto.	Docente (S8) trabalhou minuciosamente o <b>esquema narrativo proposto por Adam</b> , mas investiu apenas na <b>complicação ao reportar-se para o texto</b> , por influência do enunciado comando. Referiu-se ao verbo no pretérito perfeito usado no fio narrativo, mas sem contextualizá-lo, tanto que <b>ignorou a resolução</b> .	No geral, envolvendo os <b>dois momentos</b> , foi saliente a atitude de abstração do docente em relação ao uso do pretérito perfeito na sequência narrativa.
4	Docente (S8) enfocou a <b>sequência textual sem se transportar para o texto</b> . Continuando uma abordagem metalinguística, tratou do tempo verbal no pretérito perfeito como pertinente à narrativa.	Docente (S1, S2) cuidou da complicação incluindo a resolução, no âmbito do gênero, <b>abstraindo-se da sequência</b> , conforme o enunciado comando. <b>Tempo verbal também foi ignorado</b> .	
5	Docente (S3, S5) discutiu sobre a sequência voltada para o texto, atentando para a complicação e resolução em sintonia como o tempo verbal (pretérito perfeito) responsável pelo fio condutor narrativo. As relações de <b>causalidade</b> estabelecidas neste percurso só foram observadas por um dos docentes (S3).	Docente (S5, S7), explorando a sequência textual da notícia policial narrativa, deu <b>atenção somente à complicação</b> (incluindo a resolução), durante localização de dados no texto, e <b>não se deu conta do trabalho com o tempo verbal</b> .	

Mesmo por uma visão panorâmica, não é difícil perceber a atenção dispensada pelo docente aos aspectos da complicação e da resolução, reconhecidos, ora como partes inerentes

à notícia policial narrativa, abstraindo-se totalmente de uma estrutura sequencial prototípica; ora vistos como integrantes do gênero em função da sequência que o compõe; ora vistos, simplesmente, como partes da sequência em si.

Por outro lado, no lidar com a estrutura linguística, que faz jus aos referidos aspectos da sequência, na análise é notória uma inaptidão: o fenômeno da relação de causalidade aparece focado somente no primeiro momento; o uso do pretérito perfeito, marcando o fio narrativo, alcança uma maior adesão no segundo momento quando é tratado no texto, no entanto ainda aparece a referência a tal recurso apenas sendo lembrado fora do texto; e continua saliente, a não atenção dispensada a recurso linguístico para a construção de sentido da produção.

Sem dúvida, a dificuldade de abordar a gramática, de modo que corresponda a uma ação de linguagem efetiva, não representa um mero descaso do docente. Há toda uma implicação de ordem teorico-metodológica que requer um domínio abrangente sobre texto. Este, como ação de linguagem, além de articular conhecimentos sobre o sistema da língua, também mobiliza o sistema de gêneros e a situação de comunicação, sem perder de vista o contexto sociohistórico que envolve o uso de um determinado gênero de texto e as relações que se estabelecem para a sua construção.

O docente, sem dúvida, precisa tomar consciência de que as formas linguísticas vão ao encontro de mundos formais, os quais na visão de Habermas (1989) correspondem a mundos representados (mundo objetivo, mundo social e mundo subjetivo), que se evidenciam na prática de produção textual pela recorrência ao contexto físico e ao contexto sociosubjetivo.

Referente à atitude docente sobre os aspectos da avaliação e situação final, vamos nos deparar, também, com alguns percalços.

AVALIAÇÃO e SITUAÇÃO FINAL			
MANIFESTAÇÕES	MOMENTOS		OBSERVAÇÕES
	PRIMEIRO MOMENTO	SEGUNDO MOMENTO	
1	Docente (S1, S6) deixou de fazer referência à sequência textual por completo.	Docente (S3) ao tratar de re-ação/avaliação como parte da seqüência, lembrou que é possível ocorrerem breves comentários na notícia marcados pelo tempo no pretérito perfeito que não venha indicando sucessão de fatos. Sobre a situação final falou apenas que encerra o texto.	<b>No primeiro momento e no segundo momento:</b>  (Re)ação/avaliação: parte da sequência textual referente à comentário marcado pelo pretérito perfeito. <u>Situação final</u> : particularidade da sequência ou parte que encerra o texto.
2	Docente (S2, S4, S7, S8) tratou da (re)ação/avaliação e situação final somente ao apresentar o esquema prototípico proposto por Adam. E não fez referência a recurso linguístico.	Docente (S4) não fez nenhuma referência a (re)ação/avaliação. Abordou a conclusão da notícia associando à situação final, mas sem nenhuma remissão à sequência textual discursiva.	(Re)ação/avaliação e situação final como características da sequência (enfocadas sem pormenorizar).  (Re)ação/avaliação e situação final totalmente ignorados pelo docente.
3	Docente (S3, S5) abordou (re)ação/avaliação reportando-se apenas ao esquema prototípico, lembrando do tempo verbal do comentário. A situação final foi enfocada no texto como uma particularidade da seqüência, mas não houve alusão ao tempo verbal aí usado.	Docente (S5, S6, S7, S8), levantando as características da narrativa, falou de (re)ação/avaliação e situação final de modo bem geral.	<b>No segundo momento:</b> Abstração da (re)ação/avaliação e enfoque da situação final como conclusão da notícia
4		Docente (S1, S2) ignorou totalmente a (re)ação/avaliação e a situação final.	

Nos dois momentos da revisão, no âmbito desses dois últimos aspectos, foi possível observar as seguintes atitudes docentes: dispensou atenção à avaliação como parte da sequência textual referente a comentário, que vem marcado pelo verbo no pretérito perfeito com tal função. No tocante, porém, à situação final, enfocou-a apenas como uma particularidade da sequência ou como parte que encerra o texto; abordando as características da sequência textual, tratou da avaliação e da situação final sem pormenorizar; ignorou totalmente a atenção a ser dispensada à avaliação e à situação final.

Destaque-se uma ocorrência que se deu apenas no último momento: docente abstraiu-se da avaliação, mas reportou-se à situação final como conclusão da notícia.

Na totalidade, o trabalho docente, referente à avaliação e situação final, não apresentou evolução de um momento da revisão para outro, evidenciando, no decorrer de sua efetivação, uma percepção muito nebulosa.

#### 4.3.2.2 Texto

Seguindo os postulados do Interacionismo Sociodiscursivo, a análise do texto na perspectiva da seqüência textual preenche uma necessidade metodológica de se buscar a evidência da estruturação do conteúdo temático no próprio gênero. Diz respeito ao modo de planificação tipificada da narrativa, que se desenvolve dentro do plano geral do texto. Para situar os traços mais marcantes da seqüência, investimos (da mesma forma que fizemos na análise da ficha de avaliação) no tempo verbal requerido para cada aspecto observado.

##### 4.3.2.2.1 Primeiro momento

No primeiro momento, referente à apreensão da seqüência de notícia narrativa pelos autores dos textos, tem-se a primeira oportunidade para se observar como estes concretizam, em sua própria produção, as orientações que obtiveram *in loco* sobre o esquema narrativo.

##### 4.3.2.2.1 a) Resumo e situação inicial/orientação

Envolvendo resumo e situação inicial/orientação, pretende-se verificar se nos textos dos alunos há correspondência entre os tempos verbais discutidos pelos docentes, para o primeiro plano (no resumo basicamente) e para o segundo plano (situação inicial/orientação). Nesse primeiro momento, contamos com quatro manifestações.

#### **MANIFESTAÇÃO 1**

Um dos textos (A<sub>2</sub>) analisados desempenha o próprio papel de resumo. Neste aparece a complicação (parte obrigatória da narrativa e, conseqüentemente, do resumo) apenas de forma insinuada, já que só apresenta as conseqüências, como se pode constatar na passagem grifada no texto abaixo. O sinal linguístico básico que compõe a complicação – pretérito

perfeito – marca sua presença, unicamente, com uma realização (“houve”), porque a complicação, que constitui o aspecto básico do resumo, por ser o elemento indispensável da sequência, aparece muito genericamente.

No que tange à situação inicial/orientação, que corresponde a contextualização da complicação e que pode aparecer no resumo, vem com muitos detalhes, que são retomados mais adiante no segundo parágrafo. Mas nem por isso tira o seu caráter resumidor, pois, para fazer jus ao gênero notícia, alguns detalhes sobre tempo e espaço não podem faltar no *lead*, que aparece em forma de resumo da notícia narrativa.

O tempo verbal no pretérito imperfeito, que por excelência, na orientação, poderia fazer frente como pano de fundo, não aparece. Porém, o presente – “reúnem” – assume esse papel, em função da descrição do ambiente que representa, não o estado de um dado momento, mas um quadro perdurável – “Freqüentemente naquela propriedade se reúnem nas última sexta-feira”.

A2	1ª revisão
VÂNDALOS INVADEM PROPRIEDADE EVANGÉLICA	
<p>Durante a inauguração da propriedade de uma igreja evangélica, localizada no bairro Pedras BR116, local de difícil acesso por motivo de pouca iluminação, houve <b>momentos de pavor, medo e insegurança</b>.</p>	
<p>Freqüentemente naquela propriedade se reúnem nas última sexta-feira de cada mês aproximadamente cem membros em vigília (oração), para intercederam por diversas causas dando início às 23:00hs e encerrando às 5:00hs da manhã do dia seguinte.</p>	

A postura de se atinar para determinada estrutura lingüística, recorrente no cumprimento de uma função no texto, precisa ser vista com muita cautela. O uso do pretérito imperfeito, por exemplo, pode ser bem comum (e bastante explorado no ambiente escolar) na situação inicial/orientação, mas não é a única forma de tempo verbal permitida para esse contexto.

Quando se observa no texto de A2 o uso do “presente” em ambiente panorâmico de ação narrativa (sem que tenha sido orientado pelo docente), isso nos mostra que a influência dos conhecimentos apreendidos pela cultura do falante de uma língua nos diz perfeitamente que ensinamentos devem ser adotados na escola, seja: o uso da língua em situação de comunicação.

## MANIFESTAÇÃO 2

Podemos registrar dois casos de textos que não apresentam resumo. São os textos de A1 e de A8.

A1	1ª revisão
TRAGÉDIA NO CANTA GALO	
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Numa cidade chamada canta galo, no dia 10 de novembro de 1987 <b>houve</b> uma Romaria onde se <b>reuniram</b> 500 pessoas, no meio dessa grande festa religiosa, às 18:30 hrs um carro golf desgovernado</li> <li>2. de placa HUW 1603 <b>atropelou</b> 10 pessoas, dentre elas uma senhora de 45 anos chamada Luiza gonçalves que <b>morreu</b> na hora e os outros 9 <b>tiveram</b> ferimentos leves,</li> <li>3. o motorista <b>que calsou</b> esse acidente <b>chamava-se</b> Alexandre vieira de 29 anos, que <b>foi preso</b> após o acontecido por policiais que se encontravam presente no Local do acidente,</li> <li>4. Ele deveria ter prestado mais atenção ao pegar no volante do carro embriagado, se ele tivesse tomado esse pequeno cuidado, nada disso teria acontecido poderia ter evitado essa tragédia.</li> </ol>	
LEGENDA: 1.Orientação 2.Complicação 3.Resolução 4. (Re)ação/avaliação	

No texto de A1 não há resumo inicial, pois vai se dando a sucessão da narrativa, de tal modo que não há nenhuma generalização inicial para ser retomada mais adiante de forma detalhada. Percebe-se, sim, desde o início, uma ordenação das partes: 1.situação inicial/orientação (Numa cidade chamada canta galo, no dia 10 de novembro de 1987 houve uma Romaria onde se reuniram 500 pessoas, no meio dessa grande festa religiosa, às 18:30 hrs um carro golf ...), 2.complicação (um carro golf desgovernado de placa HUW 1603 *atropelou* 10 pessoas, dentre elas uma senhora de 45 anos chamada Luiza gonçalves que *morreu* na hora e os outros 9 *tiveram ferimentos* leves), 3.resolução (O motorista que calsou esse acidente chamava-se Alexandre vieira de 29 anos, que *foi preso* após o acontecido por policiais que se encontravam presente no Local do acidente), 4.avaliação<sup>24</sup> (Ele deveria ter prestado mais atenção ao pegar no volante do carro embriagado, se ele tivesse tomado esse pequeno cuidado, nada disso teria acontecido poderia ter evitado essa tragédia).

Em relação à orientação/situação inicial, esta se faz presente no início do texto e dilui-se pela complicação e resolução. Desse modo, evidencia-se por uma grande quantidade de detalhes, onde transitam os tempos verbais no pretérito perfeito (“houve”; “reuniram”) e no

<sup>24</sup> Não se está avaliando, aqui, a coerência da estrutura dessa avaliação em texto noticioso, mas a sua efetivação, para justificar as partes da narrativa às quais o autor do texto recorreu.

pretérito imperfeito (“chamava-se”) ou forma correspondente (“[que era] chamada”)<sup>25</sup>; auxiliando na apresentação do panorama das ações que fazem a narrativa.

Mais uma vez estamos diante de uma transição do tempo verbal que vem demarcar funções: o uso do pretérito perfeito em lugar do pretérito imperfeito mostra o olhar do falante voltado para um cenário de fatos já concluídos. Se houvesse feito uso do imperfeito, se teria a ideia de fatos em desenvolvimento. No caso da oração reduzida (adjetiva), sendo tomada pela oração desenvolvida que lhe corresponde, sugere uma opção do falante (mesmo inconscientemente) de ir mais diretamente ao assunto.

Igual habilidade deve ser desenvolvida no trato com o pretérito perfeito como pano de fundo na orientação. Este pode aparecer, não só substituindo o pretérito imperfeito, mas também um adjetivo (com o auxílio do relativo “que”), em oração adjetiva, tal qual se encontra no texto (“o motorista que calçou o acidente” ao invés de “o motorista causador do acidente”).

A postura do autor do texto está sinalizando para o que o docente precisa explorar, na sala de aula, em termos da utilização do tempo verbal na representação de um cenário. Digase, a propósito, o docente da classe do autor do texto em estudo (conforme análise da ficha de avaliação) nem mesmo ensaiou alguma orientação mais geral, no sentido em que se está discutindo. Sem dúvida, é imprescindível ao docente o saber lidar com as funções dos diferentes tempos verbais, como recursos para o estabelecimento de um panorama textual.

No texto de A8, observamos, no primeiro parágrafo, um resumo apenas aparente, porque, apesar de focar, genericamente, o episódio que desencadeou a complicação (“o barulho que (...) estavam fazendo na igreja”), não trata do episódio que leva ao desfecho (“De posse de um cacete ele saiu espalhando os fiéis para todos os lados”).

---

<sup>25</sup> “Chamada” constitui uma oração reduzida de particípio que pode ser equiparada à oração subordinada desenvolvida “que se chamava”. Assim sendo, nesta aparece o uso do tempo verbal no pretérito imperfeito, fazendo jus ao seu uso em contexto de “orientação” como parte da narrativa.

**Se o local referido ainda existe**, então a oração reduzida ao ser desdobrada trará o verbo no presente (que se chama), que também é um tempo verbal utilizado como pano de fundo, conforme vimos em A2.

S8

1ª revisão

Fiéis são agredidos

Na noite de quarta feira, dia 30 de maio, um homem que mora vizinho à uma igreja, na Barra do Ceará, estava sentindo-se encomodado com o barulho que os seus seguidores estavam fazendo na igreja. Furioso com o barulho ele saiu de sua casa, foi até a igreja pedir aos fiéis que diminuíssem-o mesmo, pois estava insuportável, mas os fiéis não atenderam seu pedido.

O homem que era conhecido por Zezé e tinha aproximadamente 40 anos de idade foi à delegacia próxima para fazer um Boletim de Ocorrência, com isso vieram os policiais e problema foi resolvido, naquele dia, mas no dia seguinte o barulho continuou do mesmo jeito de antes, então o senhor Zezé que ficou ainda mais aborrecido com os fiéis, e decidiu resolver o problema do seu modo.

De posse de um cacete ele saiu espalhando os fiéis para todos os lados, os fiéis que ficaram assustados com a atitude agressiva do homem fecharam a igreja e não abriram mais.

Na verdade, no parágrafo inicial, trata-se de um pseudorresumo, porque há aí uma sequência de ações, marcada por relações de causalidade, que continuam nos demais parágrafos. Portanto, o primeiro parágrafo constitui o início do fio narrativo (os fiéis não atenderam... o homem (...) foi à delegacia ... vieram os policiais ...; mas no dia seguinte o barulho continuou ... ficou ainda mais aborrecido ... De posse de um cacete ele saiu espalhando os fiéis ...).

Para situar o leitor no contexto da ocorrência, vamos encontrar a presença do verbo no pretérito imperfeito, particularmente o verbo estar (... *estava* sentindo-se encomodado... ...barulho que os seguidores *estavam* fazendo na igreja... ...*estava* insuportável...). Marcando presença ainda na contextualização, encontra-se o presente do indicativo (um homem que *mora* vizinho à igreja...), apontando nesse último caso para uma situação permanente, portanto, não passada, em oposição às situações marcadas pelo imperfeito, que designam realidades voltadas para um tempo que passou. Eis que se nos apresenta mais uma vez o uso do verbo, como pano de fundo, cumprindo funções diferentes, por isso mesmo em tempos diferentes.

**MANIFESTAÇÃO 3**

Encontramos um sujeito que apresenta um resumo em seu texto fora dos moldes exigidos para o gênero notícia.

A3	1ª revisão
<i>Polêmica em uma igreja evangélica</i>	
<p><b>No dia 03 de março de 2007 por volta das 9:00 hs da manhã de domingo na Igreja Adventista do Sétimo dia, localizada no Bairro Iriruí; Gabrielly Cristina Eichholz de apenas 1 (um) ano e meio foi vítima de uma barbaridade, e depois [foi] morta.</b> Os pais Juliarcl Luiz Eichholz de 26 anos e Andréia Pereira também de 26 anos assistiam o culto; Gabrielly saiu de perto dos pais sem que eles percebessem; e brincava no pátio da Igreja; quando um homem passa por ali e vê a criança sozinha, ele pegou Gabrielly e levou para a piscina Batismal, onde cometeu sua barbaridade e logo afogou.</p> <p>Os Pais da criança logo sentiram sua falta e saiu à procura e a encontraram morta; chamaram a polícia que logo veio e encontraram pistas através das testemunhas, pegaram o assassino.</p> <p>O assassino logo foi preso e vai cumprir sua pena na cadeia.</p>	
<b>Negrito:</b> Resumo	

No texto de A3 ocorre o resumo no primeiro período, pois o autor, nesse início de texto, já apresenta a complicação consumada. A partir do segundo período, vai introduzindo os passos seguidos para tal consumação.

Mesmo estando destoante para o gênero, que considera o resumo (*lead* resumo) no primeiro parágrafo (no máximo cinco linhas), ainda assim apresenta-se perfeitamente coerente com o princípio do resumo como parte da narrativa. Este deve aparecer no início do texto (Adam, 1997), independentemente de parágrafo, mas na notícia precisa obedecer ao que lhe é postulado.

Sobre a situação inicial/orientação, referente à indicação do lugar da ocorrência, o autor do texto faz uso do verbo localizar no âmbito de uma oração reduzida de particípio – “localizada” –, que pode ser desdobrada na seguinte oração desenvolvida: “que ficava localizada” [ou “que fica localizada”]. A idéia de deixar o verbo no pretérito imperfeito ou presente vai depender da opção do enunciador de querer apontar simplesmente para o passado ou deixar a entender que a igreja ainda existe no local. O fato é que, mais uma vez, nos deparamos com o emprego de uma forma verbal que constitui uma variação para a função de pano de fundo, assumida pelo pretérito imperfeito ou pelo presente do indicativo.

Essa opção que se apresenta – para o uso de diferentes estruturas do verbo na marcação de um cenário – cria uma oportunidade didático-pedagógica de se introduzir a exploração das orações reduzidas, em oposição às orações desenvolvidas, da forma mais produtiva possível de utilização da língua em contexto de comunicação. Seja dito de passagem, o docente no momento da revisão ao falar da possibilidade de se usar o pretérito imperfeito não estendeu a orientação.

### MANIFESTAÇÃO 4

Há um bloco de textos no qual o resumo obedece à estrutura do gênero notícia, quer dizer, aparece no primeiro parágrafo. São os textos de A4, A5, A6, A7. Nos textos de A4 e de A6, no entanto, os autores, cada um a seu modo, procuram complementar dados do resumo no segundo parágrafo.

A4	1ª revisão
<p><b>Um casal evangélico desvia dinheiro da igreja</b></p> <p>Na cidade de Espírito Santo, em Santa Catarina, casal foi descoberto desviando dinheiro da própria igreja que freqüentava.</p> <p>No dia 03 de março de 2006, Mônica Oliveira de 35 anos e Carlos Oliveira de 42 anos. Foram descoberto por desviar dinheiro dos fiéis para uso e gastos pessoais.</p> <p>Os religiosos era famoso por seus cultos que reunia milhares de fiéis. Nos cultos eles pedia dinheiro para Deus os abençoar, tinha gente que dava tudo que tinha, relógio, dinheiro, jóias e se não tinha dinheiros eles poderia até pagar com cartão de créditos em nome de Deus. Teve fiéis que acharam estranho que começavam enfestigar.</p> <p>A polícia descobriu que realmente estava desviando dinheiro, mas seria difícil ter provas concretas para acusá-los, pois muitos fieis negarão o envolvimento do casal na lavagem do dinheiro. Mais com a investigação do polícia o casal forão avastado das suas realizações religiosas, proibido de fazer cultos e reuniões, muitos fiéis fazirão manifestações para innocentas o casal.</p> <p>O casal ficarão mantido em vigilância até terminarem investigações policial.</p>	

A6	1ª revisão
<p><b>Incidente em Igreja Evangélica</b></p> <p>Mulher é agredida por pastor de Igreja evangélica.</p> <p>Ao fazer uma visita à uma igreja evangélica no centro de Fortaleza, a senhora Nara Lúcia Duavy foi agredida pelo líder presente.</p> <p>O fato ocorreu em torno de uma discussão sobre o dízimo, ajuda dada pelos fiéis da igreja.</p> <p>Ao ser indagada pelo pastor o valor que, segundo o mesmo, obrigatoriamente a vítima teria que dar, a mesma de 47 anos negou a ajuda.</p> <p>Em decorrência de sua negação, Nara Lúcia foi expulsa pelo pastor, arrastada pelos cabelos para fora da igreja.</p> <p>O caso está sendo resolvido pelas autoridades locais.</p> <p>A vítima prestou depoimento, abrindo boletim de ocorrência contra o agressor.</p> <p>Exemplo que faz aumentar o alerta sobre a intolerância dentro das religiões.</p>	

Estamos aqui considerando o caráter de complemento do resumo, porque o que vem em seguida esclarece o que foi dito no parágrafo anterior sem apresentar o fio cronológico da narrativa. No caso do texto de A4, procura-se explicar que o dinheiro desviado da igreja provém da ajuda dada pelos fiéis. No texto de A6 é abordado o motivo pelo qual houve agressão, seja, a discussão sobre o dízimo.

Conforme estamos considerando, o resumo traz detalhes amparados pela situação inicial/orientação. Nesse sentido, ao ser apresentado o contexto onde o fato transcorreu, no texto de A4, o autor faz uso do verbo no pretérito imperfeito (...igreja que *freqüentava*...). Já no texto de A6, aparece primeiramente o verbo em uma oração reduzida de infinitivo (Ao *fazer*...) que pode ser substituída pela oração desenvolvida, que traz o verbo no pretérito imperfeito (Quando *fazia*...). Mais adiante no mesmo texto vamos encontrar um procedimento de contextualização através do verbo no pretérito perfeito (O fato *ocorreu* em torno de uma discussão sobre o dízimo). O que estamos mostrando aqui salienta a liberdade que a língua

nos dá de jogar com o uso do tempo verbal na posição de pano de fundo, seja de falante para falante, seja pelas diferentes escolhas de um mesmo falante lidando com um único texto.

Indicando, de fato, a função de resumo nos moldes requeridos pela notícia, temos os textos de A5 e de A7.

A5	1ª revisão
Um tiroteio ontem à noite abalou a igreja cristã	
Muitas pessoas ficaram feridas e quase 50 pessoas morreram em um conflito que aconteceu na Igreja São Francisco, na Rua João XXIII, nº. 100, no Bairro de Niterói, no Rio de Janeiro. Isso aconteceu ontem à noite. Um tiroteio tirou a atenção dos fiéis.	
Estava acontecendo um ato ecumênico, quando um carro em que estavam os ladrões apareceu em disparada e parou em frente à Igreja São Francisco, e os ladrões começaram a atirar, entrando em conflito com os policiais que viam seguindo-os, e começaram a atirar contra a polícia que acabou ferindo algumas pessoas com balas perdidas. Os policiais conseguiram prender os bandidos, e depois pediram ajuda pelo rádio, chamaram a ambulância para socorrer os feridos.	

S7	1ª revisão
Conflito entre policiais e traficantes no Rio de Janeiro	
No Morro Santa Tereza, três pessoas são baleadas por balas perdidas, devido o confronto policial entre traficantes e policiais, que ocuparam o morro Santa Tereza.	
Ninguém sai nem entra no Santa Tereza sem identificação, os moradores estão apavorados, alguns já estão dentro de suas casas há mais de vinte e quatro horas; mulheres e crianças não são poupados neste conflito que promete se estender por vários dias, já que nem traficantes nem policiais querem render-se.	
A igreja faz um apelo pedindo o fim do conflito e reza para que tudo termine em paz, mesmo os fiéis revoltados por não poderem participar dos cultos e missas, prometem também entrar nesta guerra pelo fim do conflito.	

Em ambos os textos, o parágrafo inicial aborda, de forma geral, a complicação que é desencadeada detalhadamente ao longo dos demais parágrafos. Ao ler esses dois parágrafos já se tem a noção básica do que será abordado no texto como um todo. Isso porque a complicação, que constitui a parte indispensável da sequência narrativa, já se faz presente nesse espaço (... um tiroteio tirou a atenção dos fiéis).

Na parte do resumo, sobre o procedimento dos autores dos textos na ambientalização espaço-temporal da complicação através do tempo verbal, pode-se ver em A5 a existência do pretérito perfeito (...aconteceu na Igreja... ...aconteceu ontem à noite...). Somente no parágrafo seguinte há um procedimento de situação inicial incluindo orientação sobre personagem e é, aí, onde entra em cena o tempo pretérito imperfeito (*Estava acontecendo... ...quando um carro em que estavam...*).

No texto de A7, não no parágrafo do resumo, mas no segundo parágrafo, a orientação é norteadada pelo verbo no presente do indicativo (...*estão* apavorados..., ...*estão* dentro de suas casas), dando a entender que se estabeleceu uma situação perdurável, em oposição à situação já passada que é retratada no texto de A5 e vem assinalada por outro tempo verbal.

#### 4.3.2.2.1 b) Complicação e resolução

Na análise deste item, será observado se o que foi explorado pelo docente sobre o tempo verbal de primeiro plano da narrativa, bem como as relações de causalidade que daí sucederem, aparecem nos textos dos alunos. Para essa empreitada contamos com quatro manifestações.

### **MANIFESTAÇÃO 1**

Uma das notícias analisadas (A<sub>2</sub>), apresenta o episódio, de forma muito genérica, no primeiro parágrafo.

A <sub>2</sub>	1ª revisão
<p>VÂNDALOS INVADEM PROPRIEDADE EVANGÉLICA</p> <p>Durante a inauguração da propriedade de uma igreja evangélica, localizada no bairro Pedras BR116, local de difícil acesso por motivo de pouca iluminação, houve <b>momentos de pavor, medo e insegurança</b>.</p> <p>Freqüentemente naquela propriedade se reúnem nas última sexta-feira de cada mês aproximadamente cem membros em vigília (oração), para intercederem por diversas causas dando início às 23:00hs e encerrando às 5:00hs da manhã do dia seguinte.</p>	

Nesta notícia não são abordados os passos seguidos pelo conflito, criando no leitor uma expectativa sobre o que de fato ocorreu, por que o fio narrativo não aparece. É como se estivéssemos ainda no resumo da notícia que não foi acabada.

No entanto, apesar de toda a redução do texto, pode-se inferir a relação de causalidade que se estabelece, normalmente, na narrativa – percurso da complicação, o que, aliás, foi trabalhado pelo docente no momento da revisão. No texto, a relação de causalidade pode ser deduzida sem dificuldade, quando o autor fala do “motivo de pouca iluminação”, que funciona como o detonador da complicação: “houve momentos de pavor, medo e insegurança”. Aí, o tempo verbal no pretérito perfeito – “houve” – confere a marca linguística que sinaliza para a efetivação do fato.

### **MANIFESTAÇÃO 2**

Nos textos de A<sub>1</sub>, A<sub>4</sub>, A<sub>5</sub> e A<sub>6</sub> vamos observar visivelmente o fio da narrativa, conduzido pelo verbo no pretérito perfeito.

<p><b>A1</b> <b>1ª revisão</b></p> <p>TRAGÉDIA NO CANTA GALO</p> <p>Numa cidade chamada canta galo, no dia 10 de novembro de 1987 houve uma Romaria onde se reuniram 500 pessoas, no meio dessa grande festa religiosa, às 18:30 hrs um carro golf desgovernado de placa HUW 1603 <b>atropelou</b> 10 pessoas, dentre elas uma senhora de 45 anos chamada Luiza gonçalves que <b>morreu</b> na hora e os outros 9 <b>tiveram</b> ferimentos leves, o motorista que calsou esse acidente chamava-se Alexandre vieira de 29 anos, que <b>foi preso</b> após o acontecido por policiais que se encontravam presente no Local do acidente. Ele deveria ter prestado mais atenção ao pegar no volante do carro embriagado, se ele tivesse tomado esse pequeno cuidado, nada disso teria acontecido poderia ter evitado essa tragédia.</p>	<p><b>A4</b> <b>1ª revisão</b></p> <p><i>Um casal evangélico disvia dinheiro da igreja</i></p> <p>Na cidade de Espírito Santo, em Santa Catarina, casal foi descoberto desviando dinheiro da própria igreja que freqüentava.</p> <p>No dia 03 de março de 2006, Mônica Oliveira de 35 anos e Carlos Oliveira de 42 anos. Foram descoberto por disviar dinheiro dos fiéis para uso e gastos pessoais.</p> <p>Os religiosos era famoso por seus cultos que reunia milhares de fiéis. Nos cultos eles pedia dinheiro para Deus os abençoar, tinha gente que dava tudo que tinha, relógio, dinheiro, jóias e se não tinha dinheiros eles poderia até pagar com cartão de créditos em nome de Deus. Teve fiéis que <b>acharam</b> estranho que <b>começavam enfiestigar</b>.</p> <p>A polícia <b>descobrio</b> que realmente estava desviando dinheiro, mas seria difícil ter provas concretas para acusá-los, pois muitos fieis negarão o envolvimento do casal na lavagem do dinheiro. Mais com a investigação do polícia o casal <b>forão avastado</b> das suas realizações religiosas, proibido de fazer cultos e reuniões, muitos fiéis fazirão manifestações para innocentas o casal.</p> <p>O casal ficarão mantido em vigilância até terminarem investigações policial.</p>
<p><b>A5</b> <b>1ª revisão</b></p> <p>Um tiroteio ontem à noite abalou a igreja cristã</p> <p>Muitas pessoas ficaram feridas e quase 50 pessoas morreram em um conflito que aconteceu na Igreja São Francisco, na Rua João XXIII, nº. 100, no Bairro de Niterói, no Rio de Janeiro. Isso aconteceu ontem à noite, Um tiroteio tirou a atenção dos fiéis.</p> <p>Estava acontecendo um ato ecumênico, quando um carro em que estavam os ladrões apareceu em disparada e parou em frente à Igreja São Francisco, e os ladrões <b>começaram a atirar</b>, entrando em conflito com os policiais que viam seguindo-os, e começaram a atirar contra a <b>polícia que acabou ferindo</b> algumas pessoas com balas perdidas. Os policiais <b>conseguiram prender</b> os bandidos, e depois pediram ajuda pelo rádio, chamaram a ambulância para socorrer os feridos.</p>	<p><b>A6</b> <b>1ª revisão</b></p> <p>Incidente em Igreja Evangélica</p> <p>Mulher é agredida por pastor de Igreja evangélica.</p> <p>Ao fazer uma visita à uma igreja evangélica no centro de Fortaleza, a senhora Nara Lúcia Duavy foi agredida pelo líder presente.</p> <p>O fato ocorreu em torno de uma discussão sobre o dízimo, ajuda dada pelos fiéis da igreja.</p> <p>Ao ser indagada pelo pastor o valor que, segundo o mesmo, obrigatoriamente a vítima teria que dar, a mesma de 47 anos <b>negou a ajuda</b>.</p> <p>Em decorrência de sua negação, Nara Lúcia <b>foi expulsa</b> pelo pastor, arrastada pelos cabelos para fora da igreja.</p> <p>O caso está sendo resolvido pelas autoridades locais.</p> <p>A vítima <b>prestou depoimento</b>, abrindo boletim de ocorrência contra o agressor.</p> <p>Exemplo que faz aumentar o alerta sobre a intolerância dentro das religiões.</p>

Em A1, tem-se: *...atropelou... ... morreu/tiveram ferimentos... ... foi preso...;* em A4: *fiéis estranharam... ...começaram a investigar... ...polícia decobriu... ...casal foi afastado...;* em A5: *...começaram a atirar... ...polícia que acabou ferindo... ... conseguiram prender...;* em A6: *...[Nara Lúcia] negou a ajuda... ...foi expulsa... prestou depoimento...*

Os textos acima, em relação a tempo verbal, apresentam o que há de mais canônico: todos fazem uso do pretérito perfeito, expressando, assim, ações passadas concluídas. Estas se articulam pela causalidade, que provém de uma ação para outra, no trajeto “complicação – resolução”. Ressalte-se que os docentes das classes de A1, A4 e A5 discutiram sobre a complicação (sem remissão à resolução) existente no texto revisado, embora o de A1 tenha destacado o conflito enfocado na notícia, sem se reportar à sequência textual em si.

### MANIFESTAÇÃO 3

No texto de A7, o autor também deixa transparecer a sequência das ações, mas recorre para tal ao tempo presente do indicativo. Vejamos: ... três pessoas *são* baleadas... ... devido o confronto policial entre traficantes e policiais, que *ocuparam* o morro ...A igreja *faz* um apelo...

A7	1ª revisão
Conflito entre policiais e traficantes no Rio de Janeiro	
<p>No Morro Santa Tereza, <b>três pessoas são baleadas</b> por balas perdidas, devido o confronto policial entre traficantes e policiais, que <b>ocuparam o morro</b> Santa Tereza.</p> <p>Ninguém sai nem entra no Santa Tereza sem identificação, os moradores estão apavorados, alguns já estão dentro de suas casas há mais de vinte e quatro horas; mulheres e crianças não são poupados neste conflito que promete se estender por vários dias, já que nem traficantes nem policiais querem render-se.</p> <p><b>A igreja faz um apelo</b> pedindo o fim do conflito e <b>reza</b> para que tudo termine em paz, mesmo os fiéis revoltados por não poderem participar dos cultos e missas, prometem também entrar nesta guerra pelo fim do conflito.</p>	

Pode causar estranheza o uso do pretérito perfeito (como ponto de partida das ações que marcam a trajetória da complicação) concorrendo com o presente do indicativo. Ocorre, porém, que o pretérito perfeito aparece nesse contexto muito mais como pano de fundo do ocorrido. Além disso, pode-se fazer subentender, no texto em estudo, o uso da forma verbal “ocorre” no contexto de “confronto”. É como se dissesse: policiais ocuparam o morro [e, a partir daí, *ocorre* um confronto com os traficantes]. Devido ao confronto entre policiais e traficantes, três pessoas *são* baleadas. A igreja *faz* um apelo.

O que se dá, de fato, é uma mudança de função do tempo verbal. O pretérito perfeito – “ocuparam” – apresenta um cenário. O presente do indicativo – *são* e *faz* – assume o papel de fazer transcorrer o fio narrativo. Essa transferência de uso do tempo verbal marcando distinção de papéis, coloca-nos diante de constatação da teoria de Weinrich (1974) ao abordar o conceito de transição.

Salta-nos aos olhos, nessa análise, o espaço que é encontrado para o desenvolvimento de práticas pedagógicas sobre a atribuição dos tempos verbais nas interações pela linguagem.

### MANIFESTAÇÃO 4

A quarta manifestação coloca-nos diante da experiência com narrativas (A3 e A8) que apresentam em seu fio condutor diferentes perspectivas.

A3	1ª revisão
<i>Polêmica em uma igreja evangélica</i>	
<p>No dia 03 de março de 2007 por volta das 9:00 hs da manhã de domingo na Igreja Adventista do Sétimo dia, localizada no Bairro Iriruí; Gabrielly Cristina Eichholz de apenas 1 (um) ano e meio <u>foi</u> vítima de uma barbaridade, e depois <u>[foi]</u> morta. Os pais Juliarcl Luiz Eichholz de 26 anos e Andréia Pereira também de 26 anos assistiam o culto; Gabrielly <u>saiu</u> de perto dos pais sem que eles percebessem; e brincava no pátio da Igreja; quando um homem <u>passa</u> por ali e <u>vê</u> a criança sozinha, ele <u>pegou</u> Gabrielly e <u>levou</u> para a piscina Batismal, onde <u>cometeu</u> sua barbaridade e logo <u>afogou</u>.</p> <p>Os Pais da criança logo <u>sentiram</u> sua falta e <u>saiu</u> à procura e a <u>encontraram</u> morta; <u>chamaram</u> a polícia que logo <u>veio</u> e <u>encontraram</u> pistas através das testemunhas, <u>pegaram</u> o assassino.</p> <p>O assassino logo foi preso e vai cumprir sua pena na cadeia.</p>	

S8	1ª revisão
<u>Fiéis são agredidos</u>	
<p>Na noite de quarta feira, dia 30 de maio, um homem que mora vizinho à uma igreja, na Barra do Ceará, estava sentindo-se encomodado com o barulho que os seus seguidores estavam fazendo na igreja. Furioso com o barulho ele saiu de sua casa, foi até a igreja pedir aos fiéis que diminuíssem-o mesmo, pois estava insuportável, mas os fiéis não atenderam seu pedido.</p> <p>O homem que era conhecido por Zezé e tinha aproximadamente 40 anos de idade foi à delegacia próxima para fazer um Boletim de Ocorrência, com isso vieram os policiais e problema foi resolvido, naquele dia, mas no dia seguinte o barulho continuou do mesmo jeito de antes, então o senhor Zezé que ficou ainda mais aborrecido com os fiéis, e decidiu resolver o problema do seu modo.</p> <p>De posse de um cacetete ele saiu espalhando os fiéis para todos os lados, os fiéis que ficaram assustados com a atitude agressiva do homem fecharam a igreja e não abriram mais.</p>	

No caso de A3, o fio narrativo se bifurca, portanto segue duas direções partindo de um ponto comum. Esse ponto, que é responsável pelo início da trama, vem marcado pela forma verbal “saiu” – pretérito perfeito. É a partir daí que a progressão de cada uma das duas perspectivas seguidas pela narrativa (perspectiva do assassino e perspectiva dos pais da vítima) se efetiva, mantendo fidelidade ao uso do referido tempo verbal, no âmbito da complicação até a resolução.

Aparentemente, há uma ruptura no uso do tempo verbal utilizado na sequência da primeira perspectiva quando aparece o emprego do presente do indicativo, coexistindo com o pretérito perfeito. No entanto, há de se notar que, ao ser empregado esse tempo, cria-se um panorama para que a primeira sequência seja seguida e o tempo verbal no presente coloca-se com uma função de demarcação de um espaço de tempo, distinta da que o pretérito perfeito assume, que é de indicar a cronologia dos fatos.

Concluída a trajetória da primeira perspectiva, eis que a forma verbal “saiu” cumpre o seu segundo percurso, articulando-se com *...sentiram... ...saiu... ...encontraram... ...chamaram... ...veio... ...encontraram... ...pegaram...*

Vale lembrar que o docente responsável pela classe, da qual o autor do texto fazia parte, trabalhou a questão do uso do pretérito perfeito na composição do fio narrativo,

lembrando a relação de causalidade que aí se estabelece. Por seu turno, o autor do texto, mesmo produzindo uma narrativa com perspectivas diferentes, foi capaz de seguir tal direção.

Em relação a A8, também vamos observar duas perspectivas no trajeto da narrativa: uma representa o primeiro momento do conflito e a outra o segundo. Aqui, as ações que desencadeiam a complicação, em cada perspectiva, são assumidas pelo mesmo agente, diferentemente do que se deu no texto de A3.

Nesse caso, aparece, como marcador da mudança de perspectiva, a conjunção “mas”, indicando que a partir dali a narrativa segue outro rumo: a busca de justiça com as próprias mãos, conforme sugere o ocorrido. O uso do pretérito perfeito reina em todas as realizações das ações que indicam o trajeto complicação/resolução, fazendo jus à orientação do docente observada na ficha de avaliação.

#### 4.3.2.2.1 c) Avaliação e situação final

Para o desenvolvimento deste item, quatro manifestações vêm à tona.

#### **MANIFESTAÇÃO 1**

O texto de A2 tem mais o caráter do começo de uma narrativa.

	A2	1ª revisão
Título	VÂNDALOS INVADEM PROPRIEDADE EVANGÉLICA	
orientação	Durante a inauguração da propriedade de uma igreja evangélica, localizada no bairro Pedras BR116, local de difícil acesso por motivo de pouca iluminação,	
Resumo	houve momentos de pavor, medo e insegurança.	
Orientação	Frequentemente naquela propriedade se reúnem nas última sexta-feira de cada mês aproximadamente cem membros em vigília (oração), para intercederem por diversas causas dando início às 23:00hs e encerrando às 5:00hs da manhã do dia seguinte.	

Esse texto, por trazer apenas o resumo inicial e uma detalhada orientação, conforme já observamos na análise sobre esses itens, não apresenta avaliação nem situação final.

## MANIFESTAÇÃO 2

Os textos de A1 e A7 trazem avaliação (grifada por nós no texto), mas não a situação final.

A1	1ª revisão	S7	1ª revisão
<p>TRAGÉDIA NO CANTA GALO</p> <p>Numa cidade chamada canta galo, no dia 10 de novembro de 1987 houve uma Romaria onde se reuniram 500 pessoas, no meio dessa grande festa religiosa, às 18:30 hrs um carro golf desgovernado de placa HUW 1603 atropelou 10 pessoas, dentre elas uma senhora de 45 anos chamada Luiza gonçalves que morreu na hora e os outros 9 tiveram ferimentos leves, o motorista que calsou esse acidente chamava-se Alexandre vieira de 29 anos, que foi preso após o acontecido por policiais que se encontravam presente no Local do acidente, <b>Ele deveria ter prestado mais atenção ao pegar no volante do carro embriagado, se ele tivesse tomado esse pequeno cuidado, nada disso teria acontecido poderia ter evitado essa tragédia.</b></p>	<p>Conflito entre policiais e traficantes no Rio de Janeiro</p> <p>No Morro Santa Tereza, três pessoas são baleadas por balas perdidas, devido o confronto policial entre <b>traficantes e policiais, que ocuparam o morro</b> Santa Tereza.</p> <p>Ninguém sai nem entra no Santa Tereza sem identificação, os moradores estão apavorados, alguns já estão dentro de suas casas há mais de vinte e quatro horas; mulheres e crianças não são poupados neste <b>conflito que promete se estender</b> por vários dias, já que nem traficantes nem policiais querem render-se.</p> <p>A igreja faz um apelo pedindo o fim do conflito e reza para que tudo termine em paz, mesmo os fiéis revoltados por não poderem participar dos cultos e missas, prometem também entrar nesta guerra pelo fim do conflito.</p>		

Em A1, a avaliação, apesar de legítima, do ponto de vista da sequência textual, não é aceitável pelo gênero notícia, que rejeita atitude de parcialidade em sua abordagem. A fala do autor do texto vem carregada de insinuações sobre o que pensa a respeito do ocorrido: “deveria ter prestado mais atenção”, “se ele tivesse tomado esse pequeno cuidado...”.

Apesar de haver feito uso de tempos verbais aceitáveis para a atitude de narrar, tais como futuro do *pretérito* (“deveria”), *imperfeito* do subjuntivo (“se ... tivesse”), o teor do conteúdo que esses verbos carregam, no contexto em que aparecem, torna a abordagem incompatível com as exigências do gênero. No caso do verbo “dever”, no qual se faz vigorar um procedimento de modalização, evidencia-se bastante a atitude opinativa. Por sua vez, o verbo “ter”, indicando condição, imposta pelo tempo verbal, reforça o caráter de posicionamento do autor, também não condizente com o gênero notícia.

O texto de A7, por seu turno, apresenta avaliações que são aceitáveis, pois não emitem juízo de valor, mas sim procedem a explicações. São duas formas de avaliação que aí se encontram: uma retrospectiva, quando faz referência à causa do ocorrido – “devido o confronto policial entre traficantes e policiais, que ocuparam o morro...” –, e outra prospectiva, com caráter de estimativa inevitável, em decorrência do quadro que se apresenta – “conflito que promete se estender por vários dias, já que nem traficantes nem policiais querem render-se.”

Na primeira avaliação, que ocorre neste último texto, o uso do pretérito perfeito vigora como um indicador de uma função assumida por esse tempo verbal: a função de

comentário, já que na narrativa em curso, o verbo que vai marcando o fio narrativo aparece no presente do indicativo – ...“*são* baleadas” ...“*faz* um apelo”

Na segunda avaliação do texto de A7, apesar do verbo aparecer no mesmo tempo adotado para o fio narrativo (presente do indicativo) – “conflito que promete se estender...” –, não há como confundir a sua função, porque, no contexto em que aparece, não se estabelece relações de causalidade. Se isso não ocorre, então não está na função de narrar, mas na de comentar e, naturalmente, exercendo uma avaliação.

É muito importante observar que o tempo verbal usado na função de narrar poderá até ser o mesmo – pretérito ou presente –, mas quando houver alternância do tempo, como é o caso da primeira avaliação de A7, ação no pretérito perfeito estabelecendo causalidade com uma ação no presente, indica que o tempo alternado funciona como uma explicação/avaliação.

Diferentemente, no caso em que atitude de narrar e de comentário vêm em um mesmo tempo, a atitude de comentário salienta-se porque esta não estabelece relação de causalidade com a ação precedente.

### MANIFESTAÇÃO 3

Opondo-se ao tipo de manifestação anterior, temos casos de textos (A3, A5, A6 e A8) que apresentam situação final, mas não apresentam avaliação.

A3	1ª revisão	A5	1ª revisão	S8	1ª revisão
	<p><i>Polêmica em uma igreja evangélica</i></p> <p>No dia 03 de março de 2007 por volta das 9:00 hs da manhã de domingo na Igreja Adventista do Sétimo dia, localizada no Bairro Iruí; Gabrielly Cristina Eichholz de apenas 1 (um) ano e meio foi vítima de uma barbaridade, e depois [foi] morta. Os pais Juliarcl Luiz Eichholz de 26 anos e Andréia Pereira também de 26 anos assistiam o culto; Gabrielly saiu de perto dos pais sem que eles percebessem; e brincava no pátio da Igreja; quando um homem passa por ali e vê a criança sozinha, ele pegou Gabrielly e levou para a piscina Batismal, onde cometeu sua barbaridade e logo afogou.</p> <p>Os Pais da criança logo sentiram sua falta e saiu à procura e a encontraram morta; chamaram a polícia que logo veio e encontraram pistas através das testemunhas, pegaram o assassino.</p> <p>O assassino logo foi preso e <b>vai cumprir sua pena na cadeia.</b></p>	<p>Um tiroteio ontem à noite abalou a igreja cristã</p> <p>Muitas pessoas ficaram feridas e quase 50 pessoas morreram em um conflito que aconteceu na Igreja São Francisco, na Rua João XXIII, nº. 100, no Bairro de Niterói, no Rio de Janeiro, Isso aconteceu ontem à noite, Um tiroteio tirou a atenção dos fiéis.</p> <p>Estava acontecendo um ato ecumênico, quando um carro em que estavam os ladrões apareceu em disparada e parou em frente à Igreja São Francisco, e os ladrões começaram a atirar, entrando em conflito com os policiais que viam seguindo-os, e começaram a atirar contra a polícia que acabou ferindo algumas pessoas com balas perdidas. Os policiais conseguiram prender os bandidos, <b>e depois pediram ajuda pelo rádio, chamaram a ambulância para socorrer os feridos.</b></p>	<p><u>Fiéis são agredidos</u></p> <p>Na noite de quarta feira, dia 30 de maio, um homem que mora vizinho à uma igreja, na Barra do Ceará, estava sentindo-se incomodado com o barulho que os seus seguidores estavam fazendo na igreja. Furioso com o barulho ele saiu de sua casa, foi até a igreja pedir aos fiéis que diminuíssem-o mesmo, pois estava insuportável, mas os fiéis não atenderam seu pedido.</p> <p>O homem que era conhecido por Zezé e tinha aproximadamente 40 anos de idade foi à delegacia próxima para fazer um Boletim de Ocorrência, com isso vieram os policiais e problema foi resolvido, naquele dia, mas no dia seguinte o barulho continuou do mesmo jeito de antes, então o senhor Zezé que ficou ainda mais aborrecido com os fiéis, e decidiu resolver o problema do seu modo.</p> <p>De posse de um cacete ele saiu espalhando os fiéis para todos os lados, <b>os fiéis que ficaram assustados com a atitude agressiva do homem fecharam a igreja e não abriram mais.</b></p>		

A situação final em A<sub>3</sub> é apresentada através de uma locução verbal – “vai cumprir” – que tem caráter de tempo futuro. Por ser encabeçada pelo auxiliar “ir” (no presente do indicativo), exprime o firme propósito de realização e em tempo imediato (CUNHA; CINTRA, p. 385), fazendo jus ao modo indicativo. Nesse particular, cumpre uma atitude de fala prospectiva indicando uma utilização do mundo do comentário, pois na estrutura da seqüência narrativa, a situação final situa-se no “depois” do narrar propriamente dito.

No texto A<sub>5</sub>, o uso do pretérito perfeito, na situação final, define também a atitude de comentário, pois se percebe que, no contexto em que aparece – “e depois pediram ajuda pelo rádio, chamaram a ambulância para socorrer os feridos” –, não estabelece relação de causalidade com a proposição anterior (desfecho). O objetivo, aí, é travar uma interação com o leitor para efeito de esclarecimento sobre a consumação do fato.

No texto de A<sub>8</sub>, vamos encontrar também o uso do pretérito perfeito na situação final. Na primeira realização – “os fiéis que ficaram assustados com a atitude agressiva do homem” –, sua função é indicar quem são os participantes da ação empreendida, já que se trata de oração adjetiva restritiva.

Na realização que vem a seguir – “fecharam a igreja e não abriram mais” – tem-se a idéia da ação efetivada e do efeito decisivo de tal ação, em função do caráter conclusivo do tempo verbal e do advérbio de intensidade “mais”. Assim, manifesta-se a parte básica da situação final do aludido texto.

#### ***MANIFESTAÇÃO 4***

Os textos A<sub>4</sub> e A<sub>6</sub> apresentam avaliação e situação final.

A4	1ª revisão
<i>Um casal evangélico desvia dinheiro da igreja</i>	
<p>Na cidade de Espírito Santo, em Santa Catarina, casal foi descoberto desviando dinheiro da própria igreja que freqüentava.</p> <p>No dia 03 de março de 2006, Mônica Oliveira de 35 anos e Carlos Oliveira de 42 anos. Foram descoberto por desviar dinheiro dos fiéis para uso e gastos pessoais.</p> <p>Os religiosos era famoso por seus cultos que reunia milhares de fiéis. Nos cultos eles pedia dinheiro para Deus os abençoar, tinha gente que dava tudo que tinha, relógio, dinheiro, jóias e se não tinha dinheiros eles poderia até pagar com cartão de créditos em nome de Deus. <b>Teve fiéis que acharam estranho que começavam enfiestigar.</b></p> <p>A polícia descobriu que realmente estava desviando dinheiro, mas seria difícil ter provas concretas para acusá-los, pois muitos fiéis negarão o envolvimento do casal na lavagem do dinheiro. Mais com a investigação do polícia o casal forão avastado das suas realizações religiosas, proibido de fazer cultos e reuniões, <b>muitos fiéis fazirão manifestações para inocentas o casal.</b></p> <p>O casal ficarão mantido em vigilância até terminarem investigações policial.</p>	

A6	2ª revisão
Incidente em Igreja Evangélica	
<p>Mulher é agredida por pastor de Igreja Protestante.</p> <p>Nara Lúcia Duavy, 47 anos, foi agredida por líder de uma igreja protestante, situada no centro da cidade.</p> <p>Em uma das reuniões ocorridas na Igreja, a mesma se interessou em fazer uma visita com uma amiga, afim de conhecer a doutrina.</p> <p>Tal visita reprovou totalmente, seu conceito sobre a religião.</p> <p>O fato girou em torno de uma discussão acerca do dízimo, ajuda dada pelos fiéis, as obras sociais da Igreja.</p> <p>Indagada sobre o valor que teria de dar, a vítima negou-se a repassar o dinheiro, suscitando o início da discussão.</p> <p>O pastor <b>vendo-se contrariado com a negação da vítima</b>, atacou a mesma, expulsando-a da Igreja arrastada pelos cabelos.</p> <p>A vítima dirigiu-se as autoridades, abrindo boletim de ocorrência contra o agressor; em virtude do caso o inquérito será instaurado por danos morais.</p>	

Em A4, a primeira avaliação – “mas seria difícil ter provas concretas para acusá-los, pois muitos fiéis negarão o envolvimento do casal na lavagem de dinheiro” – ocorre no transcurso da complicação. A segunda – muitos fiéis faziam manifestações para inocentar o casal – efetiva-se no âmbito da resolução.

Para imprimir o caráter de dúvida que se instala na apuração dos fatos, na primeira avaliação, o autor faz uso do verbo no futuro do pretérito – “seria”. Já, na segunda, como se trata de uma ação efetiva, faz uso do pretérito perfeito – “negarão” [correspondendo a “negaram”].

Na segunda avaliação, o uso do suposto pretérito imperfeito [faziam], ao invés de pretérito perfeito, sinaliza para uma mudança de rumo assumida pelo tempo verbal. Trata-se de reação a uma ação anterior que apresenta o caráter de desfecho. Aliás, a referida reação constitui uma retomada do que é disposto na primeira avaliação.

Por outro lado, na passagem “O casal ficarão mantido em vigilância até terminarem investigações policial”, não se pode negar a sua posição como situação final, pois, apesar de aparecer com o mesmo tempo verbal utilizado no fio narrativo, demonstra, com o auxílio deste, um quadro que se estabelece depois da resolução.

No texto de A6, o segundo parágrafo corresponde a uma avaliação explicativa, para situar o leitor em relação ao episódio ocorrido. Esse tipo de avaliação é perfeitamente aceitável na produção de notícia, porque não transgredir o caráter de imparcialidade que a este

gênero faz jus. Já no final do texto, aparece uma avaliação de teor opinativo, apresentando, assim, uma certa subjetividade do autor desse texto, contrariando um dos postulados do gênero.

Em A6, a situação final aparece de forma deslocada, no quinto, parágrafo. Porém, não há como deixar de reconhecê-la. A bem da verdade, essa parte da narrativa reenvia à situação inicial e é isso que ocorre na passagem do texto à qual nos referimos – o caso está sendo resolvido pelas autoridades.

Diante da avaliação e da situação final – que indicam a inserção da narrativa em uma situação de interlocução –, para reconhecê-las, não basta ter em mente a função mais geral de ambas, é preciso verificar os possíveis espaços em que aparecem e observar os seus limites na co-ocorrência com outras funções cumpridas por outros elementos do texto.

#### 4.3.2.2.2 Segundo momento

No segundo momento da análise envolvendo a estrutura da sequência textual narrativa, pleiteia-se verificar se há sintonia entre os resultados e a hipótese referente à influência do docente na produção do aluno, no que diz respeito à aludida estrutura.

##### 4.3.2.2.2 a) Resumo e situação inicial/orientação

Para a análise deste item, lidaremos com cinco formas de manifestação.

#### ***MANIFESTAÇÃO 1***

O texto A1, apesar de ter sofrido pequenas alterações, continua não apresentando resumo no primeiro parágrafo.

A1	2ª revisão
<u>TRAGÉDIA</u>	
<p>Na cidade canta galo, houve um acidente , um carro desgovernado cujo o responsável estava alcoolizado, atropelou dez pessoas provocando uma morte.</p> <p>Numa Cidade chamada canta Galo, no dia 10 de novembro às 18:30 hrs hove uma Romaria , onde se reuniram 500 pessoas , no meio dessa grande festa religiosa um carro desgovernado de marca HILUX, NVW 1603, atropelou 10 pessoas, dentre elas uma senhora chamada Luiza Gonçalves de 45 na os que morreu na hora e os outros só sofreram ferimentos leves, o motorista que calsou esse acidente chamava-se Alexandre vieira de 29 anos que foi preso após o acontecido, pelos policiais que se encontravam no local, devem ser tomadas várias cuidados começando pelo irresponsável, Ele deveria ter mais cuidado ao pegar na direção de um carro pois ele estava muito embriagado, se ele tivesse tomado esse cuidado nada disso teria acontecido.</p>	

No entanto, o autor do texto introduz uma macroproposição resumitiva, logo após o título, que, conforme a estrutura da notícia, trata-se de um subtítulo – uma macroproposição que vem abaixo do título.

Apesar de o autor proceder a um resumo antes do desenrolar do texto, ele sinaliza para uma dificuldade sua sobre a estrutura da notícia, levantando dúvidas sobre a referida macroproposição, se na sua concepção trata-se mesmo de subtítulo ou de um *lead*. Se essa notícia fosse um texto oral, possivelmente não se perceberia esse pormenor.

No trato do tempo verbal – que, na orientação, marca o pano de fundo das ações narrativas –, encontramos o pretérito imperfeito (“...estava alcoolizado...”) e forma correspondente (“um carro [que estava ou vinha] desgovernado”).

## **MANIFESTAÇÃO 2**

Os textos de A3 e A8 introduzem o resumo no primeiro parágrafo, mas cada um apresenta uma particularidade em termos de alteração.

A3	2ª revisão
Polêmica em uma Igreja Evangélica	
<p>No dia 03 de março de 2007 em um domingo pela manhã por volta das 9:00hs na Igreja Adventista do sétimo dia situada no Bairro Iririú, Gabrielly Cristina Eichholz de apenas 1 ano e meio foi vítima de um ato horroroso e depois morta.</p> <p>Enquanto seus pais Juliard Luiz Eichholz de 26 anos e Andréia Pereira de 26 anos assistiam um culto ela brincava no pátio da Igreja, quando um homem por nome de José passava por ali e viu a criança sozinha, ele pegou ele pegou a criança e levou para um local e praticou um ato horrível e depois afogou na piscina Batismal</p> <p>O caso chocou a cidade Inteira e todas as igrejas, ele foi preso e vai pagar a sua pena.</p>	

A8	2ª revisão
Ônibus é apedrejado	
<p>Na quata feira 18 de junho um ônibus é apedrejado no bairro Planalto Regatas.</p> <p>Um ônibus que fazia a linha Planalto Regatas foi atingido a pedras quando estava fazendo o seu percurso naquele bairro. Moradores ficaram revoltados com o motorista que não parou para levar um ancião que havia dado sinal, as pessoas que estavam no local, começaram a jogar pedras no ônibus, o motorista desceu e começou a confusão. A polícia foi chamada para acalmar os moradores que logo foram se retirando e o ônibus foi liberado.</p>	

O texto de A3 coloca o resumo nos moldes da notícia, ao apresentá-lo no primeiro parágrafo, sem o embaraço que se fez presente na primeira revisão. Em relação ao tempo verbal que apareceria para marcar pano de fundo na orientação, encontramos uma estrutura de oração reduzida: “igreja evangélica localizada no bairro Pedras...” – que, ao ser desenvolvida, ficaria: “igreja evangélica [que fica ou está] localizada no bairro Pedras...”. A utilização do tempo presente traz a abordagem para o momento da enunciação porque o quadro descrito é de caráter permanente, isto é, supõe-se que a igreja ainda esteja situada na mesma rua e no mesmo bairro onde estava antes. Com isso, mais uma vez, estamos diante do uso do tempo verbal que representa uma das possibilidades de aparecimento na macroproposição “orientação”.

O texto de A8, não tendo apresentado o resumo na primeira revisão (considerando o não aparecimento do conflito básico no primeiro parágrafo), recupera esse procedimento na segunda versão, ou melhor dizendo, no segundo texto. Vale esclarecer que A8 alterou totalmente o conteúdo (do resumo e do texto) da produção anterior (PRIMEIRO MOMENTO – RESUMO E SITUAÇÃO INICIAL .... – manifestação 2), obtendo, como resultado, um novo texto.

O cenário que se apresenta na parte da orientação do último texto de A8, no primeiro parágrafo, vem realçado pelo tempo verbal no presente (...um ônibus é apedrejado...), como que atraindo a atenção do leitor para o momento da efetivação do fato abordado.

### ***MANIFESTAÇÃO 3***

Os textos de A2, A4 e A5 mantêm o resumo da versão anterior.

A2	A4	S5
<p><b>2ª revisão</b></p> <p>VÂNDALOS INVADEM PROPRIEDADE EVANGÉLICA</p> <p>Durante a inauguração da propriedade de uma igreja evangélica, localizada no bairro Pedras BR116, local de difícil acesso por motivo de pouca iluminação, houve momentos de pavor, medo e insegurança.</p> <p>Freqüentemente naquela propriedade se reúnem nas última sexta-feira de cada mês aproximadamente cem membros em vigília (oração), para intercederem por diversas causas dando início às 23:00hs e encerrando às 5:00hs da manhã do dia seguinte.</p> <p>Naquela noite a vigília foi interrompida por alguma horas de tensão, pois aquela propriedade simplesmente foi invadida por vândalos delinquentes, que ameaçavam todos, suportantes armados de revólveres, a ponto de para o ministro da oração.</p> <p>Todos os membros seguiam as suas ordens, com a intenção de não acontecer o pior.</p> <p>Então mesmo com todo aquele clima tenso, não nos abalamos e continuamos em oração.</p> <p>A situação foi contornada, os bandidos se renderam com a chegada do policiamento que já os perseguiam de outro assalto.</p> <p>Eles os vândalos não tiveram opção e não se negaram em entregarem suas armas e seguirem em viagem na viatura da Polícia Militar comandada pelo Sargento Cavalcante do 32º distrito Policial.</p> <p>Os membros mais uma vez louvaram a Deus, mais do que nunca, sem cessar com gratidão, do que ele faz por todos nós em sua misericórdia infinita.</p>	<p><b>2ª revisão</b></p> <p><i>Um casal evangélico desvia dinheiro da igreja</i></p> <p>Na cidade de Espírito Santo, em Santa Catarina, casal foi descoberto desviando dinheiro da própria igreja que freqüentava.</p> <p>No dia 03 de março de 2006, Mônica Oliveira de 35 anos e Carlos Oliveira de 42 anos. Foram descoberto por desviar dinheiro dos fiéis para uso e gastos pessoais.</p> <p>Os religiosos era famoso por seus cultos que reunia milhares de fiéis. Nos cultos eles pedia dinheiro para Deus os abençoar, tinha gente que dava tudo que tinha, relógio, dinheiro, jóias e se não tinha dinheiro eles poderia até pagar com cartão de créditos em nome de Deus. Teve fiéis que acharam estranho que começavam enfiestigar.</p> <p>A polícia descobriu que realmente estava desviando dinheiro, mas seria difícil ter provas concretas para acusá-los, pois muitos fiéis negarão o envolvimento do casal na lavagem do dinheiro. Mais com a investigação do polícia o casal foram avastado das suas realizações religiosas, proibido de fazer cultos e reuniões, muitos fiéis fizeram manifestações para inocentes o casal.</p> <p>O casal ficarão mantido em vigilância até terminarem investigações policial.</p>	<p><b>2ª revisão</b></p> <p>Um tiroteio ontem à noite abalou a igreja cristã</p> <p>Muitas pessoas ficaram feridas e quase 50 pessoas morreram em um conflito que aconteceu na Igreja São Francisco, na Rua João XXIII, nº. 100, no Bairro de Niterói, no Rio de Janeiro, Ontem à noite um tiroteio tirou a atenção dos fiéis.</p> <p>Estava acontecendo um ato ecumênico, quando um carro em que estavam os ladrões apareceu em disparada e parou em frente à Igreja São Francisco, e os ladrões começaram a atirar, entrando em conflito com os policiais que viam seguindo-os, e começaram a atirar contra a polícia que acabou ferindo algumas pessoas com balas perdidas. Os policiais conseguiram prender os bandidos, e depois pediram ajuda pelo rádio, chamaram a ambulância para socorrer os feridos</p>

Apenas neste último houve uma pequena alteração – sem repercussão na significação do texto –, ao ser retirada a seguinte oração de caráter anafórico: “isso aconteceu” (1º §, antes do último período: “Isso aconteceu ontem à noite...” – 1ª versão). Pode-se retomar a análise empreendida sobre a primeira revisão e verificar que a esta corresponde também a segunda, que expomos a seguir.

O texto A2, apesar de manter o resumo da versão anterior na primeira revisão, somente a partir daí apresenta a expansão desse resumo incluindo o desenvolvimento de

macroproposições que envolvem o fio narrativo, manifestando-se do terceiro parágrafo em diante.

No referido resumo, conforme já foi abordado no primeiro momento, aparece a complicação (parte obrigatória da narrativa e, conseqüentemente, do resumo), de forma insinuada – apresentando apenas as conseqüências –, como se pode constatar na passagem grifada no texto. O sinal linguístico básico que compõe a complicação – pretérito perfeito – marca sua presença, unicamente, com uma realização (“houve”), dada a abordagem muito geral desse aspecto narrativo em tal texto.

No que tange à situação inicial/orientação, que corresponde a contextualização da complicação e que pode aparecer no resumo, vem com muitos detalhes, que até são retomados mais adiante no segundo parágrafo – alusão já feita por nós no primeiro momento de análise da produção textual.

Também enfocamos, antes, que nessa orientação pode ser inferido o uso do tempo verbal presente do indicativo na oração reduzida de particípio: “localizada...”, que ao desdobrar-se significa “que se localiza...” – para referir-se ao *locus* onde transcorreu o fato. Aliás, essa construção temporal é compatível com a descrição através do uso, diretamente, do tempo “presente” no segundo parágrafo – “reúnem” –, o qual articula uma atitude relacionada ao ambiente, que é de caráter permanente – “Frequentemente naquela propriedade se reúnem nas última sexta-feira”.

Sem dúvida, o resumo pode trazer detalhes amparados pela orientação/situação inicial, através de tempos verbais que lhe são bem particulares. Um outro caso aparece no texto de A4: aí, ao ser apresentado o contexto onde o fato transcorreu, encontramos o autor fazendo uso do tempo verbal no pretérito imperfeito (...igreja que *frequentava*...). Já no texto de A5, vê-se a ocorrência do pretérito perfeito do indicativo (...*aconteceu* na Igreja... *aconteceu* ontem à noite...). Mas, por outro lado, ainda, no texto de A5, há um procedimento de situação inicial onde entra em cena o tempo pretérito imperfeito (*Estava* acontecendo... *quando* um carro em que *estavam*...).

#### **MANIFESTAÇÃO 4**

O texto de A7 apresenta retrocesso em termos de apreensão dos critérios para a elaboração do resumo da notícia, que deve parecer no primeiro parágrafo e não diluído no texto como aparece.

S7

2ª revisão

Rio de Janeiro: “Conflito entre policiais e Traficantes”.

No morro três pessoas são baleadas por balas perdidas, devido o confronto policial entre traficantes e policiais, que ocuparam o morro. Ninguém sai nem entra no morro sem identificação. Os moradores estão apavorados, alguns já estão dentro de suas casas há mais de vinte e quatro horas. Mulheres e crianças não são poupados neste conflito, que promete se estender por vários dias, já que nem traficantes nem policiais querem render-se. A Igreja faz um apelo pedindo o fim do conflito e reza pra que tudo termine bem. As pessoas estão revoltadas por não poderem, participar dos cultos religiosos.

Já passa das quarenta e oito horas o conflito entre policiais e traficantes do morro e aumenta o número de feridos, pessoas que não tem nada a ver com o tráfico de drogas são sacrificados em suas próprias casas sem chances de sobrevivência por parte, dos policiais, os mesmos estão agindo de forma irracional.

Na versão anterior do texto de A7, o autor havia disposto o resumo exclusivamente no primeiro parágrafo. Nessa versão, o resumo aparece no parágrafo inicial (primeiro período), mas seguindo-o, no mesmo parágrafo, já vêm os desdobramentos da macroproposição básica (complicação) que compõe o resumo, complementada por uma busca de resolução (a igreja faz um apelo...).

A orientação/ambientação fica bem expressa sobretudo através do verbo estar, no tempo presente (...estão apavorados... estão dentro de suas casas...), indicando “um estado de coisas” que se apresenta no momento conflitante.

### **MANIFESTAÇÃO 5**

O texto de A6 continua com resumo no primeiro parágrafo.

A6

2ª revisão

Incidente em Igreja Evangélica

Mulher é agredida por pastor de Igreja Protestante.

Nara Lúcia Duavy, 47 anos, foi agredida por líder de uma igreja protestante, situada no centro da cidade.

Em uma das reuniões ocorridas na Igreja, a mesma se interessou em fazer uma visita com uma amiga, afim de conhecer a doutrina.

Tal visita reprovou totalmente, seu conceito sobre a religião.

O fato girou em torno de uma discussão acerca do dízimo, ajuda dada pelos fiéis, as obras sociais da Igreja.

Indagada sobre o valor que teria de dar, a vítima negou-se a repassar o dinheiro, suscitando o início da discussão.

O pastor vendo-se contrariado com a negação da vítima, atacou a mesma, expulsando-a da Igreja arrastada pelos cabelos.

A vítima dirigiu-se as autoridades, abrindo boletim de ocorrência contra o agressor; em virtude do caso o inquérito será instaurado por danos morais.

Nesta versão, porém, apesar de algumas eliminações, é acrescentado um detalhe sobre a vítima (47 anos), que propicia uma maior especificidade – não se trata simplesmente de uma senhora, mas de uma senhora de 47 anos. Isso, antes, só aparecia no corpo do texto.

No resumo, vamos encontrar a orientação do espaço, onde se deu a complicação, no âmbito de uma oração reduzida de participio (“situada no centro da cidade”). Esta, se desenvolvida, faz evidenciar-se o tempo verbal no presente do indicativo (“que fica situada no centro da cidade”), que constitui um dos tempos verbais que se presta a tal contexto.

#### 4.3.2.2.2 b) Complicação e resolução

Para a análise da complicação e da resolução, vamos nos apoiar em cinco formas de manifestação.

### ***MANIFESTAÇÃO 1***

O texto de A2 apresenta um avanço no que diz respeito à estruturação do plano global da sequência textual. Na primeira revisão, isso ficou a desejar.

A2	2ª revisão
<p>VÂNDALOS INVADEM PROPRIEDADE EVANGÉLICA</p>	
<p>Durante a inauguração da propriedade de uma igreja evangélica, localizada no bairro Pedras BR116, local de difícil acesso por motivo de pouca iluminação, houve momentos de pavor, medo e insegurança.</p>	
<p>Freqüentemente naquela propriedade se reúnem nas última sexta-feira de cada mês aproximadamente cem membros em vigília (oração), para intercederem por diversas causas dando início às 23:00hs e encerrando às 5:00hs da manhã do dia seguinte.</p>	
<p>Naquela noite a vigília foi interrompida por alguma horas de tensão, pois aquela propriedade simplesmente <b>foi invadida</b> por vândalos delinquentes, que <b>ameaçavam</b> todos, suportantes armados de revólveres, apontado para o ministro da oração.</p>	
<p>Todos os membros <b>seguiram</b> as suas ordens, com a intenção de não acontecer o pior.</p>	
<p>Então mesmo com todo aquele clima tenso, não nos abalamos e continuamos em oração.</p>	
<p>A situação foi contornada, os bandidos <b>se renderam</b> com a chegada do policiamento que já os perseguiam de outro assalto.</p>	
<p>Eles os vândalos não tiveram opção e não se negaram em entregarem suas armas e seguirem em viagem na viatura da Polícia Militar comandada pelo Sargento Cavalcante do 32º distrito Policial.</p>	
<p>Os membros mais uma vez louvaram a Deus, mais do que nunca, sem cessar com gratidão, do que ele faz por todos nós em sua misericórdia infinita.</p>	

Na segunda, porém, é introduzido o percurso do fio narrativo. O início do conflito é marcado por uma forma verbal de pretérito perfeito, conforme se vê grifada no texto – “foi

invadida”. No entanto, os dois episódios imediatos (que dão continuidade por uma relação causal) vêm expressos pelo verbo no pretérito imperfeito – “ameaçavam”; “seguiam”. Esse procedimento de alternância do tempo verbal está nos mostrando que há uma mudança de rumo na trajetória que vem sendo percorrida. Nesse momento é como se o olhar do autor se voltasse exclusivamente para o quadro conflitante vivenciado pela comunidade.

Depois, retoma o conflito vivenciado pelos vândalos, recuperando a sequência: “propriedade (...) foi invadida”; “os bandidos se renderam com a chegada do policiamento”. Portanto, o uso do pretérito imperfeito, ao invés de pretérito perfeito, ocorre para mostrar os dois pontos de vista na trajetória da narrativa, porque esse procedimento força o leitor a buscar um sentido que, normalmente, só será percebido se for feito o uso desse artifício.

Apesar de o autor do texto se valer do mecanismo de transição do tempo verbal para processar a trajetória narrativa, é perfeitamente reconhecível o desenrolar dos fatos que constituem complicação/resolução: “foi invadida”; “ameaçavam”; “seguiam as ordens”; “se renderam”.

## MANIFESTAÇÃO 2

Nos textos de A1, A4, A5 e A7 vamos encontrar a manutenção da sequência dos fatos adotada pelo autor na primeira revisão.

A1	2ª revisão	A4	2ª revisão
<p><u>TRAGÉDIA</u></p> <p>Na cidade canta galo, houve um acidente , um carro desgovernado cujo o responsável estava alcoolizado, atropelou dez pessoas provocando uma morte.</p> <p>Numa Cidade chamada canta Galo, no dia 10 de novembro às 18:30 hrs houve uma Romaria , onde se reuniram 500 pessoas , no meio dessa grande festa religiosa um carro desgovernado de marca HILUX, NVW 1603, <b>atropelou</b> 10 pessoas, dentre elas uma senhora chamada Luiza Gonçalves de 45 anos que <b>morreu na hora e os outros só sofreram ferimentos</b> leves, o motorista que calsou esse acidente chamava-se Alexandre vieira de 29 anos que <b>foi preso</b> após o acontecido, pelos policiais que se encontravam no local, devem ser tomadas várias cuidados começando pelo irresponsável, Ele deveria ter mais cuidado ao pegar na direção de um carro pois ele estava muito embriagado, se ele tivesse tomado esse cuidado nada disso teria acontecido.</p>	<p><i>Um casal evangélico disvia dinheiro da igreja</i></p> <p>Na cidade de Espírito Santo, em Santa Catarina, casal foi descoberto desviando dinheiro da própria igreja que freqüentava.</p> <p>N o dia 03 de março de 2006, Mônica Oliveira de 35 anos e Carlos Oliveira de 42 anos. Foram descoberto por disviar dinheiro dos fiéis para uso e gastos pessoais.</p> <p>Os religiosos era famoso por seus cultos que reunia milhares de fiéis. Nos cultos eles pedia dinheiro para Deus os abençoar, tinha gente que dava tudo que tinha, relógio, dinheiro, jóias e se não tinha dinheiros eles poderia até pagar com cartão de créditos em nome de Deus. Teve fiéis que <b>acharam estranho</b> que <b>começavam enfiestigar</b>.</p> <p>A polícia <b>descobriu</b> que realmente estava disviando dinheiro, mas seria difícil ter provas concretas para acusá-los, pois muitos fieis negarão o envolvimento do casal na lavagem do dinheiro. Mais com a investigação do polícia o casal <b>forão avastado</b> das suas realizações religiosas, proibido de fazer cultos e reuniões, muitos fiéis fazirão manifestações para innocentas o casal.</p> <p>O casal ficarão mantido em vigilância até terminarem investigações policial.</p>		

S5	2ª revisão	S7	2ª revisão
<p>Um tiroteio ontem à noite abalou a igreja cristã</p> <p>Muitas pessoas ficaram feridas e quase 50 pessoas morreram em um conflito que aconteceu na Igreja São Francisco, na Rua João XXIII, nº. 100, no Bairro de Niterói, no Rio de Janeiro, Ontem à noite um tiroteio tirou a atenção dos fiéis.</p> <p>Estava acontecendo um ato ecumênico, quando um carro em que estavam os ladrões apareceu em disparada e parou em frente à Igreja São Francisco, e os ladrões <b>começaram a atirar</b>, entrando em conflito com os policiais que viam seguindo-os, e começaram a atirar contra a polícia que <b>acabou ferindo</b> algumas pessoas com balas perdidas. Os policiais <b>conseguiram prender</b> os bandidos, e depois pediram ajuda pelo rádio, chamaram a ambulância para socorrer os feridos.</p>	<p>Rio de Janeiro: “Conflito entre policiais e Traficantes”.</p> <p>No morro três pessoas <b>são baleadas</b> por balas perdidas, devido o confronto policial entre traficantes e policiais, que ocuparam o morro. Ninguém sai nem entra no morro sem identificação. Os moradores estão apavorados, alguns já estão dentro de suas casas há mais de vinte e quatro horas. Mulheres e crianças não são poupados neste conflito, que promete se estender por vários dias, já que nem traficantes nem policiais querem render-se. A Igreja <b>faz um apelo</b> pedindo o fim do conflito e <b>reza</b> pra que tudo termine bem. As pessoas estão revoltadas por não poderem, participar dos cultos religiosos.</p> <p>Já passa das quarenta e oito horas o conflito entre policiais e traficantes do morro e aumenta o número de feridos, pessoas que não tem nada a ver com o tráfico de drogas são sacrificados em suas próprias casas sem chances de sobrevivência por parte, dos policiais, os mesmos estão agindo de forma irracional.</p>		

O texto de A1, particularmente, apresenta a mesma sequência utilizada na primeira versão – “atropelou”; “morreu/tiveram (sofreram) ferimentos”; “foi preso”. Aqui, pode-se observar que algumas alterações foram feitas, em termos de deslocamento dos elementos das frases, entretanto a sequência cronológica das ações, que vêm encabeçadas pelo tempo verbal, manteve-se. A fidelidade ocorreu não somente em relação ao tempo verbal – pretérito perfeito –, mas também no que diz respeito ao conteúdo semântico, tanto que a única alteração quase passa despercebida, por se tratar de uma paráfrase: “sofreram ferimentos” – proveniente de “tiveram ferimentos”.

Sem dúvida, se há necessidade de melhoramento sobre o desempenho linguístico do autor desse texto, a dificuldade recai na estruturação de frases, mas isso não é objeto de nossa análise nesse trabalho.

O texto de A4, por sua vez, manteve-se na íntegra, portanto, no percurso das ações, que envolvem complicação/resolução, as formas verbais são as mesmas observadas na primeira revisão – “acharam estranho”; “começaram a investigar”; “descobriu”; “foram afastado” –, já que o texto não sofreu alteração de modo algum.

Também, no texto de A5, pode-se observar o procedimento de não alteração das ações no trajeto complicação/resolução – “começaram a atirar”; “acabou ferindo”; “conseguiram prender”. Só que, nesse caso, o autor empreendeu uma modificação mínima na parte inicial de seu texto, conforme já abordamos no item que trata da “orientação/situação inicial”.

O texto de A7 até mostra uma alteração significativa em algumas macroproposições – resumo; avaliação –, mas o caminho percorrido pela complicação/resolução permaneceu intacto. As ações do fio narrativo que aí são observadas são as mesmas que transcorreram na primeira revisão: “são baleadas”; “faz um apelo e reza”. Diferentemente do que ocorreu nos

textos anteriores, neste as ações são representadas com o verbo no tempo presente, dando a entender que o autor coloca seu interlocutor diante da situação de enunciação.

Nos textos de A1, A4 e A5, o fio narrativo vai se cumprindo através da forma verbal de pretérito perfeito, que faz jus à sua função nesse transcurso, no qual reconhece-se as relações de causalidade que se estabelecem de uma ação para outra. No texto de A7, essa relação é verificada nas ações que aparecem no presente do indicativo que (como o pretérito) vem marcando uma ordem cronológica.

### **MANIFESTAÇÃO 3**

O texto de A3, nessa segunda revisão, apresenta uma mudança no trajeto das ações. Ao invés de proceder a um duplo percurso – como ocorrera na primeira revisão, adota um percurso único.

<b>A3</b>	<b>2ª revisão</b>
<p>Polêmica em uma Igreja Evangélica</p> <p>No dia 03 de março de 2007 em um domingo pela manhã por volta das 9:00hs na Igreja Adventista do sétimo dia situada no Bairro Iririú, Gabrielly Cristina Eichholz de apenas 1 ano e meio foi vítima de um ato horroroso e depois morta.</p> <p>Enquanto seus pais Juliard Luiz Eichholz de 26 anos e Andréia Pereira de 26 anos assistiam um culto ela brincava no pátio da Igreja, quando um homem por nome de José passava por ali e viu a criança sozinha, ele <b>pegou</b> ele pegou a criança e <b>levou</b> para um local e <b>praticou</b> um ato horrível e depois <b>afogou</b> na piscina Batismal</p> <p>O caso chocou a cidade Inteira e todas as igrejas, ele <b>foi preso</b> e vai pagar a sua pena.</p>	

Conforme já expomos na primeira revisão, o autor havia focado o conflito sob duas perspectivas: a trajetória do assassino e a trajetória dos pais da vítima. Na segunda revisão, porém, a perspectiva seguida é apenas pelo ângulo da trajetória percorrida pelo assassino. Os dados sobre os pais da vítima reduzem-se somente ao pano de fundo, que se trata da orientação na narrativa.

Olhando o desencadear dos fatos, eis o trajeto complicador, marcado pelas formas verbais no pretérito perfeito: “viu”; “pegou”; “levou”; “praticou”; “afogou”. Chegado ao final desse percurso, o autor ainda faz uso de uma outra forma verbal no pretérito perfeito – “chocou” –, mas esta não faz parte da trilha do assassino, quer dizer, não exerce a mesma função das formas que lhe antecederam, por isso não integra a complicação.

Todavia, a forma verbal “foi preso”, retoma a sequência das ações, como uma sanção, e, então, tem-se a resolução da complicação também representada pelo pretérito perfeito. As ações por essa forma verbal representadas vêm em um contexto no qual cada uma articula-se pela relação de causalidade, que é aquilo que confere à referida sequência o caráter narrativo.

Apesar de o autor do texto haver desenvolvido a narrativa cumprindo o plano global do gênero notícia, a omissão da trajetória seguida pelos pais da vítima, que tão bem fora abordada na primeira revisão, causou um certo prejuízo ao sentido do texto, devido à importância de tais detalhes.

#### **MANIFESTAÇÃO 4**

O texto de A<sub>6</sub> apresenta um rebuscamento na articulação do conteúdo e bastante segmentação paragrafada, de tal forma que o direcionamento da complicação propriamente dita só aparece no quinto parágrafo.

A <sub>6</sub>	2ª revisão
Incidente em Igreja Evangélica	
Mulher é agredida por pastor de Igreja Protestante.	
<p>Nara Lúcia Duavy, 47 anos, foi agredida por líder de uma igreja protestante, situada no centro da cidade.</p>	
<p>Em uma das reuniões ocorridas na Igreja, a mesma se interessou em fazer uma visita com uma amiga, afim de conhecer a doutrina.</p>	
<p>Tal visita reprovou totalmente, seu conceito sobre a religião.</p>	
<p>O fato girou em torno de uma discussão acerca do dízimo, ajuda dada pelos fiéis, as obras sociais da Igreja.</p>	
<p>Indagada sobre o valor que teria de dar, a vítima <b>negou-se</b> a repassar o dinheiro, suscitando o Início da discussão.</p>	
<p>O pastor vendo-se contrariado com a negação da vítima, <b>atacou</b> a mesma, expulsando-a da Igreja arrastada pelos cabelos.</p>	
<p>A vítima <b>dirigiu-se</b> as autoridades, abrindo boletim de ocorrência contra o agressor; em virtude do caso o inquérito será instaurado por danos morais.</p>	

Situando sobre o que gerou a atitude complicadora, o autor aborda ações, dentro de um processo marcado por relações de causalidade, vivenciadas pelos envolvidos na trama: “negou-se”; “atacou”; dirigiu-se.

Pelo que se apresenta nesse texto, o autor esforçou-se em contextualizar os episódios, sem muito engenho, mas conseguiu desenvolver o fio narrativo – da complicação à resolução – de forma breve e objetiva.

### **MANIFESTAÇÃO 5**

O texto de A8, na segunda revisão, teve alterado totalmente o seu conteúdo temático.

As	2ª revisão
Ônibus é apedrejado	<p>Na quarta-feira 18 de junho um ônibus é apedrejado no bairro Planalto Regatas.</p> <p>Um ônibus que fazia a linha Planalto Regatas foi atingido a pedras quando estava fazendo o seu percurso naquele bairro. Moradores <b>ficaram revoltados</b> com o motorista que não parou para levar um ancião que havia dado sinal, as pessoas que estavam no local, <b>começaram a jogar</b> pedras no ônibus, o motorista <b>desceu e começou</b> a confusão. A polícia <b>foi chamada</b> para acalmar os moradores que logo foram se retirando e o ônibus foi liberado.</p>

Entretanto, a dificuldade apresentada na primeira revisão, que é dispor a trajetória da narrativa depois do resumo, já não aparece na segunda revisão. Nesta versão do texto, só depois da abordagem global das ações que compõem complicação–resolução – “ônibus apedrejado ...” e “ônibus (...) foi atingido a pedras...” –, vêm as ações que seguem passo a passo essa parte – “ficaram revoltados...”; “começaram a jogar...”; “desceu...”; “começou...”; “foi chamada...”.

Essas ações, que aparecem no pretérito perfeito, e destacamos no texto, coocorrem com outras que vêm mais adiante no mesmo tempo verbal, exercendo outra função, conforme poderemos ver mais adiante. Afinal, o percurso narrativo, no sentido restrito, encerra-se na resolução, que corresponde ao final da história, não podendo ser confundido com “o que vem depois” – aspecto esse a ser exploradas no item seguinte dessa tese.

#### 4.3.2.2.2 c) Avaliação e situação final

Para o desenrolar da análise deste item, aparecem três tipos de manifestação.

### **MANIFESTAÇÃO 1**

Encontramos textos que não apresentam situação final, mas trazem avaliação. É o que ocorre em A1 e em A7. O texto de A1, na segunda revisão, sofreu algumas alterações no último parágrafo, mas essa parte continua exercendo uma função avaliativa.

<b>A<sub>1</sub></b>	<b>2ª revisão</b>
<u>TRAGÉDIA</u>	
<p>Na cidade canta galo, houve um acidente , um carro desgovernado cujo o responsável estava alcoolizado, atropelou dez pessoas provocando uma morte.</p> <p>Numa Cidade chamada canta Galo, no dia 10 de novembro às 18:30 hrs hove uma Romaria , onde se reuniram 500 pessoas , no meio dessa grande festa religiosa um carro desgovernado de marca HILUX, NVW 1603, atropelou 10 pessoas, dentre elas uma senhora chamada Luiza Gonçalves de 45 na os que morreu na hora e os outros só sofreram ferimentos leves, o motorista que calsou esse acidente chamava-se Alexandre vieira de 29 anos que foi preso após o acontecido, pelos policiais que se encontravam no local, devem ser tomadas várias cuidados começando pelo irresponsável, <b>Ele deveria ter mais cuidado ao pegar na direção de um carro pois ele estava muito embriagado, se ele tivesse tomado esse cuidado nada disso teria acontecido.</b></p>	

A avaliação que se vê, porém, não condiz com os postulados exigidos para o gênero notícia, o qual procura descartar atitude opinativa. A opinião no texto de A<sub>1</sub> é visível através das formas verbais de futuro do pretérito e imperfeito do subjuntivo – “deveria ter” e “tivesse tomado”–, apresentando assim uma posição do autor.

Não estamos negando, aqui, a validade de macroproposições avaliativas na notícia, mas o ato de opinar, para não cair em contradição com o que regula o gênero, cujo caráter de impessoalidade não deve ser esquecido. A avaliação na notícia deve aparecer como um procedimento explicativo.

Quanto à situação final, não se manifesta na superfície deste texto e nem seria obrigatória. Conforme afirma Adam (1997), essa parte da sequência não necessariamente aparece explicitada.

No texto de A<sub>7</sub> são observáveis dois procedimentos avaliativos.

<b>S<sub>7</sub></b>	<b>2ª revisão</b>
<p>Rio de Janeiro: “Conflito entre policiais e Traficantes”.</p> <p>No morro três pessoas são baleadas por balas perdidas, devido o confronto policial entre traficantes e policiais, que ocuparam o morro. Ninguém sai nem entra no morro sem identificação. Os moradores estão apavorados, alguns já estão dentro de suas casas há mais de vinte e quatro horas. Mulheres e crianças não são poupados neste conflito, que promete se estender por vários dias, já que nem traficantes nem policiais querem render-se. A Igreja faz um apelo pedindo o fim do conflito e reza pra que tudo termine bem. <b>As pessoas estão revoltadas por não poderem, participar dos cultos religiosos.</b></p> <p>Já passa das quarenta e oito horas o conflito entre policiais e traficantes do morro e aumenta o número de feridos, pessoas que não tem nada a ver com o tráfico de drogas são sacrificados em suas próprias casas sem chances de sobrevivência por parte, dos policiais, <b>os mesmos estão agindo de forma irracional.</b></p>	

A primeira avaliação – “As pessoas estão revoltadas por não poderem, participar dos cultos religiosos” –, assegura-se como tal, porque se trata de uma reação que provém da complicação que não se situa diretamente na seqüência das ações – não está dito que os fiéis estão revoltados exatamente pelas balas perdidas, mas por não poderem “participar dos cultos religiosos” naquele momento. Representa, sim, um esclarecimento ao leitor sobre o ambiente gerado pelo conflito, que vem evidenciado pelo pretérito perfeito, mas não se confunde com as ações que compõem a cronologia dos fatos (também no mesmo tempo verbal), devido à diferença de funções.

Por outro lado, a segunda avaliação – “os mesmos estão agindo de forma irracional” – também está relacionada à complicação, particularmente à resolução, mas representa um posicionamento do autor do texto. Nesse caso, apesar de conferir um princípio da narrativa de se poder lidar com proposições avaliativas argumentativas, não é aceitável pelo gênero notícia, conforme já afirmamos na análise do texto de A1.

## MANIFESTAÇÃO 2

Diferentemente das produções anteriores, temos um bloco de texto no qual cada texto traz avaliação e situação final. Esse bloco pode ser distribuído em dois, considerando que os dois primeiros textos – A2 e A4 – trazem avaliação mais desenvolvida e o restante – A3, A5, e A6 – mais reduzida.

A2	2ª revisão
VÂNDALOS INVADEM PROPRIEDADE EVANGÉLICA	
<p>Durante a inauguração da propriedade de uma igreja evangélica, localizada no bairro Pedras BR116, local de difícil acesso por motivo de pouca iluminação, houve momentos de pavor, medo e insegurança.</p> <p>Frequentemente naquela propriedade se reúnem nas última sexta-feira de cada mês aproximadamente cem membros em vigília (oração), para intercederem por diversas causas dando início às 23:00hs e encerrando às 5:00hs da manhã do dia seguinte.</p> <p>Naquela noite a vigília foi interrompida por alguma horas de tensão, pois aquela propriedade simplesmente foi invadida por vândalos delinquentes, que ameaçavam todos, supontamente armados de revólveres, apon tado para o ministro da oração.</p> <p>Todos os membros seguiam as suas ordens, com a intenção de não acontecer o pior.</p> <p><b>Então mesmo com todo aquele clima tenso, não nos abalamos e continuamos em oração.</b></p> <p><b>A situação foi contornada,</b> os bandidos se renderam com a chegada do policiamento que já os perseguiram de outro assalto.</p> <p>Os membros mais uma vez louvaram a Deus, mais do que nunca, sem cessar com gratidão, do que ele faz por todos nós em sua misericórdia infinita.</p>	

A4	2ª revisão
<i>Um casal evangélico desvia dinheiro da igreja</i>	
<p>Na cidade de Espírito Santo, em Santa Catarina, casal foi descoberto desviando dinheiro da própria igreja que freqüentava.</p> <p>N o dia 03 de março de 2006, Mônica Oliveira de 35 anos e Carlos Oliveira de 42 anos. Foram descoberto por desviar dinheiro dos fiéis para uso e gastos pessoais.</p> <p>Os religiosos era famoso por seus cultos que reunia milhares de fiéis. Nos cultos eles pedia dinheiro para Deus os abençoar, tinha gente que dava tudo que tinha, relógio, dinheiro, jóias e se não tinha dinheiros eles poderia até pagar com cartão de créditos em nome de Deus. Teve fiéis que acharam estranho que começavam enfiestigar.</p> <p>A polícia descobriu que realmente estava desviando dinheiro, <b>mas seria difícil ter provas concretas para acusá-los, pois muitos fiéis negarão o envolvimento do casal na lavagem do dinheiro.</b> Mais com a investigação do polícia o casal forão avastado das suas realizações religiosas, proibido de fazer cultos e reuniões, <b>muitos fiéis farirão manifestações para inocentas o casal.</b></p> <p>O casal ficarão mantido em vigiância até terminarem investigações policial.</p>	

Atentando para o texto de A2, encontramos duas passagens avaliativas e ambas encabeçadas pelo verbo no pretérito perfeito. A primeira – “...não nos abalamos...; “continuamos...” – ligada à complicação como um todo (“todo aquele clima de tensão”); a segunda – “...foi contornada...” – remetendo-se, de certa forma, à parte final da complicação, particularmente à resolução (“A situação foi contornada”), porque articula-se com o desfecho logo em seguida (“os bandidos se renderam com a chegada do policiamento que já os perseguiram de outro assalto”).

A situação final estende-se também por duas proposições: a primeira está associada aos “vândalos” – “Eles os vândalos não tiveram opção e não se negaram em entregarem suas armas e seguirem em viagem na viatura da Polícia Militar comandada pelo Sargento Cavalcante do 32º distrito Policial”. A segunda remete-se às vítimas (os membros da propriedade invadida) – “Os membros mais uma vez louvaram a Deus, mais do que nunca, sem cessar com gratidão, do que ele faz por todos nós em sua misericórdia infinita”.

Apesar de a situação final, nos dois casos, ser conduzida, basicamente, pelo tempo verbal do pretérito perfeito, não há possibilidade de equívoco com as macroproposições de complicação, porque, no caso de dúvida, basta observar que ela se situa no momento correspondente ao “depois” do transcurso narrativo. Esse é o critério básico de identificação dessa parte da sequência textual e não deve ser descurado.

Também no texto de A4 nos deparamos com duas avaliações. Convém, porém, ressaltar que já enfocamos esse fato no primeiro momento, haja vista que o referido texto não passou, efetivamente, por uma segunda revisão, continuou intato nesse último momento.

Para efeito de sistematização, retomemos: a primeira avaliação na versão final de A4 – “mas seria difícil ter provas concretas para acusá-los, pois muitos fiéis negarão o envolvimento do casal na lavagem do dinheiro” – é introduzida pelo verbo no futuro do pretérito – seria –, pois há uma dúvida pairando sobre as possibilidades de resolução para o problema em pauta. Esse emprego do futuro do pretérito (próprio da atitude de narrar) aparecendo em um ambiente de comentário é previsto por Weinrich (1974), quando se refere aos tempos do narrar no comentário. Afora essa passagem, o tempo verbal que se faz presente na macroproposição avaliação é o do pretérito perfeito – “negar[am]”, mantendo a coerência com tal segmento.

Na segunda avaliação – “muitos fiéis farão manifestações para innocentar o casal” –, a utilização do pretérito imperfeito nesse contexto remete ao enfoque sobre uma ação anterior (primeira avaliação). Sendo a última ação (segunda avaliação) paralela ao desfecho da complicação, com o caráter de ação permanente, faz jus a uma das funções do referido

tempo verbal. Na narrativa, essa variação de uso do pretérito no mesmo percurso da complicação/resolução sinaliza para uma mudança de rumo da ação, conforme se pode observar.

No que tange à situação final – “O casal ficarão mantido em vigilância até terminarem investigações policial” –, mais uma vez aparece o emprego do pretérito perfeito e dessa feita indicando o “depois” na efetivação da sequência narrativa.

Olhemos, agora, para as avaliações mais reduzidas.

A3	2ª revisão	S5	2ª revisão	A6	2ª revisão
<p>Polêmica em uma Igreja Evangélica</p> <p>No dia 03 de março de 2007 em um domingo pela manhã por volta das 9:00hs na Igreja Adventista do sétimo dia situada no Bairro Iriú, Gabrielly Cristina Eichholz de apenas 1 ano e meio foi vítima de um ato horroroso e depois morta.</p> <p>Enquanto seus pais Juliard Luiz Eichholz de 26 anos e Andréia Pereira de 26 anos assistiam um culto ela brincava no pátio da Igreja, quando um homem por nome de José passava por ali e viu a criança sozinha, ele pegou ele pegou a criança e levou para um local e praticou um ato horrível e depois afogou na piscina Batismal</p> <p><b>O caso chocou a cidade Inteira e todas as igrejas, ele foi preso e vai pagar a sua pena.</b></p>	<p>Um tiroteio ontem à noite abalou a igreja cristã</p> <p>Muitas pessoas ficaram feridas e quase 50 pessoas morreram em um conflito que aconteceu na Igreja São Francisco, na Rua João XXIII, nº. 100, no Bairro de Niterói, no Rio de Janeiro, Ontem à noite um tiroteio tirou a atenção dos fiéis.</p> <p>Estava acontecendo um ato ecumênico, quando um carro em que estavam os ladrões apareceu em disparada e parou em frente à Igreja São Francisco, e os ladrões começaram a atirar, <b>entrando em conflito com os policiais que viam seguindo-os</b>, e começaram a atirar contra a polícia que acabou ferindo algumas pessoas com balas perdidas. Os policiais conseguiram prender os bandidos, e depois pediram ajuda pelo rádio, chamaram a ambulância para socorrer os feridos.</p>	<p>Incidente em Igreja Evangélica</p> <p>Mulher é agredida por pastor de Igreja Protestante.</p> <p>Nara Lúcia Duavy, 47 anos, foi agredida por líder de uma igreja protestante, situada no centro da cidade.</p> <p>Em uma das reuniões ocorridas na Igreja, a mesma se interessou em fazer uma visita com uma amiga, afim de conhecer a doutrina.</p> <p>Tal visita reprovou totalmente, seu conceito sobre a religião.</p> <p>O fato girou em torno de uma discussão acerca do dízimo, ajuda dada pelos fiéis, as obras sociais da Igreja.</p> <p>Indagada sobre o valor que teria de dar, a vítima negou-se a repassar o dinheiro, suscitando o Início da discussão.</p> <p>O pastor <b>vento-se contrariado com a negação da vítima</b>, atacou a mesma, expulsando-a da Igreja arrastada pelos cabelos. A vítima dirigiu-se as autoridades, abrindo boletim de ocorrência contra o agressor; <b>em virtude do caso o inquérito será instaurado por danos morais.</b></p>			

No texto de A3, a avaliação – “O caso chocou a cidade inteira e todas as igrejas” – refere-se à complicação no geral (“o caso”). O tempo verbal que conduz essa proposição aparece no pretérito perfeito – “chocou” –, que coocorre na proposição resolução – “ele foi preso”. Todavia, apesar da coincidência do tempo verbal das duas proposições, é inconfundível a função que este exerce em cada uma. No primeiro caso, trata-se de uma avaliação que corresponde a um comentário sobre a complicação. No segundo, diz respeito ao desfecho.

Sobre a situação final – “e vai pagar a sua pena” –, já não se enfrenta a questão da concorrência do mesmo tempo verbal. O “tira teima”, para se concluir se se trata de uma avaliação ou da própria situação final, reside na utilização do artifício relacionado ao

momento genérico marcador da proposição: decurso?, final?, ou depois?. Aqui, não há dúvida de que se trata do depois, fazendo jus à situação final.

Quanto ao texto de A<sub>5</sub>, é importante lembrar que, da primeira revisão para a segunda, sofreu o mínimo de alteração e, mesmo assim, não afetando a avaliação nem a situação final.

No referido texto, a avaliação começa com uma explicação no sentido de situar o leitor sobre a situação que se instala – “entrando em conflito com os policiais” –, que é complementada por uma outra explicação de caráter retrospectivo – “que viam seguindo-os”. Neste caso, percebe-se perfeitamente a relação de causalidade que se estabelece entre esta proposição avaliativa e a proposição complicadora que vem anteriormente – “começaram a atirar”. A necessidade do autor de proceder a essa relação é tão patente que ele repetiu essa última, para tornar bastante perceptível a sequência da complicação. O tempo verbal, que o autor utiliza para representar a ação motivadora, aparece no pretérito imperfeito, imprimindo a esta a noção de extensão e continuidade.

O momento que vem após a consumação da complicação/resolução, ou seja, a situação final, – “e depois pediram ajuda pelo rádio, chamaram a ambulância para socorrer os feridos” – ocorre no fechamento do texto. Aí, as duas ações anunciadas são conduzidas pelo mesmo tempo verbal que aparece na trajetória linear da narrativa – o pretérito perfeito. A função desse tempo, no entanto, em cada uma das macroproposições que aqui salientamos – avaliação e situação final – é reconhecível. Basta observar que, no caso da avaliação, corresponde a explicações no “decurso” da narrativa; no caso da situação final, reporta-se a certas ocorrências no âmbito do “depois”, diferença suficiente para se constatar a distinção de função assumida pelo referido tempo verbal nos contextos os quais estamos destacando.

No texto de A<sub>6</sub>, a avaliação – “vendo-se contrariado com a negação da vítima” – deixa sobreposta duas funções. A primeira diz respeito à localização do contexto, quer dizer, do quadro de contrariedade que o agente da ação enfrentou. Por outro lado, a ação munida por esse contexto representa uma consequência, gerando-se aí uma relação de causalidade entre o contexto e a ação.

Em relação à situação final – “em virtude do caso o inquérito será instaurado por danos morais” –, sua própria posição sinalizando o momento do “depois” da trajetória narrativa no texto, bem como a perspectiva de futuro, identificado pelo tempo verbal no futuro do presente, facilitam a sua identificação.

### **MANIFESTAÇÃO 3**

O último texto que analisamos – A<sub>8</sub> – teve alterado totalmente o seu conteúdo,

<b>As</b>	<b>2ª revisão</b>
Ônibus é apedrejado	
<p>Na quarta-feira 18 de junho um ônibus é apedrejado no bairro Planalto Regatas.</p> <p>Um ônibus que fazia a linha Planalto Regatas foi atingido a pedras quando estava fazendo o seu percurso naquele bairro. Moradores ficaram revoltados com o motorista que não parou para levar um ancião que havia dado sinal, as pessoas que estavam no local, começaram a jogar pedras no ônibus, o motorista desceu e começou a confusão. A polícia foi chamada para acalmar os moradores que logo foram se retirando e o ônibus foi liberado.</p>	

mas o procedimento do autor manteve-se, pois o texto, tal e qual o que fora produzido anteriormente, continua a não apresentar avaliação e a exibir a situação final – “que logo foram se retirando e o ônibus foi liberado”. Esta, mesmo mantendo uma relação de efeito decorrente da resolução – “A polícia foi chamada para acalmar os moradores” –, distingue-se da outra porque situa-se no “depois”. A resolução, por sua vez, insere-se no momento final da narrativa, razão por que, embora, sendo o mesmo tempo verbal utilizado para representar uma e outra macroproposição, não deixa confundir a sua função no contexto.

#### 4.3.2.2.3 Considerações

Reiteramos nossa posição de que a distribuição das macroproposições em blocos auxilia, em muito, no procedimento de análise, devido ao fato de proporcionar uma visibilidade sobre a integração entre as partes do texto.

Dispensando ao texto um olhar particular sobre o resumo e a situação inicial/orientação, podemos verificar que todos os resumos vieram amparados pela orientação, embora uns mais e outros menos.

RESUMO e ORIENTAÇÃO/SITUAÇÃO INICIAL			
MANIFESTAÇÕES	MOMENTOS		OBSERVAÇÕES
	PRIMEIRO MOMENTO	SEGUNDO MOMENTO	
1	<p>Há texto que desempenha o próprio papel de resumo (A2);</p> <p>A <u>complicação</u>, como parte indispensável ao resumo, aparece insinadamente através da consequência do conflito, marcada pelo verbo no <b>pretérito perfeito</b>;</p> <p>A <u>orientação</u>, que contextualiza o resumo, vem com muitos detalhes e, até, são retomados no segundo parágrafo – descritos no <b>presente do indicativo</b>.</p>	<p>Não há resumo inicial (A1);</p> <p>Aparece uma estrutura resumitiva em forma de subtítulo;</p> <p>Na <u>orientação</u>, há o tempo verbal no <b>pretérito imperfeito</b> (“... estava alcoolizado...”) e em uma <b>forma correspondente</b> (“um carro [que vinha] desgobernado”).</p>	<p><b>No primeiro momento e no segundo momento:</b></p> <p>Apenas um texto (A1) não apresenta resumo em forma de <i>lead</i></p>
2	<p>Não há resumo inicial (A1);</p> <p><u>Orientação</u> aparecendo no início do texto e também diluindo-se pela complicação e resolução, no 1º§, que toma quase todo o texto;</p> <p>Orientação manifestada pelo uso do tempo verbal no <b>pretérito perfeito</b> (houve, reunira), <b>pretérito imperfeito</b> (chamava-se) e <b>forma correspondente</b> ([que era] chamada);</p> <p>Uso do pretérito perfeito como pano de fundo, substituindo um adjetivo em oração adjetiva (que causou);</p> <p>Parágrafo inicial como pseudoresumo (A8) – início do fio narrativo.</p> <p>A orientação distinguida pelo verbo no pretérito imperfeito (estava/estavam) e presente do indicativo (mora).</p>	<p>Introdução de resumo no primeiro parágrafo (A3 e A8);</p> <p>O texto de A3, na <u>orientação</u>, faz uso de estrutura verbal de <b>oração reduzida de particípio</b> (“igreja evangélica localizada...”) que subentende-se o uso do tempo verbal no presente do indicativo, (“...que fica localizada...”) caso seja desenvolvida a oração reduzida;</p> <p>O texto de A8 <b><u>não apresenta o cenário do 1º§ através de uso do tempo verbal.</u></b></p>	
3	<p>Resumo fora dos moldes do gênero notícia (A3), por não aparecer na estrutura de <i>lead</i>;</p> <p>A <u>orientação</u> traz uma forma verbal de <b>reduzida de particípio</b> (...localizada...) que pode ser transformada em uma oração desenvolvida com presença do tempo verbal no presente ou no pretérito perfeito (... que fica/ficava localizada...).</p> <p>Resumo obedecendo à estrutura do gênero notícia – no 1º§ (A4, A5, A6, A7);</p> <p>Dados do resumo são complementados no 2º§ (A4 e A6)</p>	<p>Textos mantendo resumos já exibidos na versão anterior (A2, A4 e A5). Apenas o último texto apresenta pequena alteração pela retirada, sem prejuízo, de uma oração de caráter anafórico (“isso aconteceu”);</p> <p>Na <u>orientação</u>, encontramos fazendo pano de fundo, os tempos verbais <b>presente do indicativo</b> (A2), <b>pretérito imperfeito</b> (A4) e <b>as duas formas</b> (A5).</p>	
4	<p><u>Orientação</u> expressa pelo verbo no pretérito imperfeito (A4) e (A6) no infinitivo. Este, constituindo oração reduzida de infinitivo (ao fazer), pode ser transformado no pretérito imperfeito (quando fazia), se desenvolvida a oração original. Portanto, indiretamente, tem-se mais um caso de uso do pretérito imperfeito.</p> <p>Ainda, na orientação, no texto de A5 aparece o uso do pretérito perfeito e do pretérito imperfeito. No texto A6 é visto o presente do indicativo. Em A7 há a presença do tempo presente do indicativo na orientação (no segundo parágrafo).</p>	<p>Texto (A7) apresenta retrocesso quanto aos critérios de elaboração de resumo na notícia, que vem antes da complicação, mas tudo em um único parágrafo.</p> <p>A <u>orientação</u>, no âmbito do resumo, <b><u>praticamente não aparece.</u></b></p>	
5	<p>Resumo continua no primeiro parágrafo, mas apresenta maior especificidade do conteúdo.</p> <p><u>Orientação</u> conduzida por estrutura verbal de <b>oração reduzida de particípio</b> (“... situada no centro da cidade”), se desenvolvida coloca o verbo no tempo presente do indicativo (que fica situada).</p>		

Como a essência do resumo concentra-se na complicação, indicando esse aspecto da narrativa encontra-se basicamente o uso do pretérito perfeito. Em apenas um texto tem-se o

presente do indicativo com tal função, o que, aliás, trata-se de uma outra possibilidade de uso para o caso.

Por outro lado, fazendo pano de fundo, para cumprir a função da orientação, são encontradas diversas formas exercendo a indicação de tempos verbais, mas compatíveis com o espaço que ocupam no texto. São elas: pretérito imperfeito, predominantemente; forma correspondente ao pretérito imperfeito (particípio ou infinitivo em oração reduzida); presente do indicativo; forma correspondente ao presente do indicativo (particípio em oração reduzida); pretérito perfeito.

Toda essa variedade de tempo verbal que pode aparecer na orientação sinaliza para a necessidade do desenvolvimento de um trabalho pedagógico mais flexível. Diante da atitude dos alunos na construção do panorama da narrativa, servindo-se do tempo verbal, percebe-se que há um rompimento com as explicações tradicionais – dispensadas pelos docentes da pesquisa que deram atenção a esse aspecto – sobre o uso de tal estrutura na orientação narrativa, que normalmente se utiliza do pretérito imperfeito ou presente do indicativo.

Na verdade, os alunos demonstraram que a direção de seu trabalho de produção da narrativa se pauta bastante nas experiências cotidianas. Tanto que se percebe não haverem-se prendido ao direcionamento docente e, nem por isso, deixaram de inovar com acerto.

Sobre a abordagem da complicação e da resolução, observa-se, inicialmente, a procedência que essas macroproposições estabelecem com as do resumo, do ponto de vista do tempo verbal utilizado nos textos em análise.

COMPLICAÇÃO e RESOLUÇÃO			
MANIFESTAÇÕES	MOMENTOS		OBSERVAÇÕES
	PRIMEIRO MOMENTO	SEGUNDO MOMENTO	
1	<p>Texto (A2) apresenta o episódio de forma muito genérica, de tal modo que não se tem acesso ao fio narrativo;</p> <p>Apesar da redução, apresenta relação de <u>causalidade</u> entre os fatos (“...por motivo de pouca iluminação, houve momentos de pavor, medo e insegurança”);</p> <p>A ação conflitante é reportada pelo verbo no <u>pretérito perfeito</u>, que, por sua natureza, indica o evento acabado.</p>	<p>Texto (A2) apresenta avanço sobre a estruturação do plano global da seqüência discursiva, indicando o fio narrativo.</p> <p><u>Alternância de uso dos tempos</u> verbais de pretérito perfeito e pretérito imperfeito indicando mudança de rumo na trajetória narrativa.</p>	<p><b>No primeiro momento e no segundo momento:</b></p> <p>Os docentes dos alunos autores dos textos do segundo bloco (A1, A4, A5 e A6) reportaram-se à <u>complicação sem falar de resolução</u>. Ressalte-se que o docente de A1 falou de conflito na notícia, sem se reportar para a seqüência narrativa.</p> <p>Docente dos autores dos textos do bloco quarto advertiram sobre o uso do <u>pretérito perfeito</u> no fio narrativo.</p> <p>Docentes de A2 e A3 exploraram a <u>relação de causalidade</u> no próprio texto.</p> <p><b>No segundo momento:</b></p> <p>A3, ao fazer uso apenas de um percurso narrativo (ao invés de dois, como antes), prejudica um tanto o conteúdo textual, mas cumpre com a normalidade do gênero.</p>
2	<p>Em oposição ao texto de A2, os textos de A1, A4, A5 e A6 apresentam o <u>fio narrativo</u> visivelmente;</p> <p>Todos os textos desse bloco apresentam as ações no pretérito perfeito, indicando, portanto, o caráter de ações passadas concluídas, conforme ocorrera também em A2.</p>	<p>Os textos de A1, A4 e A5 mantêm o procedimento de ordenação narrativa com o uso do pretérito perfeito como na primeira revisão.</p> <p>O texto de A7, apesar de haver apresentado alterações em algumas macroposições (resumo, avaliação), também manteve-se tal e qual a primeira revisão, em relação ao trajeto narrativo e ao tempo verbal (presente do indicativo) usado para isso.</p>	
3	<p>No texto A7 seqüência das ações ocorrem no presente do indicativo;</p> <p>Fazendo pano de fundo para as ações aparece o verbo no pretérito perfeito, que pode confundir a sua concorrência com o presente do indicativo, se não se observar a diferença de função entre estes.</p>	<p>Texto de A3 apresenta alteração no percurso – antes havia seguido dois percursos, agora um só.</p> <p>Com a alteração, reduz-se o nível de ações da trilha, mas continua a representação das ações através do pretérito perfeito.</p>	
4	<p>Textos (A3 e A8) apresentam em seu fio condutor diferentes perspectivas – ações desempenhadas por diferentes agentes.</p> <p>Em A3 ocorrem dois episódios em direções paralelas (perspectiva do assassino e perspectiva dos pais da vítima);</p> <p>Devido à funções diferentes que o tempo verbal exerce, coexistem o presente do indicativo e o pretérito perfeito;</p> <p>Há relação de causalidade partindo de um ponto comum para cada trajetória e entre cada trajetória entre si.</p> <p>Em A8 observa-se trajetórias diferentes vivenciadas pelo mesmo agente uma em decorrência da outra (primeiro e segundo momentos do conflito).</p> <p>Nas duas perspectivas de A8 vigora o uso do <u>pretérito perfeito</u> ao serem ordenados os eventos.</p> <p>As duas trajetórias são indicadas pela adversativa “mas”.</p> <p>Nas duas produções o uso do tempo verbal (p.p.) faz jus à orientação do docente.</p>	<p>Em A6, há rebuscamento na articulação da orientação e intensa distribuição paragrafca, mas o fio narrativo é apresentado com objetividade, embora de forma reduzida.</p>	
5		<p>A8 altera o conteúdo de seu texto, mas supera a dificuldade, da primeira revisão, de dispor fio narrativo após o resumo.</p> <p>Usa o pretérito perfeito na trajetória narrativa .</p>	

Nos textos onde o pretérito perfeito aparece no resumo também aparece no fio narrativo. Da mesma forma ocorre com o indicativo presente. Esse procedimento já confere o princípio de que a referência para a efetivação do resumo na narrativa reside, de fato, na complicação/resolução e está de acordo com o que diz Adam (1997, p.81): “só falaremos de CONSTRUÇÃO EM FORMA NARRATIVA quando uma ou várias proposições forem interpretáveis como NÓ-Pn2 e como DESENLACE Pn4”.

No uso do tempo verbal, particularmente, é importante observar que o pretérito perfeito ou o presente do indicativo na construção do fio narrativo, sempre, apareceu de forma condizente com o contexto no qual estava inserido nas produções dos alunos. Isso pode refletir o trabalho de intervenção docente, evidenciado no segundo momento, mas também pode representar a prática com a seqüência narrativa que se vivencia nas histórias do cotidiano.

Por outro lado, não se pode ignorar que o tempo verbal – pretérito ou presente –, em si, não representa a narrativa. Quem faz esse papel são as ações que por esses estão representadas, estabelecendo, entre si, relações de causalidade. Nesse sentido, os textos apresentam compatibilidade, mesmo daqueles alunos que foram trabalhados com menos intensidade nesse aspecto. Pelo que nos consta, nos dados da ficha de avaliação, apenas dois docentes dedicaram atenção ao fenômeno da causalidade no texto narrativo e no gênero estudado.

Se nem todos os docentes exploraram a contento as relações de causalidade na narrativa e, mesmo assim, os alunos atinaram para esse procedimento no texto, então compete ao professor, em sua prática pedagógica, utilizar esse conhecimento, que os alunos já detêm, por vezes, inconscientemente, como estratégia de avaliação da coerência do texto narrativo, no processo de revisão junto à classe. Essa atitude contribuirá, inclusive, para a tomada de consciência do referido fenômeno.

No âmbito da avaliação e da situação final, no texto, por ocasião do primeiro momento, vamos encontrar ocorrência de omissão total, mas o caso de aluno que assim procedeu não corresponde ao de docente que adotou essa atitude. Por outro lado, foram encontrados textos que apresentaram apenas avaliação e outros, nos quais, apenas a situação final aparece.

Reportando-nos para a atitude dos docentes, no primeiro momento, verificaremos que prevaleceu, entre eles, a orientação sobre os dois aspectos (da avaliação e da situação final), embora essa orientação incluindo o uso do tempo verbal correspondente tenha sido bastante reduzida, incidindo apenas na avaliação.

AVALIAÇÃO e SITUAÇÃO FINAL			
MANIFESTAÇÕES	MOMENTOS		OBSERVAÇÕES
	PRIMEIRO MOMENTO	SEGUNDO MOMENTO	
1	<p>Texto de A2, por trazer apenas o resumo inicial e uma extensa orientação, não apresenta avaliação nem situação final.</p>	<p>Textos de A1 e A7, igualmente à 1ª revisão, apresentam avaliação, mas <u>não apresentam situação final</u>.</p> <p>Em A1 a avaliação aparece no último parágrafo e sem atender aos postulados para o texto notícia – traços opinativos.</p> <p>Em A7 ocorrem duas avaliações: -1ª avaliação, de caráter explicativo, no transcurso da complicação; -2ª avaliação, de <b>caráter opinativo</b>, no parágrafo final.</p> <p>Textos de A2, A4, A3, A5 e A6 trazem avaliação e situação final.</p>	<p>Apenas no <b>segundo momento</b>, foram encontrados textos apresentando avaliação e situação final.</p>
2	<p>Textos de A1 e A7 trazem avaliação, mas <b>não</b> situação final.</p> <p>Na avaliação de A1, o uso de tempos verbais compatíveis com atitude de narrar – futuro do pretérito e imperfeito do subjuntivo –, mas carregados de <b>postura opinativa</b>, não aceita para o gênero notícia.</p> <p>Em A7, ocorrem avaliações <u>sem juízo de valor</u>: a) retrospectiva (verbo no pretérito perfeito em oposição ao presente do fio narrativo); b) prospectiva (verbo no pretérito perfeito coocorrendo com o tempo do fio narrativo).</p>	<p>Avaliação mais reduzida: A2 e A4 e mais desenvolvida: A3, A5 e A6.</p> <p><u>Na avaliação</u> dos textos desse bloco, o uso do tempo verbal oscilou, basicamente, entre o pretérito perfeito, o pretérito imperfeito e o futuro do pretérito, na medida em que dispunham sobre fatos consumados, ou em andamento, ou em caráter de colocação de dúvidas sobre as possibilidade de efetivação.</p> <p>Todas as avaliações, porém, conferem pertinência ao gênero notícia.</p> <p><u>Na situação final</u> aparece, na maioria dos casos, o pretérito perfeito e dois casos recorrem à forma de futuro do presente.</p>	
3	<p>Os textos de A3, A5 e A8 não apresentam avaliação, mas apresentam situação final.</p> <p>A situação final em A3 vem expressa por uma <u>locução verbal de tempo futuro do presente</u>, portanto, com caráter de uma ação prospectiva; Em A5 vem expressa pelo <u>pretérito perfeito</u>, com o caráter de esclarecimento pelo que sucedeu-se. Em A8 vem expresso também pelo <u>pretérito perfeito</u> e, basicamente, a perspectiva é de mostrar a ação no passado com caráter permanente.</p>		
4	<p>O texto de A4 apresenta avaliação e situação final.</p> <p>1ª avaliação: no transcurso da complicação (verbo no <u>futuro do pretérito</u> imprimindo caráter de dúvida; verbo no <u>pretérito perfeito</u> indicando ação decisiva); 2ª avaliação: em reação à resolução (verbo no <u>pretérito imperfeito</u> representando mudança de rumo da função do tempo verbal).</p> <p>Situação final: quadro estabelecido depois da resolução (tempo verbal de pretérito perfeito, para indicar caráter decisivo).</p>		

Tomando o texto, no segundo momento, tem-se apenas dois tipos de manifestação. Em uma destas, as produções apresentam avaliação, uma das quais, em desacordo com o gênero notícia, traz traços opinativos. Porém, nenhuma exhibe situação final. Na outra manifestação, a maioria das produções apresenta avaliação e situação final.

Sobre o uso dos tempos verbais referentes às aludidas partes da narrativa, encontramos manifestações, nos textos, que despertam para o uso de mais uma estratégia para uma intervenção didaticopedagógica, por parte do docente, que condiz com os pressupostos

interacionistas: a intervenção junto à classe em função do que os alunos já detêm de conhecimento e sobre o que ainda precisam aprender.

No caso da avaliação, foram encontradas duas modalidades que redundam em uso de tempos verbais com funções diversificadas: opinativas e não-opinativas. Nas avaliações opinativas são encontrados os tempos verbais nas formas de futuro do pretérito (com verbo modalizador); imperfeito do subjuntivo em complementação com o futuro do pretérito (com verbo não modalizador). Nas avaliações não-opinativas aparecem (sem verbo modalizador) pretérito imperfeito; pretérito perfeito; futuro do pretérito.

As estruturas de tempo verbal que aparecem em um caso de avaliação, normalmente, não aparecem no outro. Isso abre espaço para que o docente, no momento da revisão, possa fazer esse confronto e, junto à classe, possa buscar os caminhos da compreensão na construção de sentido para o texto, na produção escrita e na leitura. Na análise de nossa experiência, não encontramos intervenção docente nesse âmbito.

Sobre a situação final, os tempos verbais encontrados foram o pretérito perfeito e o futuro do presente. Como a situação final também dispõe a narrativa em situação de interlocução, dado ao seu caráter de comentário, os tempos verbais que surgem aí também são encontrados na avaliação. Porém, não há como confundir as atuações, porque a avaliação reporta-se à complicação, momento do percurso narrativo, propriamente dito.

A situação final restringe-se ao momento “depois”. É aí onde reside a chave para o tirateima das duas funções que o mesmo tempo verbal pode ocupar. Assim, estamos diante de mais uma estratégia que pode e deve ser utilizada para a elaboração da narrativa norteada pelo tempo verbal.

Fazendo uma avaliação sobre o desempenho docente, frente à sua intervenção junto à classe envolvendo os aspectos pertinentes à sequência narrativa, observa-se que houve uma maior atenção dispensada ao transcurso da complicação/resolução, inclusive sobre o tempo verbal que lhe é peculiar – pretérito perfeito. A repercussão da atitude do docente nos textos dos alunos é visível, pois o tempo verbal que aparece nas produções destes, com maior frequência, marcando o fio narrativo, é exatamente o mesmo que foi explorado em sala de aula.

Como o docente não investiu, suficientemente, em todas as partes da sequência textual narrativa, o próprio resumo, em alguns textos, ficou a desejar. Além do mais, no caso específico da “conclusão” da notícia policial narrativa – que o docente definiu esta parte como situação final, sem remissão à sequência – tem-se um indício de que há necessidade de maior compreensão sobre o tal gênero, no tocante à sua estrutura sequencial. Assim, o docente poderá prestar orientação aos alunos, sobre o referido gênero, de forma mais consistente.

O resultado desta análise coloca em destaque a hipótese 4: “Se o docente orienta, objetivamente, sobre a estrutura sequencial narrativa, torna mais prático para o aluno: observar partes do gênero notícia policial que comporta tal sequência e desenvolver melhor o corpo da referida notícia, sem perder de vista a sua totalidade”.

#### **4.4 Processos cognitivos norteadores da revisão textual escrita: sintonia com aspectos do contexto e do texto**

Conforme o modelo de Hayes e colaboradores (1987), para ser vivenciado o processo de revisão, o revisor pode demonstrar consciência dessa tarefa, de tal forma que a define tendo em vista o que se objetiva para nortear a produção. Em nossa pesquisa, esse esforço pode ser observado através das atitudes docentes e discentes, quando da orientação daqueles concedida a estes, para a revisão do texto, tomando como base o objetivo geral indicado no enunciado comando da produção: despertar a atenção para cuidados a serem tomados no momento de prática religiosa.

##### **4.4.1 Manifestações da vivência dos processos**

Vivenciar a revisão de uma produção escrita exige a realização de vários subprocessos. O primeiro desses, na perspectiva de Hayes e colaboradores (1987), consiste na *definição da tarefa* e engloba o armazenamento de conhecimento na memória sobre o ato de revisar no que tange às idas e vindas no texto, bem como no que se refere ao texto e ao contexto. Por isso, nesse momento, toda atenção sobre o universo do texto é requerida.

Para se ter uma noção da vivência desse primeiro subprocesso, convém reportar-se ao que propõe o comando da produção como um todo: “Produza uma notícia policial narrativa envolvendo pessoas em conflito por ocasião de prática religiosa, para ser exposta no jornal varal da classe, com o fim de despertar a atenção para cuidados a serem tomados no momento de tal prática”. A revisão empreendida tomou como norte, primeiramente, os parâmetros contextuais – autor, leitor, objetivo, suporte e conteúdo – e depois atentou para os parâmetros textuais – características do gênero e da sequência discursiva, conforme observamos no bloco anterior da análise dos dados.

A *avaliação*, segundo subprocesso da revisão, exige para a sua realização os procedimentos de ler para compreender, para avaliar e para definir problemas. Vivenciando o processo de ler, adotando qualquer uma dessas formas de proceder, deparamo-nos com a atitude docente, em intervenção junto à classe, na revisão do texto no âmbito dos parâmetros contextuais e textuais.

Exemplificando, no âmbito dos parâmetros contextuais, uma das leituras para *compreensão* reside no levantamento, feito pelos alunos, dos possíveis leitores da notícia em estudo, buscando justificativa em parâmetros do próprio texto, após discussão empreendida pelo docente. Nesse caso, o revisor busca inferências para atribuir significado; ativa seus esquemas sobre conhecimentos de mundo; faz aplicação de convenções do gênero; procede à identificação da essência do texto e supõe sobre intenções e ponto de vista do escritor.

Por sua vez, uma leitura para *avaliação* pode ser observada no momento em que o docente adverte sobre os cuidados com a linguagem a ser usada, tendo em vista o suporte onde aparecerá o texto. Para isso, o revisor atenta para alguns problemas que se manifestam na superfície do texto e busca possibilidades de solução.

No texto de A6, por exemplo, há uma dificuldade de natureza lexical, onde o autor fica avaliando, no subtítulo do texto, que palavra melhor se adequaria para fazer referência à igreja já referida no título. Assim sendo, na busca de solução, ele escreve três versões:

- “Incidente em igreja evangélica

Mulher é agredida por pastor de igreja protestante”

-“Incidente em igreja evangélica

Mulher é agredida por pastor de igreja evangélica”

-“Incidente em igreja evangélica

Mulher é agredida por pastor de igreja protestante”

Conforme Hayes e colaboradores (1987), no processo de revisão, a leitura para avaliação contempla o ler para corrigir sintonizado com dificuldades encontradas no âmbito de cada habilidade exigida para a construção de sentido do texto. No caso de A6, o que está em jogo são dificuldades que cobram habilidades de caráter semântico, para efeito de melhor receptividade no contexto onde a notícia que está sendo produzida circulará.

O ler, na revisão, voltado para a *definição de problemas* pode ser ilustrado através de dados de nossa pesquisa envolvendo o momento no qual o docente propõe que os alunos retomem o enunciado que serve de comando para a produção e verifiquem, no texto, o que não está de acordo e por quê.

O docente S7, ao descobrir que o maior problema da revisão do texto de A7 estaria no desvio do objetivo da notícia que se reflete na alteração do conteúdo, conduz o trabalho de revisão textual, deixando a entender que o revisor detecte o problema e, a partir daí, reformule o texto.

<b>1ª versão</b>
A7
<p>Hoje, precisamente às 13 hs. No bairro do Jangurussu, houve um confronto policial entre, traficantes e policiais, que estavam em ronda naquele bairro, resultado deste confronto, que term in ou em tragédia com a morte por bala perdida, de duas pessoas que estavam, catando lixo no aterro. Os mesmos ainda foram levados com vida para o IJF, mais não resistiram aos ferimentos a bala vinheram a óbito. Policiais culpam os traficantes e os mesmos continuam em pune, pois não foram pegue. Os parentes e amigos das vítimas pedem justiça e por sua vez culpam o governo por não botar policiais nas ruas, com habilidade para saber agir num momento destes.</p>

<b>1ª revisão</b>
A7
<p>Conflito entre policiais e traficantes no Rio de Janeiro</p> <p>No Morro Santa Tereza, três pessoas são baleadas por balas perdidas, devido o confronto policial entre traficantes e policiais, que ocuparam o morro Santa Tereza.</p> <p>Ninguém sai nem entra no Santa Tereza sem identificação, os moradores estão apavorados, alguns já estão dentro de suas casas há mais de vinte e quatro horas; mulheres e crianças não são poupados neste conflito que promete se estender por vários dias, já que nem traficantes nem policiais querem render-se.</p> <p>A igreja faz um apelo pedindo o fim do conflito e reza para que tudo termine em paz, mesmo os fiéis revoltados por não poderem participar dos cultos e missas, prometem também entrar nesta guerra pelo fim do conflito.</p>

Como a definição de problemas reside, primeiramente, na detecção e caracterização de algo inadequado e, depois, na resolução do problema, A7, ao detectar que o conteúdo do texto não estava condizente com o objetivo proposto, referido anteriormente, resolveu o impasse alterando totalmente o conteúdo, mas sintonizando-o com o aludido objetivo.

Após haver vivenciado o processo de avaliação, o revisor passa a tomar decisões estratégicas, que no modelo de Hayes e colaboradores (1987), corresponde à *seleção de estratégias* para gerenciar o processo de revisão e de estratégias para modificar o texto.

Duas *estratégias de gerenciamento* vivenciadas pelos sujeitos de nossa pesquisa merecem destaque. A primeira, correspondendo ao procedimento de *adiar* o problema, pareceu bastante evidente quando o docente propôs revisão do texto e o aluno preferiu não realizar no momento proposto; a segunda, quando o aluno achou por bem *ignorar* a tarefa, posteriormente. Esse é o caso de A4, que, depois de transferir a volta ao texto para outra oportunidade, terminou não desenvolvendo a tarefa.

<b>1ª revisão</b>
<p><b>A4</b></p> <p><b><i>Um casal evangélico desvia dinheiro da igreja</i></b></p> <p>Na cidade de Espírito Santo, em Santa Catarina, casal foi descoberto desviando dinheiro da própria igreja que freqüentava.</p> <p>N o dia 03 de março de 2006, Mônica Oliveira de 35 anos e Carlos Oliveira de 42 anos. Foram descoberto por disviar dinheiro dos fiéis para uso e gastos pessoais.</p> <p>Os religiosos era famoso por seus cultos que reunia milhares de fiéis. Nos cultos eles pedia dinheiro para Deus os abençoar, tinha gente que dava tudo que tinha, relógio, dinheiro, jóias e se não tinha dinheiros eles poderia até pagar com cartão de créditos em nome de Deus. Teve fiéis que acharam estranho que começavam enfiestigar.</p> <p>A polícia descobriu que realmente estava desviando dinheiro, mas seria difícil ter provas concretas para acusá-los, pois muitos fieis negarão o envolvimento do casal na lavagem do dinheiro. Mais com a investigação do polícia o casal forão avastado das suas realizações religiosas, proibido de fazer cultos e reuniões, muitos fiéis fazirão manifestações para inocentas o casal.</p> <p>O casal ficarão mantido em vigilância até terminarem investigações policial.</p>

<b>Última versão (1ª revisão)</b>
<p><b>A4</b></p> <p><b><i>Um casal evangélico desvia dinheiro da igreja</i></b></p> <p>Na cidade de Espírito Santo, em Santa Catarina, casal foi descoberto desviando dinheiro da própria igreja que freqüentava.</p> <p>N o dia 03 de março de 2006, Mônica Oliveira de 35 anos e Carlos Oliveira de 42 anos. Foram descoberto por disviar dinheiro dos fiéis para uso e gastos pessoais.</p> <p>Os religiosos era famoso por seus cultos que reunia milhares de fiéis. Nos cultos eles pedia dinheiro para Deus os abençoar, tinha gente que dava tudo que tinha, relógio, dinheiro, jóias e se não tinha dinheiros eles poderia até pagar com cartão de créditos em nome de Deus. Teve fiéis que acharam estranho que começavam enfiestigar.</p> <p>A polícia descobriu que realmente estava desviando dinheiro, mas seria difícil ter provas concretas para acusá-los, pois muitos fieis negarão o envolvimento do casal na lavagem do dinheiro. Mais com a investigação do polícia o casal forão avastado das suas realizações religiosas, proibido de fazer cultos e reuniões, muitos fiéis fazirão manifestações para inocentas o casal.</p> <p>O casal ficarão mantido em vigilância até terminarem investigações policial.</p>

Tem-se, então, o texto de A4 dado por concluído antes de submeter-se a uma segunda reformulação, mas, de qualquer forma, fazendo jus à vivência de estratégias do processo de revisão.

Sobre as *estratégias de modificação do texto*, encontramos representação tanto em relação ao reescrever como ao revisar, propriamente. Correspondendo ao ato de reescrever podemos apresentar manifestação no texto de A8.

1ª revisão
<p>A8</p> <p><u>Fiéis são agredidos</u></p> <p>Na noite de quarta feira, dia 30 de maio, um homem que mora vizinho à uma igreja, na Barra do Ceará, estava sentindo-se encomodado com o barulho que os seus seguidores estavam fazendo na igreja. Furioso com o barulho ele saiu de sua casa, foi até a igreja pedir aos fiéis que diminuíssem-o mesmo, pois estava insuportável, mas os fiéis não atenderam seu pedido.</p> <p>O homem(1) que era conhecido por Zezé e tinha aproximadamente 40 anos de idade foi à delegacia próxima para fazer um Boletim de Ocorrência, com isso vieram os policiais e problema foi resolvido, naquele dia, mas no dia seguinte o barulho continuou do mesmo jeito de antes, então o senhor Zezé que ficou ainda mais aborrecido com os fiéis, e decidiu resolver o problema do seu modo.</p> <p>De posse de um cacete ele saiu espalhando os fiéis para todos os lados, os fiéis que ficaram assustados com a atitude agressiva do homem fecharam a igreja e não abriram mais.</p>

2ª revisão
<p>A8</p> <p>Ônibus é apedrejado</p> <p>Na quarta feira 18 de junho um ônibus é apedrejado no bairro Planalto Regatas.</p> <p>Um ônibus que fazia a linha Planalto Regatas foi atingido a pedras quando estava fazendo o seu percurso naquele bairro. Moradores ficaram revoltados com o motorista que não parou para levar um ancião que havia dado sinal, as pessoas que estavam no local, começaram a jogar pedras no ônibus, o motorista desceu e começou a confusão. A polícia foi chamada para acalmar os moradores que logo foram se retirando e o ônibus foi liberado.</p>

Neste texto, observa-se que o autor perdeu de vista o comando da produção, a ponto de abstrair-se do objetivo e do conteúdo propostos. Assim, seguindo a estratégia de reescrita, achou por bem *apagar* o texto, resultando em uma nova produção. Esse procedimento é previsto no modelo de revisão de Hayes e colaboradores (1987), podendo repercutir até mesmo no plano do texto (gênero, sequência). No caso do texto de A8, não houve esta última alteração, porque ficaram mantidos o gênero e a sequência textuais.

Outro procedimento adotado por sujeito da pesquisa em relação à estratégia do reescrever é o *parafrasear*. Essa atitude pode ser observada na produção de A4 da primeira versão para a primeira revisão.

Iª versão
<p>A4</p> <p>No dia 03 de março, foi descoberto que um casal religioso, Mônica e Carlos da igreja Vale de bênçãos estava desviado dinheiro da igreja para servi com gastos pessoais (1).</p> <p>(...)</p> <p>A polícia descobriu que realmente estava desviando dinheiro mas seria difícil ter provas concreta para acusá-los. O casal foram avastado e estão aguardando julgamento em liberdade mesmo assim muitos fiéis <u>ficam fazendo manifestações para libertá-los</u> (2), mais enquanto a polícia ainda investiga o casal ficarão mantido em vigilância.</p>
<p>LEGENDA:</p> <p><u>Informação ser substituída</u></p>

Iª revisão
<p>A4</p> <p><b><i>Um casal evangélico desvia dinheiro da igreja</i></b></p> <p>Na cidade de Espírito Santo, em Santa Catarina, casal foi descoberto desviando dinheiro da própria igreja que frequentava.</p> <p>No dia 03 de março de 2006, Mônica Oliveira de 35 anos e Carlos Oliveira de 42 anos. <b>Foram descoberto por desviar dinheiro dos fiéis para uso e gastos pessoais</b> (1).</p> <p>(...)</p> <p>A polícia descobriu que realmente estava desviando dinheiro, mas seria difícil ter provas concretas para acusá-los, pois muitos fiéis negarão o envolvimento do casal na lavagem do dinheiro. Mais com a investigação do polícia o casal forão avastado das suas realizações religiosas, proibido de fazer cultos e reuniões, muitos fiéis <b>fazão manifestações para innocentas o casal</b> (2).</p> <p>§O casal ficarão mantido em vigilância até terminarem investigações policiais.</p>
<p>LEGENDA:</p> <p><b>Informação substituta</b></p>

Nas passagens parafraseadas, o revisor procura resguardar o sentido de sua produção, mas pouco esforço se percebe no procedimento de alteração do texto. De acordo com Hayes e colaboradores (1987), esse procedimento do revisor de reescrever o texto ao invés de corrigi-lo explica-se por várias razões, uma delas reside no fato de os escritores sentirem-se mais livres das influências do texto para apresentarem as ideias de outra maneira.

Usando a estratégia de *revisar* – a outra estratégia de modificação –, encontramos no texto de A3 manifestação no tocante a parâmetro textual. Verificamos que o autor se deu conta de que no gênero notícia não se faz uso de passagem opinativa, por isso refaz o último parágrafo.

1ª versão
<p>A3</p> <p><i>Polêmica em uma igreja evangélica</i></p> <p>No mês de fevereiro de 2007 no Domingo pela manhã por volta das 9:00 hs na Igreja Adventista do Sétimo dia, em São Paulo uma criança foi vítima de um ato horroroso e depois morta. enquanto seus pais assistiam o culto ela brincava na calçada da Igreja, quando um homem praticamente perturbado ia passando por ali e viu a criança sozinha, ele pegou a criança e levou para um local da Igreja e praticou um ato horrível e logo afogou a criança na piscina Batismã, os pais encontraram a filha já morta e logo chamou a polícia e logo foi investigado, encontraram o delinqüente que o mesmo confessou o seu ato contando os detalhes. ele disse que não sabia o que estava fazendo não estava nele. O caso chocou a cidade inteira e todas as Igrejas Evangélicas.</p> <p>Ele foi preso e vai pagar a sua pena em um regime fechado, o que não adiantaria nada não vai trazer a criança de volta e logo será solto. Temos que ter mais cuidado com os filhos.</p>

1ª revisão
<p>A3</p> <p><i>Polêmica em uma igreja evangélica</i></p> <p>No dia 03 de março de 2007 por volta das 9:00 hs da manhã de domingo na Igreja Adventista do Sétimo dia, localizada no Bairro Iruí; Gabrielly Cristina Eichholz de apenas 1 (um) ano e meio foi vítima de uma barbaridade, e depois morta. Os pais Juliarcl Luiz Eichholz de 26 anos e Andréia Pereira também de 26 anos assistiam o culto; Gabrielly saiu de perto dos pais sem que eles percebessem; e brincava no pátio da Igreja; quando um homem passa por ali e vê a criança sozinha, ele pegou Gabrielly e levou para a piscina Batismal, onde cometeu sua barbaridade e logo afogou.</p> <p>Os Pais da criança logo sentiram sua falta e saiu à procura e a encontraram morta; chamaram a polícia que logo veio e encontraram pistas através das testemunhas, pegaram o assassino.</p> <p>O assassino logo foi preso e vai cumprir sua pena na cadeia.</p>

Com esse procedimento, o revisor garante a coerência global exigida para o gênero em apreço.

A3 processa uma outra reformulação em seu texto, da primeira para a segunda revisão, incidindo não mais sobre a organização específica do gênero, mas da sequência textuais. Vejamos:

A3 –	1ª revisão
	<p><i>Polêmica em uma igreja evangélica</i></p> <p>No dia 03 de março de 2007 por volta das 9:00 hs da manhã de domingo na Igreja Adventista do Sétimo dia, localizada no Bairro Iruí; Gabrielly Cristina Eichholz de apenas 1 (um) ano e meio foi vítima de uma barbaridade, e depois morta. Os pais Juliarcl Luiz Eichholz de 26 anos e Andréia Pereira também de 26 anos assistiam o culto; Gabrielly <b>saiu</b> de perto dos pais sem que eles percebessem; e brincava no pátio da Igreja; quando um homem <i>passa</i> por ali e <i>vê</i> a criança sozinha, ele <u>pegou</u> Gabrielly e <u>levou</u> para a piscina Batismal, onde <u>cometeu</u> sua barbaridade e logo <u>afogou</u>.</p> <p>Os Pais da criança logo <b>sentiram</b> sua falta e <b>saiu</b> à procura e a <b>encontraram</b> morta; <b>chamaram</b> a polícia que logo <b>veio</b> e <b>encontraram</b> pistas através das testemunhas, <b>pegaram</b> o assassino.</p> <p>O assassino logo foi preso e vai cumprir sua pena na cadeia.</p>

A3 –	2ª revisão
	<p>Polêmica em uma Igreja Evangélica</p> <p>No dia 03 de março de 2007 em um domingo pela manhã por volta das 9:00hs na Igreja Adventista do sétimo dia situada no Bairro Iruí, Gabrielly Cristina Eichholz de apenas 1 ano e meio foi vítima de um ato horroroso e depois morta.</p> <p>Enquanto seus pais Juliard Luiz Eichholz de 26 anos e Andréia Pereira de 26 anos assistiam um culto ela brincava no pátio da Igreja, quando um homem por nome de José passava por ali e <b>viu</b> a criança sozinha, ele <b>pegou</b> ele pegou a criança e <b>levou</b> para um local e <b>praticou</b> um ato horrível e depois <b>afogou</b> na piscina Batismal</p> <p>O caso chocou a cidade Inteira e todas as igrejas, ele <b>foi preso</b> e vai pagar a sua pena.</p>

Na primeira versão, a trajetória narrativa se estabelece através de uma bifurcação das ações que são empreendidas por diferentes agentes, mas que partem de um ponto comum no texto, envolvendo a vítima do conflito enfocado: “saiu”. Tem-se, na primeira perspectiva, as ações do assassino: “pegou” > “levou” > “cometeu” > “afogou”; na segunda perspectiva, vêm as ações de iniciativa dos pais da vítima: “sentiram” > “saiu” > “encontraram” > “chamaram” > “veio” > “encontraram” > “pegaram”.

Na segunda versão, o autor resolve seguir apenas uma perspectiva e, portanto, investe na trajetória seguida pelo assassino: “viu” > “pegou” > “levou” > “praticou” > “afogou” > “foi preso”. Nesse caso, o autor também segue o plano global da sequência narrativa, mas opta por uma forma mais simplificada para desenvolvê-la. Conscientemente ou não, o fato é que a reformulação se dá sobre a estrutura sequencial, mostrando-nos mais um recurso estratégico que pode ser utilizado no processo de revisão textual.

#### 4.4.2 Considerações

Esta análise que levamos a cabo não se pretende exaurir, na medida em que o processo de revisão, em nossa pesquisa, tem sido vislumbrado não como um fim, mas como um meio de averiguação de habilidades e domínios do docente, junto aos alunos, a respeito de aspectos da estrutura textual no âmbito das práticas discursivas.

Assim sendo, o investimento na análise dos dados da pesquisa está voltado para o texto nas dimensões pragmáticas, textuais e linguísticas, observadas durante o processamento de revisão da produção escrita em sala de aula.

A demonstração que realizamos sobre a vivência do processo de revisão da escrita, atentando-se para as dimensões mencionadas, confere validade à hipótese 1: “A consideração aos aspectos pragmáticos, textuais e linguísticos de superfície, pelo docente, na interação com a classe durante a revisão de texto, constitui um recurso estratégico, cujo cumprimento repercutirá, de modo positivo, na atitude dos alunos ao revisarem suas produções.

## 5 CONCLUSÃO

REVISÃO: “trabalho cansativo;  
trabalho inviável;  
trabalho que ocasiona resistência dos alunos;  
trabalho difícil;  
trabalho que exige atenção à forma e à gramática.”  
(Professores que instigaram a investigação)

No começo foi o verbo!

Isso motivou nossa pesquisa, porque o pior é que eles têm razão.

Sim, quando os docentes se queixaram das dificuldades na revisão de texto, estavam acenando para um grande problema, que é uma realidade. Mas, ao mesmo tempo, indagamos, retomando uma pergunta inicial: “Terão observado que a reestruturação de texto é inerente ao conhecimento que se tem sobre cada gênero e sua sequência textual prototípica, em sintonia com a atitude enunciativa exigida para o gênero em situação real de comunicação?”.

Certamente, não são poucas as propostas que temos encontrado para tornar o ensino de língua materna o mais eficaz possível. Os Parâmetros Curriculares Nacionais estão aí para comprovar essa verdade. No entanto, as orientações que daí provêm são muito gerais, deixando sempre a lacuna sobre procedimentos mais específicos, através dos quais se pode conduzir o trabalho de sala de aula.

O uso de expressões genéricas, adotadas pelos docentes para referirem-se à tarefa de revisão – cansativo, inviável, difícil, que ocasiona resistência dos alunos, que exige atenção à forma e à gramática –, já é um indício de que há muita nebulosidade em torno dessa prática.

Nossa pesquisa oferece uma contribuição que não se restringe ao ato de revisar, mas de mostrar o que nessa tarefa deve-se considerar como ação de linguagem, particularmente na experiência, em sala de aula, com o gênero notícia policial narrativa.

No direcionamento da revisão que adotamos para tratar a “forma e a gramática”, estas se impõem sobre o que deve ser dito no texto em função da interlocução que se estabelece, articulando-se, assim, com o objetivo geral desta tese, qual seja: “identificar na tarefa de revisão de texto, em sala de aula, em que medida o docente explora aspectos formais do gênero e da sequência textual prototípica como recursos sociocognitivos e linguageiros utilizados para fins de interação”.

Como o uso que se faz da língua não está isolado do contexto interacional, o primeiro bloco de nossa análise tratou dos elementos básicos da interação – autor/leitor –, tendo por fim a busca de marcas no texto do produtor e do receptor, pelo docente, para demonstrar a coerência do texto escrito do aluno.

No entanto, foi na exploração do conteúdo, direcionando-se por indicadores de papéis temáticos – o que, quem, quando, onde, como, por quê –, que os sujeitos docentes exploraram com mais facilidade recursos da língua, por encontrarem aí uma orientação de suporte linguístico (constituintes de base oracional e circunstanciadores). Os alunos, por sua vez, ao produzirem o texto, também demonstraram maior habilidade nesse âmbito.

Assim, foi possível obter a confirmação da segunda hipótese que formulamos: *O aspecto no qual o docente mais investir vem a ser o mais considerado na revisão do texto do/pelo aluno e, conseqüentemente, deve tornar-se o mais visível no produto textual discente, especificamente na notícia policial narrativa.*

Voltando-nos para o segundo bloco de análise dos dados – aspectos do texto: gênero textual –, achamos por bem recorrer a uma espécie de jargão da área pedagógica, que diz bem dos resultados que obtivemos, e o qual apresentamos como uma contribuição para nossas apreciações: “O trabalho de sala de aula precisa pautar-se nas necessidades, interesses e experiências dos alunos”

O que concluímos dessa parte de nossa investigação sintoniza-se, não apenas com a fala dos docentes, mas também com a voz dos que lidam com tendências pedagógicas. Nas propostas didáticas muito se fala das considerações a serem dispensadas ao potencial e aos anseios dos alunos, mas pouco se percebe a tradução dessa fala em ação efetiva.

Na análise que realizamos sobre a notícia policial, os dados encontrados apontaram para o fato de que nem todas as produções saíram a contento. No entanto, quando os sujeitos docentes mais empreenderam esforços, por ocasião de sua intervenção junto à classe, obtiveram, no produto textual, resultados mais satisfatórios.

O trabalho com a notícia policial em estudo, como foi descrito na metodologia, vem responder a uma necessidade de os alunos refletirem sobre “cuidados a serem tomados no momento de práticas religiosas”. Isso pode contribuir para o despertar do interesse pelo cumprimento de algumas normas extensivas à ocupação de ambiente público, em concordância com o que sugere o foco da notícia.

Mas, por trás da necessidade e interesse de natureza social, há de existir necessidade e interesse de natureza languageira, que procedem da necessidade de interação dos indivíduos pela linguagem e de melhor atuação na sociedade.

Nossa pesquisa, associando-se aos cuidados com a linguagem, encontra indícios de que uma das estratégias a serem utilizadas, em sala de aula, seria a de investir em um trabalho de produção textual, através do qual os alunos seriam orientados a construir sentido para o texto, tendo em vista a organização retórica do gênero.

O alunado, sob a orientação do docente, passa a saber que uma notícia não pode aparecer sem título e que, em se tratando de notícia policial narrativa, o seu *lead* aparece em forma de resumo do texto como um todo, porque a própria categoria do gênero exige que se focalize o que é trágico logo no primeiro parágrafo, como uma forma de apelo ao leitor. E mais: não pode ignorar que o corpo da notícia, policial ou não, obedece ao princípio da pirâmide invertida, que consiste em dispor seu conteúdo temático partindo do mais para o menos importante.

O procedimento que descrevemos vem demonstrar o que é, na prática, uma das formas de se explorar o texto, em sala de aula, atentando para as experiências dos alunos e colocando em prática o que diz o citado jargão. Nessa oportunidade, eles vão experimentando novos conhecimentos considerando outros já incorporados – a exemplo do que detectamos nos resultados da análise de algumas notícias de nossa pesquisa, cujos autores demonstraram

habilidade na abordagem do assunto em discussão, devido ao desempenho do docente na exploração do gênero a partir da vivência da classe.

As manifestações dos docentes e discentes, sujeitos de nossa pesquisa, sobre a produção da notícia policial narrativa, confirmam nossa terceira hipótese: *A intervenção docente na tarefa de revisão, junto à classe, sobre o funcionamento da organização específica da notícia policial narrativa auxilia, consideravelmente, na fluência para a organização do conteúdo do texto do aluno.*

Considerando o terceiro bloco de análise – aspectos textuais: sequência prototípica –, nossas reflexões pautaram-se na estrutura da sequência narrativa, a qual, como qualquer outra, é definida por propriedades linguísticas, que configuram-se na organização de macroproposições, conforme abordamos na fundamentação teórica e na análise dos dados.

Nos textos das notícias de nossa pesquisa, a sequência narrativa apresenta, em cada macroproposição, uma gama de opções linguísticas, que nem sempre coincidem com as escolhas do docente. Desse modo, na situação inicial, prevaleceu a orientação sobre o uso do pretérito imperfeito, mas nessa macroproposição são encontradas, nas produções dos alunos, outras formas verbais que indicam tempo, perfeitamente aceitáveis para o contexto no qual aparecem.

Certamente, essa seria uma ótima oportunidade para o docente também fazer uso da experiência do aluno: discutindo sobre as diferentes possibilidades que se apresentam; levantando as construções que são mais prototípicas; mostrando a correspondência que há entre estas e as demais; atribuindo a todas o seu devido valor. No caso da situação inicial, normalmente a sua importância recai sobre a apresentação do cenário, que orienta para o desenvolvimento do texto.

Para situar o contexto/cenário narrativo, as formas de tempo verbal mais recorrentes foram as de pretérito imperfeito e de presente do indicativo, mas com estas concorreram formas correspondentes em termos de indicação de tempo, tais como particípio ou infinitivo em oração reduzida e ainda o pretérito perfeito. Não ocorreu, porém, a intervenção do docente para aproveitar o momento de revelação da experiência do aluno, para discutir o dinamismo da língua nesse sentido e, até, para desmitificar algumas posições docentes de que na situação

inicial/orientação apenas se usam os verbos no pretérito imperfeito ou no presente do indicativo.

Outro fenômeno que se deu como manifestação da experiência do aluno, que passou despercebido pelo docente, diz respeito às relações de causalidade na narrativa, ao longo do percurso complicação/resolução. Poucos docentes investiram nessa orientação, mas nem por isso os alunos deixaram de expressá-la em seus textos. Pela própria natureza da sequência narrativa, tal característica veio naturalmente à tona, realçando mais uma evidência de que a experiência do alunado precisa ser colocada em foco e pode ser vista como recurso para o estabelecimento da coerência do texto.

Aliás, foi no ângulo da complicação/resolução que o docente se sentiu mais à vontade para observar com os alunos, diretamente no texto, as características da sequência predominante, em especial o uso do pretérito perfeito. Essa orientação refletiu-se nos textos, que em sua maioria teve a condução do fio narrativo através do referido tempo verbal.

Assim como o resumo, a (re) ação e a avaliação, bem como a situação final também não foram suficientemente orientadas pelo docente, digamos melhor, situadas no texto. Em razão desse fato, ainda houve texto, mesmo na segunda revisão, com avaliação opinativa – não adequada ao estilo do gênero notícia.

No que concerne à situação final, uma questão a ser trabalhada seria a possibilidade de coincidência do tempo verbal dessa parte da sequência com a do fio narrativo e mesmo da avaliação. Nessa oportunidade, o docente poderia ter mostrado, no texto, que, no caso de dúvida para definir os limites dessas partes da narrativa, os alunos haveriam de observar até onde poderiam reconhecer o “curso” da narrativa, em si, e o que viria “depois” desse trajeto.

Além do mais, no curso da narrativa, se poderia atentar para o que representava atitude de narrativa e atitude de comentário, explorando diferentes funções do tempo verbal – pretérito perfeito ou presente, de acordo com cada caso –, no texto narrativo.

O que, aqui, ressaltamos sobre o desempenho docente, face à exploração da sequência narrativa, no decorrer de sua intervenção na revisão do texto dos alunos, reforça o que já havíamos observado na análise dos dados e nos remete à nossa quarta hipótese: *Se o docente orienta, objetivamente, sobre a estrutura sequencial narrativa, torna mais prático*

*para o aluno: observar partes do gênero notícia policial que comporta tal sequência e desenvolver melhor o corpo da referida notícia, sem perder de vista a sua totalidade.*

Considerando a postura dos docentes diante dos fatos, tendemos a acreditar que o ensino de língua portuguesa, partindo da experiência dos alunos, ainda exige uma longa trajetória de treinamento, na medida em que os próprios docentes não estão devidamente preparados para tal, em termos de habilidades para reconhecer o funcionamento da língua em situação de uso.

Não basta o domínio sobre a organização específica do gênero para bem vivenciar ações escolares com a linguagem – revisão de texto, como é o caso –, é importante, também, deter conhecimento sobre a estrutura da sequência textual prototípica que compõe o gênero como um meio de manifestação efetiva do uso da língua. Essa estrutura, especificamente na notícia policial narrativa, exerce uma função de tanto domínio que o próprio resumo, que é parte da sequência, converte-se em parte da organização do gênero.

Os docentes podem até ter razão em encarar a revisão do texto como uma tarefa angustiante. Isso, porém, só se justifica até o momento em que eles ainda não compreenderam que se trata de um procedimento inerente à atividade escolar de produção textual e que exige conhecimento relativo ao funcionamento da língua sobre os aspectos pragmáticos, textuais e linguísticos – parâmetros do contexto e do texto, conforme o ISD.

A experiência de pesquisa pode nos mostrar que um caminho a ser seguido para a exploração do texto como ação de linguagem, em sala de aula, é, sem dúvida, a vivência da revisão das produções dos alunos sob a intervenção do docente, investindo-se em aspectos cotextuais e contextuais. No processo de idas e vindas, no texto, o próprio autor vai descobrindo que se trata de uma prática efetiva de uso da língua e que é, a partir daí, que, com a colaboração do docente e dos próprios colegas – conforme vivenciaram –, cada um vai tomando consciência de sua responsabilidade para a construção de sentido da produção como um meio de exercitar a interação social, através da linguagem.

Conduzindo o docente e o discente na direção que apontamos, estamos fazendo valer nossa primeira hipótese: *A consideração aos aspectos pragmáticos, textuais e linguísticos de superfície, pelo docente, na interação com a classe durante a revisão de texto, constitui um*

*recurso estratégico, cujo cumprimento repercutirá, de modo positivo, na atitude dos alunos ao revisarem suas produções.*

Onde, no entanto, os docentes vão buscar a consciência de como, de fato, deve-se explorar o processo de revisão como parte do desenvolvimento da produção textual, se já passaram pelos bancos escolares e acadêmicos e de lá não extraíram, suficientemente, esse saber? Eis a questão que ainda se apresenta, para que possamos pensar em intervenções pedagógicas da academia nas atividades de ensino e aprendizagem na escola. É desse modo que entendemos o funcionamento de um modelo didático de ensino da língua, compatível com o que propõe o Interacionismo Sociodiscursivo.

Estamos diante de um fato que nos traz à consciência o tão aludido tripé que constitui o trabalho docente na universidade: ensino, pesquisa e extensão. Pela questão que levantamos, há um suporte do tripé que não tem exercido a verdadeira força para sustentá-lo: o trabalho de extensão. Através de uma maior integração formal com a escola, acreditamos ser possível fazer valer uma intervenção da universidade, no âmbito da formação permanente dos professores, em particular do professor de língua portuguesa.

Propomos que a referida empreitada se realize como uma contraparte da experiência de estágio de universitários do Curso de Letras nas unidades escolares, onde o coordenador de estágio – professor da universidade – desenvolva projeto de atualização dos professores de língua materna das escolas. Para tal, deve-se considerar a experiência dos alunos, no que tange ao uso da língua de modo amplo, orientando-se para o desenvolvimento do processo de escrita/revisão de gêneros textuais, conforme os parâmetros do contexto e do texto requeridos na prática efetiva da produção escrita.

## REFERÊNCIAS

- ADAM, J.-M. Textualité et sequentialité: le exemple de la description. *Langue française*, n.74, p.51-72, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Elments de linguistique textuelle – théorie et pratique de l`analyse textuelle*. Liège: Mardaga, 1990.
- \_\_\_\_\_. Cadre théorique d`une typologia séquentielle. *Études de Linguistique Apllicaquée – textes, discours types et genres*, n.83, p. 6-18, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Les textes: types et prototypes*. Paris: Nathan, 1992.
- \_\_\_\_\_; REVAZ Françoise. *A análise da narrativa*. Lisboa: Gradiva, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Le Récit*. Paris: Nathan, 1999a.
- \_\_\_\_\_. *Linguistique textuelle – dos genres de discours aus textes*. Paris: Nathan, 1999b.
- \_\_\_\_\_. *A lingüística textual: introdução à análise textual dos discursos*. Revisão técnica: Luis Passeggi; João Gomes da Silva Neto. São Paulo: Cortez, 2008.
- ANDRÉ, M.E.D.A. de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.
- ANTUNES, Irandé. *Lutar com palavras*. São Paulo: Parábola, 2005.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BARTLETT, E. J. Learning to revise: some component process. In: NYSTRAND, M. *What writers know the language, process and structure of written discourse*. New York: Academic Press, 1982.
- BASTOS, L C. *Coesão e coerência em narrativas escolares*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BIASI-RODRIGUES, B. *Estratégias de condução de informações em resumos de dissertações*. Tese de Doutorado em Linguística. Florianópolis: UFSC, 1998.

BOND, F.F. *Introdução ao jornalismo: uma análise do quarto poder em todas as suas formas*. Trad. de Cícero Sandroni. Rio de Janeiro: Agir, 1962.

BONINI, A. *Gêneros textuais e cognição*. Florianópolis: Insular, 2002.

\_\_\_\_\_. A noção de sequência textual segundo Jean-Michel Adam. In: MEURER, J.L.; BONINI, A; MOTTAROTH, D. (Orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo, Parábola, 2005, p.208-236.

BREMOND, C. A lógica dos possíveis narrativos. In: MENDONÇA, A. S. L.; NEVES, L. F. B. (Orgs.). *Análise estrutural da narrativa*. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

\_\_\_\_\_. *Logique du récit*. Paris: Le Seuil, 1973.

BRONCKART, J.-P. *Atividades de linguagem, textos e discursos*. Trad. de Anna Rachel Machado e Pericles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.

\_\_\_\_\_. *Atividades de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Org. de Anna Rachel Machado; Maria de Lourdes M. Matêncio. Trad. de Anna Rachel Machado; Maria de Lourdes M. Matêncio *et al.* São Paulo: Mercado de Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. *Desarrollo del lenguaje y didáctica de las lenguas*. Villa Lynch: Miño y Dávila, 2007.

\_\_\_\_\_. A atividade de linguagem frente à LÍNGUA: homenagem a Ferdinand de Saussure. Trad. Anna Rachel Machado. In: GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos; MACHADO, Anna Rachel; COUTINHO, Antónia (Orgs.). São Paulo: Mercado de Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. *O agir humano nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores*. Trad. de Anna Rachel Machado; Maria de Lourdes M. Matêncio. São Paulo: Mercado de Letras, 2008.

BRUNER, J.S.; GOODNOW, J; AUSTIN, G. *A study of thing*. New York: Wiley, 1956.

CANÇADO, M. Um estudo sobre a pesquisa etnográfica em sala de aula. *Trabalho de Lingüística Aplicada*, Campinas, n. 23: 55-69, jan/jun., 1994.

CAVALCANTI, M. da C.; MOITA LOPES, L. P. da. Implementação de pesquisa na sala de aula de língua no contexto brasileiro. *Trabalho de Lingüística Aplicada*, Campinas, 17, p.133-144, jan/jun., 1991.

COLLINS, A. M. & QUILIANO, M. R. Retrieval time from semantic memory. *Journal of Verbal Learning and Behaviour*, 8, p.240-248, 1969.

\_\_\_\_\_. Does category size affect categorisation time? *Journal of Verbal Learning and Behaviour*, 9, p.432-438, 1970.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F.L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CRISTÓVÃO, V. L. L. e NASCIMENTO, E. L. Gêneros textuais e ensino: contribuições do interacionismo sócio-discursivo. In: KARWOSKI, A. M., GAYDECZKA, B e BRITO, K. S. (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Palmas e União da Vitória /Paraná: Kaygangue, 2005.

COSTA VAL, M. da G.; MARCUSCH, B. *Livros didáticos de língua portuguesa*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

DIONÍSIO, A. P.; BEZERRA, M. A. *O livro didático de português*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

EYSENK, M. W. & KEANE, M. T. A organização do conhecimento. In: *Psicologia Cognitiva – um manual introdutório*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, p.220-261 .

FLOWER, L. S.; HAYES, J. R. A cognitive process theory of writing. In: RUDDELL, R. et alii (Eds.). *Theoretical models and processes of reading*. Ira: Newark, 4<sup>th</sup> ed, 1994.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Manual Geral da Redação*. São Paulo, 1984.

FUCHS, C. *Paraphrase et énonciation*. Paris: Ophrys, 1994.

GARCEZ, L. *A escrita e o autor: os modos de participação na construção do texto*. Brasília: Ed. da UNB, 1998.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. Rio de Janeiro, 1986.

GRÉSILLON, A., LEBRAVE, J.-L. (Ed.). *Manuscrits-Écriture*. Production Linguistique, Langages, 69, Paris, Larousse, mars, 1983.

GÜLICH, E.; KOTSCH, T. Les actes de la reformulation dans la consultation: La dame de Caluire. In: BANGE, P. (Éd.). *L'Analyse des interations verbales*. La dame de Caluire: une consultation. Berne: Peter Lang, 1987. p. 15-81.

HABERMAS, J. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

HAYES. J. R.; FLOWER, L. S. Identifying the organization of writing processes. In: GREGG, L.W.; STEINBERG, F. R. (Eds.). *Cognitive processes of writing*. Hillsdale, New Jersey: Laurence Erlbaum Associates Inc, 1980, 3-30.

HAYES. J. R. *et alli*. Cognitive processes in revision. In: S. Rosenberg (Ed.). *Reading writing, and language learning – Advances in applied psycholinguistics – vol.2*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987, p.177-239.

HILGERT, J. G. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. In: PRETI, D. (Org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH/USP, 1995. p.103-127.

KARWOSKI, A. M.; GAYDCZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

KLEIBER, G. *La Sémantique du prototype*. Paris, P.U.F., 1990.

KOCH. I. V.; FÁVERO, L. L. Contribuição a uma tipologia textual. In: *Letras & Letras/Uberlândia*: v.3, n.1, p. 3-10, 1987.

LABOV, W. *Language in the Inner City: Studies in the Black English Vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1976.

LAGE, N. *Estrutura da notícia*. São Paulo: Ática, 2000.

\_\_\_\_\_. *Teoria e técnica do texto jornalístico*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

\_\_\_\_\_. *Linguagem Jornalística*. São Paulo: Ática, 2006.

LUSTOSA, E. *O texto da notícia*. Brasília: UNB, 1996.

MACHADO, A. R. Entrevista com Jean-Paul Bronckart. *D.E.L.T.A.*, (20): n. 2, p. 311-328, dez., 2004.

MARCONI, M. de A. e LAKATOS, E. M. *Metodologia do Trabalho Científico*. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

\_\_\_\_\_. *Metodologia Científica*. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2004.

MARCUSCH, L. A. *Gêneros textuais: o que são e como se constituem*. Disponível em: <[lumarc@elogica.com.br](mailto:lumarc@elogica.com.br)>. Impresso em: jan. de 2000.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Lucerna, 2002, p.19-36.

\_\_\_\_\_. *Produção textual, análise de gênero e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MEDINA, C. *Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial*. São Paulo, Summus, 1988.

MERVIS, C. B.; ROSCH, E. Categorization of natural objects. *Annual review of Psychology*, v.32, p. 89-115, 1981.

MILLER, G. A. The magic number seven, plus or minus two: some limits on our capacity for processing information. *Psychological Review*, 63, p.81-93, 1956.

MOITA-LOPES, L. P da. Pesquisa interpretativista em lingüística aplicada: a linguagem como condição e solução. *Revista D.E.L.T.A.*, (10): n. 2, 1994.

MUCCHIELLI, R. *O questionário na pesquisa psicossocial*. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

NOBLAT, R. *A arte de fazer um jornalismo diário*. São Paulo: Contexto, 2006.

PASSEGGI, M. C. A explicação na interação didática. Competência comunicativa e reformulações intertextuais. *Vivência/UFRN/CCHLA*, v.1, n.1, p.55-75, jan – jun., 1998.

PALÁCIO, L. Pereira. A influência do título na compreensão leitora. In: *Boletim da ABRALIN*, v. 26, n. especial II, p. 307-309, 2001.

ROJO, R. H. R.; A. A. BATISTA (Orgs.). *Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2003.

ROSCH, E. On the internal structure of perceptual and semantic categories. In: MOORE, T.E. (Org.). *Cognitive Development and the Acquisition of Language*. New York: Acaxcemic Press, 1973

ROSCH, E. *et al.* Basic objects in natural categories. *Psychology Cognitive*, n.8, p. 382-439, 1976

ROSCH E.; SIMPSON, E.; MILLER, R.S. Estructural bases of typicality effects. *Journal of Experimental Psychology: Human Perception and Performance*, n.2, p.491-502, 1976.

ROSCH, E. Principles of categorization. In: ROSCH, E.; LLOYD, B. (Eds.). *Cognition and categorization*. Hillsdale: Laurence Erlbaum, 1978.

RUMELHART, D. Notes on a schema for stories. In: BOBROW, Daniel G.; CLLINS, Allan (Eds.). *Representation and Understanding*. Nova York: Academic Press, 1975.

SARTRE, J.-P. *Situações I*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1968.

SCHNEUWVLY, B.; Dolz, J. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. *Revista Brasileira de Educação*, n.11, maio – agosto, 1999.

SCHNEUWVLY, B. Entrevista concedida a PELLEGRINE, Denise. O ensino da comunicação. *Revista Nova Escola*, n.157, novembro, 2002.

\_\_\_\_\_; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

TODOROV, T. As categorias da narrativa literária. In: MENDONÇA, A. S. L.; NEVES, L. F. B. (Orient.). *Análise estrutural da narrativa*. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

TRAVAGLIA, L. C. *Um estudo textual-discursivo do verbo no português do Brasil*. Tese de Doutorado em Linguística. Campinas/São Paulo: UNICAMP/IEL, 1996, p. 46-61; 287-306.

Van DIJK, T. A. *La ciencia del texto: um enfoque interdisciplinario*. Barcelona/Buenos Aires: Ediciones Paidós, 1978.

\_\_\_\_\_. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 1996.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. Petrópolis/Rio de Janeiro: 1994.

WEINRICH, H. *Estructura Y función de los tiempos en el lenguaje*. Madrid: Gredos, 1974.

WERLICH, E. *Typologie der texte*. Heidelberg, Quelle und Meyer, 1975.

## **ANEXOS**

## ANEXO I

MEC/Embaixada da França/UFC – Cursos de Letras/SEDUC CE : PROJETO PROLEITURA  
 COORDENADORA PEDAGÓGICA DO CEARÁ: Maria Ednilza Oliveira Moreira  
 SONDAAGEM SOBRE O TRABALHO COM A ESCRITA  
 PERÍODO: 23 – 27. 05. 2001

1. Na escala de **1** a **3**, atribua ao trabalho em sala de aula com os subprocessos da escrita um **valor**, em ordem crescente, conforme o grau de dificuldade que enfrenta em cada um.

- |                           |  |
|---------------------------|--|
| a) Geração das ideias     | (1)  |
| b) Organização das ideias | (2)  |
| c) Revisão                | (3) Resposta de 23 professores, dentre<br>25 que se submeteram à sondagem. |

2. Dê, pelo menos, duas justificativas para o valor que você atribuiu ao trabalho com cada processo.

- |  |     |
|--|-----|
| a)   |     |
| b)   |     |
| c) REVISÃO Trabalho cansativo:                   | 20% |
| Trabalho inviável:                               | 16% |
| Trabalho que ocasiona resistência dos alunos:    | 48% |
| Trabalho difícil:                                | 8%  |
| Trabalho que exige atenção à forma e à gramática | 8%  |

## TESTE SOBRE EXPERIÊNCIA DO DOCENTE COM PRODUÇÃO DE TEXTO EM SALA DE AULA

## 1ª PARTE

## ESPECIFICAÇÃO DO DOCENTE:

- experiência de ensino da língua portuguesa apenas por ocasião do estágio ( )
- experiência profissional de ensino da língua portuguesa com classe do nível fundamental – 1º. segmento ( )
- experiência profissional de ensino da língua portuguesa com classe do nível fundamental – 2º. segmento ( )
- experiência profissional de ensino da língua portuguesa com classe do nível médio ( )
- experiência de ensino de língua estrangeira apenas por ocasião de estágio ( )
- experiência profissional de ensino de língua estrangeira com classe do nível fundamental – 1º. segmento ( )
- experiência profissional de ensino de língua estrangeira com classe do nível fundamental – 2º. segmento ( )
- experiência profissional de ensino de língua estrangeira com classe do nível médio ( )
- experiência profissional de ensino de língua estrangeira com classe de curso de língua estrangeira ( )
- ..... ( )

## 2ª PARTE

## QUESTIONÁRIO PARA TESTAGEM

1. Ao se trabalhar o processo de produção textual, que aspectos práticos do texto devem ser lembrados pelo redator, para efeito de uso desse instrumento quando ele for lido?
2. Sobre o gênero NOTÍCIA POLICIAL, que aspectos da estrutura desse gênero devem ser levados em consideração, constantemente, no processamento do texto, inclusive nos momentos de revisão?
3. Em relação à sequência textual NARRATIVA associada ao gênero notícia policial, que aspectos da referida sequência devem ser observados no decorrer do processo de produção do texto, em particular no transcurso da revisão?
4. Se necessário, acrescente informações que você considera importantes no trabalho com o gênero notícia policial, considerando o gênero, em si, e a sequência textual discursiva que diz respeito a esse gênero.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ/PROGRAMA DE POSGRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA/ESCOLA SEDE DE ESTÁGIO  
 ORIENTADORA DE ESTÁGIO/PESQUISADORA: Maria Edmilza Oliveira Moreira  
 PERÍODO: semestre 2007.1

#### PLANO GLOBAL DE ESTÁGIO/PESQUISA

**OBJETIVO GERAL:** identificar na tarefa de revisão de texto, em sala de aula, em que medida o docente explora aspectos formais do gênero e da sequência textual prototípica como recursos sociocognitivos e linguageiros utilizados para fins de interação.

**OBJETIVOS ESPECÍFICOS:** 1. verificar até que ponto a exploração da estrutura do texto – do gênero e da sequência prototípica – pelo docente, no âmbito dos procedimentos de natureza psicossocial, reflete na tarefa de revisão dos alunos;

2. detectar em que aspecto da produção textual o docente, ao intervir na tarefa de revisão das produções dos alunos, revela maiores dificuldades;

3. averiguar, a partir dos parâmetros do contexto e do texto norteadores do trabalho docente, se este considera a importância da tarefa de revisão das produções dos alunos, no que diz respeito à qualidade dessas produções com vistas às práticas enunciativas e discursivas, sem, para isso, descurar dos recursos da língua.

CONTEÚDO/ATIVIDADE	ESTRATÉGIA	LOCAL	OBSERVAÇÕES
1. ORIENTAÇÕES: 1.1. PLANEJAMENTO das aulas a ser realizado na escola pelos estagiários/sujeitos da pesquisa e pelo professor da escola.	1.1. a) Fundamentar-se no plano da escola. b) Considerar, no trabalho com texto, os aspectos:	1. Na universidade: sala de aula.	

<p>1.2. AVALIAÇÃO das tarefas a serem realizadas na sala de aula pelos estagiários/sujeitos da pesquisa e pelo orientador/pesquisador.</p>	<p>-pragmáticos, -textuais e -linguísticos.</p> <p>c) Adotar a produção textual na perspectiva do processo: - geração de idéias, -seleção, -organização e - revisão.</p> <p>1.2. Utilizar a FICHA DE AVALIAÇÃO, que inclui os aspectos pragmáticos, textuais e linguísticos.</p>	<p>1.2. A ficha deverá ser preenchida pelo orientador/pesquisador, pelo auxiliar e pelo docente.</p>	
<p>2. Preparação de OFICINAS como fundamentação para a regência de classe dos estagiários/sujeitos da pesquisa.</p>	<p>2.1. Partir de textos indicados no plano da escola. 2.2. Nortear as oficinas pelos aspectos pragmáticos, textuais e linguísticos. 2.3. Vivenciar o processo da escrita, partindo da LEITURA DE UM TEXTO COMO GERADOR DE IDÉIAS, obedecendo ao tema a ser explorado.</p>	<p>2. Na universidade: sala de aula.</p>	
<p>3. Realização do planejamento das aulas pelos estagiários/sujeitos da pesquisa.</p>	<p>3. Utilizar o plano da escola</p>	<p>3.a) Parte mais geral - na escola: sala de supervisão b) Parte detalhada - na universidade: sala de aula</p>	<p>3. Participação: a) professor da escola; b) orientador/pesquisador.</p>
<p>4. Trabalho de REGÊNCIA do sujeito docente - observado pelo pesquisador e pelo auxiliar</p>	<p>4. Seguir o plano: a) nortendo-se pelos aspectos pragmáticos, textuais e linguísticos b) vivenciando o processo de</p>	<p>4. Na escola: sala de aula</p>	<p>4.b) Questões: 1) De que trata basicamente o texto? Levante as informações mais relevantes. 2) Para quem se destina e por quê? 3) A que gênero corresponde esse texto e quais as suas</p>

	<p>escrita, a iniciar-se pelas questões que nortearão o texto que deverá ser utilizado como gerador de idéias da produção</p> <p>c) fazendo uso de enunciado comando, a cada momento do processo - geração, seleção organização e, sobretudo, revisão</p>	<p>características? 4) Como foi vivenciado o gênero textual? 5) Quais os propósitos/objetivos do texto? Justifique. 6) Em qual suporte poderá ser encontrado o referido texto? 7) Para a leitura, em que audição o reconhecimento sobre supor(s) do texto? 8) Que elementos gramaticais são marcantes no texto, para efeito de construção de sentido: classes, verbos? Explique com dados em funcionamento no texto explorado. 9) Que sequência discursiva é peculiar ao gênero em discussão? Compreivo. 10) Que influência exerce o conhecimento sobre a sequência prototípica no trabalho com o texto?</p> <p><b>4 c) Enunciado comando:</b>          "Produza uma notícia policial narrativa envolvendo pessoas em conflito, por ocasião de prática religiosa, para ser exposta no jornal para as classes, com o fim de despertar a atenção para ajudados a serem tomados no momento de tal prática"</p> <p><b>NOTA:</b>          A revisão consta de dois momentos:          1º) texto do aluno, de cada classe, selecionado para a pesquisa, revisado por todos os colegas da sala de aula;          2º) texto de cada aluno (inclusive o da pesquisa) revisado pelo próprio autor.</p>
<p>5. Avaliação das tarefas já realizadas em sala de aula</p>	<p>5. a) Na escola: sala de supervisão          b) Na universidade: gabinete do orientador/pesquisador - envolvendo PESQUISADOR, AUXILIAR E DOCENTE.</p>	<p>5.a) Para efeito de providências referentes à aula seguinte,          b) Para cumprir exigência da pesquisa: -após a 1ª revisão e a 2ª, -fazendo uso da FICHA DE AVALIAÇÃO</p>

REGISTRO DA OBSERVAÇÃO DO PESQUISADOR DURANTE A ATIVIDADE DE REVISÃO PELO SUJEITO DOCENTE COM A CLASSE

DOCENTE: R. \_\_\_\_\_

PRODUÇÃO TEXTUAL - REVISÃO  
ASPECTOS A SEREM OBSERVADOS

PRAGMÁTICOS				TEXTUAIS PROTOTÍPICOS						LINGÜÍSTICOS DE SUPERFÍCIE								
AUTOR	OBJETIVO	CONTEÚDO	GÊNERO	SUJEITO	SEQ. TEXTUAL/DISCURSIVA	NOTÍCIA POLICIAL(1) (NARRATIVA)	SEQUÊNCIA NARRATIVA				TEMPO VERBAL (2)		CAUSALIDADE					
							ORL. ENTAÇÃO	COM. PL. CAÇÃO	RE. AÇÃO	SITU. AÇÃO	RELEV. 1ª PL. NO	LOCUÇÃO 2ª PL. NO	OBSERVADA	NAO OBSERVADA				
						LEAD (3)	PIRAM. DE INVERTIDA	RE. SUMO	ORL. ENTAÇÃO	COM. PL. CAÇÃO	RE. AÇÃO	SITU. AÇÃO	1ª PL. NO	2ª PL. NO	CO. MEM. TARG	CRO. NOLQ	OBSERVADA	NAO OBSERVADA

OUTRAS ATENÇÕES DISPENSADAS

- Características básicas de objetividade da notícia: a) veracidade dos fatos ( )  
b) referências precisas ( )  
(Não se deve abordar: *alguns cidadãos*, mas dois cidadãos ou três cidadãos etc.)
- Elementos lingüísticos relacionados ao verbo: a) 3ª pessoa obrigatoriamente ( )  
b) advérbios de lugar ( ) / advérbios de tempo ( )  
c) modo indicativo ( )  
d) verbos de ação - em orações enunciativas sobretudo e breves ( ) ( ) ( )
- LAED RESUMO pautado em: a) macroestrutura semântica - a.1) conteúdo temático: palavras chaves ( )  
a.2) progressão textual: respostas básicas referentes ao assunto -  
Quem/O quê/Quando/Como/Onde/Por quê ( )  
b) estrutura sequencial discursiva narrativa - dando-se evidência ao conflito ( )  
- não se dando evidência ao conflito ( )  
c) outro(s) procedimento(s) .....
- Outras mais .....

REGISTRO DO SUJEITO DOCENTE APÓS SUA ATIVIDADE DE REVISÃO COM A CLASSE

DOCENTE Nº \_\_\_\_\_

PRODUÇÃO TEXTUAL – REVISÃO  
ASPECTOS A SEREM OBSERVADOS

PRAGMÁTICOS				TEXTUAIS PROTOTÍPICOS				LINGÜÍSTICOS DE SUPERFÍCIE												
AUTOR	OBJE- TIVO	CON- TEÚ- DO	GÊ- NERO	SEQ. TEX- TUAL /DIS- CUR- SIVA	SU- POR- TE	GÊNERO		SEQUÊNCIA NARRATIVA				TEMPO VERBAL (2)		CAUSALIDADE						
						NOTÍCIA POLICIAL(1) (NARRATIVA)	LEAD (3)	FRAM- DE	RE- SU- MO	OR- EN- TA- ÇÃO	COM- PL. CA- ÇÃO	RE- AC- ÇÃO	SITU- AÇÃO	RE- LÍVIO	LOCUÇÃO	OBSERVADA	NÃO- OBSER- VADA			
LEI- TOR	OBJE- TIVO	CON- TEÚ- DO	GÊ- NERO	SEQ. TEX- TUAL /DIS- CUR- SIVA	SU- POR- TE	TÍTULO	FRAM- DE	RE- SU- MO	OR- EN- TA- ÇÃO	COM- PL. CA- ÇÃO	RE- AC- ÇÃO	SITU- AÇÃO	1º PLÁ NO	2º PLÁ NO	NAR- RA- ÇÃO	CO- MEN- TÁRIO	CRO- NOLQ- GIA	CRO- NOLQ- GIA	NÃO- OBSER- VADA	

OUTRAS ATENÇÕES DISPENSADAS:

1. Características básicas de objetividade da notícia: a) veracidade dos fatos ( )  
b) referências precisas ( )  
(Não se deve abordar: *alguns cidadãos*, mas dois cidadãos ou três cidadãos etc.)
2. Elementos linguísticos relacionados ao verbo: a) 3ª. pessoa obrigatoriamente ( )  
b) advérbios de lugar ( ) / advérbios de tempo ( )  
c) modo indicativo ( )  
d) verbos de ação – em orações enunciativas sobretudo e breves ( ) ( ) ( )
3. LAED RESUMO pautado em: a) macroestrutura semântica – a.1) conteúdo temático; palavras chaves ( )  
a.2) progressão textual: respostas básicas referentes ao assunto –  
Quem/O quê/Quando/Como/Onde/Por que ( )  
b) estrutura sequencial narrativa – dando-se evidência ao conflito ( )  
– não se dando evidência ao conflito ( )  
c) outro(s) procedimento(s) .....

4. Outras mais

REGISTRO DO AUXILIAR DA PESQUISA APÓS A ATIVIDADE DE REVISÃO PELO SUJEITO DOCENTE COM A CLASSE

DOCENTE: \_\_\_\_\_

PRODUÇÃO TEXTUAL – REVISÃO

ASPECTOS A SEREM OBSERVADOS

PRAGMÁTICOS				TEXTUAIS PROTOTÍPICOS				LINGÜÍSTICOS DE SUPERFÍCIE									
AUTOR	OBJETIVO	CONTEÚDO	GÊNERO	SUPOSTO	SEQ. TEXTUAL / DISCURSIVA	NOTÍCIA POLICIAL (1) (NARRATIVA)	SEQUÊNCIA NARRATIVA				TEMPO VERBAL (2)		CAUSALIDADE				
							TÍTULO / LEAD (3)	PRAMI-DE	RE-SUMO	ORL-EN-TA-ÇÃO	COM-PLI-ÇÃO	RE-AC-ÇÃO	RE-SO-LU-ÇÃO	SITUAÇÃO	RELEVO	LOCUÇÃO	OBSERVADA

OUTRAS ATENÇÕES DISPENSADAS:

1. Características básicas de objetividade da notícia: a) veracidade dos fatos ( )  
b) referências precisas ( )  
(Não se deve abordar: *alguns cidadãos*, mas dois cidadãos ou três cidadãos etc.)
2. Elementos lingüísticos relacionados ao verbo: a) 3ª pessoa obrigatoriamente ( )  
b) advérbios de lugar ( ) / advérbios de tempo ( )  
c) modo indicativo ( )  
d) verbos de ação – em orações enunciativas sobretudo e breves ( ) ( ) ( )
3. LAED RESUMO pautado em: a) macroestrutura semiântica – 4.1) conteúdo temático; palavras chaves ( )  
a.2) progressão textual: respostas básicas referentes ao assunto – Quem/O quê/Quando/Como/Onde/Por quê ( )  
b) estrutura sequencial narrativa – dando-se evidência ao conflito ( )  
– não se dando evidência ao conflito ( )  
c) outro(s) procedimento(s) .....
4. Outras mais .....

## TRAGÉDIA NO CARIRI

## Colisão mata sete em Juazeiro



*Sete pessoas, entre elas um bebê de cinco meses, morreram em um acidente ocorrido ontem, em Juazeiro do Norte*

Um caminhão F-4.000 de cor cinza e placa-HVF-1167, licença de Juazeiro do Norte, pertencente à Empresa Rocha, que presta serviço ao Departamento de Limpeza da Prefeitura de Juazeiro do Norte (distante 528 quilômetros de Fortaleza), perdeu o freio na descida da estrada velha da serra do Horto. Ele bateu de frente contra um ônibus, placa KIG-4266, de Moreilândia, que faz a linha de Juazeiro para o Horto, local onde há a estátua do Padre Cícero.

Em conseqüência do desastre, morreram sete pessoas e mais outras 12 ficaram gravemente feridas, estando internadas em três hospitais da região. Entre os mortos, havia uma criança de apenas cinco meses. O acidente aconteceu por volta das 9 horas. Depois de colidir contra o coletivo, o F-4.000 capotou e ficou atravessado na rua, interrompendo a passagem de outros veículos.

### **Vítimas**

Até o início da tarde de ontem, a Polícia só havia conseguido identificar quatro dos sete mortos: Ivanilde Cândido da Silva, 26 anos; o pequeno Henrique Júnior Bezerra, de apenas cinco meses; Veridiana Barreto de Souza, 33, e José Gomes de Melo Filho, 32.

O acesso ao Horto, que é um dos locais mais visitados pelos romeiros, é feito por duas estradas: uma asfaltada e a outra de pedra tosca. Além de íngreme e bastante estreito, o segundo acesso é cercado de casas. É também a estrada da penitência dos romeiros que sobem a pé, até a estátua do Padre Cícero, para o pagamento de suas promessas ao padroeiro.

Ao longo do percurso, foram construídas as estações da Via Sacra, que na Semana Santa recebem milhares de católicos. Felizmente, no momento em que houve o acidente, não estava havendo nenhuma romaria, pois dessa maneira o número de vítimas, principalmente fatais, poderia ter sido consideravelmente maior.